COLECÇÃO ROMAN-
CES E NOVELAS

DIÇÃO DA SOCIEDADE CON-
EMPORANEA DE AUTORES
Rua Largo Corpo Santo, 6, 3.º — LISBOA

OBRAS DE ASSIS ESPERANÇA

VERTIGEM, ROMANCE. **VIVER**, ROMANCE.
NOITE DE NATAL, TEATRO. **FU-
NAMBULOS**, NOVELAS. (LI-
VRARIAS AILLAUD
& BERTRAND,
LISBOA)

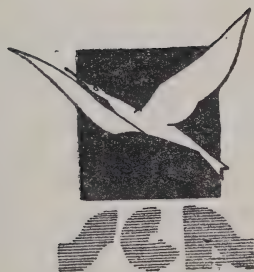
S C A

RESSURGIR

ROMANCE

CAPA DE ROBERTO NOBRE

ASSIS ESPERANÇA

RESSURGIR

ROMANCE

PARA . . .

Êste volume é para si. Devia-lho. Agradando a seu espírito irrequieto, os espectáculos alacres da Natureza e ridículos da Humanidade, Você não compreende a minha preferência pelos meus irmãos de sofrimento, e minha ternura pelos meus livros de dôr, e teima que padeci martírio: fazendo côro com outras vozes para mim mais fracas, mulher a quem horrorizam tragédias que não vive, diz negras todas as minhas obras, das justificações filosóficas por mim usadas no julgamento dos outros, inferindo mais memória de qualquer dôr própria e em segrêdo guardada, do que benevolência vinda e sentida por via da generosidade; porque dou favores, simpatia e com ternura ajudo a erguer gentes martirizadas, anda sempre a perscrutar em mim razão secreta e íntima para me creditar desgraçado, e irrita-a não a encontrar. Eu sorri sempre porque desmenti-la era desagradar a mim próprio pelo muito que lhe quero, mas o segrêdo é êste, querida amiga: oiço gritos à minha volta, multidões que não sabem o que querem e menos sabem para onde vão: o meu cérebro pressente o sofrimento hu-

mano, espectrizando vultos blasfemadores ou incompreendidos. ¿Como quere, pois, que me entregue a futilidades literárias de provar descôco e falência intelectual? Sabe como fiz a minha vida? Lutando.

¿Irrita-a esta confissão porque lhe roubei o interêsse que podia haver nas supostas razões que Você encontrasse para me explicar? Refugie-se na vaidade. Transigi; transigi um pouco. Se abordo problema desta hora, também me preocuparam muito, neste volume, atitudes de beleza e tintas de arte. Mais: tem páginas que trazem sua figura a meus olhos, e a meus ouvidos a sua voz de melhor evocação e ternura. Recorde. Agonizava a tarde. O sol mergulhara sua luz vermelha nas águas revoltas do oceano sem fim, quando o acaso nos fez encontrar naquele hotel-casino-caravançará de San-Sebastian, píncaro outrora castelo de águias e hoje music-hall ruïdoso da civilização para uso e abuso de multidões vagabundas e entediadas. Seja da pequenez do nosso torrão, seja porque difíceis as grandes viagens, não topamos fàcilmente com nossos irmãos de raça, o que faz o

saudosismo; seja porque o isolamento é, para nós, inimigo de temer por molesto e avêsso ao temperamento amorável que mantemos intacto como preciosa virtude, logo que nos ouvimos se fez a inevitável apròximação que estende mãos fraternais e oferece e recolhe sorriso amigo e feliz:

— ¿Portugueses todos?

Pouco depois eu sabia que, àlém de portuguesa, Você era algarvia, e êste duplo título a meus afectos prontamente estabeleceu camaradagem leal. Recordo-a com tanta mais saudade quanto é certo que entre nós nunca se trocaram as inevitáveis palavrinhas de conquista que veem a lábios de homem sob êste céu de Portugal; lembro-a porque, ambos livres de compromissos, ela opôs desmentido formal ao consagrado conceito dos falsos moralistas quando apregôam perigosa a convivência entre os dois sexos, o que faz a mulher inferior e o homem banaliza rés-vés o ridículo.

A caminho da França, tudo, penedias e árvores, casaria e montanhas pintadas a branco de neve, lhe serviu de pretexto para discorrer

sôbre o Algarve. Foi, até, e como quási todos nós, mais algarvia do que portuguesa. Viagem larga, houve tempo para comentar e sorrir, para castigar, criticando. Lendas vieram, por fim, e de quando as moiras encantavam príncipes nas terras «infiéis» de nossos antepassados. Cumpro agora a promessa feita de aproveitar a lenda das amendoeiras, teatralizando-a nas primeiras páginas dêste meu romance, à-parte da acção, pormenor, recanto florido onde vicejam os meus melhores cuidados. Mas se resgato a palavra empenhada, peza-me que, à verosimilhança da intriga romanesca, eu tivesse de sacrificar as nossas princezitas moiras, colocando em seu lugar povos de mui distantes e hoje já quási fabulosos países. A França ignora-nos na razão directa do empenho que pômos em conhecê-la e da subserviência e tutela intelectual que parece querermos alardear como de título de glória imperecível. O mais ingénuo dos meus leitores de boa fé não deixaria, pois, de sorrir do meu quixotismo patriótico se eu lhe dissesse que os franceses, deixando uma única vez de bolsar disparates da mais crassa ignorância

quando se dignam reparar em nós, desde Alexandre Dumas até ao mais ignorante dos escribas-sacripantas dos mais vendidos jornais da França, tinham ido buscar ao Algarve uma velha lenda para a tentativa de teatralizarem o sonho, que eu generosamente lhes atribuo. Fazê-la fruto magnífico do talento também magnífico dos nossos empresários daqui, era ainda mais inverosímil e maior disparate, se não fôra ofensa sem resgate...

...E restabelecida a verdade, envaideça-se. Êste livro, desde agora lhe fica pertencendo. Aceite-o. E' caso peregrino e sua melhor conquista.

ASSIS ESPERANÇA.

Quando tivermos atingido um grau superior de educação estética, o Espírito-seleccionador-de-prazeres eliminará tantos vícios torpes e maus hábitos sociais, que a Beleza triunfará reünida ao culto máximo da Forma.

I

Como em regra acontece a manifestações gananciosas de torna-viagem que a França organiza p'r'as longínquas mas ubérrimas terras das Américas, a companhia do *L'Opéra-Music-Hall des Champs Elysèes*, já acessível a bôlsas pobretonas pelo desfalque de seu elenco, contratada fôra p'ra seis récitas em Lisboa, em melhor teatro e mais escolhido público. Escondeu-se preciosamente o seu regresso a Paris para que jornais clamassem do arrôjo do empresário; aturados reclamos de rematada ambição fizeram da estreia acontecimento mundano; ilustrações parisienses para olhos gulosos conjecturaram tal cultura e autoridade a leitores daqui, que muitos disparates se prègaram sôbre as danças à «maneira» do Casino — «Càsinô», era de bom-tom pronunciar-se, lábios afunilados, última sílaba batida, — e a assinatura fôra ràpidamente coberta. Artistas falaram, em periódicos de avultada tiragem,

locais pagas à linha, do magnífico acolhimento que dispensado lhes fôra em sua demorada peregrinação; entrevistas disseram dos intuitos das obras a representar, — todas as artes subsidiárias do teatro, música, canto, dança reünidas num conjunto de servir por finalidade aquele grau de emoção estética que fica para àlém dos sentidos. Scenários de maravilha, prodígios de luz, dariam a tudo irreal aspecto; vestes talhadas conforme figurinos de mestres desenhadores, eram de tal riqueza e bom gôsto, que muitas delas atestavam possibilidades de infinitamente se encontrarem coloridos inverosímeis. Assuntos, tinham-os rebuscado autores experimentados e sem fracassos, na fábula e civilizações mortas, quér recompondo costumes, quér imaginativamente construindo fórmulas sociais quando escasseavam elementos de estudo. Nada, porém, dos processos scientíficos de análise de reduzir povos e indivíduos às suas devidas proporções. Teatralizar o sonho, sem o amesquinhar, sem o banalizar, era a preocupação máxima daquela tentativa.

O *Milagre da Neve*, que viria dizer da vida nos harens, fôra marcado para estreia. Acontecimento sensacional, a protagonista, princesa aramêa, seria, pela vez primeira, interpretada por uma artista portuguesa, há muito em Paris, *mademoiselle* Helene Dubois, «pseudónimo e encobrir nobreza da melhor linhagem, nome de cartaz por conveniência-imposição de família...», — reticenciava um jornalista, a pedido da emprêsa do teatro, como se fôra indiscreção custosa. Falando-se mesmo dum castelo em terras do Mondego, a curiosidade

burguesa, sempre aberta ao escândalo, fôra inteligentemente espicaçada, e a sala do São-Luís, branco e ouro, apesar da propositada indiferença-castigo da aristocracia de vida independente, regorgitava de belezas caras disputadas às escâncaras, sociedade heterogénea que se decota e encasaca, que compra e vende, nomes sonoros de porfiada escolha sem preocupação de continuarem apelidos de família, alguns já decorados da secção de elegâncias de todos os diários que porfiam e exploram o exibicionismo parnóico.

Lá fora roncam automóveis: seis cilindros e cento e tal contos de réis; no jardim de inverno do teatro, galga no ar, procura-se interlocutor que suporte necessidades de expender antecipados juízos críticos, ou acredite em afirmações inéditas do êxito da *tournée* e da vida dos artistas; há quem alardeie com descaro sonhadas intimidades: — Deliciosa, e que *charme!* Ainda ontem no seu camarim... — De passagem, subindo a escadaria, ou nos corredores dos camarotes caros, trocam cumprimentos, mulheres que se detestam, umas sorrindo o melhor de seus sorrisos oficiais, manifestação de alegria pelo imprevisto do encontro já conhecido, outras, cumprimento fidalgo, saudando-se em ligeiras oscilações de cabeça, mas sem deixarem de pisar firme o caminho estreito que a concupiscência dos homens abriu em corredor, e todas simulando abstracções de tédio, lábios hieráticos, olhos vazios. Retinem as campaínhas, e ninguém se apressa. Ambiente morno, todos à uma simulam a saturação de quem já viu mundo, trucidando o interêsse que ali os levara co'o propósito firme

de não mostrar curiosidade. Apenas quando toques repetidos anunciam o comêço do espectáculo, os grupos se diluem, se esborôam, cada um enviusando para o seu lugar. Mas lá dentro, como cá fora, respira-se a atmosfera de vacuïdade, feita de obstinada espectativa.

Silêncio na sala, o pano sobe escancarando o interior dum palácio assírio. Na abertura do proscénio, panos negros a toda a largura e altura, avolumam, enquadrando, o esplendor do scenário, todo trabalhado a baixos relevos de alabastro e mármores representativos de génios alados em ar de procissão, reis em seus carros de guerra, a esmaltes preciosos de côr e arabescos, estilização caprichosa de lírios predominando, portas em arco de curva elegante e recorte grandioso, leões arrogantes a suportarem suas meias colunas, e em friso de pormenores cuidadosíssimos, gazelas de corpo nervoso e olhar vivo, fugindo perseguidas. Sala de recepção, o trono de madeiras preciosas e adornado a ouro, tamboretes e móveis também a ouro adornados, tapeçarias de trama delicada e de fundo azul intenso a cobrirem o chão, estátuas colossais de diorite e pórfiro, tudo diz do poderio do senhor. A scena deserta tem um ar de mistério; a luz, distribuída num crescendo de gamas do amarelo, dá melancolia ao ambiente; em vasos, ardem perfumes exóticos de despertar desejos, fumo em bôcas de áspide, só adelgaçado nas volutas, e a subir, a subir... Do exterior não veem ruídos; e a prolongar uma

sensação de enervamento espectante, a orquestra, sonoridades ricas, vae interpretando páginas que mais e mais alevantam a curiosidade de conhecer o ente que se revolta, gritando, p'ra depois cair na melancolia de quem reconhecendo a sua impotência, desalentado, exora. Suspeita-se do mal d'amor, alguém esperando a mulher-única. Para ela é certamente o trono vazio, alto, muito alto, de dominar tudo e todos, inacessível quási, trono de tudo ver a seus pés, riqueza e povos...

Súbito, na orquestra, estridentes, alaridos selvagens de gentes em triunfo. Uma voz, de começo, se eleva em incitamentos, mas logo, a essa voz se juntam mais vozes, côro que sobe em cântico de vitória. Escravos de pele queimada, abrem portas; mais luz, sol-de-meio-dia intenso, ardente, sol de batalha ganha. Para àlém das entradas da sala, aglomeram-se guerreiros, hércules, homens de luta e nunca de cilada onde façam prova manha e mentira.

Do fundo adianta-se alguém, no porte a formidável rigidez do orgulho, nas feições a correcção dos seres superiores predestinados a intervir sempre nos destinos dos povos de que fazem rebanhos. Transporta nos braços uma figurita de lenda, trajos brancos de virgem, e enche toda a scena com sua presença. Avança devagar, cautelosa, lentamente, os braços sempre em berço que mãe embala, mas, dois passos àlém, notando mal disfarçados gestos de indagar suas intenções, a todos despede num repelão de cabeça de altivez feroz. Fecham-se novamente as portas, a luz esmaece, e o silêncio e os perfumes a subirem

sempre no ar, afusam o trono, apagam relevos e artezoados, fazem da sala catedral de acrópole, tocando tudo de qualquer coisa de apoteótico e de incerto. Volve o homem a caminhar em passos solenes de conquistador, mas os olhos, a bôca, já sorriem o carinho nascido da embriaguez d'alma e do êxtase da carne. Vergando-se em mimos d'afago, depõe o corpo que transportara, sôbre almofadas roxas, e logo endireitando o busto, o estiliza, nervoso; volta a fitar a princezita linda, dormente em seu desmaio, e os olhos teem mais e mais melindres de carícia, não a desperte a chama intensa dos desejos, acesa em suas pupilas. De seguida, longe de tudo e todos, ajoelha, e os lábios soltam súplica teatral de fervorosa prece: — Perdôa o ultraje! — e a uma luz que mais e mais desmaia, diz-lhe de seu amor, de noites de insónia, de seu ódio pelos deuses que os separavam... A violência daquele rapto, resgatá-la-há com toda uma vida de escravo, apagado de vontade e hábitos, humilde como pedinte: — Perdôa o ultraje! — e o motivo melódico reaparece, modulando quebrantos de vontade. — Ela não o ouve, mas êle prossegue sempre: — Vida de esplendores, obediência a todos os caprichos, ainda os mais custosos, tudo te prometo; riquezas acumuladas por toda uma dinastia milenária, esbanjá-las-hei... Basta que te vislumbre um desejo. Sê como o perfume quando da pira ardente sobe a abraçar tudo e a tudo sorrindo em afagos de lábios amigos, humilde enquanto não conquista a supremacia, e murmurando a quem saiba ouvi-lo: — Entrega-te para dominares! para dominares, entrega-te...

Cala-se. Vira estremecer o corpo da princezita ¿Alucinação dos sentidos em febre, mentira de seus olhos? Vacila; a felicidade atemoriza-o; não é mesmo sem esfôrço que vai fixá-la bem, demoradamente... Não se enganara! Vive! E soltando, então, grito de triunfo definitivo que a música traduz correndo a gama dos agudos, logo se abranda e prostra em reza e bênçãos a seus maiores e deuses de sua religião e grande fé. Ela descerrara as pálpebras, mas ficava-se extática, tudo estranho, alucinada, sem compreender... Ergue-a, mergulha um minuto seus olhos nos olhos dela, lutuosos, e vai sentá-la no trono vermelho e ouro. Estua alegria. Gestos ágeis de louco, manda que entrem todas as suas escravas, manda que escancarem todas as mil portas... Não mais o mistério das sombras há-de errar pelas salas viúvas de ruídos de seu palácio; não mais espectros hão-de rondar por seus jardins e parques em ameaças sinistras de tragédia e dôr... Aleluias de luz p'ra vida nova que começa! o testemunho do sol p'ra sua vida de ventura. — Luz! luz!, — e claridades exóticas gritam em orgia, a luz abre-se em cânticos máximos de desvairamento. Ele volta para junto da princezita: — Não estejas triste! não estejas triste! A tua virgindade tocou-me de graça. A minh'alma abre-se em caminhos novos, que podes percorrer sem receios. A todas as encruzilhadas do coração, levei o teu nome; o meu cérebro está cheio da tua imagem. Purificados ambos pela mercê divina da santidade dêste amor, não estejas triste, não tenhas receio...

Ela continuava não ouvindo, figura trágica

de olhos imóveis, como se visse àlém da vida, como se visse o que ninguém via. Na orquestra apercebem-se os sons característicos de psaltérios e alaúdes. A dança vai começar. Teem entrado as bailarinas, ventres nus, passos cadenciados, marcando rìtmicamente uma graça toda sensual. Esbeltas, seus corpos adivinharam o segrêdo que depois havia de fazer a religião das milhares de Salomés quando reacendem os apetites dos homens; rostos de febre, há em suas bôcas vermelhas o lamento de sacrificadas e um hálito de animalidade que as faz eleitas da volúpia. Tomando o palco, mumificam-se, vasadas em estatuetas de Tanagra, braços erguidos. Aguardam a favorita do príncipe.

Quando ela entra, a música tem ritmos de escavar abismo irresistível, formando como que na sombra, atmosfera de desejos e terror. Põe na princezita olhares de ódio, seus gestos teem brusquidades de ameaça. Há muito que lhe sentira a presença nos maus modos e desdéns de seu senhor. Para êle inventara carícias, orgulho arredado pelo fatalismo da sua raça escrava; para êle encontrara obediências das mais passivas. Chorou para lhe provocar piedade e viu suas lágrimas aborrecerem-no; famulenta de afeições, implorou, exorou simples olhares de carinho, e êle teve os maus modos da cólera que resulta do tédio; passou horas a seus pés ajoelhada, dum simples capricho ou prepotência à espreita, e nada vislumbrou. Tudo inútil! De suas ensimesmações, nem um gesto de rancor contra quem o fazia sofrer, nem crueldades contra quem o rodeava. Suspeitou, então, que passara já o rá-

pido instante da omnipotência de sua beleza, admitiu ter sido devassada de corpo e alma. Vai, porém, tentar o impossível. Irá bailar para o amante, dança bem erótica, da graça toda sensual dos sorrisos sinistros que mordem, dança de endoidar a carne. Conhecendo-lhe predilecções, ¿porque não há-de bailar até vê-lo ébrio de sexo? e recomeçar, recomeçar sempre, sempre atenta à mais ligeira manifestação de desejo ou fadiga?

Achegaram-se as escravas. Em seu redor fazem círculo, arménias, alaródias, mulheres de Barsua, Izalla, Damasco, Tabal, raças vencidas, cortesãs umas, virgens muitas. Começa bailando e todas a imitam, retorcendo os corpos, cabeças emmurchecidas como p'ra contemplarem seus ventres nus. Estremecimentos de busto sacudindo colares e braceletes pesados, fazem chocar em ruídos selvagens, metais e pedraria; perfumes a subirem em fumarada cada vez mais densa, penumbram os vultos dos planos afastados. E de tudo, da luz e do perfume, da música e do bailado, subindo um enlouquecimento em violências de grito, atmosfera saturada dos aromas de corpos nus, ópio subtil de alucinar os sentidos e tornar mais visível, sempre mais visível, a agonia das sensualidades fortemente sentidas. Tamboris sôam longe; harpas como que soluçam em luto. E a dança continua..., continua em vertigem... Nem um instante a bailarina deixa de fitar seu senhor... E esforçando-se, esforçando-se mais e mais em reacender o furor das paixões..., olhos dizem, seu corpo promete:

—Vem novamente para mim! Pus o teu

amor, acima do nosso deus. Não me abandones! A vida pode ainda ser tão deliciosa! Sonho viver contigo e para sempre!... — mas desespera-se de lhe fitar fundo as pupilas, de confundirem seus olhares, e o desalento das revoltas que não encontram amparo, faz-lhe das órbitas, leito de adoecida onde seus olhos morrem: — O mal está em mim! o mal está em mim! Trago o outono comigo! trago o outono comigo! — e tamboris sôam longe; harpas como que soluçam em luto. Sons desmaiam, liquefazem-se, caindo em lágrimas; queixumes fazem litanias de reza. O bailado é também agora mais lento. Corpos convulsionados, não tardará que o espasmo final os prostre por terra, soluçantes de desejos, abertos a carícias. Nos rostos aparecem as fosforescências ferozes de quem deu ao amor as fronteiras da morte; há luz verde em seus olhos, as mãos de dedos em garra, possuiram-se do delírio dos desejos a ulularem... Os joelhos dobram-se, vão dobrando-se...

... e o bailado terminou por entre desesperos da favorita. Mais e mais desejando alar-se do esquècimento em que caíra pedindo usuras a seu corpo de novamente comprarem o carinho de seu senhor, vê seu esfôrço e adoração escarnecidos, porque exacerbado, o príncipe tudo e todos esquece pretendendo beijar a princezita. Ela foge-lhe, êle persegue-a, e, dois passos àlém, alcança-a e cinge-lhe o busto, resolução de quem se decide a triunfar sem delongas, confiante de poderio. Ela treme; pretendendo defender-se, mingúa de figura, braços em pudor ao peito colados: — Não sejas cruel! Tende piedade, senhor! — Ele, po-

rém, não a ouve. Há muito a aguardava, desde a hora em que os seus mais hábeis guerreiros tinham partido p'r'a sua conquista pela fôrça, dias inteiros de angústia, de formidáveis desesperos. Era, pois, ardorosa, a sua ânsia por aquela carne virginal. Filha de outros povos, personificava a felicidade; fôra e seria seu único motivo de viver. E cingindo-a, cingindo-a mais, aquela recusa, embora amolentada pelo mêdo, ia despertando-lhe o ódio. Beija-a; ignorante no ofício de simular, angustiada, tem a princezita os lábios frios. Carícias sem recompensa, exaspera-se... — ¿Porque não queres ser minha? Porquê?

Sabe, então, do mêdo dela pelos deuses tutelares da sua raça e de suas saudades pelo seu país longínquo, em outros mundos. Voz e encanto ingénuo de despertar generosidades, ouve-lhe cantar seus campos, ouve-lhe dizer da magnificência de seu castelo, tão alto que não iam lá as águias, e das suas florestas, e da alvura dos invernos de neve, a estenderem toalha alva — mui alva, sabes?! — sôbre as planícies e píncaros de seus montes vizinhos do céu, e das virtudes de seu povo, que ficou àlém, mui longe, em outros mundos, a chorá-la. — Pobre de mim que sou tua escrava! Entregar-me-hei quando quiseres, mas tem piedade da minha dôr, da minha saudade, — e olhos inquietos, erguendo-os a buscar o céu, a sua voz tem o misticismo caricioso das evocações de quem, náufrago da vida, ao passado vai buscar ainda amparo e razão bastante p'ra continuar sofrendo...

. . . .

— Humano, grandemente humano! E' cri-

tério de louvar e para ser copiado pelas nossas artistas, simular a dôr sem esgares inúteis ou gritos que fôssem roubar-nos ao encanto da música, — e no seu camarote, ainda a vibrar entusiasmos pela artista que tão bem soubera sofrer entre perfumes, casando com êles a agonia do corpo, Jorge de Melo, classificava:

— Admirável, o seu desempenho.

— ¿ Sempre te dispões a conhecê-la?

— Temos tempo. Serei dos últimos. E' preferível não lhe sentir hoje a sua insignificância de mulher.

— E' interessante, afirmo-te! Paris deu-lhe ironias de frases e maneiras para nós desconhecidas em mulheres... Só um tanto magrita...

— Jornalista, as *mesdmoiselles* fáceis dos nossos teatros, estragaram-te...

— Então, àmanhã...

— Depois de publicares a entrevista. E' provável que ela tenha afirmações ousadas, ou qualquer frase espirituosa em que a vejamos diferente da maioria. Por enquanto, estou resolvido a guardar conveniente distância.

— Recusas o que a maioria aceitava, nadando em gôzo.

— Ainda não me habituei a coleccionar desilusões.

— Serias magnìficamente acolhido.

— ¿ Por amizade ou mêdo do teu jornal?

— Servem-me as duas hipóteses, não me interessando averiguar.

Pela sala, diálogos, comentários, a chalra fouveira de ditos, malsinações, crítica, hipóteses, calúnias. Vivendo a preocupação de avis-

tarmos rostos amigos, balouçamos no vácuo duma multidão hostil, refractária ao nosso domínio ou mesmo ao nosso contágio. No ambiente paira como que a vontade alheia a provocar-nos; confrange-nos a certeza da nossa impotência vinda da liberdade de acções que vimos nos outros. Todos vivendo à nossa beira sem darem conta de nós, a nossa insignificância piparoteia-nos, apagando a emoção que fôra recolhida da música, do canto, da dança.

. . . .

A princezita aguardava o senhor. Já se entregara, mas sem prazer. Nem pelo menos a inconsciência das raças escravas quando reacendem maravilhosamente os desejos dos homens, jungidas à fatalidade de seu destino, como se fôra essa, sua unica missão. Era dêle em obediencia passiva. Sem sorrisos, sem desejos. Até por orgulho de mostrar valimento, constantemente êle lhe exora que tenha caprichos de difícil realização. Tocada por sofrimento de tudo fazer indiferente, ela nem parecia escutá-lo, trevas nos olhos, tristeza nos lábios, a apegar-se fervorosamente à sua dôr. E apenas repetia queixas feitas de saudades pelas suas florestas, pelo seu povo, pelas suas neves.

— Ficarás sempre comigo!

— Morrerei!

Em sua voz dolente havia o desafio de quem se vê forte de resoluções e nada teme:
— Nada podes contra a minha dôr! nada podes contra a minha dôr! Desafio-te a que me roubes ao túmulo!

Cantava ela uma canção-saudade, quando êle entrou no aposento. Faziam-lhe côro es-

cravas que o príncipe lhe déra e a quem pacientemente ela ensinara o ritmo dolente das canções de seu país. Ele quedou-se à porta, maravilhado, acreditando em ressurreições, como se recolhesse dela a promessa de viver! A canção dizia de amores e terminava em apoteose: — Embriaga-te de ilusões! faze de nossas vidas, uma só vida. Eu esperei durante muitos anos que viesses salvar-me. Eu esperava-te, esperava-te, sem ainda te conhecer!

— Beltis! Beltis!, — gritou êle; mas o encanto quebrou-se, porque ela entristeceu. Não repara em tal o homem alucinado, a vibrar seus proprios entusiasmos. Fala-lhe acariciando-a, e diz-lhe que traz nova feliz! Escravas araméas, da tua raça, veem habitar este palácio; estão ali, aguardando apenas que queiras recebê-las...

— Da minha raça...?, — e ela ficava-se, olhos postos àlém, sem compreender...

O príncipe preparara-lhes recepção amiga e elas entram sorrindo, passos meúdos de bonecas. Quando a princezita baixa os olhos, já elas estão á sua volta, sorrindo sempre. Ela fica-se a mirá-las fundo, como a calcular-lhes do sacrifício...

— Bailem!

... e elas bailam dança sagrada, sem perversidades ou atitudes mórbidas, sem violências dolorosas de vício, bailado que as marquesinhas do século dezóito certamente copiaram para a requintada elegância de suas pavanas e minuetes. Nos corpos esguios, alados, há toda a fragilidade das almas enamoradas de deuses e invejosas das aves que vôam

até ao Paraíso. Espiritualizadas, é como se dançassem sôbre nuvens, carnes palpitantes de êxtase divino; lábios sangrentos, pupilas dilatadas, os braços erguidos em súplica votiva, mãos exangues, é como se mendigassem a mercê de sacrifícios. Descrevendo vagarosos círculos, hieráticas, os corpos alteando-se para de seguida poisarem, e a luz desmaiando a penumbrar tudo de sonho, o aposento é parque maravilhoso, onde a imaginação faz dançar as almas das flores que morrem sem palavras, sem queixas, sem desejos, em sombras vestidas de luar. Há imponderabilidade em tudo, até na melodia: sons mui longe, súplica d'almas a tornar-se epopeia de dores, mostrando, porém, mais o sofrimento do que confiando em palavras. A vida é provação para elas; quanto mais bailam, mais sofrimento teem. É como sorriam sorriso de outros mundos, sorriso de espírito de quem sucumbe na dôr, cansada de suplicar, faz-se toda uma sensação de pranto. Debruçados para aquele encantamento todo-poderoso, tentados somos a ajoelhar, para depois crescer em nós certa vontade de libertá-las... Mas se há nelas tal hieratismo que nos sentimos tolhidos de movimentos, tão alto puseram seus olhos, tão àlém de nós vôam suas ambições...

... e a princezita sonha. Enquanto dançam as mulheres de seu país, ela só tem atitudes de beleza copiadas de barros inéditos que as mãos nervosas de qualquer artista-eleito moldassem a cada momento; nas suas pupilas há toda uma saudade de quem a sós com recordações preciosas, aos sentidos dá a

febre criadora das visões; nos lábios de candura divina, há o sorriso dos iluminados por fé redentora, lábios que conservaram a ingenuïdade dos sorrisos seráficos de beatitude plena. Já o bailado terminara e ela sonha, sonha sempre...

— Beltis!

Ela fita o principe. Prosseguindo em surpresas, êle diz-lhe, ainda e sempre com o orgulho dos poderosos, que mandara construir palácio de maravilha, — ao gôsto do teu país — e todo a vibrar alegria promete rodeá-la de tantas mulheres araméas, que há-de acreditar-se nesse Líbano distante aonde seus antepassados nunca haviam chegado e êle a surpreendera numa noite de frio e neve... Recorda! Abençoando-me, brilhava no céu, como cobre, a estrêla Shukudu. Eu quero-te tanto, tal vida de ventura eu te darei, que acabarás renegando teus proprios deuses!

Sorri a princezita desdém arroxeado a tristeza, e êle cala-se esperando a recompensa dos agradecimentos calorosos e para sentir bem a admiração dela. Mas agradecimentos não veem e êle, então, vê-lhe a indiferença, o constrangimento de sempre a mantê-la estranha. Revolta de dôr e orgulho, pregunta-lhe o que quere mais. E ela, a provocar-lhe a impotência, sorri...

— Se podes dar-me mulheres, se podes construir palácios e castelos, edificar cidades em minha honra, desafio-te a que me dês as païsagens do meu país! Contra os meus deuses nada podes. Eles negar-te-hão auxílio.

Cala-se o príncipe. Desorientava-lhe a impotência, o repto da princezita. Ele bem qui-

sera vergastar-lhe o desinterêsse. Dorido de coração, ordena que escravas suas venham bailar, para ali, dança bem voluptuosa, e o afaguem e o provoquem. Virá também a sua favorita. E quando ela entra, senta-a a seu lado, e tem carícias; e ela vai cantando-lhe dos prazeres que podia ainda oferecer-lhe, demorados a requintes... Ciümenta, não perdia, porém, ensejo de esvurmar desdéns sôbre a princezita, mulher doutra raça, impiedosa e má. Tudo em vão. A dança não teve inèditismos para o príncipe; o palrar da escrava, enervou-o. Em gesto despótico muito usado, mandou que todos saissem. E só, teve, então, súplica ardente, — a pedir o milagre daquela neve que havia de encantar a princezita e lhe daria a omnipotente aparência de quem governa, tirânicamente, a natureza inteira.

. . . .

O agrado que todos mostravam pelo espectaculo, traziam-no para o palco, em digestões d'adjectivos caros. Apresentações a cada momento, um vozear alto corria pelos corredores apertados, enchendo-os dum francês espectorado e aflito, soletrado como em aprendizagens de escola, mastigado de palavras a disfarçar ignorâncias e faltas de memória, e muita vez salpicado de termos improvisados mas d'origem portuguesa. O camarim de *mademoiselle* Helena de Castro, abarrotava de gente de sorrisos amáveis, todos à uma desfiando sentenças ou entusiasmados elogios por cada vez que ela pretendia inferir dos juízos do público:

— Oh! mas compreende-se agora as palavras de Simonides: o baile é a poesia muda...

Dita com ar de sentença por lábios habituados a galanteios fáceis, dandinando, a frase resultou ôca: — Ficámos maravilhados.

— Estes espectáculos atingiram o grau de metáfora viva que Mallarmé exigia para todos os bailados! . . . — classificou, do seu canto, o crítico respeitado e temido dum diário de avultada tiragem . . .

— Diz-se que a escola francesa arruína a voz. . . , — comenta-se do lado, em voz de quem preparara verdades profundas de congeminação demorada: — *Mademoiselle* canta divinamente. . .

— ¿ Demora-se algum tempo entre nós, não é assim?

Pregunta de abrir caminho á confissão de tenções, alguem dita em conselho grave, próprio de esfôrço cerebral:

— Poderia até fixar residência em Lisboa. Seria magnífico elemento para qualquer época do nosso São-Carlos.

— Nós a faríamos admirada!, — prometeu mancebo de face próspera, todo sorrisos de mostrar gengivas. . .

— Lisboa, ainda tão insignificante!

Todos a rodeiam, poupando-a ao jôgo hábil dos rizinhos húmidos que espiritualizam a mentira das frases, por tal forma se respondem uns aos outros. Envôlta em peles caras, face-a-face a um espelho que a copia toda, demora mais sua atenção remirando-se do que em preocupações de responder-lhes. . . Parece mesmo adejar por sôbre aquela atmosfera de elogios e cumprimentos, alheia a tudo. Apenas tem sempre aceso nos lábios, sorriso acolhedor, talvez persistência no hábito de

quem há muito carmina o tédio com o vermelho quente dos agradecimentos sinceros de aparência...

Já pelos corredores, pelas escadas ia uma feira franca de risos. Braços dados, pipiando, coristas, bailarinas, rostos pintados, caritas preciosas onde o bistre pôs olheiras em fadiga de doenças ou esgotamento, carmim nos lábios em mancha perversa, desciam até ao palco, cingidas de busto por capas custosas, de dizerem culpas. Trajos negros só aliviados pelas manchas alacres dos peitilhos e gravatas brancas, homens abriam alas à passagem delas, seguindo-as com olhares glutões a transbordar necessidades vuluptuosas de raça, impulsos singulares, brutalidades, fúrias de morder. E elas riam, gargalhadas de fazer réplica a todos êsses comparsas do mundo que se diverte, desde pessoas de representação, carnes lascivas a dar aos olhitos gastos de miopia e vício, uns reverberos de antigos hábitos, aos filhos-família a quem mães encobrem roubos, a advogados saídos da escola, a janotas sem profissão fixa ou benesses, exasperados de pobreza, vividos entre dificuldades e revoltas contra casas de hóspedes, reconhecendo dolorosamente o valor do dinheiro e lutando, esgotando energias para trepar a montanha íngreme onde políticos e banqueiros partilham poder e benefícios.

. . . .

Esmaecida, cada vez mais afusada de corpo, a princezita vivia de seu sonho e o sonho matava-a lentamente. Nenhumas das dádivas de seu senhor, a faziam sorrir; nenhuma carícia dava alento ao corpo seu. Toda ela fugia

dos outros e de si, para refugiar-se em mistério ignoto, caro de seus anelos. Cumprira o príncipe suas promessas, dando-lhe palácio de maravilha, todo em colunas altaneiras de naves de catedral; fizera-a rodear de mulheres araméas, consentira-lhe que vivesse só. Cerradas, porém, todas as portas, interdita a saída do palácio, o cativeiro continuava. Bem lhe prometia o príncipe liberdade plena, em plena manhã de sol. Mas se ela não vivia essa promessa em ânsias de redenção, como não haviam de ter seus olhos, dia-a-dia, maior tristeza...

Deitada em seu leito-divan, atitude preguiçosa, deixara ela os sonhos voarem alto, quando se sentiu beijada. Era o príncipe. Quando o saüdaram, teve sorriso longânimo; quando foi sentar-se à beira da princezita demorou um tanto seus afagos. Halo de triunfo iluminando-lhe o rosto, o andar voltando a ser firme, autócrata, lábios frementes a represarem palavras, grande segrêdo devia guardar su'alma. Demorou carícias, não quis ver os desdéns da princezita; enamorado eterno, em ânsias fortes de vitória decisiva, pouco depois, porém, já lhe dizia:

— Trago-te hoje a minha oferenda de maior valia! Mas quero que sorrias! Acabou teu cativeiro!

— Regresso ao meu país!...

— Por que hás-de torturar-me sempre!...

— Acreditei, senhor...

— Não! ficarás comigo! mas realizei teus grandes desejos.

Ergueu-se lesto: — Cantem! bailem!, — disse para as escravas; — mas bailado de alegria

louca, de estontear! — E desapareceu por detrás das tapeçarias altas, a ouro tecidas, presas entre colunas.

E já elas bailavam dança alucinadora para o cérebro, dança de varrer raciocínios e matar sensibilidades, porque nos entrega àquela orgia de carnes palpitantes e ao ar envenenado de perfumes que elementos inconscientes fizeram nascer e fôrça oculta nos obriga a respirar; mas bailavam elas quando perpassou pelo ambiente, arrepio friorento: luz alva, lufadas de ar fresco. Ao ruído das tapeçarias rasgadas, todos voltam o rosto. Uma grande porta escancarada ao fundo, devassava jardins mil-e-uma-noitescos. Ergue-se a princezita, corre o príncipe ao seu encontro.

— Quiseste a tua neve! — clamava em voz de grito: — aí a tens! — e ela corria, passos miúdos de convalescente, pela vez primeira de alegria cantando em bênçãos, a munificência de seu senhor. Amendoeiras, árvores de neve, fizera-as êle transplantar às centenas para que rodeassem o palácio. Floridas, haviam de oferecer o espectáculo duma planície a perder-se de vista mui branca, como se do Céu viesse o milagre. Fizera cerrar portas para que seu segrêdo não fôsse surpreendido e gozava agora o seu triunfo na alucinação da princezita escrava.

— Vê, ainda, a cidade a teus pés. Mais alta que a pirâmide do templo de Adar, é esta tôrre que mandei construir para que a minha própria deusa domines como me dominaste!

Jàmais a princezita vira tanta beleza reünida; nunca seus campos lhe tinham dado aquelas gamas inverosímeis dum côr de rosa

distante a embranquecer, flôres-lágrimas choradas pela noite ao despedir-se, pérolas que o dia deixava cair aos milhões e a rebrilhar ficavam... Mas de sentida alegria também é feita a morte, e ela, sorrindo, esmaece; sorrindo lhe foge de vez, por entre cânticos de vitória. Morta, era bem a felicidade que em suas mãos se liquifazia, tal qual a neve ao calor, sempre que êle acreditava conquistá-la; era bem a felicidade a negacear desprêzo e gargalhando de sua fôrça, sempre que tentava aprisioná-la, e como a dizer-lhe, a gritar bem declarada derrota a conquista feita dos sacrifícios doutrem, — quando existe para os heróis o refúgio intangível do Além-túmulo.

. . . .

Vai pelos corredores e jardim de inverno do teatro, o vozear alacre da multidão em liberdade. Como em todas as admirações incondicionais, libertos e um tanto despeitados pela surprêsa do primeiro espectáculo, há quem castigue a pobreza do scenário quebrando a ilusão teatral; há quem belisque a artista, afirmando que nem todas as suas atitudes eram precisas, que havia qualquer coisa de anti-pagão no seu corpo de magra, seios minguados, ausência de ancas. Meio risonho, Jorge de Melo, travava do braço do jornalista. Corredores de teatro quasi livres, já era tempo de abalarem. O automóvel, aguardava-os.

— Para a redacção de *A Imprensa*.

Rua às escuras e abalada em seu sossêgo pelo grunhir das businas e roncos de motores, a multidão remexendo-se ao fundo, arrancada da sombra pela luz intensamente branca de faróis, p'ra voltar para a sombra,

pairava por sôbre todos como que maldição de expulsar gentes de seus asilos e persegui--las sem descanso, inexoràvelmente...

—¿Por quem mandas entrevistar a nossa *mademoiselle?*

—Hein! não ouvi!

A pregunta é repetida em voz quási de grito.

—Jôgo franco! ¿Desmascaras o teu interêsse?

—Sossega! não quero roubar-ta.

—Teimoso e desconfiado, esgrimes com o vácuo. Nunca me encontrarás no teu caminho, descansa! Calcula, meu scéptico, que ninguém lhe conhece um amante.

—¿Averiguaste?

—Ingénua armadilha. Se eu nunca me propus a candidato.

—¿Nem mesmo agora, depois de teres surpreendido o meu tão apregoado interêsse?

—Nunca invejei a felicidade alheia...

Sorriem; o automóvel estacava à porta de *A Imprensa,* o grande diário da manhã. Despedindo-se do amigo, Jorge de Melo convidava-o:

—Janta àmanhã em minha casa. Viremos juntos para o teatro.

—Pretendes, então, subornar-me!...

—Sempre acreditei que te vendesses mais caro.

Antecedida de exórdio de adjectivos sonoros, a entrevista publicada no dia seguinte, foi lida com interêsse. A avidez de conhecer

recessos de vida, não foi iludida; quem procurou novas de Paris, fulcro de civilização, sorveu-as de encantar e contentar. Em desprêzo másculo pela hipocrisia que faz impessoais a maioria das entrevistas, *mademoiselle* Helena de Castro, mostrou os momentos de dificuldades tremendas e máximas de quando a sós com a irmã, desamparadas e isoladas se viram no tumulto egoísta da cidade-cérebro-casino-do-mundo, orgulhosamente falou das lutas que sustentara para iniciar sua vida artística, disse da efemeridade dos triunfos do palco pela insaciedade e ingratidão do público, de seu fastio por uma arte de evolução difícil porque vivia directamente dos aplausos das multidões, e das transigências de empresários-comerciantes... Respondendo, afirmou cuidadosíssimas as montagens das peças e peremptòriamente confirmou magníficos os conjuntos de qualquer teatro de Paris, tão aturado estudo merecia a mais insignificante rábula. Derivou depois, para tentativas balbuciantes: teatro de estilizações, de ambiente a interpretar o invisível, sensações já feitas antes mesmo de assistirmos a qualquer conflito e pretendendo roubar cada espectador à sua individualidade para que sofresse com os personagens. Mas lá, como em toda a parte, a vida árdua trazia uma conseqüente ânsia de repoisar nervos e cérebro, e o público marcava uma acentuada preferência pelo género musicado. Aquela *tournée*, provava-o. A escolha de repertório, só obedecera ao critério de oferecer as três artes reünidas: musica, dança, canto...

— Lá fora, a tarde morria... — começava

descrevendo, por sua vez, o jornalista, voltando aos adjectivos sonoros. E era esta, a entrevista que Jorge de Melo anotava para o director de *A Imprensa*, quando, reünidos, a tomaram para assunto de distrair.

— Interessante e sem as pièguices ou a vacuïdade da maioria das entrevistas que vocês costumam publicar pelos mais variados interêsses. Sem pièguices estultas porque nem esconde as lutas que travou p'ra se libertar da miséria. E se acreditarmos que de facto ela é aristocrata como vocês por aí dizem, é pormenor para registarmos não aludir nem levemente à sua ascendência. ¿Não estamos nós habituados a qualquer burguezita declamar pruridos de fidalguia, mal anunciam a sua vinda para o teatro?

— Sabe-se lá do interêsse que lhe ditou a entrevista... ¿Tu, que tens por hábito dissecar procedimentos, não te arreceias de qualquer desilusão?...

— Reservo-as para depois. Agora só me interessa reconhecer que a sinto diferente da maioria. Se eu até já distribuí papel simpático à criatura que a acompanha!

— ¿A irmã?

— Sim! Imagina-as em Paris, a lutar contra o egoísmo da indiferença geral. E' mistério que interessa. Duas raparigas abalam de casa, sentindo opressora a vida acanhada que levam e, sem mêdo, vão para o desconhecido. Decorrem anos; uma permanece obscura, outra vai para o triunfo. Mas de que privações, transigências ou dôres foi feito êsse triunfo, se êle queima energias... Ela confessa-o um tanto, não o bastante; vocês apregôam-lhe a

honestidade. ¿Mas a outra? E se ela tivesse trabalhado, vendido o corpo, se tivesse sacrificado saúde, prazeres, tudo o que faz viver, para que a outra definitivamente triunfasse? E a saborear, recompensa única, a saborear obscuramente o travo amargo do sacrifício, rezando a oração do seu orgulho: — Aplausos, homenagens, tudo me deves! fui eu que te levei até à glória! fui eu, eu só! que fiz o teu triunfo! Tudo me deves! — ¿Que dizes tu?

— Que o peixe está magnífico. Manda repetir o prato, incorrigível sonhador, mascarado de traga-mouros.

II

— Consinta, *mademoiselle*, que lhe apresente o meu amigo Jorge de Melo, um dos mais brilhantes espíritos do meu tempo. Talentoso, rico..., e de sorriso a vislumbrar o oiro-sol da galanteria, o director de *A Imprensa* permutava ligeiras curvaturas de espinha.

— ... mais rico do que talentoso...

— ¿Jornalista, escritor?...

— Não, minha senhora! simples engenheiro como qualquer menino-família que encontrou pretexto para estroinar na Bélgica.

— Não o acredite, *mademoiselle!* Tem a religião da modéstia.

— ... que é um grande mêdo da posteridade.

A artista sorri o sorriso acolhedor que faz carícia branda e dá ao rosto alegria saüdável

que fica bem ao carmim, mas parece não conhecer a hipocrisia porque nem o mais leve incitamento a faz usar das momices e requebros que iniciam aqueles jogos de galanteria espremida de exclamações de dúvida e monossílabos de tentar vaidade e prosápia, ou aquele êxtase que em boa sociedade se deve simular por tudo quanto não tenha interêsse. Sóbria de gestos, nada desmancha seu porte senhoril; desenha-lhe formas de graça vigorosa, trajo sem adornos ou arrebiques, de colorido extravagante, tantas cambiantes arrancam do vermelho ao roxo, as lâmpadas eléctricas que o camarim iluminam.

— ¿Agradou-lhe, correspondeu à verdade, a entrevista?

— Um tudo-nada atraiçoando propósitos lisonjeiros. Agora vão exigir mais, de mim! — e ela tem nos lábios ligeira momice de mimo...

— ¿Nada a rectificar?

— Nem consinta, *mademoiselle.* Desmentidos e rectificações estão postos em uso e abuso p'ra estendal de vaidades.

— A experiência ainda é o melhor conselheiro, está provado!

Sorriem. Relações balbuciantes porque recentes, o diálogo ressentia-se daquelas ironias que é de bom aviso e prudência amizades confiantes, generosas, entretecerem para regalo doutrem, mas logo enviusaram em pretexto natural, para o espectáculo dessa noite, Salomé. *Mademoiselle* Helena de Castro, falou de seus esforços em dar a cada bailado significados especiais de traduzir sensações e sentimentos; da perversidade da personagem, em sua interpretação vivendo horas irresponsá-

veis de luxúria, beleza maldita que envenena tudo quanto dela se acerque, tudo o que vê, tudo o que toca, como no drama de Wilde. Antes, porém, interpretará, à maneira russa, a bacanal de Glazounoff, estilização de figura e gestos, sensualidade nas atitudes...

— Sou também daqueles que afirmam que nas emoções estéticas, desde que sejam visuais, um tanto de sensualidade sempre existe. O que devemos, é doseá-la de beleza para que não caia nunca na lubricidade.

Batem de fora na ombreira da porta, pancadas tímidas, compassadas. Reposteiro corrido a vedar a entrada do camarim, *mademoiselle* Helena de Castro não disfarça certo franzir de lábios e gestos de enfado. Da outra divisão, surge gracil mulher, mãos pálidas, doçuras de mármore exangue, infantilidade de rosto dando a seus sorrisos alegria a um tempo ingénua e melancólica, olhos de encantamento de quem pretende arrancar à vida qualquer segrêdo e se arreceia e recua, guardando intacto seu sonho...

— ¿Aonde vais?

— ¿Não queres que saiba quem bate?

— Proïbira-te...

Para que a não ouvissem os dois homens, a voz é sôpro, mas rasga as pálpebras em castigo de mostrar cólera súbita e irreprimível. Cautelosa emenda, porém, não a considerem desabusada:

— Vê lá, vê!

Há tranqüilidade na entonação, embora os olhos fitem, espionadores...

— ¿Sua irmã?

— Sim! — e já pretendendo refazer no rosto

aquela serenidade para acolhimentos benévolos: — Hei-de apresentá-la.

Entreaberto o reposteiro, entra no camarim, mesureiro e velhaco, um dos porteiros do teatro. Conduz *corbeille* valiosa, cravos rubros e camélias de neve, bilhetinho de visita à moda antiga, mostrando logo o doador. Leva-a Maria Isabel para àlém da divisória e enquanto a segue com o olhar, *mademoiselle* Helena vai sorrindo, um tanto contrafeita:

— Dispensei ontem a costureira que tinham pôsto ao meu serviço, mas reconheço agora inútil o estratagema. Decididamente deve ser difícil resistir ao ambiente...

— ¿Por que não prefere acreditar?

— Porque seria atraiçoar-me.

O porteiro aguarda ordens; *mademoiselle* Helena despede-o. E tenção firme de afastar adulações, vai desfiando:

— Bailei muita vez na Ópera, só para nosso sustento. Foram anos de luta em que trabalhamos ambas pelo orgulho de não devermos nada a ninguém.

Veem pormenores de perseguições rechaçadas a altivez, propósitos de adorações repelidos a ironias, tudo de aconselhar prudência a quem ouve, tanto a voz se enchera de animosidade e nervosismos. Dois ou três casos apenas porque a campaínha do palco retine...

— ¿Bons amigos? — e deliberação de gestos, *mademoiselle* Helena estende mãos de dedos secos, nervosos...

— Se já nos mostrou como queria que procedessemos...

— ¿Eram diferentes as tenções?

— Tudo dependia da maneira por que nos recebesse.

— Obrigado.

Erguem-se os dois homens. Últimos cumprimentos, reverenceiam-se.

— ¿Que te parece a *mademoiselle?*

— Para os românticos, um tudo-nada de desagradável masculinidade; para nós...

— Para ti, queres dizer...

— Já sabes que me agradam as criaturas de vontade. Podem conflituar comigo, mas respeito-as. Entretanto, não seria mau um inquérito na Rua da Paz. Não há como os joalheiros para nos informarem da honestidade das mulheres... Notei-lhe certo cálculo...

— Vais, então, duvidando...

— Tomo o teu lugar. Como não te vejo scéptico, apraz-me fazer cinismo...

— ¿Despeito?

— Indiferença.

O director de *A Imprensa,* esboçou nos lábios, ironia breve; Jorge, remira-o. Primeiro impulso, fulgurações enérgicas brilham em seus olhos, mas depois sorri também ironia:

— Não é fácil resistir-lhe, senhor psicólogo. ¿E se falássemos da chuva e do bom tempo?...

Talvez menos interêsse, talvez menos flôres, menos galanteios nessa noite. Não se notavam grandes deserções do camarim de *mademoiselle* Helena, mas visitas eram mais curtas, diminuia o número de palavras. Fatigavam-se. Quem admitia que dias, horas de-

corridas autorizariam intimidades, recebia o desengano pronto quando a mesma correcção de trato e maneiras, o mesmo cerimonial lhe era exigido logo à entrada de seu camarim; quem a procurava acreditando recolher agradecimentos largos ou quaisquer palavras de consentir graça mais nua p'ra familiaridades de vislumbrar recompensa, obrigado era a desmentir-se quando ela, parecendo ter esquècido dádivas, nos lábios tinha sempre o mesmo sorriso andrógino e uns apertos de mão de manter distância de enregelar ousadias. E como não se murmurasse, ainda, de qualquer ligação ou côrte assídua, e em sua preferência um tudo-nada assinalada pelos artistas, nada houvesse de fazer suspeita, era de calcular difíceis, favores e conquista. Então, o mistério enervava-os porque admirações platónicas eram inimigas de seus hábitos; acostumados a satisfazer apetites e caprichos, intolerável era continuar cortejando-a em reverências; recebê-los sem o titubeamento da emoção ou constrangimento de quem já admitiu culpas e se defende, desanimava-os; manter gracioso o diálogo, obrigava a maioria a esforços de fatigar e aborrecer. Por isso naquela noite, se os aplausos tinham sido da mesma forma calorosos, começavam a fazer-se raros os presentes delicados de flôres preciosas, e nos camarotes do proscénio de aluguer custoso, já houvera deserções de mostrar ou simular desinterêsse. Notou-o Maria Isabel quando a meio do espectáculo, fez inventário a ramos e *corbeilles;* notou muito principalmente *mademoiselle* Helena quando se destacou das demais artistas para vir ao

primeiro plano do palco agradecer, mesureira, as homenagens sempre demoradas do público em fins de acto. E entre risos de fazer desfôrço, comentava agora em seu camarim, entregando-se num quebramento de fôrças, aos cuidados de aia de sua irmã:

— Os homens vão desertando... Que não interessa. Mas é para que os vejas tais quais são: egoístas. Até o empenho em visitar-me é ofensivo. Nunca me senti tão ferozmente desejada. E que prazer desprezá-los...

— ¿Mas são assim todos, todos...?, — e nos olhos de Maria Isabel havia curiosidade...

— ¿Queres abrir qualquer excepção?

Helena ri, riso de mordeduras a entrechocar os dentes. Fitando Maria Isabel, os olhos teem aquela ternura dos enamorados quando surpreendem a amante em ingenuidades de a mostrar à-parte do mundo, conhecendo, apenas, os seus ensinamentos, discípula, sonhos em comum a identificarem corpos e aspirações, desdobramento de vidas.

— Deixas-me tanto tempo só que me entretenho recordando o que te dizem...

— Tudo se há-de remediar, verás! Ainda havemos de passar juntas, todos os minutos...

— O casamento...

— Ou outra qualquer circunstância.

— Um lar...

— Dir-se-há..., — e a voz de Helena sôa máscula, traços de energia endurecendo feições: — Tenho-te recomendado que me deixes a tarefa de pensar e proceder.

— Perdôa! ¿mas que queres?... Esta nos-

sa estada em Portugal, faz-me tremer. Podem reconhecer-nos...

— ¿Que importa? não teremos nós o direito de viver à nossa vontade? E se foi alvoroçadamente que aceitaste a ideia da nossa demora em Lisboa...

— Saudades. Hoje, sinto-me mal. Talvez recordações, talvez porque oiço falar a nossa língua, recebo a impressão de que todos sabem quem somos.

— Desconheço-te esta noite!, — e bôca de lábios retraídos em admoestação perversa: — ¿Já não estás bem onde eu estou?

Fitam-se fundo. Helena tem um sorriso mau, palidez de lábios. Bruscamente cinge a cintura de Maria Isabel:

— ¿Já não me amas?

— Se tens sido a minha única amiga!, — e cabeça emmurchecida, olhos a desfalecerem de tanto os baixar, Maria Isabel vai murmurando: — Isto passa, juro-to! Talvez tristeza... Não faças caso, promete. E perdôa! perdôa à tua amiguita..., — e em canto nostálgico: — Se não tenho mais ninguém no mundo...; se não tenho mais ninguém...

— Meu amor!... meu único amor!...

Na carruagem, a caminho de casa, quási não falam. Chove. Um friozito cortante põe arrepios nas árvores súplices; o chão espelhado, reflete uma luz doente; a casaria de fachadas altas, apática de sombra, tem um ar hostil de sepulcros que guardassem corpos ainda frementes de aspirações e tapassem bô-

cas de dizer segredos de vida; vultos passam quási correndo, como expulsos de qualquer paraíso e a vagabundearem pelo mundo, inúteis, mortos para a felicidade, curvados ao pêso de quaisquer maldições. Alguns perdem-se, dissolvem-se lá ao longe; outros, como caídos em precipícios, tragam-nos manchas de treva insondável ou portais escancarados e negros de prostíbulos-catacumbas abertas a criminosos fugidos à justiça dos homens, ou a conspiradores de religião ou seita de atentar contra a Natureza. E a não cessar a ronda porque outros vultos aparecem sempre correndo para o mesmo fim, a treva a dissolvê-los, cresce uma sensação de desconfôrto dorido e trágico. Cada vez o ar resfria mais, e a chuva e o negrume da noite, e os vultos e a sombra em sarabandas de duendes a pulverizarem tudo de mêdo, criam e desenvolvem naqueles que observam a sensação de tristeza que faz apetecido o aniquilamento. Ambiente hostil, debruçamo-nos sôbre nós próprios, concentramo-nos a rebuscar nos tempos já vividos, recordações que nos segredem da nossa razão de vida, necessidades de balanço rigoroso a uma existência de que a cobardia quere conhecer o futuro, mas tão dolorosas são as figuras que à nossa volta redopiam, que nos sentimos derrotados e gastos...

Aninhadas ao fundo da carruagem, Maria Isabel entristece a recordar. Eram as duas de Coimbra, mas de há muito não pisavam terras de Portugal. Trazidas pelo acaso dum contrato de última hora com empresário de teatros no Rio de Janeiro e Lisboa, mais vi-

vas se fizeram logo em Maria Isabel as lembranças de sua infância, e ora se avolumavam em sua memória os pormenores havidos de quando escândalo forte p'ra cidade bisbilhoteira fôra início e principal razão de suas vidas vagabundas e mentira de seu parentesco. Porque mentiam. Não quando Helena confessava à bôca cheia descender de fidalgos, mas quando à bôca pequena apresentava Maria Isabel como sua irmã. Conveniências, defesa...

Tinham brincado juntas. Aos quinze anos, Helena bebia a vida a tão grandes sorvos glutões, era tal seu exagêro em garotices, crescia e robustecia-se em tais hábitos de vida livre, que a sr.ª Baronesa da Lousã, abandonada pelo marido meses e meses em Madrid e Londres, em Paris e Berlim, sentiu pela primeira vez fortemente espavorida a sensação de sua responsabilidade de educadora, quando a viu entregar-se gostosa e feliz a exercícios físicos e largos passeios a cavalo, e ruïnosamente ouviu ameaçadas por alaridos de estrebaria, suas predilecções de educanda de claustro, toda contemplativa, silêncio e rezas, abstracções e sonolências da vontade tendo já criado e desenvolvido hábitos de preguiça mental. Sem conselheiro sabido da vida a quem se entregar, desorientou-se; dias e dias gastou sem proveito a procurar combinação de harmonizar tudo e todos, e tudo ficaria sem remédio se numa hora de maior alvorôço, a sua governante, serviçal de confiança, lhe não tivesse proposto subreptìciamente, mui subreptìciamente, dar sua própria filha a Helena por confidente e companheira amiga. Tomou a

sr.ª Fidalga a arteirice por inspiração divina e julgando só por ela ter encontrado solução propícia, à própria proponente deliberou propô-la, porém ainda a mêdo, temendo que a recusassem. Acceitaram-na e então aquietou suas maiores preocupações com a certeza de ter agora quem neutralizasse e ao corrente a trouxesse das loucuras e disparates de Helena. Surpreendeu, depois, em Maria Isabel, aquela ternura respeitosa que os humildes guardam para quem secretamente invejam, viu-lhe admiração e reconhecimento suportarem a sorrir humilhações e tarefas pesadas para seus poucos anos; certificou-se de que, temperamento adaptável, ela adquirira mesmo certa distinção em conversar e receber, e felicitou-se pela escolha, desideratum a alcançar a bem de seus deveres e a contento duma previdência que faz as boas mães. E como ainda visse provada em Maria Isabel, certa cultura de sentimentos e predilecções de a mostrar acima de sua condição de nascimento, sossegou de vez seus escrúpulos e abandonou as duas raparigas àquele desabrochar de sentimentos e emoções que, a não ser guiado e vigiado, as entrega sem remédio a vícios de enformatura moral, herdados em tendências.

Viera Maria Isabel dum lar onde desinteligências faziam ralhos. A mãe, casada segunda vez, elegera por consorte, criatura pouco afectiva, plebeia de acções e linguagem um tanto livre. Bastas vezes Maria Isabel o ouviu falar de seu desinterêsse pela filha do primeiro matrimónio, quási uma intrusa, e foi alegremente que abraçou a sua nova situação. Dominava-a, então, Helena, com as atitudes pe-

tulantes de quem nasceu para mandar, desdenhosa como todos aqueles destinados ao predomínio que dá a riqueza, mas como lhe désse também em recompensa, mimalhices quando a via cansada, a beijasse quando a via arfar, lhe retribuisse seus carinhos, embora às vezes com brusquidades, e planeassem juntas garotices e folguedos, irmãs, em muito Maria Isabel lhe perdoava as horas em que obrigada era a cumprir sorrindo, imposições caprichosas. E pôsto que a sr.ª Baronesa, muita vez a afagava e lhe dirigia cumprimentos em palavras amigas de elogio para suas solicitudes e paciência cristã, apegava-se àquela casa um tanto pelo reconhecimento do bem-estar, muito porque, cotejando sua presente situação com a lembrança de mortificações sofridas em frases azedas do padrasto, se via mais livre e independente, mais independente e mais útil. E tudo foi bem até à hora do suïcídio do sr. Barão da Lousã, em Paris.

Neurastenizado, nervos cansados, no cérebro a obsessão da morte que a ânsia de prazeres requintados exacerba quando nada mais há para ver e sentir, às primeiras horas dum dia vinte-e-sete de Março, o sr. Barão da Lousã, ainda em trajo de gala, roseta de condecoração valiosa na lapela, estoirava o cérebro a balas do seu revólver, duas, legando à espôsa uma carta scéptica, arrepiante de visões de catacumbas, um nome que as *cocottes* e mulheres em comandita tinham fartamente decorado por necessidades de dinheiro, uma fortuna combalida e um rôr de recomendações ditadas por bôca amarga de muito sofrer e gozar, sôbre a educação de Helena a

quem, palpando a alma e tendências mórbidas, via arder em suas próprias chamas porque seu elemento natural era a tormenta.

Sempre sonolenta, a sr.ª Baronesa não atingiu a classificação, nem se demorou em raciocínios. Dentro do palácio, que perigo correria... Caprichos, excentricidades de Helena e até sua predilecção pela leitura de volumes de aventura e viagens, nada clamou a sua atenção. Cada vez mais embuída em seus hábitos de preguiça mental e culto religioso, era necessidade imperiosa sossegar depressa a consciência. Atirou crepes para os ombros e tanto esquèceu o espôso como as suas recomendações. Teria, então, Helena, uns dezassete anos magníficos, exuberantes, se não de saúde herdada, de hábitos de independência. Jàmais as côres desbotadas do rosto, os olhos saudosos, a bôca sentimentalmente suspirosa que emmurchece os lábios naquelas idades de transição. Era uma vida que transbordava impulsos de conquista, de domínio, brutalidades de fazerem prepotência. Não poucas vezes fustigava ela a gargalhadas, a feminilidade de Maria Isabel, seu todo distraído de quem a sonho aquenta a vida; muita vez a chamava para seu quarto e a sós, sem resguardo ou tibiezas, a abraçava a braços plenos, beijos furiosos na bôca, para, depois, sem palavras, a expulsar de seus aposentos... E sempre, sarcasmos a castigar-lhe a ingenuïdade.

Mudou, porém, muito, após a morte do pai. A criadagem foi até quem primeiro notou certa diferença p'ra melhor, no trato dia a dia. E como fôsse notória a admiração de Helena

pelo senhor Barão, logo tomaram tal proceder conseqüência dum quebramento de energias pelo desgôsto sofrido. Muito principalmente quando ela não mais teve para Maria Isabel, seus costumados remoques e dadivosa se fez, esbulhando-se de bons trajos em proveito da amiga. Còmodamente a sr.ª Baronesa também abundou em idêntico parecer, e tudo na aparência seguia pelo melhor quando a curiosidade solerte duma serviçal privativa de Helena, surpreendeu a altas horas duma noite em que regressava de amores serôdios, um murmúrio de palavras, beijos e suspiros. Alma escrava, logo tendeu para atraiçoar tal segrêdo e na noite seguinte, em ronda pelo corredor que abraçava os aposentos fidalgos, surpreendeu juntas, Helena e Maria Isabel. Exultou e enquanto remoía irresoluções de pesar vantagens e prejuízos de ir confidenciar tudo à sua senhora, foi narrando ao amante e companheiras, o seu nojo por aqueles amores de atentado à natureza. E o conflito, surgiu. Todas quantas revoltas contra sua sujeição até ali dominara, tentavam-na ao desfôrço de ripostar maus modos; a confiar que o mêdo do escândalo lhe garantisse o lugar, desmazelou serviços, usando da liberdade dos cúmplices. E na hora em que Helena mais àsperamente a censurou, gritou-lhe — que tivesse cuidado porque ela sabia daquelas visitas nocturnas ao quarto de Maria Isabel.

Despediram-na; não se deu por vencida, e à sr.ª Baronesa tudo foi confidenciar, embora usando da linguagem nebulosa de respeito que a presença da fidalga impunha,

ainda aos mais ousados. Não a compreenderam bem, tudo escutado em desdéns de indiferente e sem revogação à ordem dada. Abalou do solar, a praguejar torpezas e ameaças: — Pagam-me tudo; verás!, — e em tenacidade feroz, vociferando rancor, logo veio assoprar à cidade, o que surpreendera, distribuindo particularidades de concitar o escândalo. Estudantes, compuseram sátiras; perseguiam Maria Isabel e Helena em passeios, olhares significativos e palavras de fazer chasco imundo. Muito mais do que repugnância por vícios ou propósitos de morigerar costumes, o povoléu só via daquelas vidas a face próspera e bolsava desforços em sua fúria destruïdora contra quem invejava.

Inquieta, dorida em sua feminilidade, em seu pudôr, pôs-se então Maria Isabel a considerar bem em seu proceder. Tudo a agredia, a mãe a castigá-la comentando seu viver criminoso a maus modos e desdéns, a não querer escutar-lhe promessas, nem ver seus propósitos firmes de regeneração, a criadagem simulando respeito hipócrita... Bem Helena lhe oferecia dedicação de todas as horas, mimos de aquietar, conselhos de espadanar desprêzo sôbre quem as rodeava. Tudo inútil. Insofrida, sua feminilidade punha-a nervosa, inquieta, por qualquer insignificância; e uma tarde houve em que decidida, propôs a Helena separarem-se.

— Não! não! fugiremos.

A decisão tanto assustou Maria Isabel que afanosamente a fez procurar solução conciliatória. Impôs rebusca a suas aptidões e refúgios, mas não vendo outro que não fôsse a

casa do padrasto, sua alma enfêrma logo clamou de novas provações. E como Helena insistisse, insistisse sempre na fuga, entregou-se-lhe em desânimos de quem aceita o futuro sem lutas, vendido a um destino.

Aprazado o dia, Helena confiando cada vez mais na mocidade viril de sua vontade, vieram de abalada até Lisboa. Usando de precauções até em demasia para duas criaturas isoladas na família, a fuga foi fácil como fácil lhes foi a vida na cidade. Trouxera Helena dinheiro e jóias de consentir desafôgo de gastos sem necessidades de esforços, e como ainda no tribunal corresse seus trâmites processo de partilhas, tudo foi risos e gozos. Por vezes Maria Isabel tinha em olhos seus a melancolia das crises de saudosismo, mas carinho e momices de Helena, a voz a derramar deliciosos venenos de persuasão, conseguiam fasciná-la. E assim passou êsse primeiro ano de loucura comum, bôcas mudas de queixas ou arrependimentos de proceder. Só meses depois Helena começou deixando cair aqui e àlém certas apreensões por dificuldades futuras e trocou mais amiúde correspondência com o seu advogado. Ignorante, até ali, do doloroso valor do dinheiro, sobressaltou-se, inquietou-se até às vezes em demasia, só porque nunca tais cuidados tivera, e obrigou-se a restringir caprichos caros. Mesmo se alguma vez se permitiram divertimentos em necessidades criadas pelo hábito, eram os primeiros vestidos de estadão que desapareciam nas mãos sôfregas de penhoristas, ou dinheiro arrancado a agiotas. Perpassaram então, revista, a suas aptidões e habili-

dades. Educação prendada como é de uso nas casas nobres, familiar das artes de canto e música viu Helena o teatro, campo aberto a suas faculdades, ecos de qualquer grande sucesso do palco a deixarem-na a olhar embevecidamente o triunfo; ganhos avultados de actrizes de grande público, mostrando-lhe a vida teatral, vida de remediar prontamente suas dificuldades, a vaidade a segredar-lhe, ainda, do prazer usufruído do contraste entre a admiração dos homens quando êles a desejassem, e a sua repulsa pelo sexo. Despertar-lhes desejos e amarfanhá-los; tê-los presos a seu carro de triunfo e desprezá-los, era, até, prática rendosa..., — e a Maria Isabel, dizia de seus planos e certezas, risadinhas a mordiscarem vícios, e sonhos, muitos sonhos de que a vitória seria fácil. Afanosamente deu-se ao estudo freqüentando assìduamente aulas de canto e academias de dança de aperfeiçoar seus conhecimentos. Entretanto, maiores dificuldades criaram e fez-se urgente lutar. Helena procurou teatro de opereta onde debutasse; Maria Isabel, vergonhosa de sua inutilidade, aplicou seus dedos, até ali preguiçosos, no ofício de bordados, que lhe pareceu único gracioso. Mas o sonho encarniçava-se em persegui-las, fazendo mais insofridas, ambições e propósitos...

Providencialmente, breve recebeu Helena a legítima de seu pai, e refeitas de trajos e arrebiques, de gôsto deliberado, resolveram romper logo com a vida que levavam e abalar p'ra Paris, capital de conquistas e acções sem exame. E Paris devolveu Helena, meia dúzia de anos depois, artista já de certa aura,

nome já um tanto decorado, embora ainda muito longe daquele fanatismo do público que impõe artistas a empresas e a faz disputada. Era até certa dificuldade de contratos vantajosos em Paris, que a obrigava a aceitar peregrinações largas através das Américas, vida de canseiras que em muito a fatigava e aborrecia, só melhores proventos a compensarem um tanto, revoltas e rancores...

— ¿Não dizes nada, Maria Isabel?

— Recordava...

Subiam a escadaria do hotel. Lábios suspirosos, Maria Isabel afadigara-se de rosto...

— Desconheço-te. Vieste triste em todo o caminho. Dize o que tens!

Corredores a essa hora desertos, Helena trava-lhe do braço, aconchegando os corpos...

— Assaltou-me um grande desejo de ver minha mãe, de repousar uns tempos...

— Pelo interêsse que lhe mereces!, — e com volubilidade, de irónica a decidida: — Mesmo deves ver que não vivendo nós do ar, preciso regressar a Paris, logo que termine aqui o meu contrato.

— Preguntaste o que sentia, respondi. Iremos para onde quiseres. De resto, há muito me habituei a obedecer-te em tudo.

III

Foi em vestuário desmanchado, arqui-doido de pitoresco e côr, certamente copiado dum conjunto de trajos que mulheres encon-

tram em horas de seus tédios, que *mademoiselle* Helena recebeu Jorge e o director de *A Imprensa*, em seu camarim. Aquele segundo acto de «Cleópatra», deixava-lhe livre todo o tempo das últimas scenas, e ela déra-se ao prazer de assim se vestir para agrado de Maria Isabel. Mãos dadas, uma da outra muito próximo sentadas, permutavam apreensões sôbre dificuldades dum novo contrato, quando êles se anunciaram. Exuberante por temperamento, teve Helena assinalados movimentos de enfado levando Maria Isabel a ocultar-se, e brusquidades que nem conseguiu disfarçar através das primeiras palavras d'amabilidade:

— ¿Sacrificam-me êste segundo acto? Intenção?

— Preferimos vê-la quando está só. Os outros roubam-na. E como não os afaste, não nos sentimos distinguidos, — e em rubores íntimos que há muito sabia esconder sob máscara de impertinência ou ironia, Jorge ainda comenta: — Como vê, habituados a dominar, não perdoamos que não nos distinga.

— Exigente! ¿Em nome de que intimidades?

— Em nome da nossa superioridade.

Jôgo arriscado de palavras, Helena recua. Sabendo que Maria Isabel a escuta, rebusca no cérebro ironia de os confundir e não a encontra de molde a dar-lhe superioridade incontestável. Desorienta-se. Minuto dum silêncio que pesa, é o director de *A Imprensa*, quem propõe:

— ¿Leu os jornais desta manhã?

— Começam apontando-me defeitos. Alguns, porém, são qualidades em meu critério.

— Não deve assustar-se. A crítica feroz, é muita vez negócio ou arrôjo.

— Caridoso?

— Não pretendo lisonjeá-la. Até quando alguém me interessa, costumo defendê-la de mim, a gracejos. Agrada-me despertar antipatias.

— ¿Sistema que a vaidade aconselha para intrigar?

— Sistema, não! talvez vaidade porque pretendo ser tal qual sou, numa hora em que todos mentem aos outros e a si próprios.

— Arrisca-se a não ser amável.

— Ganho em personalidade.

— Da mesma forma o desconhecemos.

Diálogo que ameaça eternizar-se, Helena tem os lábios contraídos, enquanto Jorge conserva sua imperturbável serenidade. Para o aliviar do ridículo daquela situação de testemunha, o director de *A Imprensa*, usa dum sorriso de benévola complacência, meio scéptico, meio protector, pretendendo que o vejam distraído. De resto sentindo suas sensibilidades petulante, encaminharem palestra ou discussão para pontos dogmáticos de arte, preferem consentir que a entrevista decorra naturalmente, a fazer qualquer sermão de aparência encomendado e de mostrar sabença irritante e até ridícula. Mas alguém entreabre o reposteiro que ao fundo encobre a dependência do camarim, deixando ver a luzerna dum espelho, e o jornalista logo propõe:

— ¿Sua irmã?

— Ainda não a apresentei porque não lhes deve interessar... Convive apenas comigo, comigo que a defendo ferozmente.

Cai o reposteiro, lesta desaparecendo a mão que o enrugara. Jorge sorri.

— Prevenção desnecessária.

— E' que em toda a parte se põe em prática para assediar as mulheres de teatro, o estratagema do cêrco que fez outrora render pela fome, castelos e cidades...

— Mas muito mais do que outrora, há quem atraiçôe os sitiados, vendendo segredos de portas falsas, entregando chaves...

— Maria Isabel!

Grita-lhe o nome, Helena, penetrada daquela elegância moral de palavras e gestos, assinalada por êles. Mas de generosidade forçada, logo estende mãos ciùmentas, mal a vê aparecer e lhe nota cuidados recentes de trajo.

— Curiosa!, — e apertando-lhe os dedos até doer, apresenta: — Minha irmã, amizade única.

Maria Isabel curvava a sua figura flexível, e sorria o sorriso murcho dos envergonhados ou de quem a viver com o silêncio, intimidam palavras e pesa, pesa sempre, aquela certeza de insignificância que enfeuda o futuro a um fatalismo que estrangula aspirações e para sempre obriga a uma vida inferior. A Jorge agrada a voz dela e provoca:

— ¿Sabe que adivinhei o seu espírito de renúncia?

Tímida, a recear de Helena, Maria Isabel ouve mal. E à pressa, como a fugir de atracções abísmicas:

— Sim! sim!...

— Obscuramente a incitar, a encorajar sua irmã...

— Sim! sim!...

Distracção simulada, Helena retomara em

assunto, críticas de jornais, e com o jornalista entretece palestra. Jorge ainda insiste com Maria Isabel:

— A alegria do primeiro contrato...

— ¿O senhor não escreveu nunca?

E' Helena, de voz a soar arranhadiça, quem interrompe.

— Cartas de namôro. Para o público, ando há muitos anos em demanda de caso inédito, o que me tem valido parabéns e admirações.

Riso frouxo, de boa educação, e a conversa generaliza-se. O jornalista tem indiscreções sôbre a maneira de popularizar um nome, e em comentários ligeiros sôbre cada um, literatos desfilam com suas bagagens de romances, novelas e crónicas. Helena confessa-se ignorante em leituras, de muito nova afastada de Portugal, e em França lendo pouco, já mulher, porque não se abrasara nunca de ímpetos e alucinações que fazem a preferência do leitor por êste ou aquele personagem. Em pequena, ainda lhe interessaram romances de viagens e de imaginação, punhais homicidas, conclaves de bandoleiros em subterrâneos tenebrosos, piratarias de abordagens sangrentas...

— Toda uma literatura de cavar olheiras!, — comenta Jorge, a fechar assunto. — E como Maria Isabel há muito emmudecera e, alongando o olhar, tivesse a tristeza dos que não podem ou não sabem por outra forma exteriorizar emoções ou comoção, no regaço abandonando as mãos estreitas de dedos secos, de aparência ágeis, coleantes, logo êle interrogou em sorriso de estimular:

— Costuma viver muito os seus silêncios, ou observa-nos...

— E' o silêncio que aconselho. Como lhe disse, preocupa-me defendê-la!, — e Helena volta aos nervosismos que a fazem ter a frase incisiva, de enregelar ousadias.

— Assim, intriga-nos!

— ¿Empenha-se em desagradar-me?

— Penitenceio-me! fui inábil.

Do palco vem um alarido de vozes, palmas sôam...

— Aí tem o seu natural desfôrço. Terminou o acto.

Como preocupada em seus arranjos, ergue-se Helena, precipitando as despedidas. Saem os dois homens e é então que ela transmuda para colérica a expressão do rosto e toma um dos braços de Maria Isabel:

— ¿Por que apareceste? Proïbira-te...

— Chamaste...

— Obrigada pela tua curiosidade. ¿Que empenho fizeste em ouvi-los? Agradam-te?

— Tanto como os outros.

— Nunca te apròximaste de qualquer.

— Desinterêsse.

— Então hoje...

— Hoje...

Vacilava, fez pausa: — Hoje pareceu-me que te agradava qualquer dêles...

— A mim!

— Ouvi que o outro era rico...

— E pensaste logo...

— Pareceu-me diferente dos demais...; talvez fôsse aquele que procuravas...

Sorri Helena. Tendo escancarado os olhos para difundir mêdo, sem domínio de si, sem o orgulho a recalcar impaciências ou nervosismos, sorri agora do ar ingénuo, infantil de

Maria Isabel: — Tola! nem pensei nisso. De facto recordo agora que o outro disse da riqueza do amigo... Mas...

Fica-se a pensar alheada, longe...

... e no dia seguinte, quando, ao almôço, intimidade mais apertada pela agitação que as rodeava, vozear alacre de casa de jantar de hotel, ela fitava os olhos de Maria Isabel, ainda recordou o caso:

— Ontem à noite fui duma brutalidade... Certamente me perdoaste... Estava mal-humorada..., indisposta...

— Já esquèci.

— Admiti que te agradassem... Que êsse sr. Jorge de Melo é de uma impertinência que talvez irrite... Se não fôra o jornalista...

— Receias...

— Tu não vês como êles são... Todos, todos... Se os recebesse menos amàvelmente, vingavam-se. São assim os homens.

Vozear mais alto, as palavras entendem-se a custo. Helena cala-se, para insistir depois com sorrisos maldosos:

— Verás! Qualquer noite aparece no camarim a dizer que me ama. Para me deslumbrar, fala-me da sua fortuna; para me convencer, jura que casará comigo... E então acabam-se as nossas preocupações. Não mais necessitaremos de empenhar jóias, nunca mais os teus sustos pelo futuro quando me faltam contratos... Conquistaremos a vida a que temos direito, independentes e livres de empresários... agiotas. Verás, verás!

Curvara Maria Isabel a cabeça, furtando--se a exames. Não fôra apenas na noite anterior, que tivera curiosidade de conhecer Jorge, agradando-lhe suas prontas respostas. Vinha seu comêço de interêsse desde a hora em que escutara a sua apresentação. Por sua voz, pressentira-o votado à tarefa de dominar; previdência da sensibilidade, nem precisara vê-lo para lhe sentir a desenvoltura especial dos entes que em todos os ambientes, marcam o seu lugar. Mal estranhara que houvesse alguém que para Helena tivesse ironias quando todos os que a visitavam reproduziam apenas galanteios e homenagens, o sentido genésico depurado por sua vida de sujeição, vira em Jorge o homem que a sorrir impõe sua vontade. Agradara-lhe, depois, sua figura e até seus gestos vagos de quem acaricia, embora mui longe estivesse de qualquer sentimento amorável. Fôra mesmo Helena quem a fizera considerar mais demoradamente em seu proceder. E agora maguava sua sensibilidade doentia, a voz dela de sons por vezes agudos, ásperos, falsetes, desigualdades quando fazia a palavra lenta. . .

— Uma grande fortuna, um belo nome. . . Predicados máximos. . .

Insistia Helena para provocar qualquer frase de Maria Isabel. Apaixonada ainda da beleza física e fresca inocência da amante, de suas infantilidades e caprichos, como de suas apreensões e melancolias, mas de natural desconfiada, em seus amores feitos de receios, o ciúme vinha sempre pôr exasperações, mal surpreendia qualquer acção de provocar suspeitas. Nessa manhã fôsse porque benigni-

dade de seu trato levasse Maria Isabel a não reservar pensamentos, fôsse porque conceito de vida formado por mortificações e sobressaltos, curiosa a fizesse por ávida de tranqüilidade, falou ela de Jorge em preguntas inquietas, o que parecia provar existência de intenções ou segrêdo muito de considerar. E logo Helena resolvera simular confiança.

— ¿Que te parece o casamento?

— ¿Com êle?, — e a frase, lançada de chofre em tom de surprêsa, desorientou Helena, avolumando suspeitas.

— Sim!

— Parece-me loucura. E' inteligente, àmanhã pode desconfiar... E' o escândalo...

— Não mintas!... Gostarás dêle...

— Será o que quiseres..., — e a encolher os ombros, sua pontinha de desdém, Maria Isabel distraía a vista.

Helena concentra mais e mais a voz. Não tendo nunca sabido ver bem que a vida de sujeição de Maria Isabel, criara nela um tal amolecimento de vontade que a entregava sem remédio a quem a dominasse, era ela quem avolumava suas desconfianças e as pretendia justificar exagerando, deturpando, interpretando mal as palavras e sensações da amante. E ainda pela sala a esfusiarem aqui e àlém risadinhas de comentar quaisquer historietas libertinas, a sentir-se o pêso dos olhares de quem a sós com seu tédio procura distrair sua solidão examinando os outros, a irritar quem nervoso esteja um falazar feminino em tons agudos de regular acontecimentos ou sentenciar sôbre maneiras ou proceder, suspeita-se de que sejamos nós os alvejados,

e o ambiente indispõe, enerva. Helena reincide:

— Vou talvez afastá-los. Mesmo porque assim, saberei o que querem.

— Farás o que quiseres.

— Sempre a mesma resposta.

— ¿Quererás que me confesse apaixonada?!...

— Veremos... Veremos!, — e como Maria Isabel se mostre despreocupada, sorrindo até sorrisos de pôr petulância em seus lábios, palavras em gorgeios, ela ficou-se vibrando o despeito de não ter conseguido superioridade sôbre aquela criaturinha de nervos débeis, que ficara entre a infância e a adolescência, como se aguardasse ainda alguém que lhe quebrasse o encantamento e a fizesse viver a vida agitada das dôres e prazeres que envelhecem, mas a única de pôr no passado o sêlo vermelho das grandes recordações.

O cartaz marcou para essa noite, «As desencantadas», scenas da vida nipónica. Opinião unânime que *mademoiselle* Helena interpretara graciosamente sua personagem de sonho, atingindo aquele grau de superior beleza que desperta e desenvolve emoções estéticas, declaram-se também agradados o director de *A Imprensa* e Jorge quando, em seu camarim, a artista pretende conhecer suas impressões e os interroga em preguntas primeiras de encetar diálogo, de tanto são postas com um ar de hábito de mostrar logo muito outras preocupações. Diálogo a esmorecer, notam-no ime-

diatamente os dois homens, mas preferem calar sua curiosidade a debicar preguntas, convencidos ambos de que interrogando, se não fôssem importunos, seriam iludidos por qualquer desculpa ditada pelo interêsse que Helena poderia ter em abafar seus cuidados. De resto a peça servia-lhes magnífico ensejo de discorrer conhecimentos sôbre povos doutras civilizações, e o Oriente ofereceu-lhes assunto vasto. Choca-os, porém, os monossílabos sem calor de Helena, e o jornalista vê preferível propôr:

— Fatigâmo-la. Helena está preocupada, e interessa-nos poupá-la. Até àmanhã.

— Não, não!... — vacilava; e num tom de quem venceu últimas relutâncias, dirigindo-se a Jorge: — E' que começam murmurando das suas visitas, da sua assiduïdade, e da minha preferência em recebê-los...

— Apenas? O palco ensina a desprezar...

— Irritam-me.

— E vai pedir-me que não a visite, apesar do pudôr que tenho pôsto nas nossas relações.

— Até murmuram que nos encontramos lá fora.

— ¿E quantos filhos nos dão?, — e rugas da impertinência da vontade apròximando sobrancelhas, Jorge sorri desdém. E logo, erguendo-se em despedida: — Perdôe-me tê-la prejudicado.

— Não! escute!, — e Helena vacilava. Sùbitamente uma quebra de vontade pelo contraste da atitude de Jorge e pelo receio cobarde de qualquer prejuízo, amolentava seus propósitos. E, ainda, uma sensação de ridículo...

— Está decidido! vou admirá-la... de longe. E garanto-lhe que não irei engrossar as fileiras daqueles que a caluniam. ¿Está satisfeita?

— Nem queria tanto, — diz, despeitada.

— Generosidade de momento. Depois, arrepender-se-ia, lutando com dificuldades de voltar ao mesmo caso. E' melhor assim!, — e escolhendo o seu melhor sorriso, Jorge curvava-se em reverência. Observa que o amigo se não demora, e sai. E enquanto o espera, ouve Helena pedir-lhe:

— Demova-o. Fui talvez brusca em demasia.

— Impossível! Estimo-o tanto que lhe respeito as atitudes.

Reverenciando por sua vez Helena, sai também. E ela fica vibrando raiva surda. Necessidade de conflito que lhe traga pronto alívio, vai logo a Maria Isabel:

— Como vês, não posso suportar suspeitas. Agora saberei o que êles querem. ¿Achas que fiz bem?

— Fizeste a tua vontade.

Entretanto, o jornalista observava a Jorge:

— Terminou o romance em que fôste protagonista e me distribuiste, sem prévia consulta, êsse inglório e ingrato papel de comparsa.

— Talvez comece agora.

— Intenção?

— O despeito, esta sensação de derrota que não suporto e um pouco a suspeita de que seja rêde lançada para me apanhar, conhecido o meu interêsse. Repara num pormenor. Só de mim falam, quando ambos a visitámos com a mesma assiduïdade. A não ser que re-

ceie de ti pelo que vale o teu jornal, parece-me história. Pensarei.

—¿Casamento em perspectiva, teorias de celibato arrasadas?

— Nunca fiz da minha solidão, dogma de vida mais própria para alimentar as fontes de ternura que são meu único tesouro e capital precioso, porque os negócios secam. Apenas sempre pretendi vender-me caro.

— Caso grave! quási um discurso! Repara que te defendes quando eu interroguei ingènuamente...

— Tudo catalogado como convém a um homem ponderado, a minha triste reputação, mas a quem só apetece fazer loucuras porque apenas o imprevisto tem beleza inédita, primeiro, se o meu estado fôr grave, alarmante, uma viagem de muitos dias, se conservar a minha lucidez, então talvez o casamento. ¿Estás satisfeito? Fui igual, inteiriço, como vocês pretendem?, — e Jorge sorria, mantinha seu sorriso irónico.

—¿Na primeira hipótese?

— Na primeira hipótese, iremos a Marrocos... Perigos de guerra, sobressaltos constantes, uma reportagem interessante... Admitido o casamento, correrás menos perigos porque serás apenas meu padrinho. ¿O que preferes?

—¿O casamento...? Calo a minha preferência. Receio desgostar-te.

— Entendido! agrada-te mais a viagem. Veremos se posso ser amável.

Não querendo mostrar nunca falta de confiança em si próprio, qualquer atitude que vissem tocada por despeito ou abatimento, nem durante o resto do espectáculo, nem a horas de cear, Jorge quebrou a sua aparência vitoriosa de sempre, confiança de criar e desenvolver à sua volta atmosfera de triunfo tão querida de hábitos e necessidade psicológica, para trocar com o amigo quaisquer frases sôbre o incidente. Parece mesmo tê-lo esquècido. Como em todas as outras noites, tem a palavra natural, a mesma despreocupação de gesto e frases de mostrar liberdade de espírito. E' só depois de ter deixado o jornalista, combinado o encontro para o dia seguinte, que êle carrega o rosto com o pêso das intenções de análise de quem escolhe procedimento a seguir.

Não estudara nunca de onde provinha o prazer de suas relações com Helena. Agradava-lhe a convivência, prosseguia-a, não tendo por hábito defender-se do encanto que pudesse receber duma mulher. Mesmo porque da confiança em suas qualidades de luta e domínio, resultava seu velho sistema de conscientemente se despreocupar de qualquer problema, não fôsse antecipadamente criar cuidados, ou, planeando caminho a seguir, o acaso não viesse derrubar cálculos prematuros infligindo-lhe a sensação nítida de derrota, sem haver lutado. Mas agora que o conflito estava pôsto, urgia encará-lo. Abandonar quem lhe agradava, era causa forte p'ra revolta impotente de quem se curva a um inimigo invisível que espolia e rouba a-coberto de qualquer impunidade sobrenatural; não conhecer bem as intenções de Helena, não sendo êle quem

abandonara o que deixara de agradar-lhe, causava em seu ânimo, intolerável sensação de desbarato sem ofensiva. Não era o despeito, vaidade ofendida, que exigia desfôrço, era a necessidade imperiosa de se ver superior, governando situações, prestigiando sempre a confiança em si próprio. Convivendo pouco para que o egoísmo torpe dos outros, asfixiar não pudesse suas qualidades de luta; isolando-se muito para que não o aprisionasse a multidão que faz derrotas colectivas pela cobardia do maior número, de boa-mente não perdoava que as relações que escolhia lhe fugissem por vontade alheia. Admirando Helena, porque auscultara seu temperamento varonil e suas múltiplas qualidades de artista, beleza e aristocracia de espírito a superiorizarem-na, magoava-o aquela súbita reviravolta, e pruridos de desfôrço exigiam-lhe conflito pronto de desvendar intenções, embora de finalidade no rompimento. Fala, porém, alto sua amorabilidade, cativa do encanto dela, a procurar defendê-la propondo existirem quaisquer mistérios de vida íntima, e êle vacila em acusá-la, alimentando indecisões: — ¿ Receios de maledicência, rêde lançada para me apanhar?..., — e a sós consigo, enerva-se, suportando mal aquela sensação de dúvida.

— ¿ Abandoná-la já; tentar trazê-la até mim e abandoná-la depois?...

Impossibilidade de proceder, cachôa dentro de si tal plenitude de vida provocando saúde, hábitos de trabalho e domínio, que regressa a casa mal disposto, irritado. Espera-o um criado já velho de o servir, como velho já era em tempos de servir o pai de Jorge.

Prendera-se à casa por celibato forçado, traição de amores que o fez desprezar mulheres, para se apegar mais ao lar alheio. Alugando a existência a um tanto por mês, o hábito fez cama à profissão; de tanto viver, esquèceu factos, para receber apenas do passado certa sensação de mêdo. E por tal forma, que sua vida de outrora não é a dêle. Só começou vivendo quando Jorge nasceu.

— Veio tarde, meu senhor...

Sua voz, sendo de interêsse, sôa áspera, matraqueadas as palavras. Alto, as costas curvadas, diminuem-lhe a estatura, o corpo, de tanto o mirrar, esburgou ossatura. Diz a mesma frase há bons anos, aguardando sempre inquieto a chegada de Jorge. O mundo é inferno, a convivência um perigo, e êle receia...

— Veio tarde...

— Esquèci a tua idade.

— ¿E não se vai deitar? Eu vi! São duas horas!

— Vai tu descansar. Acende luzes...

— An?

— Sim! acende luzes!

— ¿Espera alguém, meu senhor?, — e em seus olhos há espanto, nos lábios um sorriso lívido de contrafeito, a descambar em nojo...

— Espero uma mulher! ¿Que te parece?

Sem atinar com palavras de resposta, o velho curva-se ainda mais de espinha, envelhece mais...

— Sossega! E' que as sombras fazem-me mal. Boa-noite.

— Boa-noite, meu senhor.

Cumpre o velho aquela ordem e a casa res-

plandece de luzes. Estacado à entrada de seu gabinete de trabalho, alonga Jorge o olhar, e pelas portas abertas doutros aposentos, umas em frente das outras o que faz corredor, vai êle demorando-se a afagar gostoso, quadros e tapetes, móveis e objectos queridos de suas preferências e hábitos de confôrto. Mobilados, adornados todos em propósitos de arte, cada um em seu estilo para que a uniformidade não fatigue, uma salita alentejana paredes-meias a uma sala de fumo de jeito oriental, — jarras da India sôbre peanhas, panos a cobrirem paredes, montes de almofadas de trama delicadíssima a segredarem volúpia, gases tenuíssimas a vedarem a entrada, — uma sala de música, e, em quadra última, a casa de jantar, tanto todas elas em conjunto, cantam alegria, ressumbram beleza, que uma duradoura sensação de bem-estar, junto ao silêncio, é de molde a apaziguar paixões ruins ou gestos irados. No gabinete de Jorge, a luz sorri bênçãos, derrama suavidades; segredam confôrto aqueles *maples* duma tonalidade de ouro velho, fazem ambiente estantes baixas repletas de livros amigos, e pinturas de escola nova, forte de colorido e intenções. Sôbre a mesa de trabalho, um mármore alto, nudez triunfante de mulher, carne de mocidade confirmada em seu estado virginal pelos seios erectos. Cantam poemas de carícias misteriosas, seus lábios a um tempo insaciáveis de pecado e soluçantes de pureza; todo o seu corpo arde em volúpia, veias entumescidas, soerguido o ventre. Jorge põe os olhos na estatueta, demora-os, e fica-se a pensar... Criações de cérebro de febre, bailam ante êle cor-

pos nus; segredam pérfidos prazeres, bôcas invisíveis... E êle invoca, sonha...

Toda aquela casa fôra por êle transformada. Legara-lhe o pai, razoável fortuna em dinheiro amontoado, mais ganho em operações de bôlsa, propósito de enriquecer depressa e sem esfôrço, do que por seu afinco em desenvolver umas oficinas metalúrgicas que vinham sendo transferidas de avós para netos. Sem qualidades de persistência, mais tendendo para tarefas de emocionar que para trabalho forte e útil, eram, até, para êss'homem, estôrvo de molestar suas inclinações. Conservá-las, porém, era brio de família, e êle logo fez tenção firme de entregar ao filho, a sua direcção técnica, mandando que cursasse na Bélgica, especialidades de engenharia, e seguindo-lhe vigilante classificações, predicando a devoção do estudo e virtudes que haveria acomodando-se Jorge a todas as exigências da profissão. Aguardou-lhe impacientemente o regresso, mas viu seus planos contrariados. Vivera Jorge lá fora a vida agitada das grandes cidades; dando-se a viagens de instruir, na Alemanha estudara a organização das grandes fundições, e mal o pai lhe disse de seus planos, logo o fizeram sorrir os velhos maquinismos, o ar provisório, infantil de tudo aquilo. Habituado a uma certa independência de proceder, de tanto experimentado de vontade quanto muitos de seus estudos por via de explicações seu bôlso particular custeara sem pedir aumentos de mesada, teve desembaraços de crítica e lutou para que fortes capitais ao seu dispôr colocassem. O velho, apavorado, negou-se a auxiliá-lo, gritando ter cumpri-

do o seu dever e clamando que preferia tudo a sujeitar-se a perder seus bens, conquistados a trabalho e audácia. — Caminhemos devagar! — era a sua frase sempre mastigada num rosnar de quem endeusando o ouro, muito teme sujeitar-se a prejuízos. E sentenciava, que em Portugal todas as iniciativas vão por terra.

Incapaz de se adaptar àquela existência, preferiu Jorge talhar sua vida, e foi dirigir as minas de ferro de Moncorvo, entre terras do Sabôr e Douro. Esperando convencê-lo, nas primeiras cartas ainda o pai se lamentou daquele desamor, solicitando-lhe o regresso; depois, quando o viu altivo, desanimou; por último, clamava-lhe da ingratidão em frases de fazer sentença. — Como hei-de censurar os estranhos pelo seu egoísmo, quando o meu filho é o primeiro a deixar sem recompensa os meus sacrifícios! — Jorge contesta a lamúria com o dever insofismável de se dar futuro de valia a quem fazemos nascer, mas tais raciocínios enfurecem, então, o velho, que o diz rebelde, agitando seu passado de obediência a seus maiores. Relações esfriam, muito tempo corre sem um do outro directamente saberem. E' quando lhe dizem de doença grave do pai, perigos de vida, que Jorge regressa a Lisboa sem tardança e por cá fica, amparando-lhe a idiotice. Uma congestão abalara o cérebro e definhava o corpo do velho. Agonia prolongada, obriga-se Jorge a dirigir-lhe a fábrica, apesar de seus desdéns por aquele brinquedo de criança. Aproveita, porém, o tempo a estudar-lhe a transformação e quando o pai morre, logo de posse da herança, êle

põe todo o seu dinheiro ao serviço de seus planos e faz triunfar sua vontade. Alarga instalações, monta novas oficinas, todo um bairro vermelho vive, arqueja, grita. O exemplo da Rússia e necessidades de justiça, levam-no a fazer representar os operários em conselho de administração, para que sejam os primeiros a não exagerar seus lucros e sintam bem as dificuldades da indústria; seus exemplos de trabalho, moralizam. Inflexível quando vê necessidades de castigar desmazelos, mas sempre pronto a premiar esforços, apregôam-lhe todos o proceder e uns aos outros se ensinam; conhecido é seu desprêzo pelo dinheiro, porquanto lucros fortes são logo absorvidos pela ânsia de inovar. Um bairro operário já fez vila em redor da fábrica, cresce o monstro...

A viver a vida íntegra da personalidade, sua existência fora da profissão é também assinalada pelo mesmo critério orientador. Assim como após a morte do pai, transformara a fábrica, assim metamorfoseou a residência, adornando-a de tudo o que faz ambiente intelectual. Magnífica preparação artística feita em exposições das mais arrojadas em Paris e Berlim, soube escolher telas; dado a leituras de instruir mais do que entreter, soube escolher livros. Esse culto a devorar-lhe vinténs de sobra de seus proventos, aquisições constantes levavam aquelas amizades pesadas para a bôlsa a clamar invejosas, porém sorridentes:

—¿Por que não enriquece você duma vez para sempre? Faria da sua casa, museu.

— Não! quero alimentar sempre esta minha febre. A riqueza embrutece. Sem um vintém, jogo às escondidas.

— Pela sua casa, não se conhece a sua profissão.

— E' necessário buscar energias nos contrastes. Para que uma vida não fatigue, precisamos renová-la. Não quero obsessionar-me.

E outros:

— Você arruína-se.

— Lutar é magnífico. Recomeçaria.

— Escolha profissão menos contingente.

— Banqueiro? Não quero negociar com os homens... nem depois de mortos. Prefiro continuar arrancando à terra o que preciso para meu sustento.

— Vida de canseiras.

— Maior é o meu orgulho.

Se não era um intelectual, é porque qualidades de imaginação lhe não déra o nascimento, sensibilidade repartida por diferentes paixões; se não era um misantropo, é porque a sua robustez, mais tendia para a luta do que para o estudo, obrigando-o a uma sociabilidade de fazer válvula a suas preocupações. Saúde de corpo, reclusão entre livros, o trabalho em religião máxima, difícil era vencerem-no paixões ruins. Até mesmo nessa noite de pensar em Helena, conversando consigo, êle conservava o domínio de si mesmo, assistindo por tal forma superior ao desenvolvimento de suas preferências, que punha sempre raciocínios entre os devaneios bosquejados e os domínios da fantasia. Meia hora para ali esteve absorto, ensimesmado. Quando ia proceder aos arranjos do deitar, atra-

vessava êle a saleta alentejana, o criado sai-lhe ao encontro:

— ¿Está melhor, meu senhor?

— Ainda a pé! Desobedeceste!

— Pois se está doente...

— Doente!, — e Jorge sorria de vontade: — Nunca tive tanta saúde. Simplesmente como não haja dois minutos iguais na vida, é preciso saboreá-los a todos.

— Não o entendo, meu senhor.

Encaram-se por um instante, o velho de pálpebras a baterem, Jorge a sorrir ainda. E bruscamente:

— ¿Que te parece se eu trouxer uma mulher para aqui?

Não se espanta o velho, antes tem a resposta pronta:

— Mulheres, má peste! Que eu tenho pensado muito!... Estou velho e ¿quando morrer, quem há-de cuidar de si?

— O casamento...

— Não pense noutra coisa, meu senhor... ¿Que diriam todos? Eu mesmo sei que as outras, essas tais..., só pensam em arruïnar e enganar-nos...

— A tua ignorância é evangelho. Jesus aprendendo com San-João Baptista...

IV

— Deixa-me! deixa-me!

— Quero beijar-te.

— Não conseguirás...

Interrompem-se; batem à porta, pancadas tímidas. Primeiro impulso de Helena é recusar-se a receber qualquer, e não responde. Mas de fora insistem, e ela admitindo conhecida sua estada ali, obriga-se a gritar, mal-humorada:

— Entre!

E' um porteiro do hotel. Vem dizer-lhe que o sr. Jorge de Melo a procura...

— ¿Afirmaste que estávamos?

— Disse que vinha ver.

— Então vai dizer-lhe que saímos!, — mas enquanto o criado as reverencia, Helena emenda a ordem: — Espera! Manda entrar. Reconsiderara porque sabendo da correcção de Jorge, logo admite que a visita tenha sua justificação em qualquer acontecimento de vulto que a ambos interesse. Vai da salita para o quarto com Maria Isabel, a recomendar-lhe muito que não deve ter curiosidades, e sabe da entrada de Jorge quando ouve o porteiro significar obsequioso, sinal de gorgeta larga — que as senhoras não se demoravam... — Prepara a frase como em teatro, a porta por bastidores de palco, e desfecha, mal aparece:

— E' uma grande surprêsa.

Vestira-se Helena de escuro, vestido apertado de garganta, friorento. Estudada moleza de gestos, estende mãos de dedos desarticulados.

— Calculara dessa impressão; confirmou-a a demora do porteiro. Aposto que vacilou em receber-me.

— Adivinha?

— Dou-me muito a estudar as acções dos

outros. Pode resultar inútil, mas é meu úni co desporto.

— Foi a surprêsa...

— Não precisa defender-se. De resto, não me surpreendeu. E' instintivo que a sua renalutância em receber-me deve ter origem naquela mesma impressão que a levou a pôr obstáculos na minha visita ao seu camarim.

— Apenas lhe disse de murmurações...

— Acabaria por afastar-me. E' preferível, pois, ir ao encontro de sentimentos. Poupa-nos a sensação de derrota porque somos nós quem abandonamos.

— Vem, então, despedir-se.

— Ainda não! Como me interessa, não a perderei sem luta.

— E são intenções suas...

— Conquistá-la.

Sorri Helena, sorriso irónico, de ferir...

— Não perde tempo, nem agora perde palavras. ¿Homem de negócios em tudo?

— Ainda não chegou o momento de castigar.

Fitam-se, olhares firmes. Silêncio... Helena é a primeira a deixar cair, prolongando sílabas:

— Emprêsa difícil.

— Não me atemorizam dificuldades.

— ¿E conta?

— Com o seu egoísmo.

— Sim! já me disseram que o senhor é um bom partido!, — e o sorriso reaparece, acentua-se, fere mais... — Claro! mulher de teatro, pensou logo que me sinto tentada para amancebamentos ruïdosos...

— O casamento tem mais probabilidades.

Havendo de acreditá-lo por suas falas claras, surpreende Helena a proposta. Convivendo muito, de amor lhe tinham sempre falado homens que, afectando paixões fortes, sempre se desmentiam quando ousava de tomar decisões para ela propícias. O casamento por fiança de conquista nunca lhe fôra oferecido, e a comoção de quem ausculta generosidades, fá-la demorar sua resposta. Um momento, um momento apenas porque logo readquire seu cálculo:

— ¿Alguma vez notou preferências?...

— O meu afastamento.

— Já murmuravam...

— E' inferior quem é tardio em desprezar.

— Soube sempre defender-me.

— Então sentiu a minha ascendência.

— Irritam-me êsses seus ares proféticos. ¿E se eu lhe disser que não me interessa?...

— O meu orgulho não acredita, porque a minha preferência aos trinta anos há-de lisonjeá-la.

— Sim! em teoria, está mais ou menos certo.

— Confirmá-lo-hei na prática.

— ¿Nesse xadrez complicado contou com a minha vontade?

— De-certo! Eu jogo quási sem partido... Declaro-lhe, porém, que a vitória tanto lhe queremos mais quanto maior esfôrço nos custou. A Natureza ensina que tudo quanto tem uma gestação demorada, mais tempo vive. Esperarei

— Prepara o desengano, a derrota.

— A derrota é sempre a vitória silenciosa dos fortes porque lhes dá energias novas.

— Amando-me?..., — e maldosa: — ¿Por que não quere que fiquemos bons amigos?

— O meu orgulho pode vencer as minhas paixões; limitá-las nunca!

— Então esqueça...

— Confessando-lhe que a Helena em muito me agrada, não quero abandoná-la sem luta. Nota-o muito claramente quando lhe proponho que seja minha mulher. Tudo aconselhando o roubo porque a consciência da posse entédia, ¿não seria mais natural que fôssemos amantes?

— Quere, então, que lhe responda...

— O que sentir. Mas não agora. Preadivinho que a irritação que a possue, a aconselharia mal. Deixe, pois, fazer o egoísmo.

— Aconselha o que, para a maioria, seria sentimento de desprezar!

— Vejo-o preferível à sua vaidade de mulher, ou à sua piedade. Escolheria piór. A vaidade exorbitar-lhe-ia merecimentos; a piedade, ante o receio de me causar dôres, desarmá-la-ia, colocando-a à disposição de quem, como eu, sabe vencer. No seu caso, serve melhor o egoísmo. Conquistá-la-hei. Interessam-me as dificuldades. Regra geral, o casamento faz-se depois de extintos os desejos de posse. Procedamos ao contrário. Amemo-nos depois. E' mais duradouro. Quero ainda confessar-lhe que o meu interêsse em possuí-la também é vaidade e egoísmo. Egoísmo porque a Helena provocará a inveja dos meus amigos; vaidade porque será tão minha quanto hei-de saber amá-la com a solicitude dum amante que pensa sempre em engrandecer a mulher que conquistou. Como vê, não es-

tou sossegado: provoco as minhas qualidades. Também lhe prometo que fugirei a dar-lhe conselhos. Nos conselhos há sempre censuras e um ar de prègador reles que nos faz ridículos. Quando muito, ensiná-la-hei a proceder, mostrando-lhe as minhas acções. Nos meus desejos há-de sempre encontrar admiração e agradecimentos calorosos; hei-de ser o arauto que proclamará os seus encantos, ensinando-lhe tudo quanto os maridos costumam ocultar, para que as suas íntimas, naquelas horas de confidências que o tédio abre em clareira, não lhe mostrem os seus amantes como entes únicos que as fazem esquècer a vida...

— Um capítulo inteiro sôbre felicidade conjugal.

— A que havemos de juntar muitos comentários.

— ¿Continua convencido de que serei sua mulher?

— Estou de há muito habituado a triunfar.

— Posso dizer-lhe já...

— Até àmanhã!

Interrompendo, teve Jorge, na voz, entonações de quem ordena. Mas logo, a fazer contraste, esquisita melancolia de olhos doentes de submissão veio dar-lhe ao rosto beatitude amorável. Dobrado de cinta, ainda repetiu:
— Até àmanhã.

Varada por aquele aprumo, desorientada pela vacuïdade de sentir que a surprêsa faz, indecisões tolheram Helena. Sem qualidades para análises à personalidade, passando dum nervosismo de fazer conflito, ao espanto da-

quela brusca despedida, a maneira altiva do tratar de Jorge, a ascendência aparente de que usara, a sua revoada de raciocínios, levavam-na a sentir-se compreendida, adivinhada em seus recessos de alma e sensibilidade, e toda a refranger-se, a aceitar a vontade dêle. A espectativa que faz o mal-estar de quando nos sentimos sob qualquer ameaça e não a vemos alastrar a provocar-nos, tolheu-a. E tanto, que foi depois da saída de Jorge e quando Maria Isabel entrou na salita, que pôde dizer em desfôrço:

— Estúpido! Estúpido!, — e em voz alvoroçada: — Ouviste? quere casar comigo! comigo, que os desprezo a todos!, — e alevantando-se nela a ânsia masoquista de domínio que resultava da luta havida entre sensações de inferioridade e sua masculinidade, a êsse tempo ainda mais ferida pela presença de Maria Isabel, desabafou aos solavancos:

— Quis dominar-me! vê a tolice!, — e comentário sempre batido, para convencer: — São assim os homens. Em contraste com a minha delicadeza porque não quis responder-lhe, só teve brutalidades de linguagem. Acreditou-me talvez igual às suas amantes. Se ouvisses...

— Talvez feitio. Nunca me pareceu grosseiro.

— Ainda não lidaste de perto com êle...

— Tudo isso passa. Pouco nos demoramos aqui, e uma vez em Paris, esqueces.

— Lá, são outros... Apenas não me tens visto perseguida; ninguém ainda me falara como êle me falou...

— Talvez porque veio propôr-te casamen-

to. Interesseiros como tu os dizes, não é de admirar que os irrite não te poderem conquistar... por outra forma...

— Péssima ocasião para gracejos! De resto, tu sabe-los interesseiros.

— Nunca precisei tratar com êles... Tens sabido defender-me sempre...

— E continuarei a defender-te...

Arremedos de proceder varonil que cuidados guarda só para si e sorri, cala-se Helena, mas carregando a fronte pelo avincar da testa. Muito tempo está sem palavras, imobilidade também de corpo. Por fim, responde a si própria, talvez necessidade de se ouvir:

— E pensar que é rico...; e pensar que não vivemos a vida a que temos direito!...

Regressaram de seu passeio da tarde, muito ocupado em falarem de Jorge, e agora em seu quarto, Helena quási estendera o corpo na *chaise-longue* mole, preguiçosa, indolências de mais levarem pensamentos para domínios da fantasia, do que para resoluções de queimar fôrças por muito meditadas. Mas a presença de Maria Isabel, obrigava-a a reagir. Enamorada eterna do encanto da amante, mulher eleita, carne de vigorosa graça, perfil de linhas soberbas, posturas dum terno encanto de virgem, de tanta contemplação se enchiam seus olhos que necessidades neuróticas de domínio, o conflito em manifestação fisiológica mais solerte, levavam-na a enervamentos, a irritações, a inconstabilidades de trato que faziam prova à sua impotência em con-

jurar todas as situações. Nessa hora, Maria Isabel fitava-a, serena de rosto, calma de quem já está para àlém das admirações incondicionais, e ante aquela espectativa a que era urgente servir resolução inteligente de marcar proceder único, indispunha Helena não ter a preferência pronta. Não mais receber Jorge, era a decisão mais querida de seus hábitos de independência; mas perderia assim ocasião magnífica, talvez única, de trazer benefícios máximos a sua vida sentimental. O teatro fôra sempre para ela arrimo de governar vida, profissão mais fácil para seus dotes e educação. Abandoná-la, pouco lhe custava, tão difíceis eram quaisquer pequenas vitórias, contratos de render pouco, de tempos a tempos assoberbando-a de necessidades. Casada, furtava Maria Isabel ao contacto de camarins de a trazer inquieta; horas todas a seu lado, preservá-la-ia de tentações. E ainda. . .

— Eu despedia-o, — começou desfiando porque o silencio mais a enervava: — despedia-o. Só receio daquelas nossas lutas em Paris. ¿Quantos meses ficarei agora sem contrato? Recomeçariam as privações, a peregrinação através dos teatros, dias e dias de espectativa, — e de sensações e sentimentos para àlém da vontade: — Depois a minha luta em afastar os imbecis de galanteio fácil, e aqueles que te cobiçam. . .

— Nunca lhes dei ouvidos.

— Mas um dia. . .

— Estou couraçada pelas tuas palavras.

— Então afastamo-lo, queres?, — e por momentos longe de seus cuidados, deslumbrada,

a recolher sorrisos de Maria Isabel, que via cariciosos: — Dificuldades, havemos de vencê-las! Eu hei-de vir a ser rica...

— Farás sempre a tua vontade.

A frase caíu gelada, de quebrar entusiasmos, apenas submissão, mas Helena sentiu-a carinhosa, de prometer ventura eterna, e foi cobrir de beijos as faces de Maria Isabel, a dizer-lhe com inflexões da maior ternura — que muito feliz era em se ver assim adorada. — E de melhor oportunidade nada encontrou do que recordar seus tempos de infância: — Ainda quando crianças...

E muito tempo assim falou. Pobre de imaginação, o passado era recurso de sempre para entretecer palestra e aquentar sua vaidade de se ver forte de acções. Tudo lhe servia, desde a fuga para Lisboa, à vida difícil de Paris. Maria Isabel deixa-a discorrer sem comentários, embora por sua vez a magoassem, referências de ferir os seus: — Tua mãe castigava-te, mas viciosa, vê como casou segunda vez.

— Falemos de nós!, — foi frase única de Maria Isabel.

Helena, porém, reincide e vieram vidas: perseguições duns, propostas de compra, doutros: uma noite paga em dólars, cheque à vista, transacção de quem cobiçando outrem, pouco tempo quere gastar em côrte assídua. E por último aquele senhor engenheiro...

— E' verdade! ainda não decidimos!

Nervos aquietados por aqueles desabafos de a mostrarem superior a interêsses ou transigências sentimentais, a espadanar desprêzo para sôbre as paixões torpes dos homens,

toda ela sorria aninhada junto de Maria Isabel. Em voz graciosa, de bom-humor, propunha:

— Este é menos grosseiro e da mesma forma rico, parece.

— Inteligente, havia de perceber.

— Parva! mais difícil é disfarçar agora. Casada, ninguém desconfiaria. ¿Julgas que não tenho pensado? Eu bem sei que suportá-lo havia de ser doloroso, mas hoje a vida não é para mim menos custosa. Para quem se viu rica, as dificuldades moem. Tu não sofres tanto porque tiveste outro nascimento, foste sempre pobre. Acredita! seria cómodo até para os meus ciúmes. Nunca mais aquela convivência com homens, sobressaltos, suspeitas de que te possa agradar qualquer... E havia de poupar dinheiro...

— Continua, — murmura pacientemente Maria Isabel, obrigada pela pausa do falar e pelo fitar de Helena, interrogando.

— Sim! havia de poupar para nós, havia de arrancar concessões. E quando tivéssemos amealhado com que viver alguns meses, tal vida de inferno lhe havia de dar, que o obrigaria ao divórcio. E então, livre de vez, com uma pensão de nos garantir vida desafogada até à morte de minha mãe...

— ¿Tu farias isso?..., — interrompe Maria Isabel, que, primeiro ferida em seu orgulho, se confrange agora por aquele discorrer velhaco em voz de cumplicidades. — Talvez não seja assim fácil dominá-lo!

— Quando um homem casa com uma mulher como eu, é porque está apaixonado. Iludi-lo é fácil.

— Falas como se os conhecesses bem a todos...

— O teatro ensina, filha! Não te tenho eu contado... Depois, são maus!

— Mas também tu não vais proceder a bem da tua consciência.

Frase para que não havia defesa, surpreende Helena o arrôjo. Não quere, porém, dar-se por vencida, e dilatando suas preocupações pelo futuro, vai desfiando seu direito a uma vida de bem-estar. — No teatro, quando fôsse mais idosa, os trinta anos passados, ainda mais rareariam os contratos. E não esqueças! não esqueças que vou dar vida de felicidade a quem me ama...

Sorria, a voz mordaz, muito próxima do cinismo.

— Então...

— Estou quási resolvida; o partido é bom... Recorda, filha! recorda as nossas dificuldades. Envelheço, e àmanhã, emmurchecida de formas, não poderei bailar; voz cansada, não poderei cantar. A fortuna de minha mãe é problemática e estou cansada de lutas. Este, não é como os outros, não é só para uma noite. Tenho tempo de o arruïnar. Depois, se o ouvisses... ¿Por que há-de ser êle mais forte do que eu?

... e a decisão, breve veio. Quando, na tarde seguinte, Jorge a procurou, ela, simulando o pudôr de olhos baixos que muito bem disfarça a falsidade com o enleio, foi dizendo — que vacilara tanto nessas horas, tanto!

que jurava não mais pensar... Conversemos. Preciso confiar-lhe um segrêdo, alguma coisa do meu passado...

—¿Por que não há-de guardá-lo? O seu passado porque feito longe de mim, pertence-lhe inteiramente.

— Quero que o conheça.

Acreditando em culpas de amor, Jorge sentiu ferida sua ingenuïdade e certos planos que concertara, mas sua elegância, lutando com amor-próprio e curiosidade, ainda propôs:

—¿Não será preferível deixar dormir os espectros? Não criemos dôres. Se é segrêdo de qualquer culpa o que pretende confiar-me, responsabilize o acaso que não nos apròximou mais cêdo...

— O Jorge conhece um pouco a minha vida; sabe que fugi aos meus, mas ignora que a Maria Isabel não é minha irmã. E' o que quero confessar-lhe. Muito amigas desde pequenas, fugimos ambas, e eu nunca mais me separei dela, de quem sou único amparo. Teríamos, pois, de viver as duas...

— Em sabendo que a minha família são aqueles que me agradam...

—¿Viverá connosco?

— De-certo!

—¿Sem quaisquer constrangimentos?

— Conhece-me mal.

— Obrigada.

—¿E' tudo?

— Sim! tudo! não tenho mais segredos!

Nesse momento, sincera, exultava. Seu egoísmo vira de tão bom govêrno êsse casamento, que temera de fortes contrariedades quando pretendesse conservar Maria Isabel

a seu lado. Fita Jorge, pela vez primeira agradecida, mas como os olhos dêle persigam os seus e o silêncio, ora guardado, tenha uma austeridade de pezar, logo se ergue para trazer Maria Isabel. E ela vem pálida, mais alta porque cingida de busto por vestes negras, enleio de atitudes de quem deu abrigo a ideias sombrias. Helena não lhe dá tempo a arriscar quaisquer palavras.

— Sabes! vais viver connosco! — e para Jorge, justificando: — Tínhamos confidenciado certos receios...

— Minha casa é demasiado sombria. Verá como fica lá bem a sua mocidade.

— Vou ser um estôrvo por mais que queira ser útil.

— Temos a certeza do contrário.

— ¿Como hei-de agradecer-lhe?

— Desterrando a ideia de que me deve agradecimentos.

— De-certo!

Fica-se Helena abanando a cabeça, gasta de emoção. Jorge, porque agradecimentos vindos de doentes de orgulho chocam sua sensibilidade, volta à infância de Helena, e sabe-lhe o nome de família; evocada em seu asceptismo, passa mui perto a figura da fidalga-mãe em sua indiferença só feita de pezares e vida de agonia de quem se abandona, abandonado... — Até eu! até eu fugi!, — alambica Helena, um instante comovida.

— Vai ter agora ensejo de reatar relações. E hão-de agradecer-lhe o que fez por Maria Isabel.

— Não é verdade que foi muito...

— Resgatado pela dedicação.

— Sim! Ela tem sido muito minha amiga.
— E sê-lo-há sempre, ainda que consigamos que um príncipe a despose.
— Não sou ambiciosa.
— A Maria Isabel prefere ficar solteira!, — e como na sua voz haja nervosismos, Helena emenda: — Falemos de si. ¿Vai visitar-me esta noite? E' a última récita, a minha festa artística.
— Tentarei.
— ¿Não promete?
— Consinto que os outros persigam alguém que destingui, mas como agora não possa lutar contra êles porque Helena há-de de falar-lhes e sorrir, talvez prefira ausentar-me.
— Não receberei ninguém.
— Não prometa o que sabe não poder cumprir.
As frases continuam a desagradar a Helena pela justeza da observação e modo altivo de dizer. Mais uma vez, porém, se obriga a disfarçar seu despeito, sorrindo, para logo propôr em armadilha:
— E' verdade! Nem falámos disso. O Jorge há-de querer que eu deixe o teatro.
— Se não fôr grande o sacrifício...
— O quê! ¿não se importava? Pois eu pensei em abandoná-lo.
— Obrigado! porque me adivinhou.
Espaçadas as sílabas, as palavras resultam ardorosas. Jorge sai. Atirando-se sôbre a *chaise-longue,* cansada de mentir, Helena desabafa:
— Não posso mais!
— Desiste.
— E' rico!

— Receio tanto...

— Apressarei o casamento. Depois, tudo irá bem. Eu hei-de saber enganá-lo, verás!, — e como nunca, ela sente que a sua vitória, mais dependeria da astúcia do que da fôrça. Como as vidas se alimentam das vidas, só a hipocrisia triunfa porque desarma...: — Tu verás! tu verás!

Porque é preciso grandeza de espírito para confessar intimidades de nos relegarem a justas proporções, fez Helena a sua festa artística, sem nomear, até mesmo a Maria Isabel, que a realizava a pedido da emprêsa do teatro. Querendo arrecadar melhores receitas, que nunca para favorecer vocações, vira nela o empresário a actriz de seu elenco de mais público em Lisboa, e a exploração por via do sentimento patriótico, mais uma vez atingia seus fins naquela noite de teatro a abarrotar e piór espectáculo. Repertório esgotado porque não repetiam peças ou bailados, conseguiram-no organizar cerzindo números soltos, convidando artistas doutros palcos e obrigando Helena a exaustivo trabalho e fracas recompensas moral e material. Percentagem mínima a cobrar, se não fôra o vício herdado de gastar sem parcimonia, e o prazer de deslumbrar Maria Isabel, que em tudo via homenagens, Helena teria recusado a combinação agiota. Forçada, era, porém, a resistir a tantos dias sem ganhos, quantos ainda mediassem até ao casamento, e o sacrifício diminuia por aquela e estoutra circunstâncias. Esquè-

ceu, até, a expoliação a seus interêsses quando iam a caminho do teatro, primeira noite de aplausos quási apenas para ela a trazerem-na contente de si e vaidosa por Maria Isabel.

— ¿ O Jorge aparecerá ?

— Verás que aparece, apesar de quasi garantir o contrário. Há-de querer mostrar-se ufano da minha conquista.

— Talvez não.

— ¿ O que sabes tu do mundo ? Vaidoso, tomará ares de quem me protege, de quem diz que há-de possuir-me...

Como sempre que o acaso serve pretexto, Helena atafulha os ouvidos de Maria Isabel de pareceres e exemplos do proceder mau e hipócrita dos homens, inimigo cruel principalmente para a mulher, na maioria dos casos fraca e sem defesa. Desinterêsse não o conheciam ou simulava-o a ambição para salto de tigre; modéstia, a máscara dum orgulho que pacientemente aguarda ocasião de desfôrço; virtude, farçada do vício quando se oculta.

Mói, remói, volta ao princípio. Não tem mesmo outro discorrer até à entrada em seu camarim. Porta fechada, batem ligeiramente.

— Ana!

Para furtar Maria Isabel a qualquer contacto imprevisto, tomara novamente Helena, costureira de confiança da emprêsa do teatro, pessoa idosa e discreta. Surprêsa a espera. O camarim resplandecia, atafulhado de flôres, algumas raras, exóticas outras, e todas dispostas de forma a transformarem o quartozito em *boudoir* elegante de cortesã educada em lugares de superior beleza e arranjos. Tapetes vermelhos cobrem o chão; panos de sêda

de gôsto bisantino cobrem as paredes, manchas do vermelho e do amarelo a predominarem, e mostrando em tecido delicadíssimo e desenho curioso, hércules dominando leões, cavalos alados de expressão cómica, grifos sorridentes...

— Proïbira-te...

— Não tive a culpa. Quando vim estava tudo pronto...

— ¿Não encontraste aqui ninguém?

— Encontrei um senhor que me disse ser...

— Deixa-me! vai-te! não quero! não preciso nada!

Refervendo de cólera, os olhos fuzilam, os dedos enclavinham-se. Nunca Jorge lhe desagradara tanto porque nunca êle tivera acções presenciadas por Maria Isabel, de atestarem elegância de espírito equivalente a suas frases e proceder. Quedara-se Maria Isabel à porta do camarim, encantada e sorridente, no rosto o luaceiro de quem vira espectáculo de em muito a enternecer, e ela vai sacudi-la, gestos irados, quasi gritando:

— ¿Ficarás eternamente de bôca aberta?

— Repara em como aquelas rosas brancas ficam bem junto das orquídeas...

— ¿Não te calarás?

— ¿Desagradou-te, o Jorge?

— ¿Pois tu não vês que isto parece câmara fúnebre? Repara em como tudo está disposto sem beleza.

Juntando à frase, ira própria, amarfanha em seus dedos, pétalas de côres desmaiadas a liquifazerem-se em branco de lágrimas, de rosas doentes de nostalgia; tombam outras,

saudosas de seu lugar; vão ser desfolhadas flôres de cactus de irisações de diamantes...

— Essas não, Helena...

— Pieguices! ¿Queres que fique, como tu, babada de admiração?

— Não vejo que haja motivo para cóleras...

— Pois tu não calculas, parva! que êle fez tudo isto para receber de mim, elogios e sorrisos... ¿Sabes tu o que êles são, mas todos, todos?

E desabafou. Sua experiência da vida, apostava em como êle, ao primeiro intervalo, viria recolher os agradecimentos devidos a sua prodigalidade e representaria bem a comédia da modéstia, reflectida em sorrisos comprometidos. Fazendo alarde de riqueza, diria seu capricho insignificante; seu amor em desculpa, disfarçaria a vaidade com o fervor de lhe prestar homenagem sentida. E ela teria de receber a mentira, sorrindo; sabendo da verdade de seus sentimentos, teria de estorcegar a necessidade fortemente sentida de lhe dizer claramente da hipocrisia de seu procedimento.

— Dize da verdade do que sentes...

— Ora vê se guardas também os teus conselhos, — e após silêncio de quem reflecte: — ¿Sabes o que queria dêle? dinheiro!

— Não devias casar, Helena!

— Ele é mais estúpido do que os outros. De resto já te disse que tenho passado demasiadas privações. Estou farta desta vida de vagabunda. Quero gastar! gastar como todos os que tiveram o meu nascimento. ¿Ele pretende deitar dinheiro pela janela fora? pois não

podia escolher melhor!, — e perpassando olhares pelo camarim:

— Flôres! Tolo a querer mostrar-se munificente!

— ¿Mas tu não gostas de flôres?

— Dêle, prefiro dinheiro. Dava-me a impressão que lhe fazia mal, que o arruïnava. E ficava contente! Parvo...

Mais aliviada, começou desapertando abafos e não mais tiveram tempo para quaisquer palavras íntimas. O contra-regra veio cumprimentá-la, colegas vieram aquentá-la de elogios, como se desconhecessem a combinação da emprêsa, comentada entre êles a golpes de ironia, uns notando o arranjo do camarim, outros vindo dizer-lhe apenas de admiração e grandes desejos de completo triunfo, — as mais categorizadas e por isso mais invejosas e ferozes na crítica, sorrindo e palrando de forma a considerarem justa a homenagem, como faziam prova fotografias de dedicatórias gentis de a proclamarem talentosa, e que todas elas traziam em lembrança de amizade e boa camaradagem. Como o tempo escasseava, mesmo recebendo-as, se deu Helena a seus arranjos e por tal forma que o espectáculo começou à hora marcada, sala cheia dum público que queria ver-se respeitado em compromissos. Primeiras palmas, logo à sua entrada, intimidaram-na pela novidade e imprevisto da sensação; ergue os olhos para o camarote de Jorge...

Vazio, era bocarra escancarada, guela aberta de fundo negro, mui negro. Afirmou-se melhor, prendeu mesmo um segundo os olhos para distinguir... Acenderam-se as luzes da

sala para que todos vissem do entusiasmo do público, e então ela descortinou sôbre o vermelho sangüíneo do parapeito do camarote, a mancha branca duma luva abandonada. Compreende que Jorge ali estivera e mui propositadamente quisera significar que sua ausência não poderia ser nunca confundida com desinterêsse. Enerva-a admitir que êle não apareça a confirmar suas palavras, e logo tenção formou de ocultar de Maria Isabel o pormenor. Mas a curiosidade de colegas tinham-no notado também, e foi a amante quem a interrogou, logo que regressou ao camarim.

— ¿O camarote que está vazio, é o de Jorge?

— ¿Quem t'o disse?

— Calculei.

— Estúpido! A casa cheia e o camarote sem ninguém, o que irá dizer-se! E depois, a pretensão da luva abandonada!...

— ¿Mas não desprezas tu o que dizem?

— Mas a luva! a luva, chama certamente a atenção, — e sempre pronta para desvirtuar intenções:

— Comprou, mesmo, o melhor camarote só para me fazer favor!

— ¿Mas não tem sido sempre o mesmo?

— Conservou-o só para que o vissem desinteressado e sem amor pelo dinheiro. Calcula, filha! calcula! até a sua ausência foi propositada: só para despertar interêsse.

Inicia-se a ronda das admirações, e Maria Isabel esconde-se na dependência do camarim que era refúgio para os ciúmes de Helena. Ia pensativa pelas acções de Jorge de agradarem a seu espírito romântico, e sente avolumar-se

a figura dêle, mais e melhor marcada por aquela elegância de proceder e grande cunho de vontade que surpreendera já na primeira visita de Jorge a Helena, e, em dias decorridos, tudo concorrera para confirmar. Convivendo apenas com a amante, embora testemunha fôsse, principalmente em viagens, de ciumeiras ridículas entre mulheres e pressentisse perversidades sem grandeza e muita vez escutasse alardes de vícios, convencida estava, pelos comentários de Helena, que mais inferior e miserável era a vida ao lado do Homem. Curiosidades tinham-na obrigado a abrir olhos à cumplicidade de que umas para as outras usavam p'ra conseguir prendas rendosas de quem as admirava, mas sugestionada por Helena via os homens viciosos sem beleza, perseguindo-as sem a preocupação da escolha e moralmente tão acomodados às circunstâncias que os acreditava reprodução fiel daqueles actores com quem convivia e de quem conhecia indiferença por cada vez que a amante, a quem pareciam querer com veemência, se entregava a aventuras de render quantias avultadas ou dádivas principescas. Jorge contrariava essas regras, e ela ficava-se rememorando factos de cotejar seus convencimentos com o falar e proceder dêle; Jorge colocava em tudo quanto dêle vinha, marca tão pessoal e inconfundível que ela vacilava, indecisa, entre acreditar em plano velhaco de o mostrar diferente do que era, convencimento de Helena, a aceitá-lo sem reservas, de natural generoso e nobre. Ensimesmada, nem a seus ouvidos chegavam comentários e ditos de admiradores de Helena: gastava-se em ra-

ciocínios de alimentar as mesmas indecisões. Se um instante tendia para o abonar leal, logo os venenos de persuasão do falar e discorrer de Helena a levavam a reconsiderar e duvidar; se inclinada estava para o acreditar hipócrita, logo as acções dêle a desmentiam...

— Maria Isabel! Maria Isabel!

Ouve que Helena a reclama, mas não entende...

— Maria Isabel, ¿não ouviste?

— ¿Ele veio?

— ¿Quem? o Jorge? pensavas nêle?

— Julguei que viesses dizer-me...

— Livre-me Deus de suspeitar que êle te interessa!

— ¿Dou-te razão para ciúmes?

— Não! mas a tua curiosidade...

— Tão natural quanto é certo que êle te irritou. Ferem-me quando te magôam.

A voz, não sendo da verdade de seu sentir, tem o calor da mentira que teimamos em observar aceita. E logo, para convencer:

— Se não aparecer, fez tudo astuciosamente.

— Concordas? mas talvez apareça para nos acompanhar ao hotel. Há-de querer mostrar-se.

Para castigar, sorri; de agrado sempre pronto para Maria Isabel, rodeia-lhe a cintura em abraço pleno. Ajudando a amante a vestir-se e enfeitar-se, troca ainda Maria Isabel comentários de se mostrar também incrédula do desinterêsse de Jorge, convencimento de que êle virá ainda colhêr agradecimentos. P'ra corresponder à tagarelice, pouco usada de Maria Isabel, solta Helena a imaginação

e também discorre e comenta. Jorge parece empenhar-se, porém, em desmentidos de quem adivinha do que possa calcular-se de suas acções, porque nem em intervalos posteriores, nem a fins de espectáculo aparece. E' já no hotel, quando para seus quartos subiam, que o chefe-de-mesa as previne:

— *Mademoiselle*, alguém a espera na sala de visitas...

— Obrigado!

Não tem mais curiosidades porque antecipadamente sabe quem a aguarda. Num momento tudo esquece para olhar Maria Isabel com os olhos de quem vê confirmadas suspeitas e razões:

— Não calculava do arrôjo. Verás o que lhe digo.

Assim como transformado fôra o camarim de Helena, por mãos de artista familiar da Beleza, assim aquela salita de visitas banal, de paredes lisas e brancas, transformada fôra em *boudoir* requintado de adornos. Mais flôres, tapete de camélias mui alvas cobrindo o chão; mais perfumes. A luz é velada, luz sem violências, sem estridências de côr, luz imaterial duma hora que o dia ou o crepúsculo não criaram ainda. E' luz transição para a sombra, vermelho de sangue anémico, coloração de tons esbatidos. Mesa posta, pratas rebrilham; em pequenos vasos de cristal, há frutos e mil guloseimas de tentar apetites saciados...

— Jorge!

Entrara Helena e aquela surprêsa mais iria fazer violentas as palavras que retinha em lábios seus: — Jorge!

Silêncio. Maria Isabel entreabre os lábios

num sorriso. Mais uma vez, Jorge iludia a espectativa de Helena, demonstrando, por essa última acção, ausência discreta. Assinalando solicitude, parecia querer fugir a agradecimentos de estabelecer a suspeita de que pudesse esperar qualquer recompensa. Era carinho de aparência tímido, necessidade de estabelecer ambiente de elegância de espírito à sua volta, sem palavras ou acções que pudessem atraiçoar seus propósitos. Começa a senti-lo Helena, mas muito mais Maria Isabel, a quem submissão por quem manda, gasta em anos de obediência, desenvolveu a certeza de que é preciso recompensar quem oferece. Di-lo, sem exame a palavras ou conveniências.

— Decididamente, foge-nos, — e alegre, a mesa a tentá-la pelo arranjo, a luz a fazer o ambiente morno, íntimo: — ¿O que fazemos a tanta guloseima?

— Vamos cear!, — e ainda a vibrar despeito, mas presa a pregunta de Maria Isabel: — Foi até magnífico não o encontrarmos... Parece ter adivinhado o nosso grande desejo de ficarmos a sós...

Cerram a porta; combinam elas próprias servirem-se. Debicam, mordem frutos; torcidas pelos dedos de Helena, saltam rôlhas de *champagne* caro. Tomaram o centro da mesa, juntas, braços a prenderem cinturas, e não perdem ensejo de usarem as mil momices dos enamorados quando se dão ao jôgo piegas de repartirem guloseimas colhendo-as dos lábios uma da outra. Bebendo em demasia para cérebros fracos, breve se fazem loquazes:

— Se êle adivinhasse...; se êle soubesse

como é ridículo...—e Helena ri, riso perverso de comentar seus próprios vícios:—Nem de propósito! Até parece sermão encomendado.

—Julgas?,—e a voz de Maria Isabel era aquentada a sobressalto.

—Parva! êle pode lá suspeitar! Mas não deixa de ter graça haver realizado, por forma tão completa, o scenário para as nossas carícias. E ainda não acabaram as surpresas, verás! Quando nos recolhermos, lá estará, sôbre a mesita de cabeceira, o infalível colar de pérolas de todos os enamorados...

—Gentileza?

—Parvoíce. Quando sentem que não os amamos, pretendem comprar-nos a dádivas.

Escutada pela atenção reverente de Maria Isabel, mais uma vez se gastou em deduções, mas também uma vez mais afastada do pensar e sentir de Jorge, deduziu mal. Quando em seu quarto, curiosa, procurou rebuscar presente valioso, nada encontrou de assinalar arrôjo ou continuar a solicitude que Jorge viera naquela noite gradualmente demonstrando. A ceia em manifestação última, parecia interessá-lo apenas semear imprevisto e gozar do espanto alheio. Fugindo de manifestações usadas, dir-se-ia querer vencer e convencer Helena pelo seu espírito de rebelde e ousado, mostrando-se superior a vaidades comuns de quem conquista actrizes para que seu nome seja apregoado em bastidores e salões mundanos, e muito menos disposto está a suportar exame e comentários infalíveis de quando se constróem lares com mulheres disputadas e conhecidas. Não visitando o camarim de Helena, não autorizava falá-

cias invejosas de constranger e indispôr; não a esperando no hotel, longe estava de fornecer suspeitas de culpas ou intimidades de confissão difícil. Mas precisamente porque tal proceder não era humano no desinterêsse, predispunha mal, irritava...

Cumplicidades pagas preveniram Jorge da chegada de Helena ao teatro, e êle fugira; soubera da sua chegada ao hotel e ausentara-se. Pendor de espírito, havendo de forçá-la a aceitar nessa noite suas prendas e benefícios, vira melhor provocar nela aquele interêsse feminino que muitas mais vezes se rende a uma influência gentil do que a bôlsa farta e aberta, e impusera discreção a seus desejos de enamorado; arquitectara e dissimulara suas fortes curiosidades. Realizando Helena seu ideal físico, educação e beleza de trazerem felicidade a uma vida falhada sexualmente de interêsse, ambicionava Jorge possuí-la, mas não lhe perdoava de boa-mente ver-se obrigado ao casamento por vontade dela. Qualidades de orgulho da personalidade de quem a vida regeu pelo bem conjecturando a verdade que havia detrás das acções de Helena, se o celibato para êle não era dogma estúpido de horizontes estreitos, magoava-o saber que não iria livremente até ao lar, mas por imposição de Helena, vinda de seus cálculos e desconfianças. E de si próprio sorria e recordava que muita vez pensara no casamento mas sempre predissera que a apaixonar-se, confiadamente escolheria fórmula de vida pela rendição abso-

luta da mulher... O desmentido viera formal, e êle, acostumado a vencer, via suas qualidades aceitarem agora vencidas, a posse de Helena, quando pretendia tê-la sem compromissos antecipadamente postos, entrega feita a sua generosidade, da vida e corpo dela dádiva insofismável e não venda a combinações sociais. Se Helena, a seu lado, tivesse família a quem desgostassem amancebamentos, aceitaria o casamento sem quaisquer pruridos porquanto a lutas inglórias se poupava; podendo ela dispôr de sua vida, ofendia-o que o o confundisse com aqueles homens que desonram e fogem. Não enjeitando responsabilidades vindas e sobrevindas a seu proceder, feria-o a imposição de regras fixas de regerem igualmente todos os indivíduos. Por isso muito pensara, horas vivendo em minutos. Fechando-lhe o camarim, Helena espicaçara suas preferências sentimentais; não lhe conhecendo ninguém transigências que brigassem com honestidade ciosamente guardada, era mistério tentador aquela virgindade.

Embate de sentimentos, a resolução era difícil, e se mais tendia para o rompimento quando o orgulho falava alto, também sua ternura por ela aconselhava a persistência, segredando que muito bem poderia acontecer que, um dia, por acções dêle deslumbrada, Helena se entregasse sem cálculo. Sua amante, o casamento seria depois presente nupcial. Podia mesmo seguir-se à posse, que intactas ficavam perante êle, princípios morais e qualidades de orgulho.

— O senhor Jorge de Melo.

— Seis horas! fez-se esperar.

— ¿Agradecimento, galanteio, despeito? Que sentimento guarda?
— Talvez vontade de ralhar...
— Generosa, desarma, inutilizando a defesa firme que estudei para justificar todas as minhas acções de ontem.
— Desesperou-me!
— Quero-lhe muito.
— Pareceu-me recado estudado.
— Perdões para a insignificância da minha imaginação.
— Pretencioso até na sua ausência...
— ¿Por que não acredita na minha timidez de enamorado?
P'ra contestar, rebusca Helena sentença de molde a feri-lo. Fita, porém, Maria Isabel; vê em olhos dela curiosidade, e logo retrocede, suspeitosa de que o falar de Jorge agrade à amante pela espontaneidade. Vai mostrar-se rendida a gentilezas e favores, forma única de obrigar Jorge àquele jôgo de palavras de ternura de que poderia, depois, extrair ridículos, e emenda:
— Tanto o acredito quanto é certo ter lisonjeado a minha vaidade.
— ¿Quando devo acreditá-la?
— Ainda ontem, quando o esperei em todas as horas no meu camarim, avaliei da minha ternura...
— ¿A que distância está da sinceridade?
— Penitencio-me, — e para fazer lógica a transigência, arranjo de voz de quem procura recurso: — ¿Quere o Jorge ver as fotografias que me ofereceram?!
— ¿Pretende acordar os meus ciúmes?
Sorri Helena, sorriso de lábios emmurche-

cidos, e logo se ergueu para não oferecer razão para recusa teimosa. Sai. Pouco depois reclama a presença de Maria Isabel.

— Não encontro a fotografia da Cecil... Ajuda-me.

Fizera-a desaparecer por detrás dum móvel, e prevenindo Maria Isabel do seu desejo de que muito tempo gastasse a procurá-la, vem dizê-la a de maior interêsse.

— Desagradava-me que nos ouvissem...,— e olhos alevantados para Jorge, e a enchê-los de enleamento:— O Jorge magoou-me e só atribue a sua dureza à presença de Maria Isabel.

Ele fita-a fundo e demora, demora muito seu olhar. Adivinhara-o Helena um tanto ou quanto. Se êle não a acreditara em tudo, também em muito acordava seu espírito de análise, a presença de terceiro. Frases de ternura, tinha-as êle sempre prontas para Helena, mas necessário se tornava, para que ditas fôssem, ambiente e ocasião propícias.

— ¿Não é verdade que todas as suas acções de ontem mostram o seu amor por mim? Ansiei tanta vez que me fôsse dizer da sua ternura...,— e o fitar de Jorge ia intimidando-a. Olhos de sondarem a verdade, era exame...

— Sim! Quero-lhe muito.

— ¿Não é verdade? não é verdade?

Voz alegre, vinda da sensação de seu triunfo, era como aplausos quentes de espectadores dominados, a confissão de Jorge; valia como resgate do enervamento de se ver batida em suas mentiras. Insistiu:

— Nunca acreditei que pudesse gostar de alguém...

— ... mas começa agora a admitir que venha a estimar-me. Probabilidade longínqua, bem entendido...

— ¿Por que há-de destruir o encanto desta hora?

— Porque a Helena nunca me ofereceu ensejo de observar a sua ternura.

— Se temos andado tão afastados... O teatro roubava-me.

— ¿As nossas tardes?

— Poucas; pouquíssimas.

— ¿E agora?

— Mas certamente iremos fazer outra vida! Agora quero vê-lo a todas as horas. Virá buscar-nos; há-de mostrar-me como o sol morre junto do mar; há-de ensinar-me a interpretar a païsagem...

— ¿Mãos dadas, olhos fitos nos olhos, bôcas próximas?

Vacila Helena em responder. Arriscara-se por caminho difícil e revolta-se contra a sua imprudência porque tão longe não quisera ir. Jorge insiste:

— Toda a païsagem tem a alma dos nossos sentimentos. ¿Não vê ridículo o entusiasmo de quem a frio a observe e comente?

— Quere então dizer...

— Que há-de interessá-la crepúsculos e païsagem quando eu próprio lhe interessar. Todas as minhas palavras serão reduzidas de beleza e entusiasmo enquanto Helena as escutar como narrativa...

— Já lhe quero muito!

— Não tanto como eu pretendo que me queira.

— ¿Por que não exige de mim qualquer prova?

Proclama-o em voz ardorosa. A recear de que Jorge, porque a não via dominada por desejos de paixão, demore o casamento até acreditá-la vencida, freme de rancor contra presunção e vaidades dêle. Adiar o casamento, era não só a dificuldades materiais sujeitá-la, como derrotar sua própria vontade com sentimentos em luta aberta:

— Exija.

— ¿Seria capaz de se entregar a mim?

Olhava-a firme, como para não perder o mais insignificante de seus gestos ou impressões que o rosto exteriorizasse. Acendem-se as faces dela, olhos rebrilham iluminados por chama intensa: — Eu!...

— ¿Vê, Helena, quanto a mentira nos embaraça?!

— Mas eu quero-lhe muito... Eu quero-lhe..., — e não podendo suportar mais seus nervosismos:

— Maria Isabel! Maria Isabel!

— ¿Que queres?

— ¿Encontraste a fotografia da Cecil?, — e porque Maria Isabel a fitava, olhos imóveis, sem compreender: — E' a tal coisa! Aposto que levaste todo o tempo a escutar o que dizíamos!

Vinham encontrando-se, agora, em todas as horas que as ocupações de Jorge deixavam

livres, gastando restos de tardes em passeios largos, ocupando noites em teatros de melhores espectáculos, e muita vez resolvendo fazerem suas refeições em restaurantes com mais e melhor fama de galantes, espectáculos variados de quem procura aliviar tédio e desocupação, usando prazeres de entreter e deleitar. Entrevistas porém sempre presenciadas por Maria Isabel, nunca qualquer dêles tinha ido àlém dos apertos de mãos de mais demoradas despedidas, e de beijos furtivos para que Helena era a primeira a estender os lábios. Parecendo recordar sempre qualquer desaire sofrido, Jorge era mesmo o primeiro a recordar conveniências, se notava nos beijos de Helena um fervor de carícia: — Recorde a Maria Isabel...

A miúde gracejava. Espírito todo dado à análise, dir-se-ia disposto a castigar Helena, mal surpreendia mentira nas atitudes dela, desmentidos da loucura amorosa que ela dizia sentir, quer anotando gestos e olhares de retraïmento, distracções, fugas de atenção, brusquidades, quer sublinhando as frases que ela fizera de efeito para esconder falsidades. — Hás-de amar-me, ainda, com a loucura que dizes!, — ria êle muita vez, riso sarcástico de quem confia em si. Era mesmo raro que, beijando-lhe a mão, êle não procurasse ou não tivesse qualquer dito de mordacidade contundente, embora tanto quanto possível gracioso para índole de sobrecenho. E como ainda não mostrasse desejos de apressar seu casamento, muita vez deixava Helena desesperada e inquieta, seu procedimento a intrigá-la tanto quanto desnorteava, anseando quebrar seu

compromisso e a reconhecer aquela ocasião quási única de realizar sonhos muita vez sonhados de vida desafogada e feliz, trejurando dizer a Jorge de seu sentir, e, quando a seu lado estava, a cobardia de suas conveniências e uma sensação de austeridade vinda das atitudes e falar dêle, selando seus lábios, intimidando suas tenções. Sem a previdência que dá a feminilidade, não podia ver que ironias ditas por êle, também a êle o feriam, porque provinham de constrangimentos; não preadivinhava que temperamento de não muito vulgar sensibilidade, qualquer pormenor ferindo-o, até porque a aconselhara ao egoísmo e ora a sentia calculista, fora de seu domínio, só a vibrar forte nos instantes em que falava de uma vida de camaradagem ao lado de Maria Isabel, a gratidão que ela mostrava não era sentimento de o aquentar. A revolta a crescer em Helena porque cada dia dispunha de menos paciência e vontade, era caminharem para o rompimento definitivo, se qualquer dêles não provocasse explicação de trazer bases para entendimento *leal*. Claramente põe Helena o problema a seus interêsses, aguardando Jorge, e instruindo Maria Isabel a bem pretextar e mostrar enxaqueca de a abater no leito, consentindo, assim, a entrevista necessária a bem de suas periclitantes conveniências, naquela antecâmara de portas fechadas, não vá qualquer ruído de palavras mais altas, sobressaltar ou enervar a enfêrma...

— Sinto-o outro, Jorge!, sinto que já não me quere. ¿O que lhe fiz eu?

— Já prèguei que não a amo com o amor piegas dos velhos...

— ¿Se já não me quere, por que não mo diz?

— A Helena lisonjeia todas as minhas preferências sentimentais.

— ¿Então donde provém a sua frieza?

— Do exame às suas acções.

— ¿Quem lhe diz que não se engana?

— O meu orgulho.

— O seu piór aliado.

— A minha maior qualidade.

— ¿Zomba de mim, agora que me conquistou?

— Estou ainda tão longe da vitória completa... Conquistá-la seria encantá-la de maneira a só viver com os meus nervos; ter apenas os meus desejos.

Nas palavras dêle, sentem-se vontade e desejos, ardor de quem procura difundir seus sentimentos alevantando noutrem, por contágio, sensações em tudo idênticas a suas sensações.

— ¿Não confia mais em mim do que em nenhum outro?

— O que eu tenho ouvido de promessas...

— ¿Então por que não confia em si própria? Os homens costumam defender de todos, os bens que possuem. Saiba entregar-se...

— E se soubesse como eu anseio essa hora fecunda... Hoje mesmo, eu serei sua... Irei onde quiser.

Tarde de sol em agonia, silêncio à volta, as palavras teem os ritmos sagrados dum juramento solene; sente-se que qualquer coisa de definitivo, se veio instalar ali, pondo em suspenso as existências. A voz de Jorge é lenta,

como de propósito feita para não espargir sombras:

— Quero-a depois do casamento. ¿Não compreenderá a Helena que a entrega tem de ser espontânea: dois desejos que se encontram por impulso proprio e livre? Eu queria que me adivinhasse, sem que me dissesse de suas tenções. Para que a vida se possua de beleza é preciso colocarmo-nos acima da própria vida. Em amor, apenas o imprevisto tem beleza. ¿Por que me disse de suas tenções, Helena? por que me disse de suas tenções?

Mal Jorge se ausenta, desabafa Helena seu rancor, dizendo à amante dos propósitos dêle de conquista e posse, e clamando logo contra o brutal egoísmo dos homens: — Sim! êle não teve rebuço em dizer-me! Exigiu!, exigiu que eu fosse dêle antes do casamento. ¿Percebes o ardil? Possue-me e abandona-me. Canalhas, todos.

— Pareceu-me ouvir...

— Escutaste? Proïbira-te.

— Falaram alto...

— Juro-te que mentiu, fingindo-se desinteressado. Disfarce! mentira!

Sempre a recear de que Maria Isabel veja em Jorge atitudes elegantes, muito tempo gasta a comentar pormenores, desfiando o falar e proceder dêle. Argumento de convencer, brada que, a existirem nêle deliberações firmes de união legal, há muito teria combinado tratarem com urgência de certidões e papelada que

as leis e a igreja exigem. — E pensar que não podemos continuar assim nesta espectativa...

— Ele certamente desconhece as nossas dificuldades.

— Mas deve pensar que o dinheiro não nos cai do céu.

E falou mais; vieram números; em sua cólera esquècеu reservas de que sempre usara para esconder realidades mais cruas: — A continuarmos assim, hão-de escassear os nossos recursos... A não ser que apresse o casamento ou defina situações...

Já mais aliviada, calava-se para pensar. E viu, viu então que necessário se tornava e cada vez mais urgente, oferecer a Jorge qualquer prova convincente de amor e generosidade. A recusa dêle nessa tarde, era certamente orgulho de manter-se intransigente com seus desejos, talvez inabilidade dela em oferecer-se. Mesmo a continuarem assim, ela cada vez a suportá-lo com menos facilidade, e êle cada vez a teimar mais em seus planos, conflito irredutível acabaria por surgir, afastando-os definitivamente.

— Vou telefonar.

— ¿Para o Jorge?

— ¿A quem havia de ser?

Desabrida, de mal consigo própria de tanto se ver vencida por seus interêsses, quási foge do quarto, batendo a porta com ruído. Por lá se demora algum tempo, muito para a ansiedade de Maria Isabel, que procurava adivinhar as palavras e promessas que certamente êles estariam permutando...

— ¿Então? Então?

— Não me preguntes nada! Todos! todos o mesmo.

Vem mais agitada, mais irritada e nervosa. Vê-la sofrer confrange Maria Isabel, de natural generosa e boa, mas tanto receia aumentar o sofrimento da amante quanto luta para sufocar suas vozes de carinho e interêsse. Segue-a com os olhos, atenta a qualquer gesto de procurar seu auxílio; porque tem a figura abatida e dolorosa, procura ofertar-lhe a solidariedade de sua mágoa...

— Ainda admiti que êle fôsse generoso; que dissesse que me visitaria aqui, quando me ofereci para procurá-lo em sua casa... — e em estribilho: — Todos! todos o mesmo...

Entrevista marcada para as últimas horas da tarde, às cinco, pontualmente, tanta será a ansiedade, tem Helena muito tempo p'ra recompôr serenidade e cálculo. Pela repugnância em arranjos de noivar, horas antes já ela procurava acondicionar-se à situação criada, dominando revoltas e compondo sorrisos, estudando palavras e ensaiando seus dedos preguiçosos; dizendo a Maria Isabel de seu sacrifício e a recordar-lhe que é seu dever dar-lhe sempre vida de felicidade e ternura, clama, vai clamando sempre, p'ra melhor gravar na memória da amante, que sua entrega é venda de usurário, transacção ruïnosa de quem não vacila em trocar vida descuidosa por vida de sobressaltos e angústia.

— Cinco horas!

— Que espere! um beijo mais...

— E se tu não fôsses, Helena!

— Agora sou eu que quero. Verás como eu saberei valorizar todas estas humilhações.

— Vou ficar inquieta.
— Ciúmes?
— Eu sei lá!
— Querida! querida!
— Poderíamos continuar vivendo sós... Dificuldades, havíamos de vencê-las. Eu voltaria a trabalhar, e tu, quando te reconhecessem uma grande artista, ganharias o dinheiro que quisesses. Poderíamos, até, ficar em Lisboa. ¿Não te recordas o que disseram no teu camarim? Aproveitavas agora o ruído feito em redor do teu nome.
— A que distância tu andas da vida...
— Então, sempre vais...
— Vou! Estou farta de lutar com dificuldades.
Ordens dadas, adeuses acenados, o taxi espera. Para indicá-lo, lesto se dirige a ela, o *chauffeur*.
— Avenida...
— Eu sei! eu sei!
— Helena!
Tomam-lhe as mãos. Dentro do carro, Jorge sorria-lhe o nome, aguardando-a como para rapto combinado.
— Perdôe! Ao meu espírito não agradava que a Helena fôsse ao meu encontro...
— ¿Lance de teatro?
— Surprêsa que consinto, castigue e censure.
— ¿Frase decorada?
— Romantismo de enamorado.
— Obrigada! Obrigada!
— Horas de alvorôço que me fez viver nesta tarde, verá! verá Helena como eu saberei recompensá-las.

— Tanto me deseja. . .

— Tanto o meu orgulho vibra com a sua conquista.

— ¿Lisonjeia-o a minha posse?

— A sua beleza, Helena, elogia as minhas preferências sentimentais.

— ¿Acredita na sua felicidade junto de mim?

— Eu saberei ludibriar a vida.

— ¿Não cabem em seus planos as desilusões?

— Não conheço fracassos, porque há muito aprendi a remediar os meus erros.

— ¿Felicidade completa?

— Tanta quanta sinto agora.

— ¿Olhos vendados pela vida fora?

— Se tanto fôr necessário para nos arredarmos da realidade.

— ¿O que mais lhe agrada em mim?

— Tudo! desde os seus arremedos de virilidade que saberei amparar para que a sua vontade conserve a minha inquietação, até suas qualidades de artista. Sinta a loucura dos meus olhos quando a buscam a esmolar, grotesco que apenas tem o sonho por desculpa, e saberá do meu amor.

— ¿Quere deslumbrar-me?

— Quero levá-la até muito próximo da minha abençoada loucura. Não pense; só nos faz viver o que sentimos. Pensar, é destruir. Os loucos não pensam e é de felicidade feita a sua vida.

— ¿Não receia do tédio?

— Renovaremos. A sua beleza é o meu melhor amparo. Com o seu amor, Helena, serei todos os dias diferente; a minha vida

inteira desentranhar-se-há em muitas vidas. Recostado em seu regaço, até o meu proprio destino iludirei.

— Palavras! palavras!

— Beijarei a fonte dos seus desenganos, até à hora de a secar. Será minha profissão e tarefa queridas.

— ¿Está a ensinar-me?

— Quero que repiquem sinos festivos na sua alma...

— Ardem as suas mãos...

— O sol bendito reverdece árvores que o inverno matou.

— Quando...

Interrompeu-se; o automóvel estacava. Sombras de pensamentos de agoiro veem ennublar o rosto de Helena.

— Já!

— Continuaremos, se prefere.

Vacila. Debatendo-se entre iniciamentos de breve fazer terminar seu sofrimento, e a certeza de que minutos depois há-de sentir a sua bôca beijada com fervor, Helena não sabe o que responder. Por fim, decide:

— Desçamos.

Entreaberta a porta do jardim, escancarada a entrada do palacete, compreende Helena que tudo estava preparado para recebê-la, que em tudo pensara Jorge, e até em seu pudôr quisera afastar criados e bisbilhotice. Casa na aparência deserta, viúva de ruídos, seus esponsais serão secretos, sua entrega por ninguém pressentida ou adivinhada, ambos sós, tudo à sua volta silencioso, como se a vida, um momento dominada em sua inconsciência, em homenagem suspendesse sua marcha até

ali ruïdosa. Enlaçada pela cintura, bôcas próximas, encaminhada a palavras de ternura, atravessam aposentos abertos a toda-a-gente.

— Faltam aqui o seu sorriso e alegria. Em noites de inverno, horas longas, verá como fica bem nesta salita de música, a uma luz tenuïzada do vermelho, a sua figurita de desencantada, olhos sonhadores... Aqui, no ambiente oriental dêste gabinete de fumo, há-de dizer-me do sortilégio de sua interpretação daquela princezita do «Milagre da Neve»...

— Interessante êste quadro... ¿Está assinado? Em pintura, prefiro os impressionistas. ¿E esta marinha?... Magnífica!

A sentir próxima, cada vez mais próxima a hora de sua entrega, não pode sofrear a dôr vinda da revolta. Sente quanto Jorge rebusca palavras que em seu redor façam ambiente amoroso de desculpar sua queda, justificando-a, e vê-se disposta a agredir, arremêsso de sua carne conspurcada...

— Perdôe! esqueça a curiosidade.

— Servir-lhe-hei de cicerone, quere?

— Não me castigue. Ouvia-o de alma alvoroçada!, — e porque impusera a seus nervos vontade e tenções, pôde mentir.

— E' apenas o mêdo, o receio bem feminino de que o Jorge me veja prêsa fácil, mulher como tantas outras...

Dizia-o declamando, prosa estudada em seus efeitos e intenções, olhos magoados, lábios que a tristeza descoloriu até à brancura dos lábios mortos: — Eu quero-lhe até recear que me possua...

Sempre encaminhada, tinham ido mais àlém, tinham chegado ao gabinete de Jorge.

Como êle continuasse guardando silêncio, é Helena quem vai dizendo-lhe de sua ternura e projectos em frases de efeito cerzidas a reminiscências de seus entusiasmos por Maria Isabel. Enquanto Jorge lhe falara, refrangera-se Helena de sentimentos até à cólera; agora, a recear dêle, a sentir-se ameaçada por aquele retraïmento altivo, faz-se loquaz pelo mêdo da queda de suas combinações de vida futura.

— Sofri tanto, que a felicidade me apavora. Sinto a sua ternura, Jorge, e um mêdo, a que não sei ser superior, faz-me tímida e reservada...

— ¿Quere que nos separemos?

A frase pelo imprevisto, surpreende Helena, fá-la estarrecer, tanta confusão lança em seus sentimentos e insofrida ambição. Demora em Jorge seu olhar, e porque a serenidade dêle o torna odioso, explode:

— ¿Para sempre?

— Para sempre!

— ¿Então, tudo mentira?

— Simplesmente a tenção firme de que entre nós não existam sombras de sentimentos mal interpretados. ¿Se a Helena não há-de querer-me como eu exijo me saiba querer, por que não hei-de ser superior a mim próprio?

Quanto mais Jorge se recompunha de serenidade, mais em Helena se alevantava ódio, ódio sexual de criatura ludibriada e batida. Ela não desprega os olhos dos olhos dêle, e quanto mais o vê firme de decisões, mais também nela se forma, alevantando-se, a firmeza de ânimo que a levará a conquistá-lo, mentindo. Do ódio, sobem palavras; seus recursos de actriz, compõem figura e gestos.

— Não o acredito, Jorge; não quero aceitar a sua vontade. Disse-me, há pouco tempo ainda, que eu acabaria por dedicar-lhe aquele amor recompensa e resgate da afeição que tem por mim. Chegou essa hora. Hoje sinto que a minha vida terá de ser feita junto de si, para que eu viva só momentos de ternura fecunda, — e imaginação solta, seu mentir possuira-se de entusiasmos. Falou, falou muito, disse-lhe de sua existência presentemente sem interêsse, falhada de razões sentimentais que à vida trazem beleza; clamou de solidão e pensamentos infecundos, de aspirações e derrotas. Mais uma vez comediante, fez-se espectadora de si própria, incitando-se e aplaudindo-se; como no teatro, marcação exacta, soube escolher o *maple* que melhor quadrava, por efeitos de luz, a seu sofrimento e arranjo de corpo... Quarto acto de drama a Bernstein, acabou declamando:

— Mas diga-me..., diga alguma coisa!

— Magnífica de exuberância.

— ¿Não me acreditou?

— ¿Não sabe que o amor nos faz tímidos?

— ¿Por que me exaspera?

— Argumento que não colhe. Quem ama e é orgulhoso, cala.

— ¿Como nos tempos românticos das lágrimas?

— Como em todos os tempos.

— Mas eu amo-o! amo-o!

Ao pescoço de Jorge lança os braços, seu corpo vai colar-se ao corpo dêle. Depois de experimentada a sedução das palavras, vai tentar, em prova última, da sedução de sua carne. Olhos rebrilham, sua bôca possue-se

da fúria dos beijos de paixão. Ela sente frios os lábios dêle, mas insiste, e insistindo vai aquècendo-os, vai enrubescendo-os...

— Não minta, Helena! porque se entrega a mim sem defesa.

— Amo-te! amo-te!

Fúrias de sexo, estreita-o mais. E' bem a mulher a quem a virgindade fatigou e sem reservas se entrega, esquècida de pudôres. Porque êle muito a desejava, mais palavras não teem... Juntos, os corpos são bloco que a sensualidade anima e faz estremecer, como se vivessem as mesmas crispações.

— Leva-me! leva-me!

Ele guia-a e sempre enlaçados vão até junto do leito; mas porque fatigada de mentir, ela não possa mais longe levar sua mentira, ou porque recordando Maria Isabel, atinja sua vontade a revolta feroz de suas preferências sentimentais, em seus olhos morre um momento a chama dos desejos, os lábios resfriam um instante como se vento frio os viesse enregelar...

— Helena! Helena! ¿por que mentiu?

Sempre discutindo consigo próprio, sempre à espreita de pormenor de lhe mostrar a verdade do sentir alheio, qualidades de reflexão máscara duma sentimentalidade que anseia aplicação propícia, a voz de Jorge é da revolta dos grandes ludibriados. Aceitando-a, a felicidade da posse dela não a queria feita de sacrifício ou transigência, mas impulso de sentidos alvoroçados. Inerte, não lisonjeava qualidades de conquista, nem fazia grande o acto banal da posse. Já repusera Helena em olhos seus, a mesma chama intensa de mos-

trar acesso sensual, os braços voltavam a ter o mesmo vigor, os lábios novamente se enrubesciam, e ainda êle a fitava com a atenção de quem observa. Surpreendendo em Helena aquela quebra de interêsse sexual, de seu orgulho sobe, acode-lhe em diabolismo, tentação forte de contrariar tudo e todos, fazendo terminar nessa mesma hora suas relações com Helena, compromissos tomados destruindo, planos de futuro orgulhosamente derrubados. Vacila, porém. Quebrar nesse instante, era renunciar, era debilitar-se sem vantagem, pelo muito que lhe queria; era perder para sempre, a mulher que até êsse momento mais conseguira interessá-lo pela beleza de corpo e rosto. Ela começava desculpando co'o mistério dos dias por viver, seu instante de vacilação, e a fazer prova de quanto confiava nêle, teatralmente abria abafos e deixava resvalar roupas exteriores...

— Não, não, Helena! Agora sou eu que não quero. Se em seus olhos se apagaram os desejos, nêles se reacendeu a beleza da melancolia; se os seus lábios não fremem, eu hei-de saber animá-los até aos beijos rubros que prometem; se o seu rosto tem serenidade, ¿por que não hei-de saber transmudá-lo de expressão? Deixe gozar a hora presente porque não há horas iguais. Contrariarmos situações em que quisemos adivinhar desfecho, também é belo.

Atitude inesperada, esta, da surprêsa passa Helena ao despeito, e do despeito ao mêdo. Calara-se Jorge, e o orgulho dela verifica derrota não poder em liberdade agir, afrontando; o silêncio intimida, constrange...

— Fez-me mal, Jorge! Magoou a minha vaidade!

— Vou mostrar-lhe os meus jardins, quere? Eu tinha a certeza de que viria, Helena! e mandei que o percorressem pavões vaidosos e aves brancas...

A voz é já cariciosa. Dir-se-há que mortificado o espírito por culpas vindas do seu assômo rebelde, se arrependeu contrito e sem detença... Aproveita mesmo vacilações e admiração de Helena e afasta-se para abrir janelas que deitam sôbre uma varanda de balaústres e emmolduram um recanto de jardim. E vai dizendo:

— Havemos de percorrê-lo em noite de seu noivado, minutos antes de se entregar a mim. Neste terraço, ou em qualquer álea, e a uma luz pálida de esconder meus desejos, eu hei-de dizer-lhe dos meus projectos, eu hei-de falar-lhe das minhas tenções de fazer de nossas vidas, vidas únicas... Eu hei-de dizer-lhe...

Porque sentia superioridade nas atitudes de Jorge, ela interrompe:

— ¿E o que exige de mim?

— Apenas quero que não deixe morrer meu sonho. Há-de reconhecer, Helena, hei-de exigir-lhe que reconheça os meus esforços para que não se esgotem em mim aquelas fontes de ternura e carinho de que lhe falei e falarei, porque são as mais fortes razões da minha existência de lutador vitorioso. Promete?

— Prometo!, — e corpo em atitude de Salomé de seus bailados, oferecendo os lábios para beijos sôfregos: — Meu amor! meu único amor!

— Então?

— Então, possuiu-me!

Mentia por necessidade, cólera contra ela, mas principalmente contra Jorge, que mais uma vez ludibriara seu pensar e ameaçava seu conceito de vida inferior ao lado do Homem; mentia porque não podendo mostrar a Maria Isabel acções de Jorge ridículas ou egoístas, o ciúme norteava seu falar: — Vê como me sacrifico! Se não fôsses tu, juro-te! romperia!, — e melíflua, a querer que Maria Isabel guardasse o conceito: — Mas tudo suportarei a sorrir, para que tenhas vida despreocupada e feliz!

— Sempre o acreditei um pouco melhor do que os outros...

— Disfarces! Piór, muito piór! ¿Queres saber?

... e cingindo-a carinhosamente em resgate único da revolta de seus instintos contra os momentos de mentira amorosa que vinha de construir ao lado de Jorge, lá foi tecendo fantasia e enrêdo de convencer Maria Isabel...

. . . .

Não mais surgiu entre êles qualquer conflito. Surpreendera Helena quanto em homenagem a si próprio, Jorge beneficiava da impressão de que até ao casamento ia por vontade própria, e não mais se guardou, e carícias sempre teve, sempre a entrevistas se dispôs, indiferente a horas e locais, e a união fez-se sem delongas, cerimónia apenas para

íntimos, tarde e noite de ruídos, embora sem estridência. De comentar, apenas a ausência sistemática da parentela mais chegada de Jorge, tios e primos tão ciosos de seus apelidos burgueses quão formalizados por que na família entrasse, pela porta das cerimónias oficiais, uma mulher de teatro de passado certamente desprestigioso por mui honrada que fôsse; de mau presságio, apenas o velho criado de Jorge, a errar pelos aposentos, curvado ainda mais de estatura, acocorado dentro dêle em sobressalto, esmarridas as carnes por sua misantropia espavorida. Não sabendo queixar-se, tendo gasto todas as cóleras em anos mui longínquos, quando sofrera, resmunga apenas, hábito que lhe ficou de seus diálogos com o silêncio. Perpassa como espectro por entre tudo e todos, só olhos, e quando cansado de membros o corpo lhe pede descanso, recusa-o para ir perfilar-se junto de Jorge, como a esmolar uma ordem que é carícia. Não vem porque a criadagem lépida se esmera em bem ouvir e corre a satisfazer apetites. Resmunga, e por fim afasta-se. Primeira paragem é no quarto nupcial. Mira, remira, demora-se, mastiga, engrola sons e sai. Pouco depois volta; novamente sai, para novamente voltar. Jorge vai lá encontrá-lo a hora tardia pronunciando de língua cortada quaisquer sílabas de feitiço.

— ¿Que dizes, João?

Surprêsa do velho; carinhoso, Jorge propõe:

— ¿Vieste ver se tudo estava no seu lugar?

— E' a última noite que cuido de si. Vou ter saudades, vou. Vou ter saudades.

— Mas se ficas junto de nós...

— Não é a mesma coisa. Ela..., a senhora, não há-de gostar de mim. Estou velho...; ¿p'ra que presto eu? sim! ¿p'ra que presto?, — e numa ressurreição, apêlo de todas as suas fôrças: — Fiz mal em deixá-lo casar. ¿O que vou eu fazer agora?

— Descansar!, — e como amorabilidade fôsse de quem fôsse, assim como ignorância provocassem sempre a generosidade de Jorge, êle foi dizendo-lhe:

— Não querias, então, a minha felicidade... O casamento liberta-me. Mas tu não podes entender! tu, que amaste apenas uma vez... e aos vinte anos...

SEGUNDA ÉPOCA

I

Pelo corredor, mancha clara avança, despregando-se do silêncio e trevas de toda a casa a dormir. Sem ruído de passos, é como duende que despertou e se pôs a caminhar... Cautelosamente, não o pressintam os génios bons; sempre a olhar seu rasto, não o persigam com exorcismos, gentes de fé cristã.

E' Helena, fugida do leito nupcial, após a venda da virgindade de seu corpo, porque resistir mais não pudera à necessidade de ser acarinhada por Maria Isabel e confidenciar-lhe as misérias e vergonha daquela sua primeira noite. Percorria-a um nojo atroz, penetrando-a de arrepios como de frio; sensações da dôr, revoltavam-na; pequenos mêdos por aquela casa ainda mal conhecida, faziam-na considerar em seu futuro difícil. Já nas horas do seu sacrifício, as mesmas sensações e pensamentos a tinham tomado; indiferente a carícias, muito tempo tivera para sentir seu fracasso. A afa-

gar Jorge, apenas punha dique a suas revoltas, o desfôrço da traição que seria procurar Maria Isabel nessa mesma noite e junto dela esquècer penas e agravos. Premeditando tudo, assegurara-se do sono dêle com papelinhos mui bem doseados de Sulfonal que muito à vontade deitara num copo de chá, e logo que o vira caído de sono, descera do leito e soturna saíu do quarto, sem mais hesitações que não fôssem os passos difíceis do corpo a doer-lhe. Só no corredor vacilou, receio de que a pressentissem, mas logo se quere ver forte, mais afoita se faz, a livrar-se de móveis e obstáculos, poucos, que os buracos das janelas alumiavam mal, e depressa chega aos aposentos de Maria Isabel, mui propositadamente próximos dos seus. E fica-se uns segundos, primeiro benigna, depois aquietada e por último num apaziguamento de todo o seu sêr, a espreitar-lhe a expressão serena de repouso, roupas do leito a contornarem aqui e àlém, a carnação magnífica daquele corpo em que havia primores.

— Maria Isabel! Maria Isabel!

Não a ouve Maria Isabel e ela gasta mais uns instantes olhando embevecida o rosto da amante, feições correctas em que a luz ténue duma lâmpada punha ainda uma bem-aventurança maior do que o próprio sono, lábios manchados a carmim, rubros, olhos alongados a baton, arranjos que Helena sempre exigira em culto de perversidades.

— Maria Isabel! Maria Isabel!

Impulsiva, solavanca-a.

— Tinha-te dito que me esperasses!

Sono que viera por cansaço cerebral de

quem muito pensa e se fatiga em visões, Maria Isabel não pode confessar que horas e horas gastara melancólica e vigilante, imaginando das carícias permutadas entre Jorge e Helena, e deu em disfarçar:

— Demoraste-te muito, adormeci. ¿E êle?

— ¿Que te importa?

— Logo assim na primeira noite...

— Cala-te!

Sujeitando-lhe as mãos, apertava-as até doer, sobreexcitada. E moía, a voz rouca:

— Nem quero lembrar-me. Se soubesses!... Que diferença, Maria Isabel! que diferença!... E' lá capaz de me compreender! é lá capaz... E se o visses dormindo... Tão feio! Tão feio!

— Ama-te e há-de proteger-te. E conforta tanto sentirmo-nos protegidas...

— Se vivesses as horas que eu vivi! Só teve grosserias, juro-te! Constantemente a fugir-lhe e êle a perseguir-me... Que raiva não lhe poder gritar que o detesto.

Descrevendo, comentou, pormenorizou na sua voz de entonações metálicas, o que fôra sua noite de núpcias. Estendida no leito, Maria Isabel nem bolia, à curiosidade vindo juntar-se espanto. Bem Helena a fitava com olhos de fascinar; toda debruçada para ela, como quem anseia difundir revoltas, a convidava a exprobrar também. Maria Isabel sentia tal exagêro naquele estendal de queixas, que ficava a pensar...

— Não o suportarei muito! Arrependo-me. Já me parecem distantes aquelas nossas tardes e noites de encantamento. Ele sabe lá beijar-

-me como eu te beijo, êle tem lá os afagos que tu me sabes dar!...

Precipitava o que dizia, tremura de membros de origem nos corpos muito próximos, olhos fosforejantes de desejos, húmidos de sensualidade: — Querida! querida! cada vez te amo mais; cada vez te desejo mais!, — e dum salto, carícias de sorver, começou beijando Maria Isabel.

Pela primeira vez iam juntar-se para a refeição da manhã. Cantavam risos, um sol de meio-dia, sem ardências, e cravos rubros, muitos. Maria Isabel ia sobreexcitada e curiosa. Quando Helena a deixara, horas antes, ficara-se a considerar no proceder e palavras dela, todas de dizer da brutalidade de Jorge, mas pusera êsse carpir de remissa, porquanto as acções que dêle conhecia, contrariavam todas aquelas sentenças. Até em horas do casamento de Helena, confidências escutadas em sua maior parte ao jornalista íntimo da casa, lhe tinham feito conhecer as razões da ausência da parentela, e dos conselhos que tinham sido dispendidos de contrariar a união e abrir os olhos de Jorge à rematada tolice de seu proceder indo buscar ao teatro mulher pobre, babujada, e certamente de vícios de luxo, dissipação e caprichos de arruïnar a bôlsa mais recheada. Curiosidade espicaçada, sua amorabilidade muita vez ferida porque a amante nunca a soubera impôr, logo encontrou razões para admirar, na acção consciente de Jorge em sor-

rir a conselhos e avisos prudentes, e opôr sua vontade ao ambiente de malquerenças feito em redor de Helena. Obrigando todos a aceitá-la, sua vida de dependência, feita de sombra, exaltava-lhe a firmeza de ânimo em proclamações de simpatia entusiasta, e agora, reünidos os três, ela fitava Jorge com insistências de o devassar. A ser verdade tudo quanto Helena lhe dissera, êle havia de ter nos olhos e gestos, aquela superioridade desdenhosa vinda da vitória do orgulho, e nas palavras a afrontosa familiaridade que faz prova a voluptuosidades gozadas, desembaraço de quem domina, rôta a obsessão que o trouxera apaixonado, vencido. Mas se outrora lhe escutara as mais das vezes ironias, um cuidado previdente em evitar lances em que pudesse haver ou resultar os ridículos das paixões irraciocinadas, nesse momento êle só tinha perturbações íntimas de pudôr quando fitava Helena e o surpreendiam, submissão de palavras, cuidados de quem pretende mais provar sua íntima comoção do que assinalar sua conquista. Até sua enformatura de ombros, peito robusto de o creditar molesto, era um tanto diminuída pela voz de tons suaves...

Falavam de coisas indiferentes como em demanda de caso de fortemente interessar todos, mas certo alheamento de Helena, preciosamente disfarçado com o cansaço, fazia difícil qualquer diálogo. Houve, porém, um momento em que Jorge, para recordar sua noite de núpcias, teve um sorriso tão pleno de felicidade e langôr, de graça e volúpia, que, por imposição de sua generosidade rendida pela generosidade dêle, Maria Isabel sentiu neces-

sidade de lhe oferecer qualquer cumprimento...

— ¿O Jorge sempre nos mostra nesta tarde, a sua fábrica? Recorde que é promessa de antes do seu casamento...

— ¿Tem assim tanto interêsse, ou pretende lisonjear-me?

— Muito interêsse.

— Mandarei que venham buscá-las às cinco horas, depois da saída dos operários.

— Pensei que fôsse antes, para que tudo estivesse em movimento.

— E' de mau proceder. Quem trabalha revolta-se sempre contra a curiosidade. E' fazer dêles espectáculo. Magôa, acredite.

— ¿Por que não há-de ser depois? Sinto-me fatigada...

— Será a nossa... viagem de núpcias.

Jorge sorri para tirar ridículo ao seu comentário. Ainda nessa manhã dissera a Helena quanto a seu espírito desagradaria a viagem de núpcias de fazer conhecido dos outros seu sentir, enamorado como estava, e mui satisfeito ficara quando reconhecera Helena de sentir em tudo idêntico. Mais facilidade em Lisboa de iludir Jorge, ela tivera mesmo entusiasmo por que fôsse êle o primeiro a propôr-lhe a combinação, — receosa como estava de desagradar-lhe, — expôs sorridente, alegria no olhar:

— ¿Ficam em Lisboa?

— De-certo! Contraria-te?, — e Helena fita Maria Isabel insistentemente, como a prevenir de que, para àlém das palavras, motivo secreto existe.

— Não quero atraiçoar-me, e muito menos

representar a comédia da indiferença. Quando a Maria Isabel me observa, o que farão os outros...

—¿Mesmo que te importa que fiquemos?

Maria Isabel tem compreendido as intenções de Helena, e cala-se. Jorge vai sorrindo para Helena:

— Renovaremos a vida depois..., quando saturados de Lisboa, ou porque o lar nos amesquinhe, necessidade sintamos de nos beijar em países exóticos. Na tua Asia, por exemplo.

— Mas hoje, às cinco horas...

— Combinado! às cinco horas.

Pouco depois se despede Jorge, e Helena vai acompanhá-lo até à porta. Volta breve, atitude desmanchada:

— Começou o calvário.

A sua voz era dura, tons ingratos de quem, afeita a mandar, tem agora de obedecer. — Até mesmo tu, ainda há pouco, parecia quereres contrariar-me quando soubeste que ficávamos em Lisboa.

— Não me preveniras...

— ¿Pois tu não vês que temos mais facilidades?

— Não atingi logo.

— Outrora muita vez me adivinhaste.

— Perdôa! não pensei...

— E' porque não sentes já um tanto longínquos aqueles nossos dias de felicidade...

Apròximara-se muito de Maria Isabel, como se fôra sua intenção firme acariciá-la. Subira a respiração, e a voz, embora um tanto viril, enchera-se da paixão de implorar quaisquer afagos: — Noites todas para nós...

Foi prosseguindo, palavras rolando amorosas a criarem espreguiçamentos lúbricos pela moleza do dizer: — Eu penso, Maria Isabel..., eu penso em encontrar forma de aumentar as nossas horas livres...

Calou-se e Maria Isabel pôs-se a olhar à volta. Fôra o João que entrara. Viera sem ruído de passos, sombra que desliza, e daí a surprêsa. A face era a mesma, calcinada pelos anos. Só a corcunda feita pelo tempo e por uma vida curvada em respeito subserviente, diminuira de volume, consentindo-lhe raro aprumo.

— ¿Que queres?

Como lhe aparecera de súbito, afigura-se a Helena que êle traz a própria sombra consigo. Percorre-lhe a epiderme uma sensação de frio. Agressiva, repete:

— ¿Que queres?

Não lhe responde logo, o velho. Aquece primeiro o olhar gelado, de trespassar, faz cama à corcunda dobrando o corpo, e justifica:

— Quis saber se precisa de alguma coisa...

— Não! não quero nada!

Ele vai-se, sempre como sombra, recuando primeiro, e depois a afastar-se como escorregando até se perder. Fica em Helena uma suspeita de perigo, como se debruçada para ela alguém a escutasse, olhos estourados a curiosidade. Vacilou um instante, pensando em trocar o confôrto daquela sala de jantar pelo refúgio do seu quarto, mas como não quisesse exprimir mêdo aflitivo, foi preciosa que em francês prosseguiu:

— Les hommes m'ennuient... Même ce domestique...

Quando chegaram à fábrica, dormiam os maquinismos. Só ao longe quebra o silêncio austero, o resfolegar de qualquer monstro de aço. A's cinco horas, pontualmente, comunicavam a Helena que o *chauffeur* aguardava ordens, e dez minutos depois, businando, caminho já devorado, o automóvel transpunha sem paragem o portão da fábrica, e estacava junto a uma construção de linhas elegantes, *chalet* vermelho. Um porteiro acorrera solícito a justificar, — que o senhor Jorge estava ainda no escritório, a receber uns clientes...

— Por aqui.

Corredor para onde se abriam salas várias, pelas portas envidraçadas viam-se homens trabalhando ainda, debruçados sôbre secretárias altas. Eram os escritórios e salas de desenho, o cérebro daquela organização. O porteiro fê-las entrar numa saleta clara que dava para sôbre um largo ajardinado, tapetes de relva e flôres, e foi anunciá-las. Curiosa, Maria Isabel observava tudo. Paredes adornadas a fotografias, aspectos da fábrica, oficinas, grupos de operários:

— Queres ver, Helena! isto deve ser grande. Observa.

— Não me interessa.

A encolher os ombros, desdenhosa, foi assomar-se à janela. O porteiro, breve voltou e mais obsequioso ainda. Guiou-as até ao gabinete de Jorge...

— Boa tarde, querida, — e sem dar tempo a preguntas: — Sentem-se e dêem-me mais uns minutos.

— Apontando-lhes uma *chaise-longue*, afastou-se. Sóbrio de decoração e mobiliário, mesas de desenho quási a tomarem-no todo, êste gabinete de trabalho era rígido, frio. Jorge volta para a secretária; à sua passagem alguém se ergue dum *maple* que lhe ficava muito próximo.

— ¿Vem dizer-me que resolveu aceitar a minha proposta?

Fizera recuar o *fauteuil*, ficando com o rosto na sombra, defesa propícia para quem pretende observar, surpreender intenções.

— Não! não! a oferta é baixa. Bem vê! a mina é de ferro micáceo...

— Já lhe disse que a conheço, assim como conheço toda a trapacice que o fez seu legítimo dono.

— Calúnias, senhor! calúnias.

— Seja! Ofereci o máximo que podia oferecer-lhe porque quero também indemnizar o outro.

— Tenha dó de mim!

Jorge fez retinir a campaínha...

— Aceito! aceito!

... e o desfile recomeçou. Clientes últimos, meia dúzia de pessoas atravessaram ainda o gabinete. Avaro do tempo, as decisões de Jorge eram monossilábicas: — Sim! não!, — sem um gesto de impaciência para as mais desencontradas propostas. A's vezes interrompido pela entrada de empregados que vinham consultá-lo, ou traziam documentos para rubricar, admirava Maria Isabel aquela faculdade de isolar-se, de multiplicar-se sem fadiga aparente, ou acessos de mau-humor...

— Deve estar cansado.

Jorge ficara imóvel, cerrando as pálpebras. Um minuto apenas. Logo transmudou a expressão do rosto, e a sorrir:

— Agora nós.

— O Jorge trabalha muito!

Adocicara Maria Isabel a voz, já de si melódica. Sentira no ambiente a febre de trabalho capaz de operar a metamorfose da criatura propensa aos delírios da imaginação que traz a preguiça, no indivíduo útil de saúde de corpo pelo trabalho e saúde de espírito porque se vê capaz das maiores tarefas, dominando pelo cérebro, generoso pela sensação da sua própria fôrça, e deixava-se possuir de admiração. Passaram dali às dependências do escritório, visita breve, nada de curioso a observar. Apenas a sala de desenho prendeu um pouco a atenção de Maria Isabel, pelas suas mesas de refeitório, esticadores e pranchetas, as paredes forradas a desenhos complicados. Saíram para o bairro operário, arruamentos de edificações uniformes, casas térreas de aparência modesta, a que persianas emprestavam certo ar de confortáveis. Tudo deserto, Maria Isabel estranhou:

— Parece abandonado. ¿Podíamos visitar qualquer das casas?

— Desagrada-me.

— Pode ser que alguma tenha a porta escancarada.

— Não é fácil. Desenvolvi o respeito pelo lar. Embora todos aqui sejam companheiros, cada um vive muito ìntimamente a sua vida. Foram duas grandes campanhas que me levaram até à conferência. Uma, sob todos os aspectos morais, que foi essa do res-

peito mútuo; outra, a campanha da higiene que os obriga a práticas saüdáveis. Nos primeiros anos encontrei dificuldades, castiguei desmazelos. Hoje, criado o hábito, são êles que se observam mùtuamente.

— Devem estimá-lo muito.

— Sim! interessam-se por mim porque vêem o meu interêsse por êles. O trabalho fez dêles barro magnífico. Precisamos apenas saber transformar os seus defeitos em qualidades.

— Tarefa difícil.

— Mais fácil do que parece, desde que reconheçam a nossa isenção. ¿Nunca ouviu dizer que a generosidade desarma?

— ¿Ainda é muito comprida esta rua? Vou sentindo-me fatigada, — interrompe Helena, em sua voz arranhadiça.

— Quero mostrar-lhes o parque. Deve interessar à Maria Isabel.

— ¿Apenas a ela?

— Muito principalmente.

Desembocavam numa rotunda, terreno todo relvado. Faziam palissada, arbustos e tufos de japoneiras e alecrim; circundavam-a árvores robustas, lindas de mancha e silhueta, cúpulas largas de sombra magnífica. A não ser pelos espaços que fazem bôca a arruamentos, nada se vê para àlém, propósitos de isolar êsse largo. Tudo adormecido a essa hora, apenas o céu prepara sua apoteose de oiro e nuvens ligeiras de primavera, rezando como que orações de abençoar. Nos olhos de Maria Isabel, há curiosidade. Jorge expõe:

— E' o único espectáculo devéras curioso, o rancho de petizada que se junta aqui todas

as manhãs e à tarde, depois do jantar. Quási nus, vigiados pelas mães que tagarelam ou se distraem costurando, esta rotunda transforma-se. E' ninho onde se fazem aleluias de risos e graças puríssimas. Nessa hora vivem em promiscuïdade os dois sexos. Adestram-se, cabriolando; robustecem-se, querendo imitar os mais ágeis. E logo se preparam para a vida. E' vulgar um garotelho ter já a sua preferida e amuar quando a vê fugir-lhe...

— Logo a maldade.

— ¿Adora as crianças, o Jorge?

— Gosto muito dos filhos... dos outros. Mas é preciso criar aqui o problema da infância. Entre nós, quási não existe o respeito pela criança.

Jorge vai dizendo de exemplos presenciados lá fora; do respeito que merece a gravidez das mulheres... — Passeiam orgulhosamente...

— Coisa deselegante..., — resmunga Helena.

— Prática magnífica. Cria novas fontes de respeito e ternura, — e para Maria Isabel: — Dêste lado a maternidade, dependências isoladas...

— Iniciativas de alentar o vício!

— Gostava de ver...

— Mandarei que a acompanhem, mas a sua presença deve humilhá-las.

— Os pobres não sentem como nós.

— Enganas-te! a dôr melhora-nos.

Pouco depois enfrentam o aglomerado das oficinas. Tudo dormia também. Alguns corpos de casaria, escancaram portas em arco; o andar torna-se difícil, por tal forma o solo é

atravessado em todas as direcções por linhas de vagonetas.

— Vamos começar pela oficina de moldagens.

Visita breve pelo espectáculo pouco curioso da terra revolvida, negra como se do inferno tivesse chovido, apenas as demora a explicação de Jorge quando lhes aponta os moldes em suas tocas. Passam dali aos fornos, visita também rápida, de clamar atenção apenas uma luz de incêndio avermelhando as paredes. Surpreendido êsse aspecto, tudo resultava uniforme. Mas logo se abria perto um casarão mais alto que os demais, isolado a meio doutros, de portal alpendrado e janelas em procissão, oficina de fabrico de ferro e aços, no dizer de Jorge a única verdadeiramente digna de exame atento, e para lá foram. Comprida, atufalhada de máquinas, o silêncio estendia por sôbre aquele amontoado de formas, manto de mistério e sombras, dilatando-a, prolongando-a. Dormindo todas, eram esqueletos de animais fabulosos, corpos a que fôssem extraídas as almas...

— ¿Tudo isto é seu?

Jorge não quis responder. Afasta-se e com êle vai a curiosidade de Maria Isabel. Enfiara em bêco estreito de escadinholas ao fundo, e mal chega, começa batendo ferro qualquer martelo colossal. Oculta, misteriosamente, a princípio com lentidão, depois afanosamente, começo de luta que a continuar, reboaria com o fragor de batalhas em campo raso e onde fôrças colossais se chocassem e degladiassem. Próximo do teto, tambores começam girando, primeiros no acordar, os mais próximos agora,

logo os outros, gradualmente, como se encarregados fôssem de ir despertando os mais preguiçosos e não esquècessem nunca tal missão, obedientes.

— Quero que vejam funcionar tudo.

E por sua vez, foram acordando as máquinas. Alguma coisa de rebelde nelas havia porque, arcaboiço aos estremeções, parece não quererem mover-se. Vinha delas um arfar em rugido, de mistura com soluços de revolta das que sentem bem fundo sua inferioridade mas se fazem prontas em obedecer. Vaga a alastrar, crescem os sons, desencadeia-se pouco a pouco, tempestade de roucas ladaínhas que rebenta aos gritos. A cada manobra de Jorge, a cada gesto seu de insuflar vida a um novo maquinismo, era como se rajadas de energia ciclópica perpassasse por todo êle, agitando-o, solavancando-o. Mil braços correm ao longo de seus corpos de ferro e aço, indo e voltando ágeis; êmbolos rodopiam, contorcionam-se, cabriolam, desaparecem e surgem como saídos de ventres co'a maldição da fecundidade; arfam pulmões gigantes, estendem-se demonìacamente garras homicidas; giram volantes que, de tanto girar, causam vertigens, espalmam-se mãos súplices em oferendas a Deus, escavam a terra picaretas ágeis como para aprofundarem antros onde esconder riquezas fabulosas. E tudo furiosamente, tarefas de realização por tal forma urgente que necessário era terminá-las sem detença. Até mesmo aquela floresta de correias, tambores e eixos que emmaranhavam o cimo do casarão, aranha monstruosa de membros nodosos e teias grossas, é poderosamente con-

vulsionada, tem a vida inquieta dos monstros vorazes que muito alto constróem suas cavernas para melhor espreitarem, espionar, seguir as vidas que apetecem.

Medrosa, Maria Isabel não arriscava um passo, como se todas aquelas fôrças ali fôssem postas para a tragar, arrastar e exaurir, um momento ávidas de conhecer o segrêdo dum corpo e logo a abandonarem-no desdenhosas, indiferentes, desvendado tudo, triturados os membros, missão sangüinária que lhes fôsse imposta com a própria existência. Houve, então, um monstro de acordar difícil e lentidões de despertar preguiçoso, que teve bramidos por cada vez que Jorge lhe tocou. Era bem a fera de obediência difícil ao domador, ameaçando a cada momento. Apenas o mêdo a fazê-la mover-se, não deixa de rugir revoltas e obedece o mais tardiamente possível. Mas é apertada, perseguida, e se mais ágil se move, se os saltos são repetidos, se alguns movimentos são tomados de epilepsia, é o enfurecimento que a agita, e o espaço todo enche-se da massa sonora de suas revoltas, porcela máxima de rugidos apocalípticos. E Maria Isabel tem cada vez mais mêdo...

A seguir Jorge com olhos atentos, a vê-lo dobrar-se, auscultar aqueles monstros, trepar, cavalgar-lhe os ombros, suspender-se dêles, a ir de um a outro num jôgo de esforços de quem se multiplica, alguma coisa também de infernal o transfigura. ¿São as máquinas que lhe emprestam a alma, ou será êle a alma das próprias máquinas?

— Chama-o, Helena, chama-o! Vê-lo, faz-me mal.

— Deixa-te de pieguices.
— Juro-te! faz-me mal!
— Não sejas criança.

Cala-se Maria Isabel, mas seus olhos continuam seguindo-o, ansiosos. Ruídos de inferno que eram interrogações rancorosas, de todo aquele amontoado de gigantes via ela surgir mil vidas, como se um mesmo organismo pudesse viver a um tempo, vida desconexa e normal, desigual e regrada, ameaçadora e obediente. Tendo deixado pouco antes o ar livre, sequestrada se vê num mundo de fenómenos e leis incoerentes; perdera a noção exacta de tudo, para só ouvir sarabandas de blasfêmias gritadas em vozes roucas. De tanto fixar, atracção abísmica, sente o cérebro ourado como se cada um dos seus sentidos atingido fôsse de delírio; ameaça enlouquecê-la aquela tempestade de ruídos dissonantes. Implorando salvação, leva os olhos para o alto. mas agora são os cimos das máquinas que tomam aspectos de aves e conformações de reptis, cabeçorras disformes, asas negras, corpos em lâminas, eriçados de espinhos, alguns. Presos saltitam apenas e se marcham é aos pinchos, para atrás voltarem. São horríveis de ver e não deixam de a fitar. Olhos luzem e perseguem-na, aterrorizando-a, criando nela o exaspêro mental; faíscas chispam como de bôca de arma homicida. Negros todos e todas, pousados nos cimos, é bando que veio cair ali, quais ganhafotos de inferno sôbre seara, p'ra corroerem entranhas e perfurar sem descanso, com seus bicos enormes, a carne magnífica de todos aqueles sangüinários monstros. Sacodem-nos e êles prendem

melhor suas garras; procuram despenhá-los, abalando todo o corpo, e êles mais fundo enterram seus bicos. Sem pânico, como seguros de impunidade, orgulhosos e contentes de ouvirem chorar e gemer aqueles molossos sôbre que vieram pousar, altos como tôrres, imponentes e ferozes, mas de braços por tal forma curtos e de movimentos por tal forma limitados que nunca para o alto poderiam erguê-los. E de sua alegria fazem alarde, soltando gritinhos, guinchando e cabriolando, acrobacias arrojadas de provar falta de tino.

Espavorida, baixa Maria Isabel o olhar, e em ânsias de salvação procura Jorge. Não o vê logo, e mais encarniçadamente o busca. Devassa corredores estreitos que fazem carreiro por entre maquinismos, demora suas vistas nos espaçozitos livres. Mas êle perdera-se e o pânico total de suas qualidades de atenção vai convulsionar-lhe os nervos, vai obrigá-la a gritar. Sùbitamente, porém, êle aparece-lhe ao fundo do casarão e domina aquele sabat. Muito alto, cavalgara certamente qualquer máquina para dali vigiar tudo, terrífico e supremo. Ela sente alegria, vai estender-lhe mãos súplices, mas já êle desaparecera. Minuto de ansiedade, novamente o busca; êle reaparece para novamente desaparecer...

Destas alternativas de pânico e alegria, de alegria e pânico cresce a angústia que lassa a vontade e dilata a fantasia. Desde êsse momento, ela não mais o separa do todo. Máquinas e êle, debatem-se e lutam, tudo sente, tudo tem vontade. Juntos enraivecem--se, juntos obedecem. A mesma vida impe-

tuosa toma tudo; o mesmo exaspêro tudo toma. Que êle corra dum lado a outro, que êle pare a meio de qualquer corredor, a observar, da mesma forma é satânico, da mesma forma opressões e risadas, gritos e blasfêmias, frémitos e ânsias o tomam, como tomaram aqueles monstros de ferocidade e malefício.

— Pare! pare! Jorge! Jorge!

Indole sobranceira, mal-humorada, a adivinhar a impressão funda de Maria Isabel e a revoltar-se contra ela e consigo porque não se opusera decididamente aquela visita de dar prestígio a Jorge, Helena encolhe os ombros, falsamente desdenhosa. Mas um pavôr gelado fez pálido o rosto de Maria Isabel e já é solícita, esquècida de tudo, que agita para Jorge seus braços, a chamá-lo...

— ¿Que queres?

— A Maria Isabel sente-se mal. Também não vejo necessidade de pôr em andamento tudo isto.

— Um minuto só e tudo voltará a dormir.

— Agora já não tenho mêdo.

Afastando-se apressado, já a não ouve Jorge e em Helena quebra-se o interêsse que a fizera amparar carinhosamente Maria Isabel:

— Ah! era por êle! Se eu adivinhasse a pieguice..., — e desdenhosa e enervada: — Vê lá não morra...

— Tive mêdo.

Pelo casarão, a tempestade de sons amainara. Já deixara de ouvir-se o bater do martelo gigante, e eram de agonia os movimentos últimos das máquinas, gestos calmos de quem resignadamente expira. Aquelas aves e

reptis monstruosos de perfis esquisitos e raros que vieram pousar ali, ou tinham voado ou fugido, ou morrido também estrebuchando; a aranha que no teto fizera teia, fôra tomada de catalepsia. E Maria Isabel pôs-se a considerar no poder de Jorge. A um gesto seu, obedeciam todas aquelas fôrças; êle mandava e aqueles milhões de organismos eram impulsionados por sua vontade única:

— Deve sentir-se orgulhoso...

— Sim! dominar a alma inconsciente das coisas, sempre é melhor do que dominar homens. Não sentem piedade por nós e tanto nos obedecem como nos trucidam.

Fôra Helena para junto de Maria Isabel e fitava-a com olhar hostil, impaciências e desamor, como a proïbi-la de mais preguntas, de mais interêsse ou curiosidades. Conhecendo-lhe bem a amorabilidade e seu espírito tão feminino quanto fàcilmente sugestionável, sentia que o espectáculo do poder de Jorge havia de abrir caminho a uma admiração reverente, submissa...

— Podemos talvez sair. Quási me falta o ar.

A sua voz era fria, dura, cortante. Travou do braço de Maria Isabel e como nos olhos dela houvesse ainda a melancolia de quem por admiração fica a scismar, secretamente compungida de sua insignificância, arrastava-a, autoritária, pondo no sacudido do andar, aquele aprumo altivo de criatura a todos inacessível. Por sua vez, sabendo que era por si todo aquele exagêro de maneiras e mesmo aquele silêncio teimoso sôbre o esfôrço de Jorge, um momento vacilou Maria Isabel em

retomar o diálogo; mas êle veio para o seu lado, e ela continuou a sentir-lhe a ascendência manifestada pela necessidade de lhe reverenciar qualidades de energia e saber. Esquèceu Helena e foi dizendo com a sua voz de melhor ingenuïdade:

— Deve dar tanta fôrça dominar tudo isto...

— O segrêdo do meu triunfo é o orgulho da minha vontade.

— Devemos antes admirar o teu tacto administrativo, — dizia de lá, Helena. E em provocação que não pôde suster: — Tiveste certamente facilidades e soubeste governar bem o dinheiro.

— Enganas-te! Tudo o que vês, é sonho meu. Raciocinado? certamente! mas sonho. Sonho de domínio se quiseres, gerado pelo que em mim há de artista, para ser executado pelo homem metódico que é o desdobramento da minha personalidade. Facilidades tive aquelas que consegui arrancar aos homens, co'o meu sonho feito ideia fixa.

— Tiveste certamente auxiliares.

— Eu; depois do meu triunfo, todos os que quis!

Empalidece Helena, a rebuscar frase de lhe dar ascendência. Não a encontra e cala-se, o que dá pronto ensejo para mais curiosidades de Maria Isabel:

— ¿ Esta sala?

— A sala de trabalho dos engenheiros.

— ¿ Trabalha aqui?

— Agora, algumas vezes.

— Outrora?

— Sempre.

— ¿ Gosta muito da sua profissão?

Para o interrogar, fitara-o. Ele sorrira e Maria Isabel já emenda:

— Não responda. Fui impertinente.

— Simplesmente adorável. Amo, sim! a minha profissão. E amo-a pela porção de sonho que posso dar-lhe. Parece paradoxal, mas é assim. Quando nas minhas horas de estudo ambiciono libertar totalmente o homem de tarefas pesadas e brutais, fantasio os mais estranhos maquinismos ou aperfeiçôo aqueles que existem. Depois, junto-lhes realidades, observação, e joeiro tudo. Se fica alguma coisa de aproveitável, então gasto horas e horas a desenhar, horas de agitação e febre, intensas, como as teem os artistas em seus acessos criadores, horas em que vivo àparte do mundo e me tomam sonhos de grandeza e poderio totais. Cada traço, cada curva lançada no papel, é o meu sonho a tornar-se realidade. Enervo-me ou sorrio, entristeço ou alegro-me conforme os resultados; é furiosamente que trabalho, pressas de concluir. Vem depois o sobressalto, a inquietação da primeira experiência, minutos que não vivemos porque a vida toda está suspensa. Ante nós está o gigante que o nosso cérebro gerou, mas falta-lhe a vida. Damos-lhe, então, a primeira tarefa. Se a cumpre, obedecendo-nos, é toda uma orgulhosa alegria, a recompensa das nossas dôres e trabalho, a melhor, a única; se a realiza mal, então, corrigindo defeitos, a nossa missão é a missão dos cirurgiões quando lutam com um mal e vencem. Momentos de criação, sentimo-nos investidos do poder dos deuses; encontrando energias novas, somos bem os dominadores dum mundo novo.

Escuta-o Maria Isabel, mais dominada pelo vigor das frases dêle, pela transfiguração e resplandecimento de seu rosto de provar orgulho e poder mais que humanos, do que por atingir bem aquele sonho. A seu lado, superior a admiração, Helena tomara-lhe o braço, apertando-o por vezes e fitando-a também muita vez com olhos de castigar-lhe a atenção, sorrisos sarcásticos de ferir. Continuava irritada, indisposta, ciümenta da atenção de Maria Isabel para Jorge e a censurar-se de sua imprevidência por aquela visita a um lugar onde êle era o senhor. Oração estirada, ela vira Maria Isabel sorrir ou pensar, sobreexcitada ou triste conforme a voz dêle cantava ou lamentava, e desejos de desforços a sacudiam por aquela traição de ensombrar o encanto das relações havidas. A escutá-lo, sentindo com êle, era deixar-se possuir, atraiçoá-la, consentindo que futuramente em seu cérebro farandolassem mui fortes recordações...

— Parece-me que é tempo de voltarmos para casa.

Ficou-se com mêdo de ver recusado o alvitre e a recear também de que seu empenho fôsse reconhecido por Jorge.

— Compreendido! Queres furtar Maria Isabel à minha ascendência. Concedo, — e a sorrir indulgência: — A minha generosidade é muito a sensação da minha superioridade.

— Irritante forma de tratar.

— Vês como adivinhei. Combinado. Mudarei de assunto.

Por vaidade, reincidiu, porém. Aproveitou nova frase de Maria Isabel para rir de

vontade e ainda mais quando ela tomou atitude de colegial surpreendida em diabrura interdita pela austeridade, braços caídos, rosto ennevoado, lábio inferior distendido:

— Não! não sou rico, Maria Isabel. Vejo deselegante o dinheiro e queimo-o para que êle não me queime. Os homens ainda me interessam e não quero por enquanto afastar-me dêles. Divertem-me. Se você os visse passar pelo meu gabinete... Recorda-se daquele «velho judeu»...?

Ouvi-lo caricaturar a traços grossos toda essa gente que o procurava na mira de o enganar propondo-lhe transacções perigosas; comentar ou desenhar com humor, interesseiros; pôr em anecdota os de prosápia e saber apregoados e ainda os lunáticos que se acreditam homens de acção, os mais interessantes de todos, foi galeria de tipos de causar prazer à curiosidade feminina de Maria Isabel, um dêstes cursos de ironia e riso sàdio de a levar presa a êle numa impressão gulosa de pedir mais, de pedir sempre...

— Chegamos.

Subiam as escadas, devagar. Helena demorou os passos, para dizer a Maria Isabel:

— Vinhas muito bem disposta. Nunca te ouvi rir tanto.

— Pede a responsabilidade a teu marido.

— ¿Vamos apostar, Maria Isabel, em como a Helena lhe vem dizendo mal de mim?!

Todo o dia estiraçada ao sol, a terra enlanguescida dormia agora de cansaço. Noite

dum começo de primavera, noite de milagre tanto o céu recuara para que as estrêlas brilhassem mais àlém, a lua derramava de muito alto o encanto imponderável da sua luz levemente aguarelada a azul. Naquele bairro aristocrático de construções luxuosas e palacetes de recorte exótico, o silêncio dando às coisas irreal aspecto, a noite é amante de coração voluptuoso mas lábios exangues que mais profunda faz sua volúpia porque mais sabe calar.

— Acredite em mim, Maria Isabel! a nossa vontade é o nosso melhor arrimo.

Calmo, sua voz firme fazia contraste com a moleza do ambiente. Tinham vindo, após o jantar, para o gabinete de Jorge, e ali ficaram os três, discorrendo. Solicitada, Helena executara com dedos ágeis a *Erotik* de Grieg e a sensualidade do trecho aumentara porque velada a luz por *abat-jours* orientais, escancaradas as janelas, o luar vestira tudo com o seu impalpável mas alvo tecido de noivar, aquele que reveste as árvores para lhes fazer imprecisos os contornos e ocultar suas horas de fecundidade e ainda o mesmo que cobre a terra abafando seus gritos e gemidos para que o silêncio faça provocações lascivas.

— Sabe lá do prazer da nossa primeira vitòriazinha, a mais difícil porque tudo nos nega o direito do triunfo...

— Nem todos podem lutar.

— Engana-se. O que é preciso é criar em cada um de nós o orgulho, a vontade e, raciocinando, subordinar-lhe tudo. Ninguém conseguirá vencer a criatura que sabe o que quere da vida. Criam-lhe embaraços; ¿destróem o que ela já construiu? Deve ficar-nos o pra-

zer de reconstruir porque é nessa tarefa de reconstrução que a vontade se robustece. E' axiomático: a primeira grande vitória a alcançarmos é a vitória sôbre nós mesmos porque a maioria de vezes somos nós quem nos vencemos pelo desânimo. A confiança em nós gera o orgulho que constrói tudo.

— A's vezes há laços que nos prendem...

— E' rompê-los! Nós contra todos. As derrotas são sempre feitas pelo hábito e pela cobardia. Receamos abandonar o que temos para ir ao encontro das nossas aspirações. Manietados pelo comodismo, somos nós próprios que criamos o mêdo do futuro quando é do passado que devemos recear.

— Tantas circunstâncias...

— Nunca teria suportado uma vida de dependência. Fui sempre rebelde, porque sempre temi das horas de revolta em que nos censuramos amargamente pelo que deixamos de fazer. A certeza que nos possue nesse instante de tudo o que poderíamos ter sido, cria o abatimento, aniqüila. Eu defendo o princípio de que o crime é preferível à inutilidade.

— Esqueces que procedemos assim. Fugimos dos nossos.

— Tu! Sugestionada, a Maria Isabel resolveu seguir-te. Vou conhecendo-a.

— Mesmo que assim fôsse, ¿que tenções são as tuas? Dir-se-há quereres levantá-la contra nós...; contra mim.

— Sou incapaz de intenções reservadas. Ao meu sentimentalismo agrada até o ar amorável de Maria Isabel, porque não lhe sinto as dôres. Levamos, porém, demasiado longe

o diálogo para não lhe censurar a abdicação de si própria, ainda que seja em nosso favor. Deves também pedir responsabilidade a esta luz e perfumes que ameaçam subverter-me. Por hábito esbracejo.

— Desde que triunfaste, és escravo do que conquistaste.

A frase sôa sêca, como de lábios engelhados. Uma necessidade de amesquinhar Jorge, de diminuí-lo, de ridicularizá-lo no seu orgulho, fizera que Helena rebuscasse no cérebro, remoque, censura ou estocada de ferir fundo. Enquanto êle discorrera, alheara-se para pensar e agora, contente consigo, fitava-o com olhares de desafio.

— E' uma frase. Não esqueças que quero mais porque o triunfo nunca é completo. Só os ambiciosos dormem, chegados ao que queriam. Conservo o que tenho porque não se pode construir no vácuo.

— ¿Nunca ninguém te dominou?

— Aparentemente, talvez. Tu, por exemplo.

— Eu?

— Aparentemente. Com o nosso casamento, fiz muito a minha vontade.

Porque acreditou dificultoso logo discernir Helena seus sentimentos, Jorge fizera a palavra lenta, de tons suaves, não visse ela filáucia onde apenas havia amorabilidade raciocinada. Como todos os homens de acção que no amor procuram refúgio e refrigério para suas preocupações e tarefas, certo amolecimento fisiológico que a posse de Helena criara em Jorge, não se empenhava êle em destruir, gostoso dessa sensação de o trazer aquietado. Êle via bem que Helena se dava à ilusão de o

dominar um tanto, mas sorria, confiado em suas qualidades, e foi dizendo:

— De resto, quando não conflituam connosco, nós, os que mandamos, também por vezes sentimos a necessidade de obedecer, tal qual aqueles que tudo negam e por vezes crêem.

— Vencidos.

— O prazer dos contrastes.

— Se eu tivesse tomado contacto com a vida!... — sonha Maria Isabel...

— Pois é preciso que comece vivendo agora. Deve auscultar as suas fôrças e escolher tarefa que justifique a sua existência. Uma vida sem luta, é uma vida inútil. E' necessário que sejamos aquilo que queremos ser! desterrar para sempre a dúvida e ir arrancando aos outros aquilo que não querem dar-nos. Na vida prática como na vida sentimental. Exemplo? o meu casamento com a Helena! Que importa que tenha sido o egoísmo que a trouxe até ao meu lar, se eu hei-de saber transformar êsse sentimento; se chegará o dia em que hei-de ser para ela motivo de viver.

— Depende...

— Seja como fôr!

— Havia de ter graça! ¿Lutar contra quem? Contra nós?... — e Helena erguia-se, agitada, impaciências de gesto e voz quási irada.

— Não aconselhei: defendi principios. Mas se tanto fôr necessário...

— Havia de ter graça.

Cerrados os olhos, continuava Maria Isabel a escutá-lo, atenta, atentamente, cabeça recostada no espaldar do *maple*. A degladiarem-se

em seu íntimo sensações e sentimentos antagónicos, a fadiga de nervos aturdia-lhe o cérebro, criando nela um estado de morbidez lúcida, sensual pelo perfume de grandes rosas rubras, abrasadas, que enchiam o gabinete, de difundir alegria porque a energia dêle a obrigava a segui-lo alvoroçada, e de constranger porque espionada se sentia por mêdo inconsciente...

— Quero-a livre, Maria Isabel. A gratidão é tola porque exagera sempre o valor do que recebemos. Quem nos dá é porque nos pode dar. ¿Recorda-se do que lhe disse hoje de tarde? Pretendo que me admirem; nunca que me lisonjeiem.

Para estes incitamentos aproximara-se de Maria Isabel, tomando-lhe os pulsos carinhosamente. Ela estremeceu e descerrou as pálpebras. Ficara êle na estrada empoeirada que a luz abria através o aposento, o rosto resplandecendo orgulho, semblante duro, mas olhos alumiados por chama oculta. Alto, o silêncio, aquela luz, avantaja-lhe a estatura; fitando sobranceiro, transfigurara-se, como se as palavras o tivessem libertado de qualquer espectro de algemas de infâmia. Ela sente que deve começar obedecendo-lhe...

— Sim! sim!

... mas por detrás dêle, logo aparece Helena, e Maria Isabel empalidece, sentindo pesar sôbre si propria uma sensação de imobilidade. Os olhos dela ameaçavam, luz sinistra; gesto muito seu familiar, agitava a cabeça:

— A Maria Isabel fará sempre o que eu quiser que faça. Não é para outra coisa que a tenho amparado pela vida fora.

Falava Helena como de muito longe, voz de maldição que o ódio anima, voz de abater qualquer impulso ou revolta que traduzisse intuitos de independência. Mais empalidece Maria Isabel, mais sente pesar-lhe a imobilidade dos anos volvidos, anos que vivera a juntarem-se aos anos por viver, corrompendo-os com a podridão de sua morte...

«E' mister que o nosso passado seja forte, útil, para que o orgulho do que fomos, do que somos, nos dê alento para novas conquistas. Uma vida sem luta, é uma vida inútil. E' preciso que sejamos aquilo que queremos ser, acreditando em nós mesmos.»

Já em seu quarto, e em horas de insónia, Maria Isabel recordava os incitamentos de Jorge, *ouvia-o*, sentia a tutela de sua fôrça e valor, e abatida pelo mêdo de ser adivinhada sua traição, acreditava que êle jàmais a poderia, jàmais a saberia perdoar, e sombras dum remorso que vinha de sua propria admiração, inquietavam-na, molestavam-na, fazendo-a revolver-se no leito. Viera para ali quási alegre, uma sensação de vida nova, de liberdade plena a perturbá-la, lufada de felicidade que irrompendo da alma varrera espectros e terrores, mas agora, passados aqueles minutos de vertigem, primeiras fortes perturbações sentidas, novamente a dominava o mêdo, um incipiente respeito pelo homem, que era o reflexo das acções de Jorge, e um abatimento que era a percepção da inutilidade de sua vida, inquietações pela sua mentira. Do passado vinha

sempre um bafo de derrota. Anos e anos presa a Helena, sua índole passiva creara e alimentara pela amante, voluntariosa e insubmissa, de tédios frenéticos de fazer dobrar a cerviz e violências de mostrar vícios de temperamento, o culto quási helénico que faz grata a admiração; juntas recordando a-miúde suas petulâncias adoráveis de crianças e seus arrojos precoces vindos duma vida ao ar livre, em muito Maria Isabel forjara suas próprias algemas, fazendo difícil agora subtrair-se àquela ascendência. «Deve consultar as suas fôrças e escolher tarefa que justifique a sua existência...»

A rememorar o que êle dissera, pretende Maria Isabel trespassar o sentido das frases. Reflexiona; mas como viera pela vida fora a sentir mais do que pensar, o cérebro nega-lhe raciocínios, e um véu de tristeza a vai cobrindo lenta, lentamente, as coisas naufragando numa vazia imobilidade. ¿Sendo mulher, o que podia fazer? a que tarefa dedicar-se, que batalhas a travar, de que fadigas encher os seus dias para creditar-se útil? Até mesmo a sua beleza, seus voluptuosos sentidos, eram hoje escravos. E que tentar para libertar-se... A sua mocidade, como a mocidade das demais, outra coisa não podia fazer do que oferecer-se ao amor fecundo, forte, algo brutal mas generoso do homem. Entregar-se...

Continuando em seu cérebro a repercutir-se os incitamentos de Jorge, aquela sensação de dependência é espinho agudo de ferir ao mais simples movimento, fazendo-lhe preadivinhar dias tumultuosos ainda por nascerem na sua vida, mas certos desde que desenvolver

quisesse aquela sua nascente aspiração de liberdade de acções. Fôra tão fértil em ineditismos aquele dia, desde a visita à fábrica, às falas-estímulo de Jorge, que sua feminilidade e conseqüente espírito de sacrifício, invejara a tarefa de sentir-se útil; o apêlo à vontade dilatara-lhe a certeza de sua imutável sujeição. Sem o poder exprimir em pensamentos, compreendia nessa hora que um facto novo, um princípio novo havia penetrado em sua moral e que da luta a haver com o hábito resultaria um fenómeno de a transformar e redimir...

— Se eu pudesse! se eu pudesse...

Ficava-se, olhos atónitos; depois sorriu ligeiramente, pálido reflexo dum bem-estar só um momento sentido e que docemente se esvai num suspiro que nem chega a murmurar-se. Só os olhos continuam atónitos, fixos, como de quando as recordações fazem chorar. E' que sentiu Jorge muito próximo, muito junto de si, a inclinar-se sôbre o seu ombro, um sorriso de piedade...

Súbito, escancaram a porta do quarto. E' Helena. Demora-se para escutar; vem pálida:

— Velho maldito!

— Viram-te?

— Não sei! Mas nesta casa o próprio silêncio tem olhos. Passava no corredor quando ouvi outros passos... Talvez imaginação.

— E' perigoso. Tenho-te dito...

— Descansa! ninguém virá surpreender-nos. O Jorge, dorme.

Concentra a voz, os olhos rebrilham. E sarcástica:

— Sou mais forte do que êle!

— Pode acordar...

— Queria beijar-me, mas o sono venceu-o. Vinguei-me. Conheço certa droga...

— Mas então..., — e Maria Isabel tenta alcançar toda a verdade, conhecer bem o proceder de Helena.

— ¿Que te importa? preciso de me libertar!

— Helena! Helena!

Voz em grito, assustada por admitir que Helena esteja prejudicando a saúde de Jorge, num instante a sensação de sua cumplicidade quási lhe fez insuportável a presença dela: — Pode fazer-lhe mal!...

— Não tanto como hoje me fizeste.

— Eu?

— Sim! tu! ¿Julgas que não te observei? Conheço-te! sei que te deixas sugestionar fàcilmente. Mas eu estou àlerta e livra-te, livra-te de que cometas qualquer infidelidade. Vingar-me-ia, que julgas!

— Sou amiga do Jorge; guardo-lhe reconhecimento. Casou contigo; pôs-nos ao abrigo de necessidades; defender-nos-há.

Era ainda a sensação de perigo que Jorge corria, exagerando sentimentos...

— Que importa, se eu hei-de herdar de minha mãe! De resto é sua obrigação defender-nos.

— Defender-te, queres dizer. Quanto a mim...

— Foi com essa condição que casei.

— Podia aceitá-la e arrepender-se depois. Mas não! sinto-o cada dia mais nosso amigo.

— Dá o que pode dar! Hoje, o bem que disfrutas é apenas feito do meu sacrifício.

— ¿Mas o que fiz eu?

— Fôste toda atenções para êle.

— Para que não desconfie.

Mentia Maria Isabel com surpreendente facilidade. Receando dum mal futuro, mas sentindo-se adivinhada, se não podia fugir a cumplicidades, quis defender-se, defendendo-o, e a mentira deliciava-a naquele instante: — Esqueces que é inteligente. Precisamos disfarçar.

— Juras? jura que é a verdade.

— Atormentas-me sem razão. Por enquanto ainda não fiz nada que possas censurar-me.

— E não farás nunca. Eu sei amar-te como ninguém.

Estremece Maria Isabel: as palavras de Helena veem ao encontro da sua necessidade de a torturar. Aproveitada de suas observações e mortificada porque achava nela muito que repreender, sentia que desilusões a aguardavam e seus olhos fulguram e seu ânimo se alevanta. Tomara-lhe Helena as mãos, apertando-as como a querer adivinhá-la, e pela primeira vez desperta em Maria Isabel uma grande ânsia de a dominar, sentindo que ela se dispunha a desmanchar suspeitas. Lutar era colocar-se entre uma dúvida medrosa e uma grande esperança, mas ver-se acreditada era o fim de sempre, fim-obstáculo, fôrça monstruosa de a sufocar embora esbracejasse. Mas também logo e sôbre o ardor dêsses momentos de decisão cai o mesmo espanto de quando um inimigo se vem entregar sem luta, surprêsa que imobiliza, e a cobardia do hábito que traz o mêdo do desconhecido cerra seus olhos para uma vez mais transigir, mentindo:

— Também eu te amo.

Cinge-a Helena e voluptuosamente, respiração suspensa, beija-a nos lábios com beijos

enervantes, lascivos, enquanto suas mãos ágeis a desnudam. Deixa-se Maria Isabel beijar, mas encolhe-se friorenta. Arrepios percorrem-na. Não se desespera Helena, antes pretende difundir malèficamente o perfume sensual de sua carne, estreitando-a mais fortemente, sempre mais forte, beijos mais demorados e sôfregos, dedos recurvados amoldando-se amorosos, indo e vindo, devassando-a toda; e tomando por arteirice feminina aquela meia defesa de Maria Isabel, sorri agradada pelo jôgo amável de a fazer interessar-se mais na conquista, de a fazer desejá-la mais. Conhecia carícias de sobreexcitar até ao espasmo a fibra do desejo mais extenuada e gasta. Sempre que Maria Isabel simulava languidez de cansaço, aquele aborrecimento de sentidos de insensibilizar a volúpia, ela sabia obrigá-la à febre intensa e tumultuosa das virgens a quem a virgindade fatigara e loucas se entregam. De tanto a beijar toda, não tinha seu corpo segredos, e ela havia de iluminar a vermelho, a côr voluptuosa, aqueles olhos ainda nesse momento dormidos de serenidade.

. . . .

Não o conseguiu, porém. Maria Isabel foi amante inerte, como se o fumo dum ópio màximamente adormentador a tivesse atirado para as insensibilidades de quem suporta o amor em ofício. Todo o dia contagiada pela rebeldia de Jorge, seu passado a pesar-lhe vazio por cada vez que o examinava, e inútil seu futuro pela imutabilidade do destino, conservara-se nessas horas espectante, o pensamento acordando instintos de a tornarem apta para receber quaisquer sugestões. E como em to-

das as cumplicidades existe o receio pelo dia de àmanhã, receio de que é feita a traição, só via perfeitas as acções de Jorge, e deselegante que Helena viesse recordar-lhe ainda mais sua sujeição. O hábito a obrigá-la a proceder como sempre, antagonismos de desejos e aspirações começavam forjando a revolta de que o seu rancor havia de fazer vitória, — sentia-o! — embora só para dominar Helena!

II

Vida já um tanto regulada, a alguns dias do casamento, distribuiam agora as duas o seu tempo em passeios largos, em chás de *restaurant* elegante, carro à espera, diversões várias para os olhos e paladar, mas orientadas por forma e maneira a conseguirem horas-íntimas, sem testemunhas, e feitas longe das vistas da criadagem molesta e indiscreta. Insatisfeita, porém, se sentia Helena, a fatigá-la um tanto o ciúme vigilante por Maria Isabel, a quem totalmente não podia furtar à convivência dos homens, e muito porque sentindo ela própria de quantas precauções se rodeava para não despertar em Jorge quaisquer suspeitas, dêsse seu cuidado resultava um mêdo fisiológico que era o cansaço de sua atenção obsessionada. Via-o pronto a dissecar frases e pontos controversos, sempre atento ao que havia por detrás duma acção, e pretendendo com êle lutar, não se declarava a mais forte, antes a de mais fracos recursos porque era

ela quem se defendia. Quando com êle se encontrava, logo suas qualidades de vontade e hábitos de independência se insurgiam pela atenção e cuidados de que fazia largo dispêndio; em suas horas de insónia, infalíveis sempre que êle a possuia e ela não lograva afastar-se do leito porque Jorge recusara o chá ou outra qualquer bebida que favorecera a mistura do soporífero, fazendo-lhe o sono pesado, certo era desentranhar-se em projectos dos mais arrojados aos mais torpes: pazes com a família de justificarem dias de liberdade passados longe, o divórcio que lhe daria avultada pensão. Vinham, depois, vacilações, desde o receio de que Jorge as quisesse acompanhar a Coimbra, até à ignorância profunda da maneira por que a mãe a receberia, projecto a estudar em detalhes, o divórcio impossível porque não tinha ainda pretexto nem sabia como provocá-lo de forma a servi-la. De a contentar, apenas a circunstância feliz de Maria Isabel ter voltado a ser amante fiel e carinhosa, quer prudente e comedida no falar, quer não lhe oferecendo razões para suspeitas. Mesmo em análise última, se ela era origem principal de seus ciúmes, dela desviara seu motivo de sofrimento, não a examinando, atenção toda voltada para Jorge.

— Maria Isabel, sofro! sofro muito!

— Como eu lamento não te saber dar felicidade...

— Cala-te! E' êle! é êle! Que eu pensei..., pensei que talvez dando nós pequenas festas, proporcionássemos a Jorge o ensejo de conquistar alguém...

— Não entendo.

—Desde que êle tivesse uma amante, deixar-nos-ia mais tempo livre.

— Podes não colhêr êsse resultado. Não o dizes tu enamorado!

— Os homens teem a mania da infidelidade...

— Conta! conta!

Raciocínios sempre unilaterais de continuarem sua velha mania de afastar Maria Isabel da curiosidade pelo homem à fôrça de conselhos e ensinamentos, Helena não reconhece quanto assustando Maria Isabel, coloca todos os seus argumentos à mercê de desmentidos fáceis. Adulterando a verdade para àlém do necessário, qualquer pormenor, ainda o mais insignificante, irá desenvolver em Maria Isabel a avidez de reconhecer até que ponto Helena exagera ou mente, seu maior risco a facilidade de acreditar todos semelhantes a Jorge.

— Quando nós lhes mostrarmos a nossa amiga mais íntima e os forçarmos a reparar nos encantos que assinalamos, verás como êles começarão o cêrco. E então poderemos até encontrar pretexto para o divórcio...

— Se tudo fôr assim tão fácil...

— Eu conheço-os! sei o que valem!

Nessa mesma tarde falou a Jorge. Disse-lhe de seus projectos, e faltando-lhe argumentos, também não andou longe da verdade confessando ter saudades das recepções e festas de quando, ainda menina, o solar de seus maiores rejuvenescia em bailes, resplandecendo. Tanto tempo divorciada de seus hábitos, vida inferior no teatro, era não só necessidade de espectáculos ruïdosos e alacres, decoração única para exigências de espírito

vindas de suas condições de nascimento, como até resgate para anos, muitos, de sacrifício e transigências.

— Mesmo porque preciso criar relações...

— ¿Insatisfação de vida a meu lado?

— Não! não! apenas mais um capricho vaidoso. Consentes?

— ¿Como queres que recuse?

— Podias...

— Se eu pretendo lisonjear-te...

— ¿Liberdade plena?

— Completa.

— ¿Como queres que te agradeça?

— Sorrindo.

Trejeito de Helena como se recebesse ofensa; comentário de Jorge:

— ¿E' pagar caro?

— Não! não! estava considerando na tua generosidade.

— Resta-me ainda tanto tempo para te contrariar...

Reclusão de estudo, fugido do convívio de gastar tempo por temperamento e extenuante trabalho, para a sua festa Jorge apenas indicou meia dúzia de nomes de suas relações mais íntimas, mas viu fácil encher suas salas encarregando o director de *A Imprensa* de convites em número ilimitado. Encargo aceite, os artistas largamente representados, numa quinta-feira de Abril, a casa abarrotava, pletórica de nomes conhecidos e sempre agitados pelas louvaminhas da imprensa, pintores de primeira medalha em certames artísticos e

crachás do govêrno, escritores, poetas e dramaturgos com *fauteuils* em Academias, jornalistas de opiniões formadas e carreiras definidas, músicos com orquestras suas, *diseuses* de recente criação mas de conquista rápida, actrizes e actores disputados de empresas pela consagração do público em receitas de bilheteira, e uma dezena de nomes que os diários, uns paternais, outros catedráticos, todos do alto de sua experiência de cabelos brancos e saber, predíziam eleitos. Dois ou três apelidos aristocráticos; famílias burguesas...

Ia Maria Isabel ao encontro do espectáculo alacre duma multidão em festa, vazia de impressões por alevantada curiosidade, e até lisonjeando Helena pelo desconhecimento quási absoluto de praxes de etiqueta vigilante e exigente. Se o projecto dessas reüniões e festas agradava a Helena, porquanto em muito a roubava a suas lutas e horas de revolta, ajudando-a a suportar Jorge, não deixava de ter para ela o seu encanto por via da vaidade, expôr aos olhos interessados da amante sua maneira gentil de receber e tratar. Já mesmo a tinha divertido certificar-se do alvoroçamento de Maria Isabel, vendo apenas ignorância onde também havia tenção oculta de tudo saber discernir, avaliando. Mesmo a pouco tempo da chegada dos convidados, as duas em seu quarto de vestir, Maria Isabel ia dizendo:

— Como eu estou contente! Sabes? muita vez sonhei com estes bailes, com esta sociedade para aonde me trouxeste...

— ¿E a quem o deves?

— A ti! eu sei! não esqueço.

— Então?
— ¿O beijo do costume?...
— Amas-me?
— Sempre te amarei.
— Então, sorri. ¿O que te disse eu?
— Não vês que sorrio?
— O piór possível.
— Exigente!

Havia ainda tristeza no falar e sorrir de Maria Isabel. Recordar-lhe Helena nesse momento toda a gratidão que devia dar-lhe em obediências, magoou-a, diminuindo-lhe a alegria dessa hora, mesclada de infantilidade. Em seu hábito de domínio, Helena esquècia que presentemente Maria Isabel se encontrava de posse de elementos de confronto por aonde avaliar da generosidade de Jorge porque a cotejava com os férteis remoques da amante, e nunca seu amor sempre inquieto escolhera piór ocasião para mostrar orgulho de mando. Sentindo Maria Isabel que sua entrada na vida de salões lhe daria espectáculos de beleza e côr até ali apenas adivinhados, uma torturante timidez vinda de sua feminilidade, junta a curiosidades fortes, traziam-na inquieta e melindrosa por via de suas faculdades de imaginação sobreexaltadas.

— ¿Estás pronta?

— Só mais uns minutos!, — e porque cuidados de sua beleza e trajos encobriam em Maria Isabel secretos intuitos, o pretexto foi fácil: — Não quero que me vejas mais feia que as demais...

— Vaidosa?

— Ambição de conservar o teu interêsse por mim.

De seus aposentos saíam, porém, mui pouco tempo depois. Já a casa resplandecia de luzes, acolhedora, ambiente perfumado e morno, estofos a prometerem confôrto. Presa de sensações raras, as coisas perdem para Maria Isabel seu aspecto familiar para apresentarem inèditismos de silhueta e novidades de colorido. Pisando tapetes e alcatifas, sentia-os mais bastos de fêlpa, a fazerem silenciosos e fáceis seus passos miúdos: aposentos tinham sido como que alargados, tetos altos...

— Preciosa.

— ¿Onde estava?

— Esperava-as. E justifica-se o meu alvorôço...

Primeiras palavras para Maria Isabel, logo Helena rebate:

— ¿Tiveste sempre assim fácil o galanteio? Desagradas-me.

— Admirável! E' delicioso o prazer da reconquista.

— ¿A envaideceres a Maria Isabel, aonde a queres levar?

— Até tornar-se tão inacessível como eu. Talhada para príncipes, preciso defendê-la de certas curiosidades...

— Eu também a sei ensinar.

— Desconfio das tuas prédicas. Certamente lhe dirás horrores da vida, quando apenas é necessário que ela saiba escolher prazeres.

— Poupa-me aos teus discursos.

— A ingratidão é lei fixa!, — e para Maria Isabel: — Aposto que a Helena ainda não lhe disse que está deliciosa de mocidade e frescura.

— ¿São êsses, os conselhos?

— Exigente! comecei agora! Será corteja-da, admirada, adulada...

Recalca já Helena começos de impaciên-cia a tenderem para a cólera, e afanosamen-te busca com seus olhos de censurar, os olhos de Maria Isabel gulosamente presos aos olhos de Jorge...

— Vem ajudar-me, Maria Isabel! Nem te dignaste reparar em mim! — ¿Não vês como tenho o cabelo?

— Pretexto velho, Helena.

— ¿Juraste enervar-me?

— Liberto-te.

Tomando o braço de Maria Isabel, Helena quási a obriga a segui-la. Voltam ao quarto de vestir, e a sós, logo Helena desabafa:

— Parvo! Parvo! ¿E tu! tu ainda não no-taste como estás indecente? Repara no de-cote dêsse vestido e em como abusaste do carmim. Se não te conhecesse diria que pre-tendes fazer-te notada, tantos cuidados pu-seste em arrebiques.

Sem mais aviso, desmancha-lhe o arranjo do trajo, destinge-lhe os lábios, obriga-a a mudar de penteado. Gasta mesmo largo tem-po a mirá-la, propósitos de lhe esconder per-feições de rosto. E sempre resmungando:

— ¿A quem quererás tu agradar?

— ¿E agora?

— Agora parece-me bem.

Quando voltam ao gabinete de trabalho de Jorge, já êle estava acompanhado pelo jornalista-director de *A Imprensa*. No apo-sento contíguo, tanto mais batido de figura quanto imaginava encher-se a casa de ruí-

dos, o José lá ia recalcando desesperos pela perda de seus hábitos de isolamento...

Sorrisos, cumprimentos, discretos galanteios do jornalista a Maria Isabel, minutos rápidos porque tiveram de ir ao encontro de alguém... Estendem-se mãos, apresentam-se, saüdam-se, e desde então começa o desfile de ombros nus e *toilettes* preciosas em talhe e côr que faz duma sala repleta de mulheres, espectáculo de lisonjear os sentidos gulosos dum artista visual. Assistência mesclada de nomes conhecidos e nomes ainda mal decorados de esposas de escritores, jornalistas, pintores, que encontram em bailes e recepções e jantares de gente escolhida a melhor e mais fácil forma de secundar ou ajudar esforços de seus consortes, ajuntavam-se em grupelhos, sorrindo e lisonjeando, intrigando e sorrindo... Iam fazendo dança, música, recitação e canto, todos homenageando Helena, curiosos de conhecer suas múltiplas e magníficas qualidades e aptidões.

Embora de vaidade aquècida a aplausos, lutava Helena contra seus impulsos ciumentos. Querendo ter encontrado fórmula de deslumbrar Maria Isabel e trazer a seus nervos repouso e alívio, tão inquietos e doridos estavam pelo convívio de Jorge, arrependia-se agora de seu projecto observando que a alegria de rosto e viveza de falar de Maria Isabel claramente provinham de seu encantamento. À Helena agradaria que Maria Isabel lhe devesse agradecimentos pelos prazeres que lhe dava, mas nunca que de outrem recebesse a mínima parcela de prazer; queria que a amante a soubesse única em acumu-

lar espectáculos nunca vistos, mas não consentia que alguém se imiscuisse nesses espectáculos. Sentir assim norteado, já mesmo e a pretexto de que a vira enlaçar-se em demasia, lhe interditara a dança. Hora já avançada da noite, era agora que mais solicitações havia no ambiente, atmosfera aquècida a palavras e risadas, rumor que faz alegria. Todos já um tanto familiarizados, preferências assinaladas, constrangimentos tinham desaparecido e cada qual se entregava a interlocutor de seu agrado, o que, misturando a assistência, fazia contraste de agradar aos olhos pelo negrume das casacas junto do colorido alacre dos trajos femininos. Adivinhavam-se galanteios, confissões; assistia-se à narração de casos, certamente picarescos, pelos sorrisos duns e pela sensação de guloseima nos olhos doutros. Intrigava-se, fazia-se novela...

— Fica aqui a meu lado. Vejo que estás mais alegre do que convinha... ¿O que te teem dito?

— Banalidades.

— ¿E êsse tal jornalista? Sorriste tanto...

— Sigo os teus conselhos. Como sei todos mentirosos e cobardes, gosto de ouvi-los mentir. Preparo-me, até, para desprezá-los de vez.

— Seja como fôr, fica algum tempo junto de mim.

— Como quiseres.

Toma Maria Isabel assento, ombro a ombro de Helena, e ali fica, mas de olhos abertos a sugestões e muito mais ávidos. Dançava-se, e Maria Isabel vai fitando todos aqueles corpos que rodopiam, descobrindo

fulgurações de felicidade no rosto de algumas mulheres, espionando sorrisos de inquietação ou nervosismo nos lábios de alguns homens. O espectáculo dos corpos enlaçados fustigava sua curiosidade, ao mesmo tempo que seus sentidos esfaimados pretendiam adivinhar as palavras trocadas e o significado real de sorrisos e momices.

— Estou arrependida de ter pensado no baile.

— Ainda não te dei motivo...

— Pois tu não vês a forma por que hoje se dança! Falta apenas beijarem-se.

— Há quem peça a minha interferência...

Adiantara-se para elas, o jornalista, sorriso fácil de cortezia mais fácil ainda. Logo, porém, Helena interroga:

— ¿Alguma apresentação? A Maria Isabel está cansada...

— Adivinhou. ¿Como quere que me faça perdoar?

— Mas como a minha recusa é difícil de justificar... — e Maria Isabel prendia seus olhos aos olhos dêle, como a rogar insistência de levar de vencida o capricho tolo de Helena.

— Chama-se a isto confiar pouco nas suas qualidades de diplomata!

— Dar-lhe-hei o primeiro tango, quere? E' uma recompensa.

Ruborizou-a o arrôjo, mas porque viu Helena disposta a contrariar totalmente seus prazeres, superior não pôde ser a seu impulso...

— ¿Vontade de me ver ridículo? Já reparou na minha idade?

— Aceita?

— ¿Já alguém recusou um pedido seu?

— Sacrifica-se?

— Estou há tanto tempo saturado da minha sensatez...

— Então...

— Estarei de atalaia aos primeiros compassos, velho baboso...

— Obrigada.

— Piedade para o meu deslumbramento.

Morde Helena os lábios para não falar, os dedos inquietos e irrequietos desenham curvas sôbre o vestido. Afasta-se o jornalista.

— ¿O que significa esta comédia?

— Pois tu não vês que é preciso disfarçar!...

— ¿Quem te deu êsse encargo?

— A necessidade de que ninguém conheça o nosso segrêdo.

— Maria Isabel! Maria Isabel! livra-te que eu desconfie!

— ¿Já te dei razão para ciúmes?

A frase era a mesma de sempre, argumento supremo de quem agita honestidade de corpo...

— Se eu um dia...

Solicitam-lhe, do lado, a atenção. Falavam da vida e milagres duma santa que em muito nova pecara, e preguntavam-lhe interessadas, se lá fora também a veneravam. Dos seus melhores convidados, obriga-se Helena a prender sua atenção à narradora, senhora dum perfil trágico e olhos dum brilho raro, pupilas cinzentas. Dedos carregados a anéis de pedras enormes e engastes caprichosos, as mãos eram de aristocratizar e fazer

bela a lâmina sangrenta mas justiceira dum punhal vingador.

Porque Helena simula interêsse e certamente tão cêdo a história não acaba, sente-se Maria Isabel sùbitamente livre. Hora em que o corpo fatigado fez deliciosa a intriga e fácil a mentira pelo prazer dos colóquios, todos se escutam com benevolência, encontrando mais volúpia na quietude do que em alegrias ruïdosas.

—¿Feliz e contente?

Para ela se adiantara Jorge, mal a vira, e agora com sorriso indulgente a escutava.

—Não castigue o meu ar selvagem...

—Deliciosa, ¿já fez rosário de galanteios?

—Ainda não chegam a cem...

—Vou censurar os nossos convidados e preencher o número. Reproduza o que mais lhe interessou, para que eu comece daí. Poupamos tempo.

—Disseram-me, por exemplo, que eu tenho rosto e corpo de Scherezade...

—¿E quem foi?,—e Jorge sorria de vontade.

—O poeta de Madame Sampaio.

—¿A Sampaio com y? Proíbo-lhe que o escute mais. Estraga-a.

—Então...

—Mas é uma enormidade! ¿E não lhe falaram dos ópios e das horas deliquiscentes dos sonhos rubros; duns apetites do mundo em chamas?

—Não! não!

—Estou mais tranqüilo, mas o perigo permanece.

—Proclamaram, apenas, que eu era labareda...

— Madrigal próprio da estação friorenta que corre. Perigosos, os outros. ¿Quere um conselho?

— Estou interessada.

— Quando lhe venham falar de exotismos, diga-lhes da beleza do pôr-do-sol e dos espectáculos gozados da Natureza em plenas galas; quando lhe descrevam certos ambientes conquistados a perfumes de incenso e mirra, luzes das mais esquisitas côres, estofos e almofadas de apetecer sonos eternos, responda-lhes que em muito lhe interessam parques, bosques e montes, águas revoltas de oceanos, horizontes sem fim...

— ¿E mais?

— Mais? que já dormiu sôbre a cama dura da terra, à sombra amiga duma árvore centenária, e que aprendeu lições de ternura com a dôr silenciosa duma pomba viúva.

— Discursas e eu espero... ¿Quando acabas?

Era o jornalista que vinha solicitar de Maria Isabel o cumprimento da promessa feita, braço pronto.

— ¿E se conversássemos?

— ¿Quem lhe conferiu o condão de adivinhar os meus desejos?

— ¿Sem reservas?, — e Maria Isabel sentiu-se a estender as mãos ao jornalista.

— Encantado.

— Combinaram?, — inquiria Jorge.

— A Maria Isabel propusera-me o primeiro tango... Eu...

— Mas caridosamente recordou agora a tua idade.

— ¿Fizeste traição?

— Não acredite o Jorge. Sinto um grande prazer em ouvi-los e como não haja duas horas iguais...

— Sentença do Jorge, vou apostar.

— Ganhou!

— Deixava cair seu corpo sôbre um *maple* próximo. Possuíra-se a voz duma discreta alegria; exprimiam seus olhos, curiosidade e ingenuïdade...

— ... ensinem-me!

Não houve, porém, tempo para encetar palestra. Helena apròximava-se dêles, e Maria Isabel erguia-se de salto para tomar o braço do jornalista.

— ¿Querias falar-me? eu volto já! é o tango prometido...

Tentando fazer a voz graciosa, tons duros por vezes se apercebiam. Afastou-se lépida, sem dar a Helena ocasião para qualquer comentário ou indicações, e ao jornalista logo justificou: — A Helena não me dá um momento de liberdade; segue-me como se fôra mãe feroz. ¿Não lhe parece que é preciso ter confiança em mim? Qualquer dia emmudeço.

— E' preciso desculpá-la.

— Mas nem o Jorge tem assim tantos ciúmes da Helena.

— A sua beleza justifica tudo.

Como todos os artistas de palavra fácil e imaginação fértil, não se retrai o jornalista em galanteios, e o diálogo sem esfôrço se encaminha para cantar beleza e perfeições de Maria Isabel. Até ela o instiga a prosseguir, com as mil momices femininas que solicitam sem pedir. Vaidade feliz e contente em escutá-lo, o espírito predisposto p'ra desforços contra

Helena, um momento há em que perturbada de sentidos por alegria mais fortemente fruída, cerrou encantadamente as pálpebras pelo sabor um tanto acre de se ver cortejada. A uma impressão espectante do desconhecido, do ignorado, vinha juntar-se um receio incipiente de traição, temor vindo de sua própria fraqueza. Idade em que tudo quanto é sensações interessa, tudo se tornava em Maria Isabel mais doloroso porque tudo desconhecia. Desejos dos homens nunca tinham roçado sua carne; a seus ouvidos não tinham chegado nunca palavras de enlanguescer e alvoroçar...

— Venha comigo! proteja-me!

— ¿Contra quem?

— Contra o mau-humor de Helena; contra mim própria. Leve-me até junto do Jorge.

Tinham-se calado os violinos e toda a sala se enchia de passos ruïdosos. Sorri o jornalista daquele mêdo pueril de Maria Isabel, mas acompanha-a. Helena como se adivinhasse, porém, da tenção de Maria Isabel, de junto de Jorge não se arredara ainda, e recebe a amante, sorrindo...

— Caprichosa! será agora que ficas algum tempo junto de mim?, — e levando-a, seus dedos vão estorcegando o braço de Maria Isabel, e sua voz ameaça:

— Sinto vontade de te bater, ouviste? sinto vontade de te bater!

Recusando Helena repetir suas recepções porque Maria Isabel a molestara por inconsciente e voluntariosa, muito também lhe cus-

tava repelir totalmente um pedido da amante, e transigira por fim, em receber meia dúzia de amigas em chás íntimos, muito íntimos, quási excluídos os homens, — não fôssem repetir-se certas scenas para ela desagradáveis e de a trazerem indisposta pelo que podia dizer-se de Maria Isabel, doidivanas e curiosa!, — perorava à amante e a Jorge, justificando seu proceder...

— Não vejo o perigo.

— Temos da vida conceitos diferentes.

— ¿Por que não começarás reparando que segues caminho errado?

— ¿E's tu quem lhe dás essa mania de liberdade?

— Preferível à tua educação de claustro.

— ¿Mas o que fiz eu? o que fiz eu?

Era quási em grito, a voz de Maria Isabel. Presenciando a troca de razões entre Helena e Jorge, possuia-se de mêdo por qualquer exagêro da amante que diminuí-la fôsse aos olhos dêle.

— Faze que ela saiba o que quere da vida e nos estime e admire, e verás que recuará sempre ante qualquer acção de nos magoar.

— Tenho visto tanta mulher fugir aos seus...

— Precisamente porque não os admira. ¿E por que não há-de ela fugir-nos, se tanto fôr necessário para conquistar a felicidade?

— Teorias! teorias! Preferia vê-la morta a desonrada! e eu vi que toda ela se dava a um imbecil de quem não sei até o nome. Namorava! namorava toda a gente!

— Mentes!

Voz a vibrar forte, mais palavras não gasta

Maria Isabel em desmenti-la. Gradações de sentimentos, certificam-lhe que o traço fundamental do carácter de Helena é vencer, mesmo à custa da mentira e logo a classifica incapaz da mínima acção de fazer exemplo de ennobrecer quem a pratica. Aquilatando também e mais uma vez presenciando do austero princípio de justiça que Jorge elegera por inflexível preceito de viver, oferece-lhe sua admiração reverente, sentindo que lhe cabe inteira razão quando afirma admirações e estima, a melhor e quási única defesa para qualquer assômo de loucura.

— Mentes! mentes!

Com olhos de castigar fita-a Helena, a seus lábios palavras sobem aos borbotões; mas como se veja examinada por Jorge, de si própria e de seus excessos tem mêdo. Não consegue, porém, sujeitar suas ameaças, e vai desfiando por hábito e temperamento:

— Verás! verás! eu hei-de saber mostrar-te as tuas inconveniências.

— ¿E o Jorge assiste a essas reüniões?

Tendo preenchido o silêncio que se fizera por pensamentos próprios, sentia pela primeira vez necessidade de ultrapassar seus cumprimentos usuais. Mas frase discreta e ao mesmo tempo significativa não encontra, e apenas seu olhar é de compôr afagos. Assim mesmo pálidas de significado, suas palavras a alvoroçam porque é arrôjo que fica vibrando intenções e a recear de Helena...

— ¿Algum *flirt* perigoso da Helena, que preciso vigiar?

— O Jorge não é ciumento...

— Sou tão egoísta que consigo ser bom;

sou tão ciumento quanto pode ser um orgulhoso.

— ¿E se procurassem assunto menos irritante?!, — logo sentenceia Helena.

— Concedido.

Ergue-se Jorge, hora de regressar à fábrica, mas quando vai beijar Helena, sùbitamente se ampara a uma mesita central do aposento, passo vacilante de quem receia cair. Assusta-se Maria Isabel; é mesmo a primeira a correr em seu auxílio:

— ¿Sente-se mal?

— Nada de importância. Tonturas, e as irregularidades de coração originadas pelos olhares de Helena. Ora repare.

Tinha Helena pôsto em Jorge olhares receosos e assustados de dilatar as pupilas, e certo erguer de sobrancelhas de mostrar mui grande espanto. Já sorri Jorge; já dela se aproximara, mas só depois de lhe ter agradecido aquele interêsse inquieto, Helena mostra ter recuperado sua serenidade:

— Ainda não tinhas dito nada...

— Agradece-me não te ter querido assustar.

— Grave?

— Qualquer intoxicação... O fumo, o café...

Continua sorrindo, mas o sorriso é triste e doente. Despede-se; solícitas, elas vão acompanhá-lo. No corredor, o José sai-lhes ao caminho, ouvido àlerta, para as recomendações de Maria Isabel.

— ¿Está doente, meu senhor?

— Apenas pieguice...

— Talvez muito trabalho; talvez muitas

noites quási sem repouso... Eu bem lhe disse... eu bem lhe disse...

As duas mulheres regressam ao gabinete de Jorge e o velho vai seguindo o amo, resmungão e solícito, interêsse pelo seu bem-estar mas sempre a castigar aquela vida de agora, ruïdosa e fatigante. Traz Helena o rosto fechado, apreensiva até ao ponto de não fazer reparos à forma por que Maria Isabel a examina.

— Arrependo-me! cada vez me arrependo mais.

— Então, então, fôste tu! sempre fôste tu!

— ¿Que te importa?

— Helena! Helena! que podes fazer-lhe mal!

— Deixa-me.

— ¿Reparaste que não temos o direito de prejudicá-lo? Que mal te fez êle?

— Cala-te! deixa-me!

— Tem sido sempre bom para ti; bom para mim...

— Deixa-me! não quero ouvir-te!

— Quando não seja por êle, ao menos por mim. Encher-me-ia de remorsos... Conheces-me...

— Cala-te.

— Toda a alegria das nossas horas, seria destruída...

— Cala-te! cala-te!, — gritava Helena, e temendo conseqüências, cala-se Maria Isabel.

Minutos sôbre minutos vão rolando, e ela gasta o tempo a observar a amante, inquieta, aguardando o resultado daquelas locubrações.

— Vamos mudar de vida!...

— Certamente! nem mesmo há outra solu-

ção! Estaremos alguns dias sem nos encontrarmos, e quando o Jorge melhore...,—e a voz de Maria Isabel era ansiosa...

—Pensaste? preferia tudo...

Ria Helena um riso nervoso de mostrar alegria e desdém, rebeldia e rancor, e não perdeu tempo a ordenar:

—Se não pudermos encontrar-nos aqui, encontrar-nos-hemos lá fora.

—Arranjarei tudo, verás. Alugaremos um aposento...

—Reflecte! vão saber do nosso segrêdo...

—¿Tens algum plano melhor?

—Deixaríamos passar algum tempo...

—Não faças que eu desconfie de ti! Saïremos esta tarde. Entendido?

Quando a horas de regresso do Jorge elas voltaram a casa, vinha Maria Isabel derreada de fôrças pelo muito caminhar e ainda mais magoada de sensibilidade pelas preguntas impertinentes de certas matronas de lar devassado por hóspedes, senhoras escrupulosas em pontos de honra, umas, e pelos modos irónicos e irreverentes doutras mais desabridas e grosseiras no falar, rindo e sublinhando todas as reservas das exigências de Helena e destino a dar ao aposento. Tentando que Helena desistisse de seus propósitos, vira-a agressiva e desconfiada, quantas mais dificuldades mais insistindo em suas resoluções; resignando-se, apelara para todas as suas qualidades de obediência e hábito de submissão, não perdoando, porém, que Helena a expusesse a toda aquela

curiosidade e desvergonha. Por fim, e em casa de pessoas necessitadas e humildes, tinham conseguido um quartozinho modesto, quási banal em suas paredes desnudadas, chão sem tapetes...

— Adorná-lo-hemos depois!

Já alegre, fizera-se Helena loquaz, pretendendo distrair Maria Isabel e espalhar em seu redor alegria de destruir preocupações adormecendo com ditos de sentido oculto e comentários graciosos, girândolas de palavras, aquela tendência para a análise que se faz pelo descontentamento por acções doutrem que temos de aceitar, respeitando. No carro que para casa as levava, ia dizendo de suas qualidades varonis, decisões prontas, e depois da forma por que iriam transformar aquele aposento desconfortável e mísero no estofado e quente refúgio de seus amores, encontrando-se como enamorados, quaisquer receios mais aumentando o prazer sentido...

— ... dize-me que estás contente!

— O Jorge é capaz de ter consultado algum médico.

— ¿Então tu não ouves o que te digo?

Enervada, sacode Maria Isabel, olhos um instante dilatados a rancor. Quere que ela lhe reproduza o que tem vindo a dizer-lhe, e tem censuras quando Maria Isabel confessa sua amorabilidade abrumada a remorsos de ter causado a Jorge perdas e danos de saúde; pregunta-lhe a quem deve ela mais gratidão, e discursa demonstrando em seu entender e com vista a princípios de justiça, que até mesmo a vida de prazer e despreocupação que hoje levam, é sacrifício seu e penoso por-

que feito e tecido a transigências e pezares...
—Farta! estou farta de te proïbir que penses nêle e não tens emenda. Parece propositado êsse interêsse em provocares-me.

Fala e esbraceja, demonstra e castiga, dilúvio de palavras que faz apetecida a Maria Isabel, tranqüilidade, sossêgo e repouso. O automóvel devora o caminho, mas Maria Isabel queria de pronto encontrar-se em casa, defendida pela relativa prudência de Helena quando presente Jorge. Dolorosa aquela tarde para seu pudor e sensibilidade, saturada pelos remoques de Helena, nunca anseara tanto sentir-se protegida e acarinhada por alguém que ousado e forte fizesse de suas disposições para obedecer, laço tecido a generosidade e indulgência. Há até um momento em que recorda palavras escutadas ao jornalista-director de *A Imprensa* e revive galanteios de afagarem sua vaidade e lisonjearem suas qualidades feminis.

—... agora quero ver como te portas!

Chegavam a casa, e o José saía-lhes ao encontro, talvez acreditando vir também seu amo e senhor. Cumprimenta Helena, sorri a Maria Isabel e lá vai seguindo-as com seus passos derreados e dormentes. Emfim liberta de Helena e rôta a obsessão por aqueles lares necessitados que visitara, mais e melhor aprecia Maria Isabel a solicitude do velho, e de maior beleza vê todas aquelas salas e aposentos. Recebe mesmo de tudo uma sensação de liberdade e bem-estar que a põe quási feliz, seu quarto a essa hora iluminado a luz doce e voluptuosa do entardecer, mais forte fazendo essa sugestão...

— Se eu pudesse viver apenas dos meus recursos!...

— ¿Ainda não te arranjaste?

Helena vinha surpreendê-la e de pronto Maria Isabel quebrava seu encantamento, medrosa até, não fôsse a amante sujeitá-la a interrogatório teimoso. Pretextou cansaço para sua demora, e a recear que Helena tivesse quaisquer carícias nesse momento mal aceites, acode-lhe em capricho, alindar-se de rosto e trajo, fazer-se mais linda para Jorge e propositadamente cava os olhos e adoece as pálpebras a *batons*, faz mais perverso o vermelho dos lábios, compensação para o mal praticado pela única maneira a seu alcance. Agradar a Jorge, lisonjeava-a, ao mesmo tempo que apetecia desagradar a Helena, desobediência muito embora pueril, mas de resgatar um tanto o desprazer daquela tarde.

— Esse vestido, não! Maria Isabel. Decota-te demasiado.

— Mas faz-me bonita...

— Estou farta de te dizer que te arranjes assim, mas para quando estivermos sós as duas...

— O Jorge, para mim, não é ninguém.

— Não te faças caprichosa.

— ¿Queres saber? queres saber?

Sabendo que apenas por astúcia a vencerá, vem a Helena, olhos sorrindo, boquita preciosa de mimo, e diz-lhe em segrêdo, voz de promessas, — que queria fazer-se perdoar de algumas impertinências dessa tarde. Arran-

jada a primor, era só para que Helena regressasse a ela, esquècida de quaisquer tenções de castigo, amante carinhosa e cariciosa: — Se tu soubesses como eu desprezo os homens... Ainda me recordo...

Reproduz uma historieta de Helena, daquelas muitas que a amante deturpa e comenta p'ra ridicularizar quem a cortejou, e assim consegue iludi-la e fazer sua vontade. Entretanto chega Jorge, e ela abandona seus receios, para ter anseio forte e que não sabe nem quere dominar nesse momento, de certificar-se logo, de avaliar logo, do efeito de sua beleza e arranjo, e vai a Helena.

— Linda?

— Assim, assim...

— Queres desgostar-me, mas não te acredito. Se continuas apaixonada por mim, é porque sou bela.

— Apaixonada..., apaixonada...

— Não sejas assim desagradável... Dize a verdade, — e acarinhando Helena, a debruçar-se para ela: — Tenho a certeza de que serias capaz de tudo, só para não me perderes.

— Vaidosa.

— Sorris, é porque adivinhei, mas não fico contente... Quero que me digas que estás apaixonada por mim.

— ... que estou apaixonada...

— Que me farias tudo para me disputar a alguém!

— ... que faria tudo para te disputar a qualquer.

— Que sou encantadora.

— ... que és encantadora.

— ¿E mais?

— Que és a mais enternecedora mulher que conheço!

— A verdade! quero a verdade!

— Que te amo como no primeiro dia.

— Continua.

— Que seria capaz de todas as loucuras...

— Obrigada! obrigada!

Gesticulando, ensaiando passos de dança inédita, Maria Isabel ri, ri muito, principalmente de Helena a quem conseguira ludibriar, alegria vinda de seu prazer na vitória alcançada sôbre as desconfianças e ciúmes da amante, e também porque, ávida de saber até aonde poderiam ir suas conquistas e avaliar de seu grau de beleza, aquela comédia confirmando a paixão de Helena, principalmente lhe trazia a certeza de que poderia muito bem acontecer apaixonar-se por ela alguém que a interessá-la, lhe désse vida de amor e ventura. Curiosidade satisfeita, ocupa-se depois nos últimos retoques de vestuário e penteado, e contra pretexto para sair primeiro. Imediatamente procura Jorge e vai encontrá-lo enterrado num maple, feições cansadas, rugas fundas cavando os lábios:

— Piór?

— Não! talvez trabalho demasiado.

— Tem o parecer doente.

— Arrependo-me de haver consentido que me surpreendesse. Vou sorrir.

— ¿Assim o magôa o meu interêsse?

— Sorrir é agradecer o seu interêsse.

Maria Isabel esquecera Helena, para se dar inteiramente a Jorge. A dôr, que em todas as mulheres confina com a emoção sexual, varrera-lhe da memória certa conveniência, a

guardar, de frases e maneiras descoloridas, para consentir que apenas vivesse em seu cérebro o dever de acarinhar Jorge pelo mal que sentia e sabia causar-lhe. Vê-lo adoecido, era confirmar culpas havidas no proceder de Helena, cumplicidade de a tornar criminosa, ingratidão vil por todos os bens que dêle recebiam. Carinho e bem-estar lhe devia, e era ver o pago que lhe davam...

Jorge erguera-se e de parecer mais prazenteiro, mas não diminuem as preocupações de Maria Isabel. Presa às acusações de seu espírito, pode Jorge sorrir, que ela vê o sorriso triste; fez êle seu falar gracioso, e ela sente mágoa íntima a ennublar-lhe as palavras.

Passaram dali à salita que abria janelas amplas sôbre os jardins. A Jorge agradou sua claridade minguada, sem estridências, nostálgica, e logo Maria Isabel filiou essa exigência, que era desejo de procurar quietação, como mais um sinal de doença; Jorge encaminhou-se depois para a varanda, a essa hora embranquecida pelo crepúsculo, e Maria Isabel logo o seguiu. Ia sem tenções ou palavras, amorável apenas:

— O Jorge talvez queira estar só...

— ¿Por que não aprende a valorizar o seu encanto e beleza?

— ¿Então eu agrado-lhe?...

Reticenceia a frase. Sùbitamente, talvez pela luz, talvez porque longe de Helena alívio tal folgava que consentia a seus desejos e caprichos regularem aquele instante, fervorosamente apetece ouvir a Jorge, palavras de cariciosa ternura que correspondam a suas preferências sentimentais.

— Não quero distinguir. ¿Que me importa saber das leis scientíficas das côres e da altura exacta do sol, quando me deslumbra o espectáculo dum crepúsculo de colorido inverosímil?...

— Não divague. O Jorge quere-me muito porque...

— Talvez porque não sinto a volúpia de encontrar imperfeições quando alguém ou qualquer coisa me interessa. Sei que para manter integralmente a beleza, é condição principal não examinarmos em demasia.

— Entendi! sou uma criança que o diverte.

— E' uma mulher deliciosa de mocidade.

— ¿Seria capaz de se apaixonar por mim?

A pregunta de tanto lançada em ardorosa voz, surpreende Jorge; deixa-o mesmo sem resposta pronta. Sorrir, era talvez seu melhor partido, mas Maria Isabel fitava-o por tal forma anseante, convulsa, que sorrir é feri-la em sua feminilidade e castigo demasiado para o encanto duma inconsciência infantil e ousada, vinda de sua mocidade.

— Recorde os meus cabelos brancos.

— Adivinho! sou feia! e não tenho a educação da Helena. Mas sou muito melhor do que ela.

Chegada a estes extremos, obliteradas suas qualidades de raciocínio que a poderiam amedrontar por antagonista-rival da amante, era a sensação de que Helena não merecia Jorge por desumana e desvergonhada, que assim a fazia falar...

— A Maria Isabel quere muito a alguém e pretende conhecer por mim, da impressão que causa nos outros.

— ¿Por que fugiram para aqui?
Helena viera também para a varanda, e interrogava em ar de reprimenda. Apetece então a Maria Isabel qualquer rebelião de a ferir, como também ferida se sentia...

— Apeteceu-me e parece-me que não cometi nenhum crime.

— ¿Para que respondes tu assim?

— Olha! deixa-me! — e afastando-se, Maria Isabel vai desafogando:

— Ora que toda a gente me contraria...! mas toda, toda a gente...

— ¿Gostarás tu de Jorge?

Helena viera ao quarto de Maria Isabel e interrogava, interrogava impertinente e teimosa, querendo que a amante justificasse plenamente seu falar e proceder. Propondo mesmo razões e das mais variadas, servia magnìficamente a Maria Isabel maneira fácil de se defender; ela, porém, guardava silêncio, teimoso, também, e Helena acabou por impacientar-se, trejurando obrigá-la a falar no encontro do dia seguinte. A pregunta, por demasiado nua, alvoroçara tanto Maria Isabel, que Helena sai e ela fica interrogando sensações e sentimentos, esmiuçando em suas acções, suspeitas, destrinçando origens, por fim disposta a confessar-se a si própria:

— ¿Gostarei eu do Jorge?

III

Helena diminuíra-se no convívio, pretendendo reduzir Maria Isabel à obediência que elimina completamente vaidades e vontade. A encontrarem-se lá fora e porque Helena mobilara o quartozito com vinténs já amealhados, despesas justificadas por gastos largos de casa e festas, Maria Isabel surpreendeu-se uma tarde a verificar naquela traição, aspectos de torpeza, confôrto e impunidade a repugnarem-lhe; e como a amante, muita vez amuada, redobre de censuras com a certeza de que ninguém que as possa prejudicar as escute, e grite e ameace, os encontros vão tomando certos e múltiplos aspectos dolorosos. Mesmo de tanto cotejar procedimentos e porque Jorge é o homem que de perto conhece, começa a acreditá-los a todos incapazes de violências, só homenagens, e daí seu alvorôço nessa hora da primeira recepção íntima, tarde toda ocupada em arranjos, não consentindo a entrevista de todos os dias. Foi como se a libertassem, sua alegria a criar e desenvolver tenções de opôr ao seu interêsse por Jorge, interêsse por qualquer outro que a seu espírito agradasse. Tem mesmo certa curiosidade em voltar a ouvir o jornalista-director de *A Imprensa*. Helena parece ter adivinhado, porém, suas tenções porque convites estendera-os a um número restríto de amigas, escolhidas entre aquelas a quem visio-

nara na noite do baile certas tendências perversas no falar e acções, e a meia dúzia de artistas, literatos e pintores que vira menos ousados mas preciosos. A faltar-lhe a quem, se achegue, mulheres interessando-a pouco sente-se Maria Isabel falecer de interêsse por aquela recepção, a ausência de Jorge ainda, a desgostá-la. Vê até ridícula, Helena, quando ela vem dizer-lhe, certamente para provocar ciúmes, — que está interessada no discorrer de *mademoiselle* Ivone Cordeiro, actriz em voga, e tem certo sorriso velhaco quando muito contente se mostra pela sua mui feliz escolha de convidados. A' vontade, sem receios das curiosidades de Maria Isabel, aparentava mesmo Helena alegria saüdável, sorriso acolhedor nos lábios de quem pretende fazer de sua gentileza vitória mundana.

— ¿Queres ouvi-la? E' tão interessante!...

Leva Maria Isabel, mas quando tomam lugar junto de *mademoiselle* Ivone, ela entretinha palestra frívola em preciosismos de atitude e frases sôbre escândalo forte havido pouco tempo antes, uma agressão bárbara por parte dum oficial que tentara resgatar a ignomínia dum adultério, retalhando a chicote a cara do rival. Todos unânimes em classificar a atitude fora da época, o que fechava o «assunto», de música falaram. Debussi, Strawinsky, Dvorak, cobertos de elogios e meneios de cabeça de aplausos, ritmados como por compasso. Enerva-se Helena vendo passar o tempo sem distracção de maior, e ainda mais por não ter encontrado ensejo favorável para charla íntima e propícia com *mademoiselle* Ivone e de trazer a Maria Isabel pareceres e conselhos

oportuníssimos. Propõe que façam um pouco de música...

— Você que tocou admiràvelmente na nossa festa...

Certa *mademoiselle* primeiro-prémio-de-conservatórios vai sentar-se ao piano, e Helena, então mais à vontade, afanosamente busca assunto que interesse, iniciando conversa que a não inferiorize. Recorda maquinações que ouvira, hipóteses, mexericos, mas nenhum lhe agrada. Ao fundo do salão, aonde pôs o olhar, serviu-lhe magnífico pretexto um parzito de noivos oficiais, bodas a praso, mas duas vezes adiadas, ela de pálpebras púdicas a baterem, êle inclinando-se para ela a ciciar-lhe ao ouvido algum mistério de alcôva. Baixou a voz para comentar para Maria Isabel e para a actriz, muito próxima:

— ¿Sabe que não andam um sem o outro?

— E dizer que dias depois de casada, aborrecerá o marido...

— Conhece-o?

— Superficialmente. ¿Mas qual será a mulher de hoje que não tem pelo marido o maior e mais solene dos desprezos?..., — e deixando a frase em reticências, ficava a sorrir o seu mais vicioso sorriso de primeira figura de companhia dramática, desdém nos lábios...

— ¿Não quis casar-se nunca, *mademoiselle?*

— Enojam-me os homens! pode lá compreender-se a gravidez! ¿E qual dêles conseguirá compreender-nos?

— ¿Ouves, Maria Isabel, ouves?

— ¿Você ainda admitia o contrário?

Os olhos de *mademoiselle* Ivone fitam fundo os olhos de Maria Isabel. E pôs ainda

mais desdém na voz para sentença profunda:

— Não valem nada! nada!

De seguida, válvula aberta para assunto predilecto, baixa a voz para segredar quaisquer razões fortes de defenderem suas teorias rebeldes e fazer solenes suas palavras ardorosas. Saturada do falar de Helena, enfastia-se Maria Isabel de escutar a actriz, mas, por delicadeza, forçada é a simular atenção. E por fim, convite de tentar a curiosidade:

— ¿Por que não vai àmanhã a minha casa? Sua irmã, acompanhá-la-há. Dar-me-ia muito prazer, acredite!

— Diligenciarei! Bem vê! Tenho um marido!...,— e Helena entristecia...

— Ciümento?

— Estùpidamente ciümento!

— Repara, Helena! O Jorge.

Possuíra Maria Isabel nojo e desdém pela actriz; o convite magoava-a pela desvergonha. Nunca sentira seus olhos fitados com tanto impudôr, a serenidade de Helena imperdoável ofensa. Estendeu a Jorge, mãos carinhosas.

— Veio tão tarde!

— Trabalho urgente.

— Diga-me o que fez!

Havia ansiedade na solicitação de Maria Isabel, um desejo forte de escutar palavras que a roubassem à impressão dolorosa dos vícios de *mademoiselle* Ivone.

— Aborreceram-na e quere distrair-se... Trago-lhe melhor companhia.

Rodeado por dois autores com livros de versos no prelo, o director de *A Imprensa* trazia côrte quando veio falar a Maria Isabel. A êsse tempo fazia-se silêncio na sala. *Mademoi-*

selle Ivone ia declamar um dos monólogos de Lady Machbeth.

— Conhecem-na? Convidou-nos a visitá-la.

— ¿E a Helena aceitou o convite?

— Aceitou.

Tinham ficado os três cavaqueando baixo. Não agradava a Jorge a intimidade da actriz com Helena, mas não exteriorizando enfado, Maria Isabel mais sentia desejos de reproduzir o que ouvira. Esquècia, mesmo, todo e qualquer perigo, ante sua necessidade crescente de confidenciar tudo a Jorge por voluntária obediência, curiosidade nesse momento espicaçada por saber até onde poderia ir seu castigo se êle, por qualquer circunstância ou acaso, um dia viesse a conhecer o segrêdo de suas relações com Helena. Entretanto, rosto desmanchado, gesticulando muita vez ameaças, outras, ferocidade, a actriz eminente continuava interpretando Lady Machbeth como no palco criara a personagem. Penteado esquisitamente arranjado, os cabelos cortados esvoaçavam em redor do rosto, o vestido, minguado de pano e acima do joelho, dificultava-lhe o andar trágico; os braços nus, duma magreza deselegante, torciam-se ameaçadores:

«... Vinde! vinde! oh! espíritos que acompanhais os pensamentos de morte! Libertai-me do meu sexo! Enchei-me da cabeça até aos pés da mais implacável crueldade!...»

— Magnífico! magnífico!

— Ainda se diz que não temos artistas!

— Nem em Paris ouvi melhor, *mademoiselle.*

Erguera-se Helena para ir felicitar a actriz, mas como Maria Isabel entretanto se tenha dado à costumada palestra do director de *A*

Imprensa, vai travar-lhe do braço e veem sentar-se junto de *mademoiselle* Ivone, que logo toma a atenção de Helena para historiar sua peregrinação através de palcos, toda a sua vida de artista! sem mão protectora e amiga a ampará-la. Desinteressada, Maria Isabel não as escuta. Tendo admitido ouvir ao jornalista quaisquer palavras de assinalada preferência sentimental, dilata-se dentro dela rancor contra Helena. Frustrados seus planos, acusava-a de lhe preparar futuro ruim e sem amparo. Olhando mesmo em seu redor surpreende nas atitudes dalgumas mulheres prazer e alegria em risos de provar satisfação plena, completa. A um canto, certa *mademoiselle* de sorriso feliz, assediada por cumprimentos de homem, traz-lhe em contraste com sua tristeza, uma sensação de dôr, tanto sente que Helena, apegada a ela, não lhe consente que a requestem, que a desejem; a seu lado, certo mancebo de face próspera declama galanteios. E dêsse fervilhar de palavras e de risos, que sua amargura amplia de significado e gôzo, sobe-lhe a certeza de que, a continuar dominada por Helena e a ela presa, jàmais seu viver transmutará de expressão. A espionagem contínua da amante, de não lhe consentir apròximações, não só a leva isolada, como lhe destruïrá todos os seus cálculos e probabilidades. E assim sempre seria...

Entristece mais; mais sobe sua amargura; mais pensamentos acodem a seu cérebro! Isola-se mesmo dentro de seus raciocínios de provar sua presente infelicidade, e mais, mais, sempre mais acusações formula contra Helena. Omnipotentemente o pavor de seu futuro

alastra, tomando tudo. A ambicionar para sua existência uma plenitude de sensações de a trazerem sempre ditosa e contente, possue-a ferozmente a certeza da perda de sua mocidade e beleza, antes de as haver gozado. Um ano, dois anos, o tempo rolando em seu caminho intérmino, e seu corpo haveria de começar murchando, seu rosto perderia o seu melhor encanto; e gasta, e sêca, choraria e clamaria das horas inúteis de se haver dado sem prazer a alguém que não lhe trouxera, em troca, vida arejada, ampla e livre!

Apavorada, revolta-se; sente que a perseguem e que por fim a tomam, mãos que amarfanham suas aspirações; o matraquear sêco das palavras de Helena enerva-a porque é a voz a que tem sempre obedecido. Num ímpeto vai a erguer-se, mas logo a prendem a seu lugar, mais do que hábito de respeito a Helena, vacilações profundas sôbre para onde deve ir. Aspirando encontrar qualquer desfôrço que destrua seu pavor da velhice, também cresce um mêdo inconsciente de a tolher e quebrar revoltas. Fica-se, olhos vazios, espectadora de si própria, árbitro que não sabe por que parte decidir...

— Jorge! Jorge!

Jorge passava perto e, sùbitamente contagiada, ela sentiu-se capaz de qualquer arrôjo de o colocar acima de seu mêdo por Helena. Nunca como nesse instante, indo aquècida por suas revoltas, fôra tão grande o seu desejo de quebrar a ascendência da amante por qualquer acto de fôrça de provar independência de acções. Sua voz é mesmo clamor, grito de quem quere salvar-se:

— Leve-me! leve-me! indigna-me tanta falsidade.
— Então?
— Mentem todos! enojam-me todos!
Embora pronunciadas em voz apenas por êles ouvida, as palavras tinham o calor da sinceridade. Fita-a Jorge, a interrogar, mas não sabe ela mais o que dizer, pelo olhar dêle confrangida. Pretexta depois e justifica:
— O que elas disseram e a que distância estão da sua lealdade.
— Cultive com amor essa sua repugnância pela mentira.
— São os seus exemplos.
— Abençôo a minha vaidade.
— ¿E a Helena?! Sempre! sempre a querer que eu esteja a seu lado. 'Inda há pouco falava ao seu amigo, e foi buscar-me!...
— Menos perigoso que os demais, mas não de inteira confiança.
— Preciso tanto de sentir que vivo!...
Sorria: a adivinhar censuras, sorria:
— São ainda os seus conselhos...
— Que precisa não exagerar.
Em passos vagarosos, tinham vindo até à salita próxima. O jornalista saíu-lhes ao encontro. Com significado especial na voz firme, Jorge sorriu:
— Entrego-a à tua generosidade. Há pouco parece terem vindo interrompê-los...
— Nada de extraordinário. Apenas o meu velho hábito de dizer as frases que não escrevo.
— Sistema de que não vais usar e muito menos abusar para com a Maria Isabel.
— Seguramente.

— E' que entre nós seriam massadoras as falas graves numa hora de risos..., — e Jorge fitava insistentemente o jornalista, mão pesando no ombro dêle. — Combinado?

— ¿Não estás tu habituado a confiar na minha lealdade?

— Seguramente.

Alheia às intenções que ditavam as palavras, fita Maria Isabel os dois homens sem os compreender, embora pressinta que dela tratam. Um momento admite qualquer movimento ciümento de Jorge, de provar, por ela, carinho grande, mas logo afasta o pensamento, não resistindo, porém, à tentação de interrogar o jornalista, quando a sós os deixa Jorge.

— Talvez eu tenha desagradado ao Jorge.

— Foi recomendação ùnicamente para mim.

— Explique! explique!

— Receia o Jorge que eu vá despertar a sua alma, e não corresponda depois a qualquer sentimento que provoque...

— Então, todas as suas palavras...; tudo o que me disse...

— Apenas jôgo de gentilezas, o prazer de vê-la sorrir, de presenciar o seu enleamento...

— ¿Mais nada?

— ¿Vai também censurar-me?

— E' que não o deveria ter feito.

Mais do que por sentir carinho pelo jornalista, era o desmentido a seus planos que magoava Maria Isabel. Calculara entretecer com êle amizade de a libertar de sua vida, aumentando sua admiração pelo homem, e via seus intuítos quebrados por forma a fazê-la regressar a suas indecisões. Sem o confessar a si própria, sua admiração por Jorge trazia-a in-

quieta porque receava fazer-se rival de Helena, e tudo a remetia a essa admiração...

— Os homens como eu costumam agradar-se de suas próprias palavras.

— ¿Mas, então, eu sou assim feia? Porque não há-de o senhor fazer de mim, sua mulher?

— Escute, Maria Isabel! O seu desconhecimento da vida leva-a a ingenuidades de trato e proceder. E ainda contagiada pelo exemplo de Jorge, mais exige. Há homens a quem a facilidade de amantes afasta do casamento, e ainda outros a quem o ideal de perfeição está tão fora da vida que envelhecem solteiros. Há também espíritos insaciáveis a quem o casamento pesa...

— ¿Então o que havemos nós de fazer? nós, a quem a vida castiga?

A frase era grito. Inconscientemente Maria Isabel propunha o problema da hora que passa: hábitos sociais castigando a mulher que vai até ao lar clandestino, e a fuga do homem ao casamento pelas mais variadas circunstâncias.

— O exemplo de Jorge, é raro.

— Mais eu agora o admiro.

Voz vibrante, as palavras teem tal ardor que o jornalista observa Maria Isabel, interessado. A profissão desenvolvera-lhe curiosidade por mistérios de alma; a avidez neurótica de conhecer casos que satisfaçam seus apetites literários, obriga-o a interrogar hàbilmente, mui hàbilmente. Nada consegue, porém. Remetida à sua admiração por Jorge, rebeldias de quem pressente a traição e de consciência não a aceita, levavam-na a insurgir-se consigo própria. Despede-se...

— Tão arredada de nós...

Detem-a certo mancebo de falas mansas, um dos poetas que fazem côrte ao jornalista. Disputado pelos salões na razão directa de seus versos sem miolo e de sua fortuna magnífica em prédios e quintarolas de renda, canta muita vez os rústicos e os humildes com o sorriso petulante que tem agora nos lábios. Não o escuta, Maria Isabel. Passa adiante, irritada, e que lhe falem ou sorriam, que tenham palavras carinhosas ou tregeitos de quem indignado ficou com sua indiferença, tudo e todos a obrigam violentamente a recolher o confrangimento e antagonismo agressivo que há no ambiente. Só mesmo consegue variar um tanto de sensações, quando acompanha o último dos convidados, *mademoiselle* Ivone, a actriz eminente.

— Até àmanhã, minha amiga.

— ¿Combinaste visitá-la?

Tinham vindo até ao gabinete de Jorge, e era êle quem interrogava Helena.

— Convidou-me, tinha de ser gentil..., — mas como observasse em Jorge, expressões de desagrado, simulou obediência: — ¿Das-me licença, não é verdade? E' tão curiosa...

— Perversa, apregoam por aí.

— Calunia, certamente. E porque não disseste quando a convidamos?

— Se os vícios dos outros não me interessam, incomodam-me as intimidades.

— Prometi, não devo faltar!, — e estremeção de nervos que não pudera debelar, badalando a cabeça, Helena alteava a figura, sustendo o corpo em bicos de pés.

— Escreverás uma carta a dar pretexto onde se veja claramente a mentira.

— Não posso faltar!

— Dirás de teu interêsse por qualquer exposição.

— Mas...

— Dirás qualquer coisa...

— Nunca assim fui tratada! Aborreces-me!

— O que reservas para quando tivermos vivido juntos alguns anos?

A falar, sorria Jorge, palavras ditas com firmeza, mas sem acrimonia, como para fazer leve a sujeição. Desespera-se Helena por sentir o domínio dêle, cólera tão fácil quanto também a desgostara, Maria Isabel. Sai, altiva de porte. Como esposa ultrajada, em seus passos há muitas reminiscências de seu andar teatral de quando interpretara princesas e raínhas.

— ¿Resolve trabalhar?

— Não! prefiro ouví-la! Sente-se aqui, próximo de mim, e fale, fale muito. Deslumbre-me para que eu não pense...

Transmutara-se para entediada a expressão varonil do rosto de Jorge; seu dizer adoçara-se. Tremendo de qualquer imprudência da amante, arremesso colérico ou comentários onde Jorge pudesse vislumbrar preferências viciosas, desde o início do diálogo entre Jorge e Helena, se conservara Maria Isabel sobressaltada e dolorida. Palavras dêle a confirmarem sua certeza de que, conhecida a traição, nunca seriam perdoadas, da intransigência de Jorge por aquelas relações de Helena com a actriz, podia claramente inferir-se de sua atitude quando qualquer acaso o levasse a sur-

preender e castigar o segrêdo de ambas. Foi até junto dêle ainda medrosa, mas porque Jorge a fitasse com olhar amigo, pouco a pouco o mêdo foi deixando que irrompesse seu temperamento amorável e de mais fundas expressões porque sobresaltada estivera. Jorge estende-lhe mesmo as mãos para trazê-la até um *maple* muito próximo da secretária, e continuando em incitamentos de a lisongearem, ela teve um dêsses saltos bruscos dos temperamentos juvenis, expontaneidade adorável que interêsses ainda não destruíram:

— ¿Porque é o Jorge tão bom para mim?

— Egoísmo. Pretendo conservar o seu sorriso.

— Indulgente para com os meus caprichos, faz-me esquècer a minha vida de dependência...

— Acabe, por Deus! Eu disse-lhe que queria escutar apenas as suas ingenuidades. Depois de ouvir toda essa gente que me encheu a casa com seus interêsses e paixões, só me contenta e alegra a voluntariedade do seu sentir, e os seus sonhos, muitos, quanto mais irrealisáveis, melhor... Sonhe...; eu escuto.

Regressavam de casa de *mademoiselle* Ivone, a actriz célebre, mas se Helena vinha alegre e contente por essa tarde de em tudo a lisongear, Maria Isabel viera dorida em seu pudor, no corpo uma sensação repugnante de vício. A actriz, oferecendo ocasião de travarem conhecimento com meia dúzia de amigas suas, todas elas de preferências sentimentais

idênticas, fizera tal ambiente de deliqüescência, que em Maria Isabel subira repugnância pelo falar e discorrer das mulheres que escutara. Quando chegaram, ainda a reünião estava em comêço. O sol, cá fora, toucava tudo de luz, mas, janelas cerradas, toda a casa fôra iluminada a escarlate rubro e a verde violento, irradiações de castigar os olhos e tudo adoecer de nostalgia. Sentia-se ali uma austeridade de clausura de convento, apenas ciciadas as palavras. Quando entraram, alguém fazia soluçar uma harpa.

— Magnífico!, — exclamara Helena.

— A Marieta toca admiràvelmente. Quando a escuto tenho a impressão de que o sol derrete o meu corpo de neve e cega, pouco a pouco, os meus olhos tristes. Ainda ontem vivi no fundo do mar, convivendo com sereias e alimentando-me com frutos que elas iam buscar aos oceanos...

Apresentaram-na. Era uma mulher anémica, pela fragilidade criança...

— *Mademoiselle* Estrela..., — e ante a surpreza que surpreendeu nos olhos de Maria Isabel:

— Mudamos todas de nomes, na intimidade. Adorável, ¿não é?

— Precioso.

Pouco a pouco o número de mulheres aumentava, todas vindas de outros mundos e falando muito de mosteiros em ruínas, e dum Oriente serralho, ruas misteriosas, rostos velados, punhais a cada esquina, corpos que tombam sem gritos; na paìsagem, apenas árvores recurvadas que soluçam e gemem em noites de agonias intérminas, todas tuberculo-

sas, mas desentranhando-se em flores tão brancas e lindas como lírios virginais. Saturada, ainda em certo momento Maria Isabel pretendeu falar de madrugadas róseas, coros de aves, e da natureza cantando e rindo. Espanto geral, psicologia de camponês inculto!, — clamou-se. Da vida o que havia a aproveitar, eram os momentos deliqüescentes, os momentos das transubstanciações! — serviram em definição.

Depois beberricaram licores e vinhos tratados a paladares exquisitos, frutos injectados de éter, chá também doseado a éter, e a charla mais se estendeu. Leram-se bilhetinhos e cartas amorosas; falou-se de quebras de relações escandalosas, traições descobertas e castigadas, ciumeiras; perfeições desta e daquela outra, segrêdos de alcova. Os homens também tiveram seu capítulo, unânimes todas em castigar-lhes vaidade e manias de domínio. Quando a reünião terminou, logo fixaram que *madame* da Cunha e Melo as receberia na semana seguinte...

— ¿Você aparece, Helena?

— De-certo! de-certo!

— Não contes comigo!, — logo Maria Isabel interpoz.

— Cala-te!

Saíram, e Maria Isabel desabafou então. Tudo aquilo lhe pareceu pretencioso, ridículo. Não voltaria, mesmo que Helena a quizesse obrigar...

— Pretenderam conquistar-me!

— ¿Quem? quem?

— Lá a tua *mademoiselle*.

Mentia, de tudo se valendo para reforçar

seu intento. Nunca assim se firmara numa decisão. Cançada de transigir, parecia querer começar lutando, agora que encontrava pretexto.

— Não insistas, porque acabarás irritando-me. Eu sei bem o que hei-de fazer.

— Experimenta obrigar-me.

— ¿Foi o Jorge quem te ensinou a ameaçar?

— Ele vale mais...

— Conclue.

— Ele vale mais do que todas nós!

— Maria Isabel!

— Não me obrigues a dizer o que penso! Seria o irremediável.

— Eu sei bem o que tenho a fazer. Não tens deitado nada em cesto roto, que imaginas! Venho observando-te.

— ¿Quererás dizer-me que te engano?, — e a recear de que Helena tivesse surpreendido quaisquer de suas preferências amoráveis, o medo emprestava à voz entonações de indignação.

— Que Deus te livrasse! Mas vais fazendo-te rebelde! Julgas que não notei já o teu desinterêsse por mim? Há quanto tempo, dize lá!, há quanto tempo não tens tu qualquer acesso ciumento?...

— Guardo-os para mim.

— ¿Ainda por conselhos dos outros? E' por isso que eu..., — e como respondendo a seus próprios pensamentos: — Nós àmanhã falaremos!

IV

Cada vez mais convencida de que rebeldias de Maria Isabel vinham de sua feminilidade inquieta e caprichosa animada pelo exemplo e conselhos de Jorge, há tempo que Helena afagava projecto de a subtrair àquela influência, indo refugiar-se durante algum tempo, a seu solar de Coímbra, ou a sós com ela partir para qualquer viagem larga e de que encontraria justificação em seus hábitos nómadas. Esta segunda combinação era, porém, por tal forma contingente e tão sujeita à reprovação de Jorge, que até para não dar pretexto a ser batida em suas tenções, só a primeira fórmula restava como mais natural e até mais humana, sua saudade pela família e lugares favoritos de sua infância a trazerem-na triste e abatida. Agora que sua vida presente já resgatara seu passado, a fuga certamente esquècida, talvez mui difícil não fôsse reatar amizade e relações com sua mãe, anunciando em carta lacrimosa, que infeliz sempre seria se não merecessem piedade seus anos de martírio, feitos longe de afectos protectores e generosos, e sempre observando tão estreitas regras de honestidade de corpo, que chegara ao casamento imaculada de amores de homem e se casara com alguém que socialmente muito valia.

Projecto amadurecido em seu espírito, não agira logo que êle lhe ocorrera porque recor-

dando muito bem a vida de tristeza e luto em sua casa observada, deixara crescer vacilações que lhe trouxeram incertezas pela resposta da senhora fidalga e acabaram por ver em demasia cêdo essa ausência, certo receio por Jorge, embora inconfessado, aconselhando que à fuga era preferível a luta. Por isso seu exame às acções de Maria Isabel, e rebusca afanosa de divertimentos e prazeres a oferecer-lhe. Abrira suas salas e vira a amante curiosa; pretendera despertar-lhe ciümes e reconhecera-lhe indiferença; restringira relações e observara o desagrado de Maria Isabel; intentara subtraí-la à influência de Jorge, e sentia-o amoldando muitas das palavras e atitudes dela. ¿Não seria pois oportuno êsse momento para ir de abalada até Coimbra e estudar aí pretexto para demora tão larga que neutralizasse no espírito da amante essas tão perniciosas influências e curiosidades?...

Plano a pôr em prática, simulou numa tarde tristeza funda, e não foi difícil construir novela de lhe trazer saüdades pelos seus. A Jorge falou comovida: — Um verdadeiro acaso levara-a a encontrar, Chiado abaixo, uma velha criada de seus pais, criatura que a ajudara a criar e muito lhe queria. Vacilara a mulher em dirigir-se-lhe, mas, por fim, e até ruborisada, se achegou a inquirir se ela seria a senhora morgada da Louzã. Lagrimas, risos, e depois, caudal de palavras, a história inteira do que tinha sido a vida da senhora Baroneza, mais santa que mulher; a sua dor e envelhecimento pelo chôro, dias inteiros a falar apenas da filha que fugira não sabia para que triste destino. — Amontoando pormenores, fez

a narração larga e inútil, fastidiosa, mentiras que queremos ver acreditadas. Tudo estudado, nem se esquèceu de comentar que o próprio recurso de voltar a avistar-se com a mulher lhe faltava porque vivia agora...

— ¿Em Setúbal, não foi o que disse, Maria Isabel?

— Não me recordo bem.

— Setúbal! foi Setúbal!

— ¿E queres?, — inquiriu Jorge.

— Nada! ou melhor, penso escrever a minha mãe, a rogar que me perdoe, e dizer-lhe da minha vida presente, mas pode muito bem ser que..., que ela tenha interêsse em me ver, e nos convide...

— Interessante.

— Eu partiria com a Maria Isabel porque sei ridículas as lágrimas de reconciliação na tua presença...

— Combinemos mesmo que irei apenas quando vires conveniente.

— Consentes?

— Não compreendo a insistência.

— Eu às vezes sou tímida!... Obrigada.

Só porque antegozou dias de liberdade, foi beijar Jorge. Cerrou Maria Isabel os olhos. O beijo repugnou-lhe pela mentira, ao mesmo tempo que sua amorabilidade chorava ante a ideia da separação, ausência de a trazer vencida, tanto teria de sujeitar-se a todos os caprichos de Helena. Pensara muito antes de prometer à amante acompanhá-la se favoravel fosse o acolhimento e resposta da senhora Baroneza. Tudo lhe oferecendo aspectos de fuga, sentiu bem de sua ternura por Jorge quando tivera de decidir-se pela partida. Manhã cedo,

ainda no leito, procurara-a Helena para lhe dizer de suas tenções, e seu primeiro movimento foi recusar-se a segui-la fundamentando a escusa com a certeza dos remoques a receber de sua mãe e terror pelos sarcasmos da cidade. Falou muito e exaltando-se, em suas próprias palavras encontrou ardor novo para lutar, vontade soerguida pelas censuras e embates da vontade de Helena. Houve, porém, um momento em que pegou de vacilar. Enciumada, a amante remoeu tais ameaças e impropérios que a levaram a inqüirir de si própria da finalidade de sua afeição por Jorge, e então, como nunca quizera ver-lhe nìtidamente êsse aspecto, foi assim que o problema pôsto crùamente a seu espírito, amolentou seus propósitos. Atemorizada ante a perspectiva de que pudesse vir a amá-lo, a seu cérebro logo acorrendo vinganças de Helena, desorientou-se, e na revolta cega de seu espírito medroso, anuiu.

— Escrever-te-ei! Em todas as horas pensarei em ti!, — alambica Helena.

— Guardo a promessa para te desmentir...

— ¿Não tenho eu sido esposa solícita e obediente?

— Se tens sentido a tua obediência, é porque não amas.

— Oh! Jorge!

— Gracejo; não costumo lamentar-me.

Embora o consentimento de Jorge tenha vindo sem luta, a vaidade de Helena exulta com a vitória e tem momices e sorrisos e para Maria Isabel põe em seus olhos carícias. Deslumbrada ante a certeza daqueles dias de ner-

vos à rédea solta, carinhosa se fazia, palavras de inédita ternura desprendendo de lábios seus, embora de quando em vez a mordessem apetites histéricos de farçada:

— Vou ter saüdades, vou!, mas desabafarei com a Maria Isabel. Ela depois te dirá das vezes que nos lembramos de ti.

Fala, fala muito, palrar consentido e até instigado pelo silêncio que Maria Isabel e Jorge guardam. Redobra mesmo de arrojos, só pela amante compreendidos, passando das frases amorudas a planos de marcarem a forma de gastar tempo: — passeios matutinos, horas nostálgicas que aproveitariam percorrendo as duas, de mãos dadas, como irmãs, as avenidas centenárias do parque magnífico de seu solar.

— Lá longe, havemos de pretender adivinhar o que fazes aqui... Quem sabe mesmo se não terei ciúmes...

Desgostada cada vez mais por aquele discorrer velhaco, Maria Isabel coteja a lealdade de Jorge com o maldoso poder de dissimulação de Helena, e sente-se por fim ferida em seu pudor, o próprio silêncio que êle guarda tomando aspectos de exame atento a palavras e gestos. Revolta e mêdo, tudo a constrange. Vai erguer-se, insofrida...

— ¿Onde vais?

— Volto breve.

— ¿E a Maria Isabel o que promete?

E' carinhosa a voz de Jorge, tanto valendo como carícia. Maguada em seu sentir, alvoroça-a aquele interesse.

— Eu...

Faltam-lhe palavras, mais tendendo para a emoção do que para o raciocínio. Fita-o e

dêsse fitar mais emoção recolhe e menos palavras encontra...

— Combinemos que o coração a guiará...

— Mas decerto!

— ... deixando que falem todos os seus sentimentos.

— Até parece recado para mim!..., — comenta do seu canto, Helena.

— Se és da mesma forma sincera...

Sílabas batidas, Helena entende que a frase é ironia de a provocar, mas cala-se. Silêncio. Espapaçados, rolam minutos. Maria Isabel regressa quando Jorge se despede de Helena. Duas horas já marcadas em sino de relógio, voltava à fábrica.

— Insuportável! insuportável!

— Tem cuidado, não te oiça o José!

— Farta! fartíssima! Se não fôras tu... E ainda quando recordo que vacilaste em voltar a Coimbra...

Rancôr voltado para Jorge, nem repara nos constrangimentos de Maria Isabel. Barafusta indignada; esbraceja, insofrida, de tudo se queixando. Discorrer que aponta razões de ofensa onde Maria Isabel só encontra razões para aplausos, maior divórcio resalta entre seus dois espíritos, afastando-as. Mesmo quando Helena, por fim aquietada, resolve ir concertar rascunho de carta lacrimosa e obediente chorando à senhora Baroneza suas saüdades e ância em vê-la, vida presente infeliz e mísera, não pelo casamento mas só porque a minavam crescentes remorsos por sua fuga, é a mesma impressão de impudôr velhaco que de Helena, Maria Isabel recolhe. Que ela diga de dias de esplendôr, aspirações unidas pela

vida tranqüila a fazer ali, ou prometa totalmente render-se ao encanto da amante; quér jure defendê-la de todos ou trejure obrigar todos a respeitá-la e obedecer-lhe, em Maria Isabel não destrói a certeza, vinda de insatisfações próprias, de que irá sujeitar-se a todos os caprichos e inconseqüentes rebeldias da amante, nem apaga também a certeza de que incapaz será de a impôr aos seus e aos estranhos.

— Longe de Jorge, ¿quem me defenderá?

Revolvia-se em seu cérebro pudôr e medo até ao mal-estar fisiológico; o próprio ruído sêco da pena a deslizar em ângulos por sôbre o papel, a irritava. Foi-se, pretextando demora curta. Possuira-a sùbitamente a necessidade absoluta de ouvir Jorge, de certificar-se de que naquela hora ainda o poderia chamar para seu lado e afrontar, afrontar todos com o seu amparo. Correu ao telefone...

— ... simplesmente um capricho. Envergonho-me. Apeteceu-me ouvi-lo.

— ...

— Não duvide do meu carinho.

— ...

— O Jorge seria incapaz duma infidelidade. Sofreriamos. Telefonei, não para saber o emprêgo do seu tempo, mas porque quiz ouvi-lo, repito.

Ainda meia dúzia de palavras trocadas, e Maria Isabel desligou o telefone. Se Jorge tivera a princípio as ironias habituais, acabara por agradecer-lhe tão carinhosamente o seu interêsse, que ela, comovida, ficava agora ali a rememorar o que êle dissera, de seu hábito em examiná-lo visionando-lhe o olhar firme, os

lábios sorrindo o seu melhor sorriso de afagar. Admirando-o, a memória é fértil em trazer-lhe a recordação de acções e atitudes que êle tivera de totalmente lhe agradar, e então fez-se mais nítida e dolorosa a sensação já dolorosa de seu afastamento manifestada fìsicamente, primeiro por intolerável sensação de medo, depois pelo vácuo que entrega nossa vida ao acaso e espectadores de nós próprios nos faz adivinhar precipícios e dores que teremos de suportar por imposição duma fatalidade que governa acima de nossas fôrças. Chora a vontade, a evidência duma felicidade possível mas irrealizável dilata essa própria felicidade até nos sentirmos míseros e algemados; e se os instintos acordam, últimas reservas chamadas em nosso auxílio, é para que nos sintamos mais abandonados e vencidos, vivendo de nós próprios, sem que de nós possamos viver.

— ¿Por que razão te demoras? o que fazes aqui?

E' Helena. Sempre desconfiada, pretende encontrar qualquer pormenor de alevantar suspeitas...

— Vim escolher um livro; depois, fiquei. Agradou-me o silêncio.

— ¿Não estás alegre? Mas o que tens tu?

Adocicara a voz, indo a Maria Isabel para lhe tomar as mãos. Mal chega, porém, a tocá-las. Sentindo que impossível lhe seria suportar qualquer carícia de Helena, e a recear tanto de crise de lágrimas, seu desafogo próximo, como de gesto ou frase de revolta, seu desafogo mais próximo ainda, Maria Isabel logo mostra curiosidade forte:

— Escreveste?

— Vinha ler o rascunho.
— Interessa-me. Lê.
— Senta-te junto de mim.
A carta diz de sentimento saüdoso pelos seus, e da felicidade, desafogo, vida tranqüila e ditosa de seu lar. De confrangê-la, apenas não ter recebido, ainda, a bênção de sua mãe, como Maria Isabel igualmente sofria e se lastimava por não ter merecido ainda e também, quaisquer palavras de sua mãe. Erros, se os tinham, deviam esquecê-los todos pela vitória de sua existência presente, tão conforme os ditames da honra e brios, se remorsos e lágrimas não os tivessem, e de há muito, resgatado já. ¿Porque condená-las sem apêlo; porque não as ouvir? Firmemente resolvida a suplicar o perdão de sua mãe, tanto ela como Maria Isabel tinham decidido partir para Coímbra, quér estivessem ou não resolvidas a recebê-las. Não ameaçava; rogava...
— Está de convencer, não te parece? E que bela vida faremos longe de todos. Que eu tenho ciúmes da tua mocidade e beleza. A sós por todos aqueles lugares que outróra percorremos, verás como hei-de acender mais e mais os desejos que nos queimam... Ruas do parque, atalhos dos campos, hão-de ser testemunhas da nossa felicidade; ensinaremos as águas das fontes a segredar os nossos nomes...
Longe, muito longe estava Maria Isabel, do passado recebendo sempre um bafo quente de derrota, hálito de mais e mais a trazer vencida. Reclama Helena atenção:
— ¿O que pensavas?
— Distraí-me! perdôa!, — e erguendo a voz,

o rosto transfigurado: — Se tu soubesses como me apetece chorar!...

Mais e mais dominada pela sensação da partida, em silêncio Maria Isabel examinava e ouvia Jorge. Sôbre a toalha da mesa de jantar, orquídeas faziam tapête de côres suaves, bando de crisálidas de àsas multiclores que ali veio pousar e tão gulosas, lambareiras e preguiçosas que se deixam estontear pelo perfume e mel das flores, mui quietas, quási dormidas...

— Não sei porque havias de mandar tantas flores...

— Para que sintam saüdades de tudo, quando estiverem longe.

— ¿Queres, então, que façámos breve o regresso?

— Tão visíveis são as intenções...

— Apaixonado?

— ¿Causa-te surprêsa?

— Alevanta e lisonjeia a minha vaidade...

Pela perspectiva duns dias de liberdade que saberá saborear e prolongar, fizera-se Helena loquaz, alegria própria e fortemente sentida a iluminar seu rosto e a seus gestos e palavras levando tal vivacidade que em muito os feminiliza dando-lhes encanto. Sentimentos a estimularem-na, em muito também a lisonjeia que Maria Isabel continue tendo para ela aqueles olhares de quem admirativamente pregunta até aonde irá sua dissimulação e habilidade:

— Quando fores visitar-nos, Jorge!, rece-

ber-te-ei como castelã por seus vassalos rodeada.

Continua Maria Isabel a guardar silêncio, mas tem mui outra bem diferente origem, seu insistente fitar, por Helena interpretado por admiração reverente. Jorge ainda não levara até ela quaisquer gestos de afabilidade amorável, e se Maria Isabel ocultara de sua consciência a preocupação de lhe deixar saüdade funda e duradoura por sua beleza e encanto para quando ausente estiver, confrange-a, primeiro, que êle, a Helena, tanta atenção preste, para compungí-la, depois, tanta mentira e enrêdo, não porque a surpreenda essa atitude de Helena, mas porque teme que Jorge a acredite. Vê-lo absorvido completamente de atenção, era sentir-se infeliz e mísera, roubada em afecto precioso, espoliada em ternura muito querida. Pezar alevantando desalentos, a seu cérebro volta o pensamento negro, que já tivera, sôbre o fim trágico de sua beleza e feminis encantos. Vê-se desamparada, todo o mundo a acusando, caluniada e batida...

— ¿Eu estou assim feia, Jorge? — e a voz de Maria Isabel sôa endoidada...

— ¿Que disparate é êsse?

Quási gritando, Helena voltava-se para ela tão ràpidamente como para se defender de inimigo que surgisse endemoinhado...

— Ainda não me disseram nada...

— Disparates! pareces uma criança! Não tens tu a certeza da minha grande ternura!...

Mais do que caprichosa, a observa Jorge sincera, sofrendo. Colhidos pela vida fora tantos exemplos de que apenas a dôr humaniza o orgulho, rompendo conveniências, razão se-

creta e íntima devia existir em Maria Isabel para justificar a mágua de seu grito. Ela pretende confundir ardor de palavras com orgulho de mulher ofendido, amorabilidade também insofrida porque tanto tempo calada era como se não existisse para todos êsses cálculos e projectos, mas sentiam-se atabalhoadas as desculpas, tão impensadas se demonstravam.

— Queres que diga o que pensei; ¿queres que o diga?

Face a face, como desafiando, era o seu primeiro grande arremêsso:

— Parece-me que o Jorge há-de esquecer-me; há-de esquecer-nos...

— Estás irritante! Esses cuidados pertencem-me!, — e Helena já franzia os sobrolhos, a não perder em atenção gestos e palavras de Maria Isabel.

— Tu és esposa; mas eu, quási uma estranha; intrusa...

— ¿Porque não recorda a minha ternura?

— O Jorge é muito meu amigo, é! mas quando estiver longe... Admita que me obrigam a ficar por lá.

— Quem? quem?, — e Helena mais e mais alevanta a voz.

— Os meus! Eu sei lá as surprezas que me esperam...

— Não lhes aceite as imposições.

— Livre?

Cerra as pálpebras; dentro de si vozes clamam...

— Aceite a minha fórmula: eu, contra todos.

— Disparates! disparates! Eu não aceitaria demorar-me e muito menos que Maria Isabel por lá ficasse.

Vão discorrendo. Cautelosa, propõe-se Helena justificar os receios de Maria Isabel com maus tratos e ralhos de sua mãe e padrasto, a miude recebidos na infância. — Mas não é motivo, não é!, para tanto mêdo. E agora que nós a defendemos...

— E' o que sinto! Se eu gostava que o Jorge se tivesse oposto à nossa partida!...

— Maria Isabel!

A voz é grito. Fitam-se, inimigas. A recear que as sinceridades da amante prejudiquem seus planos, Helena vai ameaçar. Mas vê o rosto de Jorge enfastiado e dorido e domina seu enervamento. Não esquece porém. Numa curta ausência de Jorge, logo estabelece apertado interrogatório:

— Quero saber o que pensaste; quero saber que tenções são as tuas!

— Pretendi conhecer pelo Jorge do grau da tua afeição por êle. Tens andado tão agradada! ¿Porque eu não quero, entendes?, porque eu não quero que o trates pela forma que presenciei. Dir-se-há que andas apaixonada por êle!, — e justificando assim seus ciúmes, pretexto antecipadamente arranjado, a ela própria surpreendia a facilidade e acêrto da mentira. Afastá-la de Jorge, mais, sempre mais...

— Tonta! se tu soubesses! Tonta! Tonta!, — e agradada por aquele arremêsso ciumento, Helena sorria, sorriu muito, talvez a recordar quaisquer segrêdos de alcova...

V

Do árdil surgiu seu efeito. Não mais Helena teve, quando juntos, qualquer manifestação de carinho mais forte para Jorge, antes muita vez pretextou inquietação na demora de notícias dos seus para mais anciosa fazer a necessidade amorável de visitá-los e servir desculpa cómoda para nervosismos manifestados em impaciências de gestos e voz. Tantos anos volvidos sôbre a sua fuga, certamente a cidade lhe ofereceria aspectos novos; aquela vida de tranqüilidade em seu solar mui benéfica lhe havia de ser, a ela a quem a Europa e Américas gastara um tanto os nervos, e repetidas viagens causaram o fastio de que é feito o ascetismo. Dias de repouso, regressaria de mocidade refeita; o ar livre, reintegrá-la-ia em suas qualidades de buliçosa e contumaz. Querendo agradar a Maria Isabel e não ferir demasido Jorge, de quem dependia em muito, divorciando-o de seu sistema de examinar o que havia para àlém das palavras, via essa sua insistência inteligente defesa e dela abusava até por consciência de sua mentira. Mas tudo se conseguiu pelo melhor. A carta veio resolvendo o encontro, e a partida fôra definitivamente fixada. Apenas na hora das despedidas, quando, instaladas na carruagem, Maria Isabel sentiu nítido o pesar das separações, sensação de isolamento, de desamparo, propôz:

—¿Não lhe custa separar-se de nós, Jorge?

— Eu sei dominar-me e não me sinto com o direito de contrariar um prazer de Helena. Esta viagem pode fazer-lhe bem...

— O tal princípio da liberdade plena.

A frase voltava. A poucas horas do encontro com sua mãe, com a cidade que a apontara criminosa, nítido se fazia em Maria Isabel o confrangimento de que mais teria de suportar os caprichos de Helena, e enervava-a que ela a espionasse constantemente, Jorge oferecendo à esposa completa liberdade de acções...

— E' meu sistema. ¿Vivendo Helena dos meus recursos, admita que a contrarío e não vê logo um de nós vencido, humilhado, sem proveito para o vencedor? E' mesmo possível que ela depois verifique sentir-se melhor em Lisboa.

— Então o ciúme...

— O ciúme é a sensação da nossa inferioridade. E quando o sintámos, devemos fazê-lo calar.

— Ora que não procuram senão assuntos que irritam...

— Defendes-te?

— O ciúme é interêsse.

Entram no compartimento passageiros de caras fúnebres, como divorciados do prazer saüdavel das viagens, os últimos que passeavam na *gare*. Helena pretende continuar discorrendo, mas logo Jorge lhe impõe silêncio com o olhar. Despedem-se. Hábito de elegância, êle beija as mãos de Helena, sem qualquer outra exteriorização de carinho, sem qualquer recomendação de última hora, tôla de afecto, e não o veem mais.

— Ele já nos prevenira de que não ficaria

na *gare.* Assim, não dá a conhecer aos outros os seus sentimentos.

— Tolo! tolo!

— Repara como são ridículos os adeuses.

Deslisa o comboio nos *rails,* sem sobressaltos, e pouco depois enfia pelo corredor negro do túnel. Um clamôr de algazarra domina tudo, como se, rasgando as trevas, fosse esmagando seres e coisas, alevantando gritos e maldições, ou, quebrando o feitiço da noite eterna de tais paragens, perseguido fosse pelos rùgidos ferozes dos génios maus da feitiçaria. Para iludir o tédio daquele forçado silêncio, um pouco para guardar compostura que melhor se amolde ao ambiente, fitam-se preguiçosamente os passageiros, como é de uso entre gentes que se dão ao luxo de viagens em primeira classe, sorrisos de fastio de quem propositadamente sacrifica ao desdem qualquer parcela de alegria incolôr. Sustentam porém mal e só um instante, o seu desinterêsse. Demorando os olhares, o próprio enfado os obriga a perscrutar de onde viemos e para onde vamos, quais os nossos prazeres, predilecções e manias. Há um pouco de tudo naqueles dois palmos de tábuas do compartimento acanhado. Aqui, a fisionomia flácida dum velhote de olhos lúbricos, atestado de bacharel no vício, mais dum doutoramento em dissipações; ali, a face próspera, sorriso contente dum mancebo que vive de heranças e se vê adorado por dedicações velhacas de leilão; acolá, o olhar e atitude insolente de alguém que pretende ainda afrontar todos, afectando liberdade de maneiras de encobrir mal o pormenor de miséria dum casaco fora de

moda. Como as duas mulheres sejam únicas e viajem sem companhia de homem que atemorizar consiga os mais ousados, cão guarda--de-vinha, são mais fortemente assediadas. E tanto que enervada, mal começa a viagem, já Helena comenta:

— Parvos! parvos!, — e preciosa: — Recorda, filha! Em França, ninguém dava por nós.

Não a ouvem seus companheiros de viagem e neste jôgo e exame amáveis continuam entretendo todo o tempo de algazarra e negrume da passagem aflita do túnel. Em dois dêles víam-se disposições de entabolar palestra.

— Pode lá viajar-se em Portugal!, — resmunga Helena.

— Cala-te!

Súbito, faz-se contraste de luz. Correndo velozmente, a sibilar, o comboio passa a primeira grande estação e vai galgando rápido os acidentes de terreno que de longe parecem pôr obstáculo àquela correria. Turbilhonam formas próximas, agitam-se barreiras. O deserto, terras de charneca de maldição implacavel que fazem daquela banda os arredores da cidade, bolem, agitam-se um minuto, como se alguém pretendesse acordar um preguiçoso de seu dormir infecundo. As estações sucedem-se, mui vizinhas...

— Recordas-te? Há quanto tempo não passavamos por aqui... Foi quando viemos para Lisboa...

O falar de Helena é de tons ingratos. Encara Maria Isabel; espiona-lhe os olhares. Mirada e remirada pelos demais passageiros, sente que idêntico exame é feito a Maria Isabel e

enerva-a a porção de curiosidade e desejos que hão-de volitar em redor da amante, a pretenderem contagiá-la: — Repara! repara!, — e toda ela solicita que Maria Isabel distraia o olhar...

— Eu vejo! eu vejo!

Queda-se Maria Isabel simulando entreter os olhos naquela sarabanda da paisagem, acompanhada a pandeiro, o pandeiro infernal do comboio em sua marcha veloz. Mais do que o domínio tirânico de Helena, a incomodam, a confrangem os olhares aliciadores, voltejando palpitantes em seu redor, daqueles homens que a fitam, fazendo bailar, cabriolar como demónios, interêsse amorável e curiosidades, todos êles procurando colher qualquer sensação que os fôsse roubar a suas personalidades. Preocupação de deixar êsses olhares sem recompensa, e não ter gestos de interpretação equívoca, estes seus cuidados fazem-na sentir-se ainda mais fortemente examinada. A despedida de Jorge, porque sem defesa se via, entristecera-a; aquêle seu nascente respeito pelo homem, a incógnita do encontro com sua mãe, próximo, cada vez mais próximo, e sua pusilanimidade ante o desconhecido que logo segreda a hostilidade de tudo e todos, seres e coisas, punham-na temerosa e envergonhada. E agora aqueles olhares de a adivinharem, de a devassarem...

— Tens razão, Helena! são insuportaveis, — segreda em desabafo nevrótico de quem pretende vingar-se.

— E se os conhecesses bem... Ainda ontem...

— Contas-me depois. Podem ouvir-nos.

Atalhou de repelão, arrependida de haver

falado. Sentiu que seus escrúpulos eram para Jorge, por tal forma a voz de Helena conflituou com seus sentimentos. Queimava! e ela logo divagou os olhos para a planície que o combóio ia absorvendo. Mas não vê. Nada a solicitando, proliferam os pensamentos e, concentrada, medita. Receios, terrores, curiosidades, aspirações, remexem-se; fere-a o estudo fácil de si-própria e dos outros porque feito de exemplos vividos. Tudo bole, tudo tem vida própria.

¿Que grandeza havia na sua culpa, se o lôgro era fácil e o disfarce ainda mais fácil e cómodo? Nas relações entre homem e mulher, quando feitas acima das leis sociais, há o orgulho da afronta, luta vitoriosa contra preconceitos e terrores absurdos de nos colocar acima da turba ululante que barafusta mas se deixa dominar; no seu caso, muito ao contrário, tudo era ridículo, estéril, cobarde. ¿Que destino a redimir, justificando sua culpa? Não aperfeiçoando, não embelezando, sobretudo não violando, por vontade consciente, a obra inconsciente da Natureza, como poderia ser levada para mais àlém do humano? Desde que convivia com Jorge, a sentir-lhe as acções, e o via usar de sua ascendência por forma branda, acreditava o homem, ser único destinado o dominar. Que diferente, pois, seria a vida a seu lado, as suas perseguições, o jôgo amável de olhares cariciosos, suas vozes de ternura, seus alvoroços sexuais. Até a brutalidade de qualquer hora duma maior volúpia, como seria diferente... A' angústia de todos os prazeres, viria certamente misturar-se alegria; a uma condição de escrava, uma sensação

mais forte de poder; a quaisquer dôres, exasperações de quem pretende conhecer beijos voluptuosos, mais voluptuosos, sempre mais voluptuosos. Seria tanto a posse como a entrega completas. Seria a vida.

— ¿Vais aborrecida?

— ¿Que queres?

— ¿Vais aborrecida?

— Não.

— Dir-se-há que vais zangada, — e solerte, tenta Helena tomar-lhe uma das mãos.

— Penso em minha mãe.

A sua voz era quási mecânica, sílabas batidas. Arrancada a seu sonho, falar, dominar-se, custavam-lhe mui porfiados esforços. Para recusar a mão de Helena, pôs novamente os olhos fora. Mais do que sua ânsia de liberdade nessa hora, continuavam pesando-lhe os olhares de seus companheiros de viagem, aqueles olhares que a sensação de sua própria culpa fazia deliberadamente espionadores...

Medita. O combóio continua dobando léguas, mas agora sem arfar, correndo em planura. Já tinham passado Santarém, e à charneca rasa e nua, sucedem-se lombas úberes de outeiros verdes de marcarem degrau para as serras que ao fundo, em anfiteatro, fecham perspectivas de campos de trigo e milho e de aglomerados de árvores lindas de composição, mancha e recorte. Casalitos espreitam, sentinelas à beira de carreiros, ar acolhedor de ermidas, interessados todos em achegarem-se para a sombra amiga dum pinheiro protector que para êles abre seus braços fraternais e espalma mãos grandes de abençoar. Maria Isabel medita, mas não lhe dá o cérebro mais

raciocínios. Recorda apenas; e recordando, por contraste de sua vida de obediência, surge a vida de Jorge, tal qual êle a descrevera: conquistando. Recorda a primeira hora em que o vira, olhos de o abonarem leal, sinceridade de frases de quem sabe vencer todas as situações, nobreza, elegância de atitudes de quem caminha confiante de si, por entre as calúnias e armadilhas que os interêsses alheios tecem e cavam. Recorda-o numa noite em que êle prègara o triunfo do esfôrço consciente, o orgulho de nós, em contrário de Helena, sempre de prédicas fáceis de aconselhar obediência; invoca-o, como muitas vezes o vê, por entre o fragor de batalha das máquinas em movimento, fronte iluminada pelos revérberos da vontade firme. E entristece. Um mal-estar físico resultante de suas dúvidas e terrores, atormenta-a, faz-lhe sentir a sua inutilidade. Eternamente pelo seu segrêdo a depender de Helena, apegara-se a ela uma sombra de a tragar sempre que intente abrir, em sua existência, fresta ampla por onde entre a luz da aspiração duma vida diferente; condenada eterna, teria de viver sempre dela mesma. A buscar-se e a perder-se, era como alguém que pretendendo fugir para longe, mão déspota tivesse sempre prêsa ao mesmo lugar. Ontem como hoje, hoje como àmanhã.

— Claro! se nos receberem mal, fugiremos.

— Regressaremos, queres dizer.

— Tonta. Se eu conquistei uns dias de liberdade, iremos para qualquer outra parte. Temos dinheiro...

— ¿E o Jorge?

— Não interessa. ¿Não vês como êle faz tudo quanto eu quero?

Tristemente, sorri Maria Isabel da embófia, sua pontinha de desdem. Não contesta por indiferença, preguiça e vergonha do lugar, mas os seus desassocêgos desmentem categòricamente Helena. Começando a admirar Jorge, essa admiração prevenira-a de que um dia êle saberia tudo, que talvez desconfiasse já, mas calava suas suspeitas para conhecer bem toda a infâmia. Vê-lo dominar homens e fôrças ocultas, ouvi-lo discorrer sôbre egoísmos e sacrifícios humanos com o poder de análise de quem fàcilmente atinge as origens das acções, era possuir-se da certeza de que seria difícil iludi-lo quando êle quizesse alcançar toda a verdade. E então, caro êle havia de fazer-lhes pagar embustes e falsidades. Sossobrariam ambas, ela sempre apegada a Helena pelo passado indestrutível...

— ¿E se fosse eu quem lhe dissesse tudo?

O pensamento vem de chofre, anelo subconsciente impregnado das emoções arcangélicas de a erguer até região altívola. Ditado pela ânsia de destruïção que era a revolta contra suas próprias culpas, contra a imutabilidade do seu passado, ainda a deslumbra quebrar, de vez, vaidade e ruïndades de Helena. Reincide:

— ¿E se fosse eu quem lhe dissesse tudo?...

Mas fez-se o raciocínio; sôbre aquele ardôr cáem dúvidas e medo, e ela deixa-se abater:

— Se eu talvez seja a mais culpada...

Como a significar ressentimento, ninguém de família as esperava na estação. Apenas os cuidados de quem acreditara um tanto incertos os caminhos para duas mulheres que muito novas tinham abandonado aquelas paragens, ordenara que as aguardasse a velha carruagem ao serviço do solar. Nota-o muito principalmente Maria Isabel quando reconhecem e se apróximam do José, cocheiro e criado perpétuo da casa dos senhores barões da Lousã, tão velho como a traquitana, tão gasto e engelhado como os brazões dos Castros, que a ouro enegrecido e a vermelho desboto lhe adornavam as partinholas, e tão arruínado de físico como arruínada fôra a fortuna de seus amos.

— Estão todos muito zangados connosco, não é verdade, José.

O homem pensou, e sem responder esteve uns instantes. Servidor hábil, porque o hábito quebrara dentes à rebeldia, receiava de imprudências que o comprometessem, comprometendo seu único ganha-pão. Por fim lá arriscou:

— A senhora Baronesa, continua doente.

—¿E minha mãe?, — inquire, por sua vez, Maria Isabel.

— A senhora D. Aninhas, ficou a fazer-lhe companhia.

Afastou-se, oferecendo a desculpa de remover e arrumar a bagagem. Maria Isabel considera:

— Vão receber-nos mal.

— Que importa. Sobe.

Enquanto se acomodam, rangem as ferrarias e molas da carruagem pesadona e incómoda, e logo em reminiscências de quando o

amo vivera galante vida de elegâncias, e êle, trintanário, se postava, erecto, junto da portinhola, todo orgulhoso de seu préstimo e cumplicidade, o José vinha interrogar se podiam pôr-se de abalada. Mas a sua voz não era a de então, maliciosa, mas uma voz sem dentes, hipócrita, de bom aldeão acostumado a mentir.

— Sim! podemos ir.

Abalaram, não pela estrada que fazia caminho direito para a cidade, mas por desvio íngreme que retalhando campos férteis, mais próximo fazia o solar dos Castros, senhores da Louzã, e oferecia ainda, em todo o percurso, o espectáculo de entreter os olhos e deleitar, dos trigais fartos a ondularem, dos vinhedos de folhas tenras mas a esboçarem já seus frutos, dos corpos esguios, súplices, de pinheiros, dos troncos carcomidos, carnes sofredoras de oliveiras e azinheiras. Quanto mais se subisse, mais encantador se fazia o vale por onde as águas do rio deslisavam, na aparência contidas pelo massiço de salgueiros e choupos das suas margens, cabeleiras ondulantes, cabeças que o vento às vezes faz curvar um pouco, como para atenderem quaisquer súplicas humildes, mais se adensava o silêncio, maior era a paz bucólica, mais a natureza inteira solicitava as almas para se fundirem nela, abraçando os ideais de ventura que teem por finalidade a vida tranqüila das criaturas sem ambições, nervos expurgados de volúpias lívidas.

Não viam, porém, as duas mulheres, tanta beleza. Maria Isabel recomeçara em apreensões. Avizinhando-se mais e mais o encontro

com sua mãe, mais aumentava seu mêdo, pudores, vergonha. Mêdo de a receberem mal, pudores, vergonha pelas acusações que havia de ler em todos os olhos, e às quais nem retorquir podia com a promessa de conquistar a vida nova que começava sentindo nascer dentro de si, porque o seu passado desmenti-la-ia. ¿Apresentar-se ao lado de Helena, sorrir-lhe, não significaria que mui conforme estava com suas culpas, fraterna, contente e feliz? Ontem como hoje, hoje como sempre. ¿Que prova faziam aspirações?...

Vencida! vencida! Que valia ter compreendido que uma existência se transforma quando saibamos querer, porque a vida começa sempre àmanhã; ¿o que adiantava ter-se apercebido do galopar indiferente dos factos e considerado que ficar, permanecer, era a morte definitiva? Ter penetrado, até, o segrêdo da libertação que existe nos dias ainda por viver, não era tornar ainda mais dolorosa e imensa a sua já muito amargurada derrota? Ao lado de Jorge, contagiada pela sua fé, tomada pela sua febre, entendera por missões únicas, abrir os olhos para as horas que veem ao nosso encontro e manejá-las; libertar-se do passado que a morte tocou, e compreender bem, e bem sentir, e bem sorver o futuro. ¿Mas o que podia ela, apegada como estava a Helena?

— Chegamos.

Descerrou Maria Isabel as pálpebras, à voz desgraciosamente dura de Helena. Na sua frente, apenas a algumas dezenas de metros àlém, o solar dos senhores barões da Lousã, era cubo monstro que fôrças ciclópicas tivessem aposto àquele cimo de montículo. Ca-

minhava-se para lá por avenida cortada por entre árvores centenárias, e a meio duma cêrca que outrora fôra local de aprazimento e distracções únicas. Amplos tanques de mármore muito branco, estátuas e bancos bucólicos, aspecto galante lhe davam por êsse tempo; meandros de buxo tosquiado, arruamentos muito limpos e de desenho caprichoso, abertos por entre tufos de verdura, prestavam-se à meditação ou convidavam ao repouso. Anos de desleixo tinham, porém, vindo depois, e os tanques estavam mutilados e secos, arbustos sem trato cresciam à solta, ervas e heras cobriam os bancos, estátuas derrubadas traziam à imaginação corpos mutilados de gentes que furiosa tempestade, fulminando, ennegrecesse. A ruína vinha já do tempo em que o senhor Barão da Lousã abalava do solar para as suas temporadas em Paris, de onde regressava só para arrecadar receitas e recomendar economias, mas o completo abandôno vinha apenas de quando a senhora Baronesa, dizendo já fatigante de andar o corredor que a levava de seus aposentos à sua capela, se recusava terminantemente a fazer quaisquer outros passos, embora em domínios seus.

No solar, mais próximo, sempre mais próximo, nota-se em tudo, a mesma negligência, mas sobrecarregada pelo ar inquisitorial que tem a massa ennegrecida de suas paredes, só esburacadas a janelas pequenas, e, próximas do telhado, a frestas de celas de convento falho de rendas mas intransigente de reclusão. Entre interstício e interstício dos blocos gigantes de cantaria que o fortalecem, erva cresceu e desenvolveu-se pela humidade das ve-

lhices sombrias que o casarão sua e tressua. Respeito temeroso, recordações de sua meninice, Maria Isabel comenta:

— Como tudo isto é triste.

Fita-a Helena, mas deixa o dizer de Maria Isabel sem resposta. A carruagem pára.

— Minha mãe!

A mãe de Maria Isabel, assomara à entrada do solar. Imposição de seu temperamento amorável, cérebro varrido num instante de quaisquer receios ou reservas, Maria Isabel corre para ela:

— Minha mãe!

— Vieste? Pensava não te ver mais.

Voz de indiferença, de castigar e arrefècer alvoroços, não se demora um instante para qualquer afago, e logo vai cumprimentar Helena. Transmutara para servil sorriso o enrugado das feições, e tem um ligeiro dobrar de espinha:

— Que boa surprêsa, Helenita! ¿Ficámos contentes, sabe?

Mirava-a como se criança fôra e com a afabilidade que se guarda para os convívios que dão sumo prazer. Por aquele contraste de trato, de ferir fundo pela necessidade amorável de amizade protectora, viesse de onde viesse, logo viu Maria Isabel quanto ainda havia de pesar-lhe qualquer castigo, já porque talvez a considerassem a maior culpada, já porque, indefesa, nenhum interêsse certamente teriam em calar queixas e agravos...

— Sua mãe, Helenita, não pode descer a recebê-la. Qualquer esfôrço a esgota. Vai achá-la acabada. O médico pouca vida lhe dá.

— Assim tão mal...

— Uma infelicidade! uma infelicidade!

Prolongando e batendo o som das últimas sílabas, cada palavra é dobre de finados. Andar sem pressas, penetravam agora num corredor mal alumiado, todo em escaninhos, portas, recessos, percorrido por haustos de ar enregelado. Queixa-se Helena da lobreguidão, do abandôno de tudo aquilo:

— Se a Helenita já estivesse de posse de tudo isto... A senhora Baronesa não aceita conselhos de ninguém, embora saiba da dedicação de quem a serve... O que eu tenho passado...

Alma escrava, entendia-se bem que era seu fito lisonjear quem considerasse seu mais próximo senhor, aduzindo razões que o fizessem reconhecido. E prègava, e dizia de conselhos dados, de pareceres muito com seu vagar pensados... — A Helenita é que podia muito bem dizer a sua mãe... Olhe que até chove cá dentro!

— Talvez! talvez!

Atravessam casarões também de ar inóspito pela velhice de paredes, móveis e bugigangas. Espelhos de metal polido reflectiam as coisas próximas, em tons verdes de água apodrecida. Numa sala, a armadura dum guerreiro espectrizava-se; noutra, retratos de família saíam da noite de seus fundos negros, para afirmar o quer que fôsse de horrível, para insistirem ou increpar, para implorarem ou ordenar. A' volta, silêncio. Nem viva alma, nem ruídos de passos. Só de quando em vez, a mãe de Maria Isabel lamenta:

— Uma desgraça! Uma desgraça! Que não pode durar muito. Diz o médico...

A treva adensa-se. São os aposentos da senhora Baronesa. Por uma porta aberta, entreveem-lhe o leito, à maneira de eça, degraus e dócel escuros. Na ante-câmara um perfumador sôbre tripé de bronze, atira para o alto nuvenzitas de fumos de incênso e mirra.

— A Helenita, senhora Baronesa.

Entrára primeiro no quarto, a mãe de Maria Isabel, e adiantára-se para a fidalga, enterrada ainda a essa hora em sua cadeira, vestes lutuosas a mirrarem-na mais. Não esboça um gesto, e a senhora governante repete o aviso. E' então que ela endireita sem pressas, mas quanto pode, o busto corcovado, e lentamente estende, para as duas mulheres, as mãos enegrecidas, como para que as beijem, depois de as abençoar.

— ¿Quere que nos sentemos proximo de si?

— Pois sim! pois sim!

Há indiferença no falar, as mãos cáem, esgotadas do esfôrço. No rosto não há traços a indicar sensações; parece mesmo não ver. De sentidos minguados, sugestão ou aparições devem roçar por ela sem a ferir; anos vividos, sombras onde nada bole, onde não há luz. Nem do passado certamente lhe acodem recordações, tanta é sua indiferença. Para o seu lado arrastam tamboretes, e ela nada ouve. Olhos postos em frente, dir-se-há abstraída na contemplação dum Cristo ensanguentado e chaguento que em seu madeiro prége, pelas dores e morte sem rebeldia, o sofrimento, a humildade, a resignação dos vencidos que fez depois religião duradoura.

Esperando palavras, o silêncio mumificara todos. Tinham imaginado as duas mulheres,

recepção cortada a incidentes, algo azêda até por parte da senhora Baronesa, que certamente recordaria a amargura de seu abandono de muitos anos, e o desmentido de agora deixava-as sem recursos de estabelecer diálogo, o instinto feminino da prudência nesse momento aconselhando a escolha de frases, como é de bom uso entre pessoas indiferentes. Menos paciente, porém, Helena, rompe:

— Se nos desse licença, minha mãe, iriamos descansar um pouco.

— Pedi por vocês, a Deus.

A frase é sonâmbula, mas a voz que a diz é ardorosa. Sente-se que no cérebro e nervos da senhora fidalga, só a tineta vive, galvanizando sumidos restos de energia. Mais beata porque cada vez mais doente, compreendem as duas mulheres que seus únicos esforços serão para as resas da manhã e para rosários da tarde e noite. Ao lado dela, a morte envolverá tudo.

Sai primeiro Maria Isabel. Mais um minuto e sossobraria. Não se queixara porque ao seu velho sentimento de respeito pela fidalga, viera juntar-se uma sensação de medo de a ter quieta e sem falar. Liberta, desabafou:

— Não se pode viver aqui! Sentimo-nos morrer!

— ¿Até ingrata te fizeste?, — e porque não perdia ocasião de castigar, pesou sôbre Maria Isabel, o olhar hostil da senhora governante . . .

— E' o que sinto.

— Devias guardá-lo.

Conselheiral, Helena confirma:

— Tem razão! Ela está fazendo-se um pouco ingrata.

— Vês? até a Helenita concorda. A Helenita, a quem deves tudo.

Batida em seu orgulho e consciência porque injusta sentia a acusação, fita Maria Isabel as duas mulheres com os olhos rasgados e acesos da rebeldia. Sentimentos em tumulto pela indiferença de sua mãe, a quem podia acusar de em muito ter concorrido para sua vida culposa, revolta contra Helena que devia defendê-la e ainda a censurava, certa vontade conflituosa incitava-a a gritar ali tudo quanto de criminoso havia no falar e proceder duma e outra. Demora o olhar, descerra os lábios, mas, súbito, uma sensação de asco, de desprezo lhe sobe do mais íntimo de sua feminilidade, e emudece-a. Sente que todas as suas acções, ainda as mais incoerentes, as justificaria de sobra; sente que pode defender-se, sabe que as vencerá, e cala-se. Mais do que o hábito dos anos vividos em obediência, dentro dela se alevanta nesse instante a certeza de que alguém ou alguma coisa bastante forte a protege e abençôa, ao mesmo tempo que lhe promete desfôrço que resgate totalmente suas dores e caro faça pagar humilhações e injustiças sofridas. Sorri então...

— Nem pelo menos tentas defender-te.

— Deixa-a. Ela reconhece que temos razão, — prega Helena.

— Só o futuro nos dirá! — e a distanciar-se das duas mulheres, Maria Isabel vai repetindo a frase, baixinho, para ela, só para ela em oração, alma ajoelhada ante o mistério de suas rebeldias e preferências de agora...

Já refeitas de fôrças por uma noite bem dormida, e depois de matinal passeio, reünidas agora à mesa, aguardavam indiferentes a decisão da senhora Baronesa. A governante dissera-lhes difícil resolver a fidalga a que tomasse ali a sua refeição, sabendo-a intransigente, por mania e debilidade, com quaisquer esforços que não fôssem seus passos no caminho do quarto à capela do solar. Quisera, porém, tentar a diligência, ostensivamente obsequiosa, secretamente para que vissem a sua ascendência e não a esquècessem como vontade.

Desde a chegada, não tinham as duas mulheres observado aquela sala. Fôra outrora das melhores do solar, quadra ampla de tetos apainelados, e, ainda que escura de madeiras e côr, a austeridade não afastava, então, confôrto, cristais e flores aliviando-a de seu ar pesadão, risos a alacridade de palavras a fazerem-na acolhedora e afável. Mesmo depois da morte do senhor Barão, conservara certo ar de agrado pelas mocidades de Helena e Maria Isabel; mas hoje, fechada à luz, cadeiras de alto espaldar velhas de uso, couros poídos pelo roçar das cabeças, tapetes coçados deixando ver, aqui e àlém, as veias do tecido, os móveis, dum negro a embranquecer, assinalando no esburacado dos corpos a falta de ferragens preciosas, os reposteiros, outrora apenas pesados, agora velhos, tudo mostrava que o solar transitara duma opulência cómoda a uma escassez molesta. De provocar frio; de segredar derrocada.

— Que diferença da tua casa de jantar. Nem ao menos flores. Até nos falta o ar.

— Estás hoje exigente.

— Se o Jorge aqui estivesse, transformaria tudo.

Ciúme em sensação mais fácil, ia responder Helena; abre-se, porém, o reposteiro. Encostada ao braço de sua governante, a senhora Baronesa arrastava uns passos caquéticos, resfolegados a cada instante. Ergueu-se Maria Isabel para a ajudar.

— E' homenagem de agradecer, a presença da senhora Baronesa. Há muito que não vem a esta sala.

Helena tem agradecimentos, estimulada pelo exemplo de Maria Isabel, mas a fidalga não tem quaisquer palavras. Dir-se-há ter conferido à governante o direito de pensar, de falar por ela, de a substituir em tudo, excepto em suas rezas. Com ela, entram mais sombras, o silêncio adensa-se porque mais pessoas ali vivem e respiram sem falar.

— Sirva.

A ordem vai para um criado de libré negra, uma das sombras que por ali perpassam sem ruído, braços desajeitados, um bambolear de quem mal se firma nas pernas. E' o velho que conduzira Helena e Maria Isabel até ao solar, criado único desde a estrebaria à sala de refeições. Ele sai a cumprir a ordem, e o silêncio prossegue, encharcando sêres e coisas num tédio que a desenvolver-se é mêdo. Mêdo de nos tolher quando quisermos sacudi-lo: suspeita de que possa mumificar-nos, angústia por que o corpo fique inerte, a alma a bradar dentro dêle e sem lhe podermos valer...

— Não sei como não colhem flores!, — agita Maria Isabel para ter a sensação de que vive e fala.

— A senhora Baronesa proïbe. Flores, só para o altar.

Para não deixar que o silêncio as mortifique, por sua vez Helena intenta falar à mãe, mas a senhora Baronesa tem logo nos lábios certo ríctus do desagrado, a caracterizar-se em sofrimento. Não se queixa, porém. E' ainda a governante que justifica:

— Faz-lhe mal ouvir falar.

Atendem-na; e então cada qual começa oprimindo os outros, persistentemente. Sem a fraternidade das palavras, desconfianças mútuas se apoderam dos espíritos; não havendo por onde distrair os olhos, cada um sente-se examinado, embora não saiba quem o examina. Para auxiliar o velho, viera uma criada também dobrada a anos, vestes negras, sombras todos, a moverem-se como duendes porque seus passos não se repercutem. Ante-câmara da morte, paira no ambiente intolerável sensação de ameaça de reduzir todos à imobilidade. E sem consentir qualquer defesa porque o inimigo é invisível. Nem é ataque de estocadas ou espicaçamentos. São braços, são mãos que aprisionam sem cessar, mas sempre com pressão igual. Lenta, lentamente até subvertê-los, até os reduzir à insignificância mínima. E' bafo, hálito de derrota que vai diminuindo-os pouco a pouco, seguro de sua omnipotência, e delirando de os saber espectadores de si próprios, e sem se poderem salvar. São recordações que veem, são pesares que revivem; é a imaginação a ditar palavras de lamento, e o silêncio a tapar bocas...

A refeição é frugal. A fidalga, corpo dado

a jejuns e rezas, aversão tomara a alimentos. A gula em pecado, quaisquer manjares seriam tentações de demónios. Até mesmo a demora à mesa a aflige. Primeira a ser solicitada, ainda mal a servem, já ela tudo recusa. Todos lhe seguem o exemplo, cada qual a ansear libertar-se da opressão que o amarfanha.

— Rezem comigo.

E' a fidalga quem ordena. Erguem-se. A senhora Baronesa rebusca energias em seu corpo esmarrido, e lá consegue o milagre de endireitar o busto. Transfigura-se. Por instantes o olhar anima-se, os lábios movem-se. Cai, porém, logo, em suas prostrações de todas as horas, e em passos de arrastada, regressa a seus aposentos.

— Helena! isto é intolerável.

— Outrora eras mais obediente.

— ¿Não te sentes adoecer?

— Pensarei.

— Regressemos.

— ¿A Lisboa? Desvairas. Não pouco me custou alcançar estes dias de liberdade. Partiremos, sim! mas para qualquer outra parte.

— ¿E o Jorge? não foi isso que combinamos!

— ¿Aflige-te o senhor meu marido?

— Pode desconfiar.

— Sossega! Sua excelência tem muito mais em que pensar.

Tinham acompanhado a senhora Baronesa até aos seus aposentos, e saem. No corredor veio juntar-se-lhes a senhora governante, logo a manifestar desejos de falar a Maria Isabel, mas a sós, — se a Helenita dér licença...

— Segredos?

— Conselhos que uma mãe deve dar sempre...

Helena pôz-se a remirá-la com olhares inquisitoriais, de sondar consciências e ameaçar. Não encontrando razão para recusas, recomendou, apenas, que a entrevista fôsse breve e preveniu — que a encontrariam no jardim.

Afastou-se. Muitos anos separadas, quási indiferentes, mãe e filha, por sua vez, fitaram-se constrangidas. Maria Isabel pressente que desabarão sôbre a sua fuga, censuras e exprobações, por falta de autoridade inoportunas. A segui-la, calculou de desavenças, — mas se a mãe tivesse o direito de castigá-la, não a poderia também acusar de desamparo e desamôr?.

Atitude austera, máscara rígida, mal chegaram a uma saleta, a mãe expôs:

— Desde a carta da Helena, tenho pensado muito, e quero conversar contigo porque é minha obrigação estar ao corrente da tua vida. Esperei que ontem me dissesses alguma coisa, mas desobediente como sempre fôste, não é para admirar que seja eu a primeira a vir recordar os teus deveres.

— Vivo com a Helena.

— Mas...

— Vivo com ela.

— ¿Como sua dama de companhia, ou continuam naquela vida de vergonha?...

Enrugam-se as feições de Maria Isabel, a seus lábios acodem palavras decoradas de rememorar seu abandono. Consegue dominar-se para continuar ouvindo:

— Vê lá a Helena. Casou; tem hoje a sua

casa. Agora é que sei quem é a desvergonhada. E saber que és minha filha!...

Vergastadas em seu orgulho, Maria Isabel sente bem a injustiça. Tomam-na engulhos de clamar toda a verdade, toda a dolorosa verdade. Debruça-se para a mãe, abrazada pela tentação de proferir quaisquer palavras duras de dizer ou confiar segrêdo mui cruel de ouvir... 243

— A Helena é..., — mas para àlém da ânsia de conflito nascida do desespêro de se ver caluniada, volta a subir nela o nojo, a purificadora sensação de desprêso que a tomara já na véspera, quando à senhora governante escutara as suas primeiras fortes censuras...

— Continúa. Defende-te. ¿Por que não segues o exemplo de Helena? por que não te casas?, — e ante o silêncio teimoso de Maria Isabel: — ¿Ou preferes dar razão a teu padrasto? Bem diz êle que não tens emenda. Nem quére ver-te. Aposto que não reparaste como os criados te olhavam. E' que recordam tudo.

Perdurando a sensação de desprêso, limita-se Maria Isabel a encolher os ombros, impertinência da altivez. A mãe castiga mais:

— ¿Perdeste a vergonha, não é assim? Pois fica sabendo que não me enganaste nunca. Se te abrimos as portas, é por causa da Helena. Ouviste? Mas dize alguma coisa. ¿Já pensaste em casar?

— Não.

— O teu descaramento, é vergonha para nós todos. ¿Quererás viver sempre à custa da Helena? ¿Quem te diz que ela não te pode deixar um dia?... Bem vês! casou! ¿E depois; o que farás depois?

— Acabou?

— Não! tens de me ouvir.

Transmutara-se o sentir de Maria Isabel, no rosto desenham-se rugas de sofrimento apercebendo a mãe a caminho para os secretos raciocínios de suas horas de solidão. A adivinharem-na, preferia que a combatessem. Mostrarem-lhe futuro diferente daquele que teria ao lado da amante, sempre dominada e mísera, era darem-lhe bem a certeza de que, para àlém de sua vida, outra vida existia de amplos horizontes, de prazeres plenos e para a qual devia ter nascido.

— E's nova; podes ainda...

— ¿Casar, não é assim? já mo disse por duas vezes. Ouvi bem.

— ¿Mas já pensaste? Davas-me alegria, crê.

Fitam-se. A mãe, cada vez mais próxima, mais na intimidade de seu sentir, ateia-se em Maria Isabel desmedida revolta e sofrimento. Designarem-lhe anseios que devia ter, era dizerem-lhe de sua vida inferior; incitarem-na, era reconhecer-se duplamente vencida. A sensação da grandeza de vida pelo contraste do irremediável do presente, a sensação das alturas que poderia atingir em confronto com o que era, latejava entre fibra e fibra de seu sêr em exasperações de impotente escabujando maldição; do rancôr contra ela própria, contra sua fraqueza, alastrava rancôr contra a mãe, ódio por quem aconselha e predica e não estende mão protectora e carinhosa.

— Nunca! sinto-me feliz assim. Desprezaram-me, sofram.

— Um dia o marido de Helena pode saber, e expulsa-te!

— Ele? Mente! mente!

— ¿Julgarás que te quere sempre em casa?

— Há-de querer-me.

— ¿Mesmo em sabendo?

A mãe de Maria Isabel batia as sílabas, dizer-de-gargalhadas-diabólicas de quem do sofrimento faz motivo de gôzo...

— ¿Que direito tem de atormentar-me ¿que direito tem?

Dominada pelo mal-estar físico de quem pressente derrocada, Maria Isabel olhou a mãe, olhos a fuzilarem desejos de vingança. Um minuto apenas. Logo, por que os mesmos receios já tinham feito cama em suas preocupações pelo futuro, sentiu-se quebrada de energias, vencida.

— ¿Nunca namoraste?

Calam-se. Cada uma ouve seus próprios pensamentos, vozes íntimas que deixam cair sôbre aspirações e planos próprios, todo o pêso de misérias e transigências acumuladas. Em Maria Isabel lutam dois sentimentos antagónicos. Acordada sua amorabilidade pela evocação de Jorge, ternura provoca um desejo forte de confidenciar seus sonhos, mas um mêdo, um mêdo enorme de que a não compreendam, abafa-lhe todas as palavras e gestos de fraternidade. A tarde mesmo é sua cúmplice. A terra em recolhimento de suas horas de oração, vai aumentando suas indecisões; o silêncio impõe temor sagrado...

— Maria Isabel! Maria Isabel!, — chamam.

— E' a Helena. Não responda!

Volta a haver ódio nos olhos, no dizer de Maria Isabel.

— ¿Já não gostas dela?

— Cale-se! Deixe-me!

A voz é grito imprudente, faz éco. Passos vão apròximando-se, já sôam perto. Alucina-se o parecer de Maria Isabel; foge. Corre; portas batem...

— ¿A Maria Isabel?

— Fugiu! Não sei nada. Mal a Helenita a chamou...

— Demoraram-se tanto. Foi talvez procurar-me.

— Talvez.

Tem o parecer imbecil, a voz sonâmbula. E' o hábito da subserviência que responde. O procedimento de Maria Isabel acima de seu entendimento, fora de seus raciocínios, tudo lhe parece despropositado... 246

— Vou procurá-la.

Helena sai; ela fica ainda por largo tempo ali espècada. E' que não desiste de procurar justificação para aquêle rancor de Maria Isabel. Tenta recordar-se de todos os conselhos que dera a bem de seus deveres de honra e vigilância maternais, mói e remói os juízos que oferecera, e vê-se castigando certo, como convinham às circunstâncias. Mal se prepara, porém, para compreender o sentir de Maria Isabel, logo tudo se esfuma; perde-se, volta ao princípio. Por fim limita-se a perfilhar sentença decorada:

— Não quére conselhos. Bem diz o padrasto que ela não tem emenda. E dizer-se que é minha filha!...

Helena grita, no jardim, o nome de Maria Isabel, mas só o éco de suas próprias palavras lhe responde. A' sua volta tudo se cala. Apenas entre fôlha e fôlha, ramaria de árvores altas, algum estremecimento fugaz; apenas na terra, naqueles labirintos de ruelas atapetadas a erva fôfa, vidas furtivas se agitam em surdina.

— Maria Isabel! Maria Isabel!

Continuando o silêncio, começa estranhando que Maria Isabel ali não esteja procurando-a, como ela afanosamente a procura. A distanciar-se do solar, já quási percorrera toda aquela nave de catedral imensa que era a alameda de árvores que ao portão da quinta a levaria. Do tempo de seus passeios galopando cavalos de sela de generoso sangue, nada lhe vinha à memória, nem ao cérebro acudia qualquer pequeno reflexo de quando festas magníficas, caçadas ou recepções fazia abrigar às dezenas, sob aquela cúpula de árvores sagradas pela idade, as carruagens suntuosas dos mais opulentos fidalgos da visinhança. O espectaculo alacre, muito de recordar embora já longíquo, de quando solar e jardins se enchiam com os ruidos e risos de gentes nobres ou gargalhadas plebeias da criadagem que entretinha ócios em exercícios de destreza e fôrça e, em mesas sem fim, satisfaziam gulas, nada rememorava. O pensar era todo para Maria Isabel, para a sua ausência de estranhar e censurável.

— Maria Isabel! Maria Isabel!

Preocupação de que lhe sintam a ascendên-

cia, custa-lhe admitir desobediências, mas impacientando-se, desistiu de a encontrar. Viu depois provável que ela tivesse ido para seu quarto. Subiu; fechada a porta, bateu.

— Estou farta de te chamar. Fechada a sete chaves, dir-se-há que tens receio de nós. ¿Por que não desceste ao jardim?

— Fazem-me sofrer, isolo-me.

— ¿Quem te fez mal?

— Todos! todos!

— A começar por mim...

— E a acabar em minha mãe. Se me abriram as portas foi por consideração por ti.

— Conta; conta.

Aos solavancos, Maria Isabel reproduz a scena, ennegrece-a de tintas, exagera o pezar sofrido, dilata sua grande vergonha de se ver mísera e derrotada. Nítida a certeza de que tarde regressará a Lisboa, muitos dias separada de Jorge, entregue sem remédio a Helena, aquele projecto de estenderem sua digressão, outrora aceite com alegria pelos seus sentimentos amoráveis por Helena, tinha agora um ar de prepotência maldosa de a ferir e revoltar. Vê-se batida por todos, ausente o ente único que a suas rebeldias prestava amparo, e desalentos de quem, vencido, aceita imposições, desenvolvera-lhe por tudo insofrido mal-estar. Sente-se ameaçada, e tudo depois dilata seu mêdo até ao sofrimento. E' a casa, lacrimosa e vazia, envolta em silêncio e luto; são as palavras acres e acusações da senhora governante que seu cérebro repercute; é a certeza de que os dias, ali, novos pretextos servirão para fazer mais e mais carregados os seus já muito negros pezares. Choram suas ambições de

agora, ao escutar Helena; sonhos esbracejam; uma nova fôrça entra em luta: necessidade forte de procurar qualquer desfôrço...

— ¿Dito isto, quererás que eu fique aqui por mais tempo?

— Vou obrigá-los a aceitarem a minha vontade.

— Não podes, porém, impedir que minha mãe volte a acusar-me. E até os criados terão para mim os mesmos olhares.

— ¿Queres partir?

— Livra-me desta tortura.

— Pensarei.

— O que eu tenho sofrido...

— Tens a minha ternura a compensar-te. Ainda há pouco, quando te procurava, afigurou-se-me que te perdera. E odiei tudo e todos, juro-te!

Helena já estendia mãos acariciadoras. A tristeza de Maria Isabel, confrangendo-a, obrigava-a a dizer-lhe suas palavras de melhor ternura e a pôr em prática os jogos arteiros de mãos tentaculares:

— Deixa! hei-de proteger-te sempre. Contra todos, ¿ouviste bem? contra todos!

Aperta-a de encontro a si, beija-a, mas fica surpreendida quando sente Maria Isabel indiferente, estranha...

— ¿O que tens?

— ¿Queres saber? Poderíamos aproveitar a tarde. Iríamos à estação; saberíamos a hora dos combóios...

— Era preferível que pensasses em mim.

— Sofro! ¿e se és minha amiga, por que não me fazes a vontade?

— ¿E para onde iríamos?

— Vamos para Lisboa.

— Estás louca!, — e riso sarcástico sacode Helena: — Nem tão cêdo, estou farta de te dizer! Supunhas tu!... Não! que estes dias de liberdade custaram-me sacrifícios!

— Iremos para onde quiseres.

Gritando, a angústia e nojo põem as palavras sangrando; aspirações divorciadas cavam abismos de sentimentos. Insofrida, claramente Maria Isabel avalia do egoísmo de Helena; vê o amor dela apenas feito de apetites grosseiros. Pode ela sofrer que a amante, de suas acções recolhendo prazer, fará sempre a sua vontade!

— Iremos para onde quiseres, repito!

Helena pôs olhares desconfiados em Maria Isabel. As primeiras palavras dela, não faziam adivinhar transigência sem lutas. Alma de embuste, pressente plano secreto e íntimo, e experimenta armadilha:

— Transijo! iremos para Lisboa.

— ¿Fazes isso? fazes?

Toda uma enorme alegria se apossára de Maria Isabel. A fuga para Lisboa, para o lado de Jorge, trazia-lhe uma tal certeza de protecção, que folgava, aliviada.

— Quis experimentar-te, tôla! Não partiremos.

Tendo passado duma angústia que procura desfôrço, a uma alegria de trazer lágrimas a seus olhos, não compreende logo Maria Isabel o lôgro, a mentira de Helena. Mesmo seu falar apregoando, agora, superioridades de derrotar todos mal suspeite de intuitos reservados, chega-lhe ao cérebro sem alevantar quaisquer impressões, imagens ou pensamen-

tos, ruídos imprecisos, vagos. Olhos nos olhos, procura orientar-se, estabelecer raciocínios, mas muito tempo assim leva. Começa depois a sentir-se ludibriada, e mente a Helena em defesa de ambições próprias e nesse momento lògicamente imoderadas. Todos os nervos vibrando forte, desejos de vingar seus desalentos em promessas de iludir a amante dão-lhe a amargura que consente sorrir:

— E' possível que eu seja ingénua, ¿mas julgarás que tenho muito interêsse em regressar a Lisboa?, — vai respondendo Maria Isabel: — Só receio do Jorge. Vejo, porém, que não tens mêdo dêle, e tanto melhor. O que quero, é fugir daqui.

— Nesse caso, poderemos ir até ao Norte, — propõe Helena, ainda em armadilha.

— Magnífico.

— Sinto que mentes.

— ¿Que culpa tenho eu?

A ver desconfiança nos olhos da amante, não porque já tivesse gisado planos, mas porque tudo lhe diz que futuramente ocultará dela qualquer coisa de culposo, ainda que seja apenas sua estima por Jorge, Maria Isabel apròxima-se de Helena. Sabia do prestígio de seu corpo e carícias:

— Magôa-me pensares que escondo quaisquer propósitos. Se começas desconfiando de mim, é porque já não és tão minha amiga...

— Desconfio, confesso.

— Louca!

— ¿Amar-me-hás sempre?

— Sempre! E agora, vamos. Esta casa faz-me mal.

Ordens logo dadas para que atrelassem a

carruagem, e significado que iriam até à estação dos caminhos de ferro, a estudar horários, desceram ao terreiro uma boa meia hora depois, e abalaram. Em todo o caminho até à cidade, estabeleceu Helena projectos e projectos, escolhendo itinerário mais de feição a proporcionar-lhes confôrto e gozos. Maria Isabel não tinha preferências, o que fazia a resolução difícil. Optou Helena pelo Minho, païsagem de enquadrar magnìficamente seus amores.

— Passaremos vida de encanto. E a sós, livres de toda a gente. ¿Estás contente?

— ¿Quando partimos?

— Amanhã.

— Depois de àmanhã. Não quero que minha mãe diga que fujo aos seus conselhos.

— ¿Que te importa?

— Fico assim mais contente comigo. Que ela tem razão... Bem vês...

— Medrosa...

Regressaram, consultados os horários e após uma volta pela baixa da cidade. O dia declinava. Cruzadas algumas ruas e vielas tristes, prédios carregados a fealdade, velhice ou côr, corriam agora pela estrada aberta por entre campos, passadeira dum amarelo sujo, atirada sôbre verde opulento. Ao longe o sol, como cansado de sua rota, espírito errante, declinava sôbre cimos de colinas, contornando a luz brilhante silhuetas pardas de árvores; a casaria ao fundo, tenuïzava-se de contornos, cova sôbre que caíam lentamente fumos atirados do alto e que se apegavam às coisas; a terra em silêncio, fatigava a sensibilidade. Maria Isabel ensimesmara-se.

— ¿O que tens? Dir-se-há que vais alheia.
— Considero no encanto da nossa próxima viagem.

Mente. Seu pensar é diferente. Se o passeio pela cidade levantara recordações de lhe trazerem os mesmos espectros daquela sua angústia de quando deixara seu viver no solar para seguir a vida incerta de Helena, tudo se apagara na sua mente para a cobardia reproduzir apenas a sentença proferida por sua mãe, na própria hora em que a incitara a escolher mui outra directriz para sua vida: — Se o marido da Helena um dia souber... expulsa-te. Tu és a viciosa. Ela casou!...

— Penso só escrever ao Jorge depois de àmanhã, à hora de partirmos.

— Sim! sim! Tudo aqui me faz mêdo.

— Veremos se mudas quando estivermos longe.

Confessando-se entristecida, pede Maria Isabel que a deixe distrair-se, olhando os campos, mas seus pensamentos voltam: — Se o Jorge um dia souber, expulsa-te! — e a profecia dilata seu âmbito, mais encarniçada e ameaçadora. Luta, esforça-se por derivar; mesmo para estabelecer espírito de obediência que a faça sofrer menos, recorda sacrifícios de Helena e começa desfibrando o encanto que há-de sentir pelas renovações de paìsagem e costumes. Vão esfôrço. Da luta consigo própria, da perseguição a seu mêdo, o mêdo cresce, avantaja-se, e mais raciocínios veem. — Inteligente, há-de descobrir a traição! — considera; e logo admite que a viagem planeada, a realizar-se, lhe levaria fortes suspeitas; um sentimento de pudôr, até ali quási inédito e que vi-

nha mais de aspirações próprias do que da moral apregoada e ostensivamente seguida por quem pretenda viver com honra, dizia-lhe que de seus amores em hotéis terá quem mais a espione porque cada vez Helena piór sabe disfarçar e conduzir-se; que haviam de começar recebendo olhares e sorrisos equívocos que a tinham perseguido sempre em suas peregrinações doutrora. Hoje ofendê-la-hão mais porque ao corrente dos sentimentos dos homens, melhor saberá interpretar suas falas e ironias veladas; sofrerá mais por que...

— Tua mãe está agora cuidadosa. Lá está ela esperando-nos.

— ¿Quem te diz que ela não é minha amiga?!

Reflexo de seus terrores, Maria Isabel sente com violência levantar-se nela uma necessidade cruel de contrariar Helena. A ocasião serve-lhe. Mal desceu da carruagem, vai afagá-la:

— Obrigada, mãe! Obrigada.

Espanto da boa mulher. Descera ao jardim por seus vagares, acções só calculadas para conquistar as boas graças de Helena.

— E' uma crise de ternura. Isso passa-lhe.

— Sou muito sua amiga, minha mãe.

— Tanto, que nem queria vir.

— Receava que me recebesse mal.

Era a sorrir que Helena a contrariava. Foi fácil, pois, deixá-la em sossêgo. Adiantando-se, entrou no solar.

— Mãe! eu talvez precise falar-lhe. Logo, para que a Helena não desconfie. Hei-de contar-lhe...

— ¿Ficam para trás? Segredos?

— Coisas que não te interessam. Piegui-

ces!, — e o dizer de Maria Isabel era áspero, incisivo, como mandavam suas sensações dessa hora: — Tu és uma mulher forte...

— Se quisessem poderíamos ir para a mesa, — interveio, conciliadôra, a mãe de Maria Isabel.

A refeição não foi honrada com a presença da senhora Baronesa, mas nem por isso mais desoprimidas se sentiram. Já de si escura, a sala de jantar ainda mais escurecera àquela hora do sol tombar sem vida, hora-transição da luz intensa para a luz branca, irreal, dum luar deliqüescente. Mal alumiada pelo candelabro de seis velas que ainda era costume acender-se em dias de visitas, a penumbra avassala tudo, carregando o ar doente das coisas, fazendo mais carrancudos os móveis já de si pesados, negros; os servos sáem da sombra mais duendes, para à sombra logo regressarem. Insofrida em seus pensamentos, a Maria Isabel cada vez ressaltava mais vivo e contundente o contraste entre aquela casa e a casa de Jorge; sôbre todo o seu sêr em derrocada pesou a sensação irremediável dum esvaïmento de vida, e pretextou cansaço, gemeu aborrecimento para que cêdo regressassem a seus quartos.

Helena dorme; cautelosamente Maria Isabel desce do leito, pretendendo abafar no silêncio da noite o ruído leve de seus passos ligeiros. Olhares medrosos, tanto procura apurar o ouvido que as trevas teem sons abafados; ruídos longínquos de momento a mo-

mento a deteem indecisa; sua ansiedade é tanta que espera que a surpreendam, e sarcàsticamente Helena confesse ter simulado sono pesado. Desculpando-se mal, a amante havia de ler em seus olhos todo o segrêdo daquela traição planeada e confirmada em decisão horas antes, quando louca e furiosamente beijada, se reconheceu atingida no mais íntimo de sua feminilidade, as posses sem prazer ofício mísero, entrega impúdica a vícios babados e inconfessáveis. De tanto se dominar, sugestionada pelo ausente de quem recordou rebeldias, um sentido estético da vida acumulara, por essa ocasião, tal rancôr contra Helena, que a conquistou completamente a ideia-desfôrço-único de escrever a Jorge carta de breve o trazer até ali, e pedir-lhe, e rogar-lhe que a levasse com êle, roubando-a assim ao pesadelo imenso daquela casa de luto e dôr.

Sempre com as mesmas precauções ia afastando-se; cuidadosamente abriu o reposteiro, suspirando aliviada mal se viu no seu quarto de vestir. Sem que fôsse perturbada, pôde então escrever:

«Aborreço-me. Minha mãe continua tratando-me como se eu fôra uma intrusa. Talvez piór. Aqui, sinto-me estranha. Venha buscar-me. Amanhã; hoje mesmo. Quero sentir-me protegida. A seu lado, ninguém me fará mal. E não diga à Helena. ¿Promete; jura?»

Leu; releu. Escrita a carta, alguma coisa de saüdavel nela bulia. Aquele pequeno ar-

rôjo, ainda que sem compromissos ou perigos, foi como fresta aberta de par-em-par na sua vida. Embora se soubesse presa a seu passado, qualquer coisa de indefinido mas de alegre, a penetrou toda, arejando-lhe aspirações mui próprias. O silêncio a consentir que mais alto subissem planos e voassem ambições, observava que a cumplicidade que futuramente ia uni-la a Jorge, arrôjo para sua submissão, ampararia uma como que outra criatura a formar dentro dela, de consciência forte e do proceder livre de quem sonhou vida à sua feição e alegremente a constrói, conhecedora de sua fôrça e poderes, tudo arrostando a sorrir. Freme a carne, em seus nervos se derrama prazer; um desejo enorme de se admirar, provoca-lhe cálculos sôbre possibilidades de criar ess'outra. Raciocina; vai prolongando êsse gôzo da duplicidade de seres, e não vê impossível que ela a ampare, a soerga, a incite até que seus lábios lhe possam sorrir também. O silêncio protege ambições; o luar, mais forte que a chamazinha da vela a esvoaçar entre trevas, é alcatifa de claridade mui branca e doce, mui doce e branca...

A acumular preferências sôbre preferências, sonhos sôbre sonhos, vai debruçar-se na janela que abre sôbre o jardim, a essa hora incensório magnífico de aromas de embriagar, e fica muito tempo assim, cabeça deitada para trás, narinas escancaradas. Perfumes estonteiam-na; de tanto pensar em Jorge, êle está perto dela, assiste a suas lutas, sabe de seus sonhos. Há até um momento em que sente a bôca beijada em fúria, e seus lábios vermelhos de sêde, entreabrem-se; o colo arfa como em

horas de voluptuosidade. Seus próprios olhos a desnudam; seus próprios braços a apertam. E a aragem a trazer, a trazer-lhe sempre os perfumes daquele e de outros jardins distantes, os beijos não cessam, as carícias prolongam-se...

Só noite velha regressa a seu quarto. E ainda a vibrar entusiasmos, tem, então, puerilidades. Entra no aposento sem as precauções de que usara para afastar-se; apetece mesmo que Helena desperte e saiba da sua ausência. Sono de fadiga, a amante dorme pesadamente e não a pressente. Maria Isabel fica-se desgostosa, diminuída em sua rebeldia. Minutos depois adormece e quando, manhã cêdo, se ergue, suas preocupações são muito outras. Para que a carta chegue às mãos de Jorge, reconhece difícil fazer-se transportar à cidade, arriscado confiá-la a qualquer. Lembra-se da mãe mas vacila; por fim resolve-se a procurá-la.

— Pensei no que me disse, e arrependo-me da minha vida. A Helena quere levar-me para o Minho, mas vejo preferível regressar a Lisboa. Entretanto preciso ser cautelosa. Escrevi ao Jorge para que viesse buscar-nos. Sim! ao marido da Helena.

— ¿O que queres de mim?

— Que consiga alguém que vá à cidade e deite a carta no correio, mas alguém que não saiba ler e a considere sua.

Vacila a senhora governante. — Se a Helena sabe, manda-me embora! — Transige quando reconhece a missão sem perigos e de bom futuro para Maria Isabel.

— Obrigado; obrigado!, — e alegria nos olhos, palavras-confissões afloram aos lábios

de Maria Isabel, alvorôço de toda uma grande sensação de vitória. Apenas o receio de qualquer imprudência...

— Quem sabe! até poderias depois viver connosco. Teu padrasto é teu amigo. Que eu estou farta de servir os outros. Se soubesses como a senhora fidalga é quizilenta e ingrata...

Afasta-se Maria Isabel, para voltar pouco depois. Tão cêdo se erguera, que Helena dormia ainda. Fôra ao seu quarto, e, só por vê-la, uma sensação de receio a atormentou tão fortemente, que um instante viu perigosa aquela carta, e de lhe trazer dôres grandes o seu procedimento. Recordou cóleras de Helena e certo mêdo veio pesar em seus desejos. Procurou novamente a senhora governante:

— ¿Já mandou a carta?

Ante a dificuldade de justificar à mãe seu arrependimento por aquela planeada ousadia, vacila, seus desejos choram, a recordação de Jorge incita-a, desenvolvendo a certeza de que a protegerá, defendendo-a, impondo sua vontade. Num momento tudo se assemelha a êle, tudo provém dêle. O tempo, o espaço, o futuro, o transitório, o eterno, tudo está cheio dêle, em tudo suas rebeldias tinham apôsto o sêlo de sua personalidade. Então quis excedê-lo; sentiu necessidade de pôr o irremediável entre ela e sua cobardia. Censuras em suas palavras, castigou:

— Parece que não quere o meu bem. Não temos um instante a perder, — e aproveitando a ira que o mêdo faz, volúpia aguda em sofrer e sossobrar: — Se tem quaisquer receios, farei eu tudo.

— Não julguei assim urgente, mas eu vou! eu vou!

Apartam-se; mal porém a mãe transpõe a porta, Maria Isabel sente-se abandonada por si própria: — Mãe!

— ¿Que queres?

— Nada. Quero que vá depressa! Muito depressa, ouviu!

— Descansa.

Maria Isabel novamente vai para gritar, mas novamente se domina. Minutos correm. Emoção esgotada, olhos fitando longe, uma sensação de vácuo se faz em redor dela. A casa dorme; perde-se a certeza do lugar, suposição física que anula o conhecimento directo das coisas; a vida parece ter sido transmudada em sonho impreciso: figuras e factos esfumados. Minutos não cessam de correr...

— Tudo pronto.

— ¿O quê?

— Mandei o caseiro. Já vai a caminho.

— ¿Tão depressa?!

— Exigiste... ¿Estás arrependida?

Sentindo-se adivinhada em seu mêdo, Maria Isabel confrange sentimentos, redu-los de proporção, esconde-os melhor dentro dela: — Pensava! Mesmo que se saiba, o Jorge há-de proteger-me, que imagina!

— Decerto!

— ¿Não é verdade? E desde que êle me proteja, de quem devo recear? Ele é forte, há-de saber impôr-se.

A pretender diminuir seus receios, a voz de Maria Isabel é ardorosa. A mãe olha-a, sobressaltada. Toma-lhe as mãos: ardem.

Cúmplices dum mesmo segrêdo, demoram olhares de dúvida e de desassossego.

— ¿O que tens?

— Eu sei lá!... Quero começar vivendo.

— ???

— Se êle soubesse da minha vida...

— Sossega.

Veem mais palavras de fazer confiança, mas retalhadas todas a reticências exclamativas. Para a senhora governante tudo lhe parece misterioso em Maria Isabel, falas a contrastar com acções. Proclamando-a única viciosa naqueles amores anormais, desorientava-a agora que ela lhe viesse mostrando mêdo por tudo e por todos, sua cautela e segredos apontando inferioridade de quem é dominada e não domina nunca. E', porém, difícil ensaiar preguntas. Quebrada pela ausência a autoridade maternal, receia que Maria Isabel não responda conforme seus sentimentos, e a ver desiludida sua esperança de que ela faça a sua redenção por mercê de alguém ou milagre de divindades propícias, prefere aguardar novos sintomas, e tem os mesmos conselhos de sempre: — Deves casar, filha! Deves casar! — Quando se separaram, Helena já procurava Maria Isabel.

— Ora graças! ¿Onde estiveste?

— Conversava com minha mãe.

— Claro! vieram os conselhos. ¿O que tem ela com a nossa vida?

— E' minha mãe! Alguns direitos tem sôbre mim.

— Estás obediente!, — e Helena, tesouros de impertinência na voz, sorria o seu melhor sorriso carregado a ironia. Sente-se Maria

Isabel tentada a retorquir, também em ironia, mas tudo a aconselha a moderar ímpetos pela desforra próxima. Quanto mais a afagar, quanto mais obediente fôr, menos suspeitas crescerão em Helena. Tempo virá de feição a resgatar afrontas. E assim pensando, seu dizer é mais suave, apaga-se a luz que durante uns instantes alumiara a rebeldia os olhos seus, o corpo desmancha-se, abandonado...

— Tu já sabes que não suporto más criações. E' a mim que deves tudo! Se não fôra eu, arrastarias por aí vida miserável! — ia entretanto desfiando Helena.

VI

A boas maneiras, falas de convencer, rogara Maria Isabel a Helena, a demora de mais um dia, empenhada como andava em deixar a mãe convencida duma amizade sólida e duradoura de apagar aqueles resquícios de desamor de seus antigos ressentimentos. Nada ganhavam em se fazer inimigas, mãe e filha, eternamente apartadas. Um dia não era demora de desesperar, sabido antecipadamente que muitos meses estariam novamente longe uma da outra. — Diálogo com Helena, também a senhora governante viera em auxílio de Maria Isabel, rogos e comentários análogos sôbre a tristeza de tão curta demora e da amargura que carregara ainda mais de luto os olhos da senhora Baronesa, quando lhe fôra anunciar

aqueles propósitos de partida imediata. Contrariada em suas tenções, Helena castigou Maria Isabel, apontando-a como instigadora única da abalada assim urgente, o solar a infundir-lhe mêdo, sêres a trazerem-na constrangida...

— Mas se eu agora te peço que nos demoremos... E, repara! é apenas mais um dia.

— Bem! partiremos àmanhã. Fica, porém, sabendo que é a minha última transigência.

Alegre fica Maria Isabel, e num impulso vai beijar Helena. A pretexto insistente de a deixarem repousar mais uns minutos, saem, mãe e filha.

— Agora não vás passar todas estas horas ao lado de tua mãe!

— Não, ciümenta! Volto breve.

Fechada a porta do quarto, não se demora Maria Isabel em agradecimentos: — Obrigada, minha mãe, obrigada!

— ¿Quando acreditas que êle chegue?

— Certamente em qualquer combóio da tarde.

— ¿E se não vier?

— Virá! Adivinho que vem!

Afirmava-o, convicta. De tanto pensar em Jorge, de tanto o esperar, em seu convencimento de que salvação e vida forte seriam conquistados ao lado dêle, guiada por seus ensinamentos e proceder, um esquècimento de origem voluptuosa se formara para àlém de suas angústias e a trazia nessa manhã afastada de tudo e todos, como se aguardasse um amante enamorado que lhe trouxesse beijos em carícias de enlouquecer. Voltara a ouvir as palavras dêle, forjadas em metal sonoro de

impôr ditames; voltara a vê-lo, dominando. De sua ternura pelas crianças, de seus sentimentos de justiça, viera-lhe também a certeza de que êle havia de ampará-la...

— Virá! adivinho que vem!

— Deus te oiça, mulher! Mas é preciso contarmos sempre com o pior. Ainda há dias...

Olhos acêsos, voz matraqueando duramente as palavras, a senhora governante começou pretendendo justificar suas palavras com desilusões próprias e torturas alheias. — Teu padrasto... — Não a pode escutar Maria Isabel. A rever, a acalentar sonhos, aquele dizer de derrota fazia-a insofrida:

— Contar-me-há depois!

Quási fugiu; mas logo a veio atormentar a ideia de seu encontro com Helena. Então sentiu a casa pequena, tudo a oprimi-la, tudo a tentar derrotá-la. A um tempo suas ambições a dilatarem-se, e a pesar cada vez mais em sua vontade, a vontade dos outros, alguma coisa lhe dizia impossível realizar qualquer acção livre. Mas uma voz também fortemente a incitava... De repelão, entrou na saleta de visitas. Ali, porém, começa novamente a sentir-se dominada...

— ¿E's tu, Maria Isabel?

— Sim! ¿não me recomendaste que não me demorasse?...

— Vou já.

Respondeu Maria Isabel a custo. Submissão toda dada ao ausente, a transigência era traição; ouvindo os passos de Helena, sabendo que ela, volvidos alguns minutos, estaria a seu lado, erguia-se, em afronta, o segrêdo

daquelas relações miseráveis porque sabiam acobertar-se com a impunidade. Ao falar de Helena, agora que ia dever a Jorge a salvação, impulsos de vergonha, de remorsos, traziam-no à sua presença, punham-o novamente ante ela, olhares de quem interroga para depois punir. Baixou a cabeça, os lábios iam gritar...

Helena afastava o reposteiro. Vinha risonha. A Maria Isabel contrai-se-lhe, então, a garganta, como para soluços; o coração apressou pulsações.

— ¿O que tens? Estás triste!

Confissões estranhas continuam aflorando aos lábios de Maria Isabel...

— E' a separação que me faz sofrer. ¿E para que mentir? Cada um é como nasce.

— Estás altiva! Não te peço que rias.

— Pareces vir disposta a provocar-me. ¿Não admites que possa estar nervosa?

— Nasceu tarde essa dedicação por tua mãe.

— Mas nasceu, e não posso governar os sentimentos.

Sorrindo, aceitou Helena ou fingiu aceitar aquela razão para os enervamentos de Maria Isabel. Presenceando que ela por alguma coisa sofria, seu amor, sempre ciumento, tornou-se indulgente ao máximo. Se havia alguém a violentar os sentimentos de Maria Isabel, era ela. Propôs:

— Se queres, demorar-nos-hemos mais uns dias.

Olham-se. Desconfiando de qualquer emboscada, tanto Helena vinha ao encontro daquelas dúvidas da senhora governante sôbre a

vinda de Jorge, que a generosidade dela fazia-a cautelosa. E como também grato lhe fôsse confiar em Jorge, não vacilou:

— Quanto mais tempo me demorar, mais dolorosa será a separação. Partiremos àmanhã.

— Não dirás, depois, que não transigi.

— ¿De que me serviria acusar?

— ¿Mas o que tens tu hoje contra mim?

— Não sei como viver contigo. Se estou alegre fazes-te ciümenta; se estou triste, és capaz de supôr que já não me empenho em agradar-te!...

Sorri Helena e logo diz a frase propositadamente pensada para fazer provocações de mimo, necessidade de a sentir amante carinhosa. Mas a prevenção daquelas desconfianças, obriga Maria Isabel a prometer-se usar de precauções variadas que não façam pressentida sua ansiosa espectativa. Sempre medrosa, arrojos apenas em desfôrço, foram horas de fingimento doloroso. O passeio após a refeição da manhã, serviu magnificamente a Helena para consertar plano mais de seu agrado e melhor aproveitamento de sua estada no Minho; ao almôço, da viagem ainda falaram e de suas peregrinações através das Américas, êsse mundo novo criado a egoísmos e audácias tais que transformaram a existência em luta ferocíssima de interêsses antagónicos. Curiosa a senhora governante e disposta Helena a relatar, ainda, vários casos de bastidores, a demora à mesa foi larga. Calculando tempo, vira Maria Isabel impossível a Jorge chegar antes do fim da tarde, e saboreava deliciada a liberdade daqueles momen-

tos a sós consigo. Tudo na aparência normal, felicitava-se pelo seu esfôrço e uma sensação de cumplicidade a trazia feliz, como a dizer-lhe que a traição era fácil...

Embora a ansiedade cresça em Maria Isabel, também uma hilariedade quási maligna seus olhos alumia e aligeira seu andar e gestos. Quanto mais o tempo corre, mais em prazer dos primeiros triunfos se sente próxima da vitória a alcançar sôbre Helena, resgate de muitas humilhações e dôres sofridas, início duma vida de fazer bem diferente a vida até a essa hora vivida. Se receios espectrizados em ameaças de derrota a vinham possuir, logo ela incitava seus sonhos e de sua confiança em Jorge, aduzia razões e argumentos de aquietarem seus desassossegos. Pensava, então, voluptuosamente, em caminhos novos a percorrer; em sensações inéditas a usufruir. Seria outra. Morta em seu passado a criatura que era, carne pecaminosa, outra renasceria nessa própria hora, limpa de culpas, beleza e frescura de alma imortais e únicas. Ressurgiria. Dispersadas as cinzas dessa outra, nenhum elo a prenderia ao passado porque rebuscaria infatigàvelmente a verdade da vida. E tão alto havia de erguer-se que a todos maravilharia a sua transfiguração. Reconhecia estar muito distante de Jorge; admitia ser talvez êle o último a notar aquela transubstanciação radiosa. Muito embora. Tantas solicitações havia de ter, tanto havia de pautar suas acções pelos ensinamentos dêle que,

pelo menos, um pouco de carinho recolheria com a camaradagem a estabelecer pela admiração dela e pelo hábito dele quando a encontrasse sempre à sua beira, solícita. Não que para amante o quisesse; mas assim protegida, poderia depois desafiar Helena, distanciar-se dela, fugir para tão longe de seus vícios que não mais ela a pudesse alcançar, irredutibilidade absoluta de sentimentos e prazeres.

Quanto mais culposa se sentia, mais alto colocava sua ânsia de vida imaculada. O problema de seus desejos de sexo, não lhe merecia atenção. Tão difícil via a escalada a suas aspirações; tão cheio de lutas e perigos seu elegido futuro, que nem um instante se preguntava qual seria a finalidade a atingir quando se visse para àlém da separação de Helena.

Tinham descido ao jardim e caminhavam pela avenida que tinha seu términus na estrada. A pretexto de que desejava passar todas as horas úteis ao lado de sua mãe, a senhora governante acompanhara-as. Já esperando Jorge, Maria Isabel acumulara defesas para o embate próximo. Conhecendo Helena, antecipadamente sabia de seus desesperos de vontade quando o esposo lhe aparecesse, irascibilidade de a levar até qualquer grande conflito.

— Não vás tão depressa, Maria Isabel.

E' Helena quem grita. Alheiada, distanciara-se Maria Isabel. Sua ansiedade dissera-lhe que uma vez chegada junto do portão do solar, Jorge havia de aparecer-lhe, e apressára seu andar.

— Distraí-me.

Nunca a voz de Helena lhe soára tão ás-

pera, prepotência de exasperar. Veio para o lado delas, em passos sacudidos. A ansiedade redobra. E como ainda Helena e sua mãe caminhassem com o vagar de peregrinos exaustos, cresce a exasperação, dilata-se a certeza de que Jorge já vem mui perto. E ela sem poder afastar-se, correr ao seu encontro!

— Fatiga-me andar assim tão devagar.

— Ninguém corre atrás de nós.

Fica-se, na aparência apenas amuada. Vão caminhando. Sôbre o abandono do solar e jardins, entretecem diálogo substancioso, Helena e a senhora governante. Apròximando-se mais, sempre mais do ponto onde Maria Isabel imaginára o encontro, toda ela freme, novamente esquecida de todos. Adianta-se; as pupilas dilatam-se. Uns passos mais e Jorge aparecerá. Vacila de andar, palavras sóbem a seus lábios, caminha custosamente. Para saüdações, alonga os braços; rasgam-se as pálpebras escancarando os olhos. Jorge, porém, não chega, mas logo sua própria ansiedade, combatendo começos de desalento, lhe diz o caminho longo e o tempo escasso. Certamente o avistará na estrada. Transpõe o portão. Ninguem! Admite que seus olhos a atraiçoem:

— Reparem! parece que vem alguém para cá.

— Não vejo ninguém.

— Não pode ser! Além!

— Estás tonta.

— Além! no fim da estrada.

Helena a encolher os ombros, silêncio da senhora governante, Maria Isabel tem olhares de alucinada. Não quere, não pode reconhecer a verdade. Sua confiança em Jorge, desmente

tudo, desmente a própria realidade. Vai até ao meio da estrada, sempre de olhos lá longe.

— Voltemos.

— Espera! deixa-me ver.

— Estás caprichosa! A não ser que me ocultes alguma coisa.

— Que ideia, Helenita! — socorre a senhora governante.

Os olhos de Helena vão de uma a outra. A admitir qualquer segrêdo, logo vê cumplicidades nas atitudes e constrangimentos da senhora governante. Maria Isabel não responde. Embora tente apegar-se à sua ideia de qualquer contratempo que demore Jorge, sombras de desalento começam toldando sua grande confiança. A ideia já velha e a esperança impotente, chora dentro de si seu sonho, ora viúvo.

— Se déssemos um passeio pela estrada!...

A voz é suplicante, ansiosa; Helena, porém, não transige.

— Não dou mais um passo enquanto não me digam o que querem.

— O que havemos nós de querer, Helenita! Pela minha parte juro-lhe que não sei nada.

A escutar a mãe, a sentir-lhe a cobardia, o sofrimento de Maria Isabel fá-la rebelde uns instantes. Pelo dizer da senhora governante, ela reconhece o mêdo por Helena, e como sofre é sua ambição fazer que a amante sofra também. Incitada, vai falar, dizer de sua traição, mostrar que mais e mais as separam suas aspirações divorciadas, mas logo o desalento já feito lhe diz de seu desamparo, amarfanhando tenções:

— Então, regressemos.

— ¿Mas o que tens? o que queres?

— Sonhei percorrer nesta tarde aqueles caminhos que percorremos outrora.

— Desconfio da tua sinceridade.

— Juro! Juro!

Mentia raivosamente para que pudesse resgatar aqueles dias de pensar fixo em Jorge, feito da ânsia de viver sob a tutela de seu ânimo e valor e de a seu lado sentir a sua primeira fecunda e forte perturbação de mulher. Se êle a deixava naquela casa sem refúgio; se não viera arrebatá-la a todos aqueles sêres que a traziam jungida à sua derrota, levando-a para Lisboa, onde se perderia de todos para ser cada vez mais dêle, vingança única era ver-se acreditada agora por Helena, simulando que cada vez lhe queria mais. Ludibriaria assim a amante e escarneceria Jorge, continuando a traição. Desamparada, o rancôr dos impotentes que um ódio surdo alimenta, via desfôrço único mentir a Helena, apegá-la mais a si até servir-se dela um dia para fazer pagar caro aquele aniquilamente de todos os seus melhores sonhos.

— ¿Por que havia de mentir-te? Não tenho segredos para ti. Não és amiga única?

Caminhavam devagar. Sempre blandiciosa, volúpia em ver-se acreditada, necessidade de aturdir-se, Maria Isabel, invocou seus passados. Exemplo confirmado da vaidade de Helena se deslumbrar com seus arrojos de criança, logo estabeleceram diálogo com a ajuda da senhora governante, que muita vez recordou pormenores e insistiu em pareceres. O incidente parecia ter esquècido. Chegavam ao solar, como em todas as tardes; hábito supor-

tado em dever, lá ficaram fazendo companhia à senhora Baronesa, esperando horas de jantar.

Era sempre pesada, triste, longa, aquela escassa meia-hora. A fidalga não tinha nunca mais palavras nem mais afagos. Acolhia-as a sorriso murcho; iguais, os mesmos vagares de sempre ao estender das mãos para os beijos de mostrar respeito. Sentaram-se as duas mulheres junto dela e para ali estiveram, silêncios largos. Nessa tarde disseram-lhe de seus preparativos de abalada. A senhora Baronesa não teve quaisquer palavras de as reter.

— Partiremos de manhã, minha mãe.

— Resarei por vós.

Escurecido o quarto pela luz lutuosa do céu, a voz parece acordar écos distantes. Sílabas batidas a esforços, repercutem-se cavernosas; o ar, as coisas, carregam-se da fadiga doente dos esgotamentos. Nada bole...

De súbito, um buzinar repetido em algazarra põe naquele silêncio a confusão das vozes dissonantes. Alvoroça-se o olhar da senhora Baronesa; fitam-se reservadas, Helena e Maria Isabel. Vão depois espreitar por entre os vidros, para socegarem a fidalga, mas nada veem. Apenas lá longe, a um canto, um massiço de árvores é contornado por luz brilhante.

— Talvez algum automóvel que passa na estrada, — propõe Maria Isabel, voz receosa.

— Não! não! vem para cá.

Acuïdade do sentir das pessoas doentes, a senhora Baronesa não se enganara. Ruídos apróximam-se; saem Maria Isabel e Helena.

— Visitas?, admite Helena.

— ¿O que queres tu que eu saiba?
Apressam o andar; ao terreiro já saíra a senhora governante e aquele criado carregado a anos e cargos, cocheiro-mordomo. Vieram encontrá-los espècados. Na alameda, dois faróis de luz potente lançavam poeira luminosa por sôbre o caminho cortado em recta.

— ¿Será o Jorge? — e num relâmpago de memória, Helena junta suspeitas fortes de agora, ao misterioso falar e proceder de Maria Isabel, horas antes, quando ela parecêra esperar alguém...

— Já é mania pretenderes que eu adivinhe tudo.

Ficam sem mais palavras, espectativa anciosa. A confiança renasce em Maria Isabel.

— Jorge!

— Jorge!

São dois gritos iguais em surprêsa, embora dissonantes. Maria Isabel duvidara tanto que Jorge viesse que a sua voz não tinha cumplicidades; sentia Helena o efeito duma queda brusca, derrocada à sua volta.

— Recepção de princípe. A minha vaidade confessa que a esperava.

Jorge beija Helena, afaga Maria Isabel com o seu melhor sorriso, despede o guia que trouxera. Olhando em tôrno, diz ter-lhe parecido curioso o parque, mas álgido o solar. Está cansado; magnífico seria que o deixassem repousar...

— ¿Mas por que vieste? para que vieste?

— Vim raptá-las. Saudades e muito o prazer de as desmentir quando me acreditavam muito longe daqui. Diabolismo, a necessidade de me sentir viver. ¿Tua mãe?

— Responde primeiro. Queres levar-nos!...
— Se quiserem.
— Eu vou! Aqui, morre-se.
A resposta de Maria Isabel, é pronta. Tanto reprezara naqueles dias seus sentimentos, que mostrar-se agora livre, não só era recompensa como desafio.
— Irás, se eu consentir.
Já refeita da surprêsa, começavam refervendo dentro dela suas qualidades varonís. Ia mesmo recompondo suas faculdades de raciocínio.
— A não ser... — e Helena volta as suas suspeitas de entendimentos entre Jorge e Maria Isabel.
— Resolverão depois. Demoro-me duas horas. Teem tempo.
A senhora Baronesa recebeu Jorge sem curiosidade e ainda com menos expansões, restos de mêdo nos olhos já de si mais doentes naquela hora. Junto dela, a senhora governante toma atitudes de aia. Comêço da noite, tinham acendido a lâmpada suspensa à altura do Cristo pregado em seu madeiro, cruz negra a destacar-se mais e mais na parede branca e lisa. Luz frouxa, único ponto luminoso, o quarto é templo de religião estranha, tantas sombras o adornam. Lá fora escurecera também.
A entrevista é breve; quási nem passa das apresentações. A saúde de Jorge, exteriorizada em movimentos ágeis e acções espontâneas, sofre queda de atrofiar. Reage. Uma vez justificada sua presença e apresentadas razões da demora curta, despede-se sem tenções de voltar.

— Agora compreendo que quisessem fugir para longe.

— Combinamos partir para o Minho. ¿Recebeste a minha carta?

— Mas a Maria Isabel parece querer regressar a Lisboa.

— Caprichos. Verás como ela irá comigo.

— Desde que não a violentes...

— Já combinámos... Partimos àmanhã, não é verdade, Maria Isabel!

Elevara a voz. Lado a lado da senhora governante, demorara Maria Isabel os passos, absorvida por seu falar. Helena e Jorge, tinham-se distanciado. Detiveram-se.

— Maria Isabel!

— ¿Que queres?

— Dizia eu ao Jorge que partimos àmanhã para o Minho.

Fitava-a, ordens no olhar, ameaças nas contracções do rosto. Vacilou Maria Isabel, seu hábito de cobardia a fazê-la temerosa. Mas logo lhe vieram do sorriso de Jorge e de seu ar de fastio, censuras a sua obediência e promessas de protecção...

— Mudei de tenções. Se o Jorge quiser levar-me, irei para Lisboa. Dizia-o a minha mãe. As viagens fatigam-me.

Endureceram mais as feições de Helena, os olhos chamejaram. Simulou Maria Isabel desentendimentos, apròximando-se de Jorge:

— ¿Dá-me um lugar no carro? Prometo não ter mêdo. A seu lado, sentir-me-hei forte.

Ardorosas, as frases eram de agradecimento caloroso, gratidão pela cumplicidade dêle...

— Combinado! irá comigo.

— ¿E eu? e eu?

A voz é em grito; toda ela freme indignação.

— Irás também.

— Prefiro tudo a deixá-la partir! — e para Maria Isabel, ameaça em cada sílaba: — Prefiro tudo. Prometeu? Cumpra! Eu faço o mesmo. Ficarás comigo.

— Irei.

Era a única forma de agradecer a Jorge a intransigência que vingara a sua sujeição e ia emprestando-lhe ânimo para as revoltas de todos os cobardes quando insultam um herói caído, a quem renderam homenagens: — Irei, ainda que não queiras!

— ¿Mas porque terias tu vindo? porque terias tu vindo?...

Helena cerra os punhos, cresce para Jorge. Ele sente-a deselegante de atitudes e tem apenas um sorriso de mofa. Fitam-se durante largos instantes, ela inimiga.

— Vejo-te inferior.

— E eu...; e eu...

Rebusca no cérebro insulto de o derrotar, e não o encontra. A cólera, enublando raciocínios, só dilata a suspeita, que já tivera, de combinações velhacas entre o Jorge e Maria Isabel, e aceitando-a sem qualquer ressalva porque de sobejo lhe empresta razão para gritos de triunfo, estridentes, proclama:

— Ah! agora compreendo tudo. Juntos, longe de mim, ela entregar-se-há. Amantes; amantes! é isto. Tudo agora é claro... A tua vinda; a ansiedade dela... E' isto! é isto!

De nojoso parecer, Jorge encolhe os ombros. Seu falar é pausado:

— E' alarmante a tua inferioridade. Fique, Maria Isabel.

— Confio em si! Juro-lhe que confio em si. Leve-me!, — e entre as duas amizades, Maria Isabel não mais vacilou. Tão manifesta era a superioridade de Jorge e tão fervorosos seus próprios anseios, que do passado não vinham em socorro de Helena, quaisquer fortes recordações de a obrigarem a escolher...

— ¿Foste tu que o mandaste chamar?

— Autorizo-te todas as suspeitas.

— Terminaste?

— Irei também!, — e em ofensa máxima porque outra não via de feição: — Desde esta hora não confio em qualquer dos dois.

— Não to proíbo. Vejo até interessante desmentir-te.

— Vou espioná-los.

— Cada um tortura-se com as tolices que inventa.

— Bem diz o Jorge. A tua imaginação, mata-te.

— Tu também! Tu! que me deves tudo quanto és!

A voz de Helena a possuir-se de novos ardores, os nervos de Jorge não suportam mais. Corta cerce:

— Discutam. Dentro duma hora, partiremos.

Obsequiosa, a senhora governante indica a Jorge a porta de saída. Maria Isabel quere seguí-los.

— Tu, não! preciso falar-te ainda!, — e com pulso forte, Helena detém Maria Isabel. Rostos próximos, ameaça logo:

— Vais reconsiderar! Estou disposta a tudo. Se teimas em partir, direi ao Jorge...

— Dirás ao Jorge...

— Toda a verdade... Entendes? Toda a verdade! E voltarás para mim.

— E fugirei de ti. Se êle souber, juro-te! abandonar-te-hei.

— Então!

Conciliadora, era a senhora governante quem vinha interrompê-las. Discutiram ainda largo tempo. Por fim, indecisa Helena entre continuar acusando Maria Isabel e usar da hipocrisia que desarma, fazendo fácil surpreender a verdade, estranha ante a firmeza de ânimo da amante, acaba por transigir:

— Terminamos! Irei para Lisboa.

Sorri Maria Isabel, primeira sensação de triunfo querido de suas maiores e melhores aspirações. Não foi mesmo superior à vaidade. Deslumbrando-a a certeza de poder regressar com Jorge, nem opôs à transigência de Helena a prudência que manda simular certo desinterêsse ou se mascara com pretextos de dar muitas e variadas origens a preferências claramente decisivas. Saíu correndo, e a Jorge anunciou:

— A Helena transigiu; a Helena transigiu.

— Definitivamente?

— Definitivamente.

— ¿Por mim; por si? — e Jorge sorri enigmàticamente a Maria Isabel: — Será interessante averiguá-lo, ¿não te parece?

Destas preguntas, era a última para Helena. Seguira Maria Isabel, rosto fechado, olhos sem ver...

— O meu dever é acompanhar-te.

— Oh! oh! fazes-te perigosa. ¿E se combinássemos que não te acredito?!

— Se todos me querem abandonar, resigno-me.
— O transigires assim, fazes-me teu escravo!
— ¿Não é o conselho que a toda a hora me oferecem?
— Maquiavelismo puro. Palavra! vejo sèriamente ameaçada a minha já fraca autoridade. Tem piedade de mim, suplico-te!, — e olhando sempre Helena, enquanto os lábios sorriem, o olhar faz-se duro, inquisidor...
— Não sei por que duvidas de mim...
— E' porque não recordas que confio apenas naquilo que surpreendo e apenas acredito nas palavras que não se dizem.

VII

Como num rapto, o automóvel fugia em velocidade máxima. Num momento transpõe o portão do solar e corre pela estrada. Volante hábil, Jorge guiava-o com mão segura, cortando sombras que na sombra se remexiam, galgando sombras que na sombra erravam. Na estrada luminosa que os faróis do carro vão abrindo, fita luarenta desenrolada por entre muralhas de treva, só raramente se entremostra a casaria. Hora avançada da noite para essas paragens, mesmo a que se avista tem aspecto sonâmbulo, janelas cerradas. De curioso, apenas as curvas da estrada, quando se ilumina a pradaria. Até as árvores é como se fôssem fitadas por olhos mal-

ditos. Mal a luz branca as atinge, logo desfalecem de côr, logo tombam, logo são tragadas, em grupos umas, outras isoladas, gigantes a que fôsse confiada a missão de guardar campos a perder de vista, e resistir não pudessem aquela luz maldita de os queimar, de os abater. Uns, mui altivos, nesse mesmo minuto são tragados pelo escuro; fascinadas, alas de pinheiros avançam, vão opôr barreira, troncos nus, braços musculosos saídos da terra, súplices. Um momento de espectativa e o desmentido vem rápido: tragados também são. A' volta, só o silêncio reza por êles, e a aragem os acaricia.

— Tenho mêdo, Jorge.

Muitas vezes a frase sobe aos lábios de Maria Isabel; muitas vezes ela a balbucia. Mas logo se arrepende, vendo sem-razão seu mêdo ou receios fortes. De tantos adivinhados precipícios Jorge se livrara; tanta vez se vira desmentida pela perícia dêle, que confiança renascia a estabelecer sangue-frio. Quando teimara em vir ao lado dêle, a pretexto de que não presenceara nunca o espectáculo deslumbrante da terra a correr à sua volta, bem Helena, e insistentemente, quis demovê-la de tal propósito. Sentindo seus apetites protegidos por Jorge, e muito porque sabia quanto Helena havia de torturá-la, teimou; caprichosa, fincou-se no pretexto encontrado.

— Começo a desconfiar de ti. Mas se eu um dia suspeito...,— gritara-lhe Helena.

— Vais connosco de propósito para observar...

E venceu. Helena atirou consigo para os

bancos de estofos moles do interior do carro, e Maria Isabel, tomando lugar junto de Jorge, adeus triunfante e repetido dirigiu à senhora governante. Sair com êle do solar, pareceu-lhe vitória decisiva, penhor sagrado e seguro duma breve ressurreição. Ouvindo mesmo Helena resmungar insultos, a impotência da amante deu-lhe medida exacta de seus arrôjos; sentiu-se sem sujeição, livre! desterrados para bem longe aqueles dias de opressão e martírio de sua estada naquela casa doente. Aproveitou, até, o momento da partida para encolerizar Helena, falando em voz baixa a Jorge:

— ¿Por que não veio no *sud?*

— Ocupações que me demoraram; o prazer de a desmentir quando já não me esperasse.

— Então foi por mim..., — e alteava a voz.

— Quási.

— Agora não teem pressa..., — gritou-lhes Helena.

Riu Jorge de vontade por aquele tom de ameaça; depois, para dentro do carro torceu um pouco a cabeça, e teve comentário ligeiro:

— Começam-me preocupando sèriamente os teus ciúmes. Estás feroz.

Não mais trocaram palavra. A um lado, Coímbra oferecia-lhes o espectáculo de sua montanha por onde sobe a casaria inquieta, aglomerada, gasganetes afusados, cada uma de per si avantajando-se de estatura à que lhe fica atrás para que possa mirar, rio, céus, árvores. Dalgumas, pintalgadas a côres vivas, recolhem a impressão de que desceram a banhar-se e que mais louçãs voltaram a ocu-

par seus lugares, a desafiar as outras com o esplendor de seus coloridos e adornos. Só quando a estrada faz curva e de mais perto avistam a cidade, as vêem subir em formigueiro, desenhando ruazinhas estreitas em declive, sulcos profundos. Admite-se, então, a passagem por ali de qualquer gigante ciclópico que, fugindo à morte, tivesse fendido à espada aquele aglomerado de casaria, para abrir caminho até ao rio.

Sabidas más as estradas e perigosos quaisquer descuidos, quási toda a atenção de Jorge era absorvida em guiar hàbilmente o automóvel. Incompatível com seus nervos a marcha prudente, confiando cegamente em sua perícia, exacerbação de sentidos pela vertigem em entretenimento único de fazer esquècida a jornada longa, era assim que não cuidava nunca em afrouxar velocidades. Atravessando aldeias em repouso, a casaria branca era relâmpago de abrir trevas; nas clareiras das terras, o luar rasgava lagos de água tranqüila; árvores que àlém farandolavam, uma vez mais perto alucinam a vista tão doidamente dançam; estradas havia muradas a tufos altos de folhagem negra e tão compridas, tão a direito talhadas, que certamente eram caminho aberto e desafogado até ao infinito. E o automóvel a correr doidamente, a correr sempre, tudo desvirtuando de linhas, tudo fazendo oscilar, tremer, girar, tudo rasgando, fúria destruidora, caos, confusão. E ainda a luz daqueles olhos de monstro, olhos diabólicos, indo dum lado a outro, tudo surpreendendo e tudo afugentando, olhos malditos de revolver a própria terra.

Retinas feridas, momentos há em que Ma-

ria Isabel cerra as pálpebras, o silêncio a fatigá-la, mêdo que por vezes a assalta a dilatar-se, mêdo inconsciente mas que não consegue dominar, mêdo de alucinar raciocínios por não ter quem a sossegue. Tentada a falar a Jorge, domina êsse seu desejo com o receio de que seu dizer seja banal e ridículo seu mêdo. E então escabuja. Sonha recordando o seu passado e aquele início de vida nova, feito pela cumplicidade de Jorge. Cérebro vazio de motivos fortes, bastou que êle tivesse calado a razão de sua vinda ao solar, para que ela sentisse nascer entre êles entendimento mútuo de os unir contra todos, promessa de se entregarem os dois a arrojos de a libertarem definitivamente de Helena...

Recordando a amante, ocorrem-lhe prepotências ridículas, ciúmes sem-razão, noites de lascívia a que se dera quási inerte, observando Helena, suportando-a em obrigação...

— Jorge! Jorge!, — e inconscientemente a êle se achega, sôfrega.

— ¿Vai dizer-me que tem mêdo?

— Não! Não! A seu lado sinto-me forte.

A voz é ardorosa. Tudo a incita...

— Juro-lhe! a sua presença liberta-me de mim própria.

— ¿E mais?...

— Cria em mim a ânsia forte de o imitar.

— ¿Guiando automóveis?

— Não ria. Admiro-o.

— Se a Helena a ouvisse...

— ¿Não é verdade que há-de defender-me dela; de todos?

— Não oculto que me agrada impôr a minha vontade.

— Sabia-o.

A voz é clamor. A frase de Jorge soara por tal forma implacável a seus ouvidos; tanto sentíra que o rosto dêle se transfigurara até atingir aquele grau de beleza próxima das loucuras ruidosas, que de pronto também forte se fizera. Transmudou-se a paisagem abrindo praças enormes as árvores aglomeradas ainda há pouco; por avenidas sem comêço vinham até ali multidões amotinadas, rebeldia sonora em tempestades fragorosas.

— Acautela-te! Oiço tudo.

Estremece Maria Isabel. Debruçada por sôbre a vidraça, rosto achegado ao rosto dela, Helena ameaçava, sempre incapaz de sofrear quaisquer impulsos fortes: — Oiço bem.

— ¿Que me importa?

— Verás! verás!

Posição incómoda volta a sentar-se: — Desavergonhado!

Não é a esposa que se revolta, é a amante. Já em todo o caminho, outro plano não traçara que não fôsse obrigar Maria Isabel à confissão inteira da verdade de suas intenções. Admitir que alimente entendimentos com Jorge, é suspeita de lhe causar um tão atroz martírio, que, em válvula única para seus nervosismos, ia decorando, à fôrça de as repetir, aquelas censuras que havia de dirigir-lhe, e principalmente muitas palavras, muitas, de a castigar ameaçando, para de pronto quebrar caprichos de a trazerem insubmissa e arredada de seus carinhos, ingratidão vilíssima por todos os sacrifícios feitos e traição ainda mais vil para quem, como ela, outros pensamentos não tinha que não fôssem recordações

para suas horas de carícias, e cálculos para essas outras horas, ainda por viver, de quando pudessem separar-se de Jorge, e fugidas de todos, de todos longe, construíssem só as duas, dias e dias de felicidade interminável. Entretanto simulava Maria Isabel despreocupação de quem não teme; da certeza de que Helena havia de vingar-se, refrangia mêdo, mas sorri. Lado a lado de Jorge, queria que êle a visse contente e feliz. Continuou dizendo-lhe de suas sensações e sentimentos, de suas ânsias e fervores. Só tàrdiamente, a pretexto da aragem cortante da noite, se envolveu friorentamente em seus abafos e se acachapou de figura a um canto do carro. Silêncio natural, Jorge não a interrompia, e ela em seu viver voltou a pensar, arrepios pelo desconhecimento do dia de àmanhã levando-a a cada vez mais sentir o pêso de Helena em seus projectos e anelos, e a vê-la em seus ciúmes, ridícula, em suas vinganças, mesquinha. Nunca mesmo lhe conhecera nobreza de acções. Vira-a sempre correr atrás de seus desejos ou ambição, mestra em dissimulações velhacas. Apregoando superioridade, a cada instante surgiam ciúmes reles de cabeça fraca ao serviço de vícios inconfessáveis; apregoando altivez ameaçava, inferiorizando-se.

Pavôr e ânimo, tremor e revolta parcializavam os raciocínios de Maria Isabel, avolumando ridículos e manias de Helena. Sentia até tentações de a afrontar! fitando-a em provocação altiva de estabelecer logo conflito pronto e irredutível. Debruça-se para dentro do carro; fica-se a examiná-la. . .

Parecia dormir, os olhos cerrados, acoco-

rada a um canto, a cabeça caída um pouco de lado. Esbulhada de seu encanto de figura, abandonada, o sono em tudo se parecia à morte. Mira-a e remira-a Maria Isabel, primeiro a mêdo, depois fascinada, demorando o olhar. Esgalga mesmo o pescoço como para adquirir certeza muito sua querida...

— Se ela morresse! se ela morresse!

Fixa-a mais, ficava-se a fixá-la mais, olhos acesos, artérias batendo forte. Alucinação de sentidos, nem lhe via o peito arfando, arfando como quando se refreiam impulsos. Era um deslumbramento que lhe mostrava a protecção da morte quando nos leva inimigo de temer. Ditame de seu hábito de sujeição cobarde, sentiu mesmo que seria a ressurreição mais completa. Sem lutas; sem choques de paixões. Não mais a ameaça de seu futuro batido, apregoado. Calada para sempre Helena, tudo se apagaria...

— Se ela morresse!...

... e o pensamento afincava-se, como se gritado fôsse até criar obsessão. Continua o automóvel a cortar as trevas, a correr como perseguido, e a retalhar muralhas que a noite constrói umas após doutras até ao infinito...

Toda a terra parece animar-se em súplica, fazendo subir socalcos e vales à altura de montanhas para mais depressa se entregar à luz; assim como em catedrais imensas, mãos agónicas de maternidades dolorosas erguem filhos doentes até junto de imagens de santos milagrosos, assim titans ajoelhados em ora-

ção pedem arrebóis para os olhos cegos da terra. E milagre, a luz vem, ténue a princípio, por entre silêncios, para depois se ouvirem cânticos de graças quando os cumes se avermelham e o sol nasce esparrinhando sangue, como saído de ventre forte e fecundo, afeito a sacrifícios. Morrem as estrelas, vagarosamente são queimados os tules da ante-manhã deixando no ar nuvenzitas imprecisas; vai-se iluminando a concha colossal e magnìficamente alizada do céu. Distraíra-se primeiro Maria Isabel a ver fugir a névoa, perseguida pela claridade do dia; entretivera depois seus olhos no despertar da Natureza inteira, claridades bruxuleantes de câmara de mistério e sonho a dealbarem planícies e cimos de árvores muito altas àlém, e agora livre da opressão da noite, tinha aquelas infantilidades das crianças que batem palmas a espectáculos sem interêsse, assinalando locais, curiosidade para a distância ainda a percorrer:

— Quando estivermos próximo, vá devagar, Jorge. Nunca senti um tão grande desejo de sorver a manhã.

— Confesse que receia do mau-humor de Helena.

— Agora, não tanto. Lá fora, sim! estava só...

Vão atravessando bairros excêntricos de Lisboa. Começam rareando as árvores. Já para trás o último biombo verde, a païsagem monotoniza-se, casaria em fila aqui e acolá. Depois desenham-se ruas, surgem avenidas talhadas à régua, incaracterísticas, pobres.

— Já tão perto!

Esperava-os o José. Ficara toda-a-noite no aposento de entrada, ouvido àlerta, vigília permanente. Quando vira o amo partir e soubera do seu regresso pela noite, fitára-o, olhos espantados, gaguejando censuras. Como no seu tempo dissessem freqüentes os assaltos à bôlsa alheia naquelas estradas-campo-de-manobras de salteadores afeitos a pilhagens e desdéns pela vida alheia, era sua convicção presente que os perigos continuavam os mesmos ou ainda mais ferozes. Lugar único de bondade, aquela casa; o mais era adverso, os homens lobos dos homens.

— ¿Não lhe aconteceu mal? E os ladrões? os ladrões? Foi uma loucura!

— São e escorreito, ¿não vês?

— Ainda não tinha dito nada...

— ¿Mas ficas agora tranqüilo?

Fita-o o velho com os olhos aguados do reconhecimento; recusa-se depois a descansar, saindo para dispor tudo para o banho de Jorge. Separam-se todos. Maria Isabel e Helena vão repousar; pontual, obrigando-se aos mesmos deveres de seus operários, delas logo se despede Jorge até ao almôço. Silêncio vai pela casa; tudo parece dormir.

No seu leito se debate, porém, Helena. Cérebro e nervos doentes de irritação ciümenta e também ardendo em cálculos de desagravos contra a amante e Jorge, baldadamente procura tranqüilizar-se. Por mais que diga capricho a rebeldia de Maria Isabel, seu cérebro e orgulho não se contentam, preferindo refastelar-se com projectos e projectos de resgatarem a humilhação de ter aceitado, inerte, a vontade de Jorge. Tentações de procurar

imediatamente a amante e de exigir-lhe justificação ampla de seu proceder, é o mais fácil desfôrço; mas logo receia que a surpreenda Jorge ou aquele velho que é seu acólito, sombra, animal obediente, bêsta de carga, espião...

— Todos! todos contra mim!

Ergueu-se pela tarde. Dormira o sono inquieto dos sonhos que requere mais longo repouso. Três horas... Faz retinir a campaínha, chamando um dos serviçais. Interroga, para saber de Jorge.

— O senhor já veio almoçar e voltou para a fábrica.

— ¿A Maria Isabel?

— Estava há pouco no escritório.

— Ajuda-me a vestir.

Trajo da manhã, a *toilette* é breve. Vai procurar Maria Isabel. Ouve-lhe a voz risonha, pletórica de modelações infantis, em diálogo com o velho. Abafa os passos; escuta...

— Se êle assim o trata, deve ser muito amigo do senhor.

— Devo-lhe tudo!,— e fitando muito Maria Isabel, olhos dulcificados, pela velhice quási femininos: —A menina também é muito amiga dêle, não é!

— Decerto.

— E' sempre assim! Todos lhe querem.

Não podia mais Helena dobar impaciências. O diálogo prolongava-se; a voz dêle subira ao tom daquela comoção de fazer contágio. O velho a proclamar o esfôrço de Jorge, sente que Maria Isabel há-de ser invadida por aquela emoção que lhe adoece a voz até persuadir. Precipita-se no gabinete, mal murmurando os bons dias.

— Parece-me, Maria Isabel, que deverias ter tentado saber o que era feito de mim. Mesmo você, José, não pode assim perder toda a manhã.

Pendera-lhe a cabeça, dobrara-se o velho de espinha. Afasta-se.

— Disposta, então, a insistires nessa tal mania do interêsse pelo senhor meu marido. Isto, depois do dia de ontem.

— Conversavamos.

— ¿Almoçaste com o Jorge?

— Dormia.

— ¿O que fizeste depois?

— Esqueceu-me.

— Responde bem.

— ¿E' costume levantares-te tão mal humorada?

— Não me irrites mais. Recorda que temos de ajustar contas.

— Má hora escolheste. Sinto-me tentada a não te obedecer.

— Maria Isabel!

— Não sei que interêsse tenhas em que todos te oiçam. ¿Por que não falas mais baixo?

— Vou obrigar-te...

— Ameaças são prova de impotência, costuma afirmar o Jorge.

Como para a castigar, ergue Helena os braços, avantaja-se de estatura, cresce para Maria Isabel. Vê, porém, que ela sorri sorriso desdenhoso, làbios arrepanhados, e fica-se, braços quietos, espantada por aquela serenidade.

— ¿Fias-te na protecção dêle?

— Talvez.

Minutos passam naquele fitar de obsessionada...

— Conversemos.
— Como entendas.
— ¿A que queres levar-me?
— A ser razoável.
— Intenção?
— Não confirmamos a Jorge a suspeita de que entre nós existe qualquer segrêdo. ¿Não o ouviste quando partimos de tua casa?

Categórica, sem prévia rebusca aos sentimentos, a afirmação prova decisões antecipadas e firmes. Já quando Maria Isabel ao velho falara, fôra em muito para ter alguém que lhe confirmasse a suspeita forte de que Jorge, crimes morais não perdoava. Conhecia-lhe a teoria. — O perdão enfraquece, costumava êle proclamar, porque só vejo perdoar a quem viciosamente é mais forte do que nós, ou pelo interêsse em conservar uma amizade útil. — E como o velho, historiando o rompimento entre pai e filho, tivesse provado altivez de carácter incompatível com transigências de sacrificar planos a sentimentos, reconhecia cada vez mais urgente rodear-se de precauções, romper com Helena ainda que temporàriamente...

— E pensaste?
— Defender-me... defender-te.
— ¿Fazendo terminar as nossas relações?

Posta a situação por forma clara, vacila Maria Isabel. Ainda não eram nela mais forte do que o hábito do mêdo e respeito por Helena, aquelas suas aspirações, admiração e curiosidades de agora. Tudo o que horas antes pensara para libertar-se, opondo a Helena a sua vontade de fazer raros os encontros com a justificação das desconfianças de Jorge, apa-

gava-se, diluíra-se. Tendo de pronto que escolher fórmula de vida, recúa, adia:

— Ainda não estudei.

— ¿Acreditas que me submeto aos teus caprichos?

— ¿Quem sabe? Tenho obedecido tanto...

— E continuarás obedecendo!, — e voz de tons duros, voz afeita a mandar em tons intimativos: — Quero encontrar-te esta noite.

— Tem cuidado. Assim tratada, posso fugir-te de vez.

— E's tu quem me exasperas.

— ¿O que podes contra mim?

— Tudo.

Palavras de fazer agressão sobem aos lábios de Maria Isabel. Estrangúla-as, mas seus olhos desafiam Helena. Adensa-se a atmosfera de conflitos; qualquer coisa de irremediável se entrepõe entre elas. Já não é apenas a sua admiração por Jorge, curiosidades pela vida ao lado do homem, que estimulava em Maria Isabel as qualidades combativas de seus caprichos e vontade. Dados os primeiros passos para a rebeldia, é o desespêro de quem não querendo ceder terreno, sente que vão faltando-lhe as fôrças para continuar combatendo; mais do que defesa de princípios, é luta esforçada para manter a posição e bens que conquistâmos.

Reedita Helena a lenga-lenga do auxílio a Maria Isabel, recorda-lhe seu dever de gratidão e dedicações de todas as horas: — Sustentei-te! fiz de ti alguém! Se não fôra eu, serias a esta hora mais um servo em minha casa!

— Fazes-me sofrer.

— Sê para mim aquela amante carinhosa!...

— Não vês que podem desconfiar... Vigiam-nos!

— Viveremos só de nós.

— Respeita o meu mêdo. Voltaremos a encontrar-nos lá fora, é o que posso prometer-te. Sós, as duas...

Não completa o pensamento. A campaínha do telefone retine. Helena vai atender, e logo Maria Isabel sabe que Jorge a prevenira de que terão, ao jantar, a companhia do jornalista, íntimo da casa. Solicitada, vai também ao aparelho.

— Quero-a linda, entende! — vai gracejando Jorge.—Tenho aqui a meu lado o nosso jornalista, meu companheiro dêstes últimos dias. Ignorando que tivessem regressado, propunha-se estroinar comigo. Falo-lhe do encanto do lar, e êle afirma categòricamente que nenhuma mulher o prenderá ao casamento. E' preciso desmenti-lo. Dou-lhe um quarto de hora para se dispôr a encantá-lo.

— Já não me interessa!, — e o dizer é espontâneo, palavras fugidas à reflexão...

— Leviana?! amores novos?

— Não! por Deus, Jorge!, — e ela não sabia o que dizer: — Sinto que é confiar demasiado em mim, pobre rapariga!...

— Conheço-a, sinto-lhe a presença.

— Diga porquê! diga porquê!

Cortada a ligação, logo Helena interroga. Vacila Maria Isabel. Ainda que nesse instante visse o diálogo isento de intuitos reservados, preferências sentimentais levam-na a guardar as palavras de Jorge, só por que dêle veem. Sente que dizer a verdade é profanação, e mente:

— Diz-me que não nos quere ver zangadas...

— Mas a tua resposta...

— E' que entre nós existe um grande segrêdo!, — e Maria Isabel sorri sorriso de mofa.

— Ainda não pus de parte a suspeita de entendimentos com êle.

— E' meu amante.

— Com a verdade...

— Como quiseres... Até já.

— Vou contigo!

Pelo rosto de Maria Isabel perpassam sombras de desagrado. Para desfibrar as palavras de Jorge, quisera estar a sós com seus pensamentos. Recorda que tentara apròximar-se do jornalista, e fôra Jorge quem, pela desconfiança, cortara cerce intimidades nascentes; rememora conceitos que ouvira de fartamente o classificar. Não mais pensara nêle, mas agora parece-lhe residirem naquela visita quaisquer intenções de apertado exame. Excita a reflexão e surpreende-se a preferir que os deixem sós, ela e Jorge, a ter alguém que por ela fortemente se interesse.

— Se tu me enganasses..., — vai dizendo Helena, voz a tremelicar...

— E's às vezes duma imprudência! ¿Não sabes que nos podem ver?!, — e Maria Isabel furtava seu corpo ao abraço de Helena, mal-humorada, revoltada. Sai de repelão; segue-a Helena. Atravessando salas, deparam com o velho. Felicita-se Maria Isabel:

— Vê lá se não tenho razão. Se o José nos visse...

— Exageras tudo. ¿Que mal havia num abraço?

— Há, pelo menos, os meus escrúpulos.

Voltam ao quarto, e Maria Isabel, não sabendo o que fazer e menos como afastar a amante, inicia seus primeiros íntimos arranjos. Examina-a Helena, insistentemente, olhos alumiados e húmidos de sensualidade. Deixa sem crítica a justificação da amante, e tudo esquece ante o corpo dela. *Boudoir* quente de perfumes e flôres, aconchegado de móveis, lúbrico como aposento de cortesã educada em requintes, tantos os estofos moles, escorrega Helena para sôbre um monte de almofadas que no chão fazem leito fôfo. As mãos de Maria Isabel foram tocadas de impaciências. Breve se desfez do trajo da manhã mas sem mostrar formas, e vai alindar-se de rosto.

— Maria Isabel!

— ¿Que queres?

A voz sôa arranhadiça; há deliqüescências nos olhos de Helena.

— Vem cá! Queria ver-te toda, como em outros dias... Já te perdoei...

— Ora vê se me deixas!

— Vem cá! vem cá!

Para implorar, soergue o corpo, espalma as mãos, os braços estendem-se em fervores místicos. Para ela Maria Isabel volta um pouco o rosto, mas logo distrai o olhar. Para que Helena correspondesse a seus sentimentos dessa hora, devia mostrar-se altiva como convinha às circunstâncias.

— Vem cá! Desesperas-me! Vem cá!

Ergueu-se Maria Isabel. Brilham mais os olhos de Helena; recurvam-se as mãos, os braços vão mais àlém, e naquele improvisado

leito faz lugar para outro corpo. Maria Isabel volta a fitá-la, demora o olhar...

— Anda! vem!

Esgar de mofa ou nojo, já obliqua o sorriso de Maria Isabel; fez uns passos demorados e novamente fita Helena. Súbito, as feições endurecem, rugas veem apròximar as sobrancelhas. Deita mãos do vestido que despira...

— Maria Isabel! Maria Isabel!,— e a voz de Helena tem modulações cariciosas. Surpreende que é intenção da amante afastar-se imediatamente, e arrasta-se até aos pés dela, súplice e benigna...

— Arranja-te primeiro. Eu espero!

— Vem para mim! vem para mim!...

Ajoelhada, lançara os braços em redor da cintura de Maria Isabel, e apertava-a, apertava-a muito. Baixa para ela Maria Isabel o olhar, e porque a veja a seus pés, ridícula, inferior a insistência, e porque a veja a seus pés anelante de sensualidade, uma onda de repulsa moral leva-lhe do cérebro mêdo e cálculo, e num momento anula totalmente hábitos de vícios. Continuava Helena a dizer-lhe suas palavras de melhor ternura, e uma moral nova faz que Maria Isabel rebusque fôrças para a repelir, agressiva:

— Larga-me; deixa-me!

As palavras são grito. Foge. Ao sair bate com fôrça a porta do quartozito em provocação e revolta ostensivas. Um minuto de vacilação, e Helena sai também. Vai encontrar Maria Isabel no gabinete de Jorge.

— Eu quero...

Esbogalhou os olhos e tomando o pulso de Maria Isabel, apertava até doer.

— Já te disse que me deixasses!

— Toma cuidado! não me desesperes!

— ¿Quando deixarás de ameaçar?

— Lembra-te que sou capaz...

Não concluiu. Desde a salita de entrada vinham vozes. Jorge chegara. Distenderam-se os dedos de Helena, descoloriu-se seu rosto; teve arremessos de cólera:

— Qualquer dia, estouro!

Sorri Maria Isabel. Aquela vitória do acaso fá-la forte, orgulhosa; sem exame, sentiu-se decisivamente protegida por êle. Pôs em Helena um olhar de desafio, e porque seja resgate desagradar-lhe e fazê-la sofrer, a voz é ainda mais dolente do que sua tenção, cumprimentando o jornalista:

— Deviam ter vindo mais tarde. Queria deslumbrá-los!

— Abençoado intento.

— Por que não há-de ser insignificância de espírito?, — castigou Helena.

— Era uma vez uma senhora muito aborrecida porque queria obrigar todos à sua vontade...

— Principalmente uma menina impertinente e vaidosa...

— Qualidades magníficas. ¿Não é verdade, Jorge?

Agora, mais do que intenção maldosa, sentimentos levavam Maria Isabel a insistir em provocações. Já não era apenas a certeza da protecção de Jorge, era um grande empenho de agradar, de sobrelevar-se a Helena em arrojos e graça feminina, de origem numa sensação de liberdade de acções de a fazerem caprichosa.

— Conselhos? Não me obrigue a pensar. Sinto-me tentado pela preguiça.

— Mas responda! ¿Não é verdade que os nossos defeitos são sempre qualidades, desde que saibamos ser-lhes superiores?

Tomara um ar gracioso, caricatura de prègador...

— Sim! não há nada mais imperfeito do que a perfeição.

— Exemplos! exemplos que derrotem as velhas teorias da Helena.

— Um ente bondoso e generoso mas cujas qualidades não resultassem do culto da personalidade; humilde por imposição de dogmas...

— Vês! vês!...

Voltava-se triunfalmente para Helena; e não lhe dando tempo a contestar, logo interrogava o jornalista:

— A sua vida deve também ser exemplo. ¿O senhor chegou sempre onde quis chegar? Todos os que saibam querer, vencem?

— Quando a vontade seja raciocinada e melhor dirigida...

— Vês! vês!

— ¿E se formos vencidos?

— Transformar a derrota em vitória, reconstruindo com maior ardor. A derrota deve ser sempre ensinamento; alarme de imperfeições nossas, estímulo.

— Há tanta gente que não vence!...

— Porque não desenvolveu qualidades. Miséria do ambiente, estimulamos mais amiúde os nossos vícios do que as nossas qualidades. Há quem se lastime mais pela vaidade de lhe conhecermos preferências viciosas, do que para

atestar derrota devida a fôrças ocultas. Há quem se lastime, ainda, para nos desarmar.

— E êsses são...

— Os espertos; aqueles que solicitam a nossa indulgência ou piedade. Para estes, lutar é rastejar.

— ¿Então a fórmula de vida?...

— A luta, campos estremados. Quando nos vêem lutar, acostumam-se a respeitar-nos.

— A' nossa volta há sempre lamentos.

— E' porque a maioria considera injusta a infelicidade, quando a infelicidade é inaptidão. Conseqüência, e nunca lei fixa.

— A medida exacta da nossa cobardia tem-na a Maria Isabel quando escuta êsses lamentos, e vê gozar a felicidade como recompensa dos nossos esforços.

— Filosofia! tudo filosofia! Capazes de todas as deslealdades, eu sei bem o que valem os homens!, — e do seu canto erguia-se Helena. Na curiosidade de Maria Isabel via tais intenções de estabelecer contrastes, tão viva palpitava a ambição de pesar valores, que calar-se era derrota: — Quando algum se apròximava de mim, era para me trazer propostas velhacas. Incapazes de desinteresses, tivesse eu querido e obrigá-los-ia a cometer todas as vilanias. Na Espanha, dois irmãos...

— Há sempre dessas histórias. Mas nós, os homens, quando verdadeiramente superiores, colocamos a amizade muito acima do amor. Na amizade há o desdobramento de sensibilidades; no amor, apenas alucinação de sentidos. Vês reatar uma amizade; não vês nunca reatar um amor.

— Tal qual as mulheres.

— Enganas-te. O homem é cérebro; a mulher é nervos. A amizade é intelectual; o amor, perfeitamente animal.

O princípio sádico de torturar a amante a sublevar quaisquer sentimentos amoráveis, não agrada a Maria Isabel impessoalizar o diálogo. Não porque acreditasse transmudar-lhe o proceder, mas porque vitórias de Jorge, vitórias suas também eram, vai insistir em controvérsias...

— Uma pregunta, Jorge. ¿Agrada-lhe que todos os seus amigos cortejem a Helena?

— Agrada-me que me invejem. A felicidade ou se alimenta do mistério ou do sobressalto constante.

— ¿Mas seria ciumento?

— O ciúme, vindo sempre da sensibilidade, tomo-o como aviso para me precaver. Então simulo confiança, observando o mais ligeiro pormenor.

— Nunca te dei razão. A minha honestidade...

O falar de Helena é nervoso. Até aí sem pretexto plausível para dar largas à sua irritação sempre crescente, abespinha-se, encrespa-se agora, simulando-se atingida: — Irritante assunto. Parece terem esgotado o espírito.

— Aceite a reprimenda, oiçamos o que nos dizes de inédito.

Sorri Jorge, Helena fita-o com olhar de ferir; o ambiente pesa, hostil. Cada um a desvendar seus sentimentos pelo antagonismo das vontades, a frase é dura. Raciocínios a estremarem campos, de tudo veem estímulos

que alevantam qualidades de luta, destruindo a fraternidade que faz fácil a transigência.

— Convencida estou de que infidelidades conjugais são na maioria justificáveis.

— O que não se justifica é a mentira conjugal. Cada um deve eleger a sua vida e segui-la. Uma mulher que foge do lar é sempre digna. A duplicidade é que repugna. Não pelo preconceito falso da honra, mas pelo nojo de beijarmos lábios que outros beijam, corpos que os outros sentem.

— Culpado também é o homem.

— Não acredite Maria Isabel que um homem superior não esteja para àlém de seus sentimentos, incapaz, portanto, de atraiçoar um amigo. A amizade é sempre admiração e neutraliza o amor.

— ¿E são todos assim?

— Os outros não me interessam.

Erguera-se já Helena e fôra espreitar à janela. Em revolta contra Maria Isabel, impossibilidades de desfôrço imediato alevantavam-lhe nervosismos. Afeita a ver Jorge sacrificar tudo a seu espírito de elegância, teme-lhe ironias de a inferiorizarem ante Maria Isabel, e preferiu acumular rancores, a revoltar-se. Nunca ela sofreria a humilhação daquele diálogo, mui de propósito feito para a irritar, se não fôra a estúpida curiosidade de Maria Isabel, aquela irritante insistência de fazer prédicas.

A remoer cálculos de desforços, abstrai-se do que vai à sua volta; tudo se esfuma, se perde; deixa mesmo de os ouvir. — Se pudesse viver de todos independente! entrar imediatamente na posse dos restos da fortuna de sua mãe, livremente dispondo de tudo!...

— Terminamos. Libertamos-te!

Viera Maria Isabel para junto de Helena, alegria no olhar, gestos como irreflectidos. Primeiro impulso de Helena é pagar a desdens aquela solicitude; contém-se; mas a sentir Maria Isabel estranha, distante, longe dela, logo o ciúme lhe faz apetecer brutalidades e a leva a apertar-lhe o braço, a apertar-lhe muito o braço, e sempre mais, e tanto mais quanto ela vai suportando a dôr e sorrindo...

— Lembras-te finalmente de mim. Mais vale tarde do que nunca.

— Foi o Jorge que me disse que era preciso fazer-te bonita.

— Hás-de pagar-me! hás-de pagar-me!

— ¿Quantas horas de espera?

— Eu volto breve. Minutos, apenas.

Saem; silêncio. A sós, os dois homens acendem cigarros. Mais uns minutos de silêncio...

— ¿O teu casamento, uma desilusão?

— Ainda não classifiquei.

— ¿Vida de embates?

— Espectativa.

Livres, conversam agora, atitudes moles, enterrados em *maples*. Despojada a alma dos ouropeis que a vontade ou intenções lhe vestira, ficam-se vogando, a tarde, luz aguarelada de sombras, estendendo à volta aquela melancolia que faz apetecida a quietude, o repouso.

— ¿E' pelo menos curiosa, interessante?...

— Sim! empresto-lhe muitas das minhas ilusões e preciso por enquanto defendê-la.

— ¿De quem?

— Principalmente de mim.

— ¿A tua insistência em que eu viesse hoje a tua casa?...

— Experiência inocente. Suspeitei um dia que interessasses à Maria Isabel.

— ¿E observaste?

— Observei...,— e a rematar, no tom ligeiro de gracejo: — Mas quando dominarás tu essa velha mania da curiosidade e bisbilhotice?...

Depois de muito instada, Helena abriu o piano. Tendo obrigado Maria Isabel a prometer-lhe não reincidir naquela curiosidade de quem pretende conhecer virtudes masculinas e surpreender atitudes criminosas, não queria deixar-lhe um minuto de liberdade. Não encontrara, porém, pretexto decisivo que justificasse sua recusa, e resolvera-se a interpretar Beetowen, dedos ágeis, a espaços tocados de celeridade nervosa.

— Mais! mais!

— Faz-me mal ouvir conversar.

Fôra Maria Isabel quem obrigara Helena a interromper-se, gritando exclamações de forte entusiasmo. Falando ao jornalista, quisera surpreender-lhe qualquer segrêdo de amor, curiosa, impertinentemente curiosa, e quando o soubera outrora enamorado duma mulher que a outro pertencia, mais preguntas tivera de lhe conhecer o procedimento. E como êle confessasse tê-la respeitado sempre porque sempre a vira empenhada em cumprir seu dever de fidelidade, alvoroçara-se, confessando admiração.

— Silêncio de igreja prometemos agora.

— Vem para junto de mim.
— Vou para o terraço.
Ergueu-se; a janela abre sôbre uma platibanda de balaústres. Disfarça Helena, mais uma vez, despeito e rancor, e volta a interpretar o *Egmont*. Após minutos, acena Maria Isabel as mãos ao jornalista, convidando-o a ir para o seu lado...
— ¿Seria, então, incapaz de perseguir uma mulher? Procedem assim os homens?
— A reincidência na pregunta faz-me suspeitar de que não me acredita. ¿E' a Helena quem a aconselha a desconfiar de nós? Diga-lhe que a hipocrisia das mulheres é que faz com que as persigamos. Tenham elas o valor de decididamente nos afastarem...
— Mas eu estou contente!
Alegria no olhar, no rosto, toda ela freme. Fita-a o jornalista, surpreendido.
— Não estou louca, juro-lhe!
— Invejava-a apenas, sentindo-me tentado a surpreender-lhe o segrêdo da sua alegria.
— E' fácil! Quando outrora...
Empalidece, titubeia; recomeça a frase. Quisera de ânimo leve buscar contraste para sua vida de agora, sem recordar seu passado inconfessável, e entristece, e cala-se...
— Arrependeu-se?
— Não! é porque não sei porque estou assim; não sei!...
Voz melancólica, de entonações saudosas, espaceja as sílabas, os olhos adormecem deliqüescentes de tristeza...
— ¿O senhor acredita que estejamos sempre a tempo de recomeçar uma vida?
— Desde que saibamos querer...

VIII

Impôs seu parecer. Quisera Helena recomeçar ministrando a Jorge aquele soporífero de lhes consentir algumas horas da noite livres e sem perigos ou surpresas, mas Maria Isabel não transigira, firme de vontade, sorrindo até despreocupação quando a amante afirmava não ter esquècido ainda a noite de seu regresso a Lisboa, e reünira em estirado sermão, os motivos fortes de agravo que encontrara para demonstrar Maria Isabel disposta a afastar-se sistemàticamente de seus carinhos e arroubos, traidora.

Acordaram, por fim, que as entrevistas se fizessem no quartozito discreto que conservavam ainda. Reconciliadas, essa tarde seria a primeira tarde de amor pleno, no dizer prometedor de Helena. Maria Isabel vibrou, porém, tal desconfôrto íntimo, que, regressando agora a casa, já tarde, a traz indignada e vergonhosa a certeza de que, em vez de se erguer até suas aspirações, mais e mais se conspurcava. Tudo a chocara. Pretextando preocupações pela ausência que tinham feito, a hospedeira recebera-as a sorriso sorna de subserviência amoldada a privações; móveis e objectos que guarneciam o aposento, embora já familiares, tomaram aspectos acentuadamente imorais. Ao leito apegaram-se formas de outros corpos; adornos assinalaram amor venal. Decisivas preferências sentimentais a incitarem Maria Isabel, o

receio de que as ouvissem, palavras apenas ciciadas, avolumara sua sensação de que espionada, aquele aposento a prostituía; da impressão do dever, que é sua entrega dolorosa a Helena, ressaltaram os contrastes de sempre e de quando ela sente que o homem, até por consciência de sua própria superioridade, havia de rodear a posse duma maior sôma de sugestões de requintada beleza, conseqüência natural dum encontro e não origem, e deixando que o ambiente, flores, perfumes, luz, despertassem sensualidades; seria galante, conquistando por sedução...

Vieram encontrar Jorge, absorvido em leituras de deleitar mais do que entreter. Inquieta, abrumada a pressentimentos, sobressalta-se Maria Isabel, oferecendo Helena justificação a seu modo:

— Tão cêdo!...

— Dize primeiro que regressaste tarde.

— Muita gente; demoraram-se em servir-nos o chá...

— Eu não interroguei.

Sorri Jorge; fita-o demoradamente Maria Isabel. Quando o soubera esperando-as, seu mêdo de que êle suspeitasse de sua traição, pusera-a inquieta de pensar, mas agora a escutá-lo, a ver-lhe nos lábios sorriso tranqüilo, superior, afável, sua inquietação vasara-se no bem-estar fisiológico da gratidão, sentir mais fácil.

— Pelo menos, não bocejaram.

— Pelo contrário! passamos uma tarde agradável, ¿não é verdade, Maria Isabel?

Solicitado o seu testemunho, a intenção oculta de Helena magôa-a, sente-se atingida de

desvergonha, repugnante por aquele velhaco jôgo de escondidas. Desenvolvida primeiro sua gratidão por Jorge, dilatara-se dentro dela arrependimento tão fundo e sincero por seu proceder que ia dar nobreza à figura dêle, e apôr sêlo de superioridade a seu dizer e acções. Bastando já para se saber fortemente criminosa, acobertar sua traição sob a generosidade de Jorge, era afrontá-lo, corresponder à impúdica solicitação de Helena. Encolhe os ombros, e não pode furtar-se ao impulso que a leva a sentar-se junto dêle, a interrogar:

— Diga-me o que fez. Tarde certamente de luta, enquanto nós lá fora nos divertíamos...

— ... eu trabalhava. Não prossiga! Isso é gratidão aprendida em folhetins. Quero livre a sua estima, só admiração pelo que valho. Já uma vez lhe disse não me dever agradecimentos. A sua estada aqui, não me custa qualquer sacrifício.

— Presentemente tudo lhe devo.

— E' preferível pensar o contrário. Desagradou-me, registe. Vá colorir os lábios, o rosto. Valorize a sua beleza, roubando preocupações à minha vida de trabalho, e resgatará de sobra essa tal antipática gratidão.

— Eu já lhe tinha dito o mesmo! — sentenciou Helena, ar grave.

— Admiro-o, Jorge! Tenho-lhe tanta estima como...

— Tolices! Não se teem dito senão tolices.

— Voz da razão, voz de Deus. Ia faltando-nos a oportuna e sempre vigilante sensatez da Helena.

— Estás insuportável!

— E ainda temos tanto tempo para viver juntos!...

— Que ódio eu tenho a êsses teus ares protectores!

— ¿Preferias proteger-me?

— Tão bem disposta que eu vinha!...

— Milagre! Milagre!

Tem Helena um olhar de desafio, os lábios fremem de enervamento. Silêncio largo, vê-se que procura qualquer frase de fazer punição. Suporta Jorge fàcilmente aquele olhar, mas o silêncio continua...

— Vou mudar de trajo. Conversaremos logo.

Porque não queira ou não tenha interêsse em levantar questiúnculas, deixa Jorge que Helena saia, levando Maria Isabel. Morre em seus lábios o sorriso; volta a absorver-se em leituras. O tempo doba minutos...

— Jorge!

Entrara Maria Isabel sem fazer ouvida sua entrada; chamara a mêdo, voz quási imperceptível. Não opusera sua vontade à vontade de Helena quando ela a levou, e de mal consigo ficara. Tendo paradòxalmente folgado alívio repleto de ternura quando vira insuspeita para Jorge a ausência daquela tarde, fôra acusando-se de cobarde ingratidão tê-lo deixado sem qualquer frase carinhosa de fazer prova a sua amorabilidade. Embora ela já lhe conhecesse a vontade, imposta a sorrir em frases desapiedadas, como divertindo-se em malabarizar a vontade alheia, notara azedume em alguns dos seus comentários, e como ainda ferira seu pudôr a vergonha de saber conhecidos doutrem seus amores, e em

hábitos de elegância, no convívio adquiridos, pesasse a algidez daquele quartozito sujo de aparência onde iam realizar-se seus encontros, menos compreendia sua atitude cobarde. Sentindo-se cada vez mais próxima dêle, porque só êle a defendia; se, por mais de uma vez, transformara em ousadias seus terrores, só porque nele confiava; se, dia-a-dia, se alevantava nela uma maior ânsia de dedicação e ternura, ¿como não ficara junto dêle, a provar-lhe com a sua presença seu desinterêsse por Helena?! Se Jorge tivesse querido saber a verdade daquela ausência, se a tivesse castigado, era certa a sua revolta: sentiria a repulsa por suas acções partilhada por outrem, quando ela, só ela, por vontade própria queria erguer-se. Mas assim... Jorge poupara-a como a poupava sempre. Podendo ter para ela qualquer sarcasmo de a despenhar na insignificância, amparava-lhe caprichos, amparava cuidadosamente suas rebeldias...

— Jorge!

Fala-lhe próximo, quási ao ouvido, voz cariciosa de quem receia despertar alguém, mas superior não pode ser à necessidade de confidenciar suas sensações e alegrias. Tudo a incita: sentimentos e ambiente. A tarde, alargando sombras, põe no aposento a luz íntima dos crepúsculos; o espírito das trevas, derramando melancolia, anima e desenvolve, incita e impulsiona conquistas, adormecida a vontade que põe a mentira nos lábios de quem procura mascarar acções. Fita-a Jorge, mas com olhar leal, e ela fica-se tímida...

— ¿Vem dizer-me?...

— Não sei... Esquèci-me...

— Então era grave, o caso.

— Senti que precisava falar-lhe...; queria falar-lhe...

— ¿Penitência? arrependimento? Qual foi o mal que me fez?

— Nenhum! Eu não lhe fiz mal! Eu não...

Sobressaltada, a voz entaramela-se...

— Sossegue! Não me faz mal quem quere. Falemos. A Helena pediu-lhe para me dizer...

— A Helena não sabe que estou aqui. Deixei-a no quarto. Venho falar-lhe de mim; só de mim. Queria dizer-lhe...

— ¿Queria dizer-me?...

— Queria justificar...

— Prossiga! Queria justificar...

— Esta tarde...

Cala-se, vacila, não sabe o que dizer. Vive-lhe, porém, no cérebro, e tão fortemente, a necessidade de avaliar das preferências sentimentais de Jorge, que propõe sem exame a perigos, fuga única:

— ¿O Jorge quere muito á Helena?

— E' minha mulher.

— Mas eu gostava que me dissesse..., que me jurasse..., se lhe queria muito.

— Sossegue! não tenho amantes.

— Não importa! ¿Mas tem amor à Helena, um grande amor?!

— Interrogatório apertado, deixe-me considerar um momento se me convém mentir.

— Não graceje nem minta. Faria muito mal, Jorge. Juro-lhe! Juro-lhe!

A voz é turbada por mui grande e forte comoção de espírito. Tem a súplica da prece e a tremura da ansiedade... O mêdo de perdê-lo

ensombra seus olhos. A figura humaniza-se com a verdade de seu sentir, gestos todos de solicitar.

— Preciso defender-me. Raciocino, e vejo que me interroga para servir Helena. ¿Não seria mais corrente que fôsse ela a falar-me?

— A Helena não sabe que estou aqui, acredite-me!

— O egoísmo das mulheres é traço psicológico confirmado pelas observações. Sabendo-as incapazes de se defenderem umas às outras, o caso da Maria Isabel é bem diferente. A Maria Isabel é quási irmã da Helena.

— Mas tão longe dela... Separámo-nos! cada dia nos separamos mais.

Cruel e esquisito tormento perpassa nos olhos de Jorge e põe em seus lábios o sêlo da vontade de quem, a muito custo, cala palavras de esclarecer situações, só porque não vê bastante oportuno o instante, ou receia do ânimo de quem ouve. Arbitro de seus sentimentos, dir-se-há guardar segrêdo que perigos façam evadir, mas goza ou vê de bom aviso provocá-los, simulando despreocupação. Nascido e criado em lutas de marcar individualidade, que não em acções precipitadas, parece preguntar-se primeiro a si próprio qual seria de melhores efeitos: se falar, destruindo, se calar, construindo, e não vacila: cala o que parece saber, e escuta. Acendem-se, por sua vez, os olhos de Maria Isabel, os lábios trejeitam o esgar de dôr dos conflitos dolorosos. Apròximara-se mais de Jorge, concentrara mais a voz:

— Muita vez sofro! tenho horas de desespêro.

— ¿Em que percentagem entra o exagêro em seu falar?

— Recorde a minha estada em Coimbra; recorde a alegria de quando me foi salvar!

— Sim! sua mãe não lhe tinha grande amor.

— E também Helena! Se soubesse; se soubesse...

— Conte! Sou curioso.

— A's vezes chego a odiá-la!

— Razões?

— Tantas. Faz-me infeliz. Não deixa que eu viva... Queria ser livre; viver de mim. Aqui, só o Jorge me compreende.

— Talvez porque a Maria Isabel não tem exigências...

— Eu vejo como trata a Helena.

— Oiça-lhe as queixas.

— E' ela a culpada!

— Não vive as dôres dela...

— Sinto que me rouba em felicidade e...

— Prossiga!

— ... e revolto-me. Sigo os seus exemplos. Escolho amizades, traço a minha vida...

— Magnífico.

— ... contando com o Jorge. E um dia...

— ... um dia...

Vacila. Indo direita a verdades, recua. Convulsamente, olhos fitos nos olhos de Jorge, a comunicar-lhe, sem dizer, seus sentimentos dêsse instante, o rosto ilumina-se com a chama interior dos desvairamentos. A casa toda em silêncio, é como se vivessem apenas os dois.

— Admiro-o; quero-lhe muito, Jorge.

— Abençoada a minha modéstia.

— Juro-lhe que digo a verdade! Admiro-o; quero-lhe...

Necessidade absoluta de se ver acreditada, as suas palavras são ardorosas. Quanto mais Jorge pretende iludir a solenidade dêsse instante, mais Maria Isabel reincide em mostrar seus sentimentos.

— ¿O senhor chamou?

E' o José. Vinha dos aposentos de Jorge. Aberto o reposteiro, recorta-se em fundo de quadro iluminado sua figura dobrada a anos e trabalho, impotente, inútil. Faculdades alteradas, embate de sentimentos, tudo a torvelinhar-se em seu cérebro, apetece a Maria Isabel, blasfemar. Abafa um grito de rancor, quási ódio, mas não pode reter um gesto de despeito.

— Chamei! quero luz. Quási não vemos! — e enquanto o José cumpria a ordem, êle logo sorri para Maria Isabel:

— Recomecemos. ¿Ia dizendo à minha vaidade?...

— Jorge! Jorge! que mal me faz!

— Defendo-a. Há-de agradecer-me. Há horas que nos comprometem.

IX

Satisfeitas suas preferências amorosas, nervos aquietados, loquaz se fazia Helena, chispando alegria e dando-se, no intuito de agradar a Maria Isabel, e quando reünidas a Jorge, àquela mascarada provocação que é a escolha de frases de significado só apercebido por quem esteja na intimidade de segredos, re-

moendo apreciações sôbre aproveitamento magnífico de suas horas, prazeres escolhidos muito à sua maneira. A ouvi-la se enerva Maria Isabel, sentindo plebeu aquele alarde de vícios e seu maior castigo. Malograda em conseqüências sua confissão a Jorge, subira nela tal indignação de virgem a quem frustram sua entrega, que mais se deu a Helena. Mas entregando-se mais, mais vil se reconhecia, mais sobe sua obsessão por Jorge. Muita vez se castigava observando não haver circunstâncias admissíveis que justificassem sua reincidência na queda, quando nela existiam elementos de resistência, mas vinha a revolta, a necessidade manifesta de resgatar seu sofrimento com a ilusão de causar ao *culpado* de sua tortura dôres em tudo iguais às suas, e quanto menos sem razão se via mais reincidia em sua entrega, cada vez com maior repugnância mas forçando-se mais, parcialidade de raciocínios a classificarem de humilhante aceitar de Jorge qualquer generoso e desinteressado auxílio. E entristecia; chegava a acreditar-se vítima preferida de fôrças ocultas, mais fortes do que sua vontade, mais altas do que suas aspirações. Noites e noites a considerar em sua vida, a vê-la sem remissão, pungente se tornava o problema de sua existência por impossível de alcançar, para ela, finalidade de a tornar feliz.

A pretexto de trabalhos urgentes e preocupações de não lhe consentirem tempo livre, Jorge ia minguando as horas de permanência no lar, dando-se sempre a leituras quando regressava da fábrica, e à mesa muita vez absorvido em silêncios de pensador. Afasta-

mento que Maria Isabel pressentia raciocinado, sistemático, em muito lhe doía considerá-lo desamor ou indiferença, desinterêsse pela vida de ambas de fazer ignorância absoluta sôbre as grandes culpas de Helena. Foi um período de inconseqüências, de querer sem norte, de desejos, de preferências destrambelhadas. Exigiu de Helena procurarem outro local para seus encontros, tudo naquele quarto a causar-lhe repugnância, e muito principalmente a sordidez da aparência da dona da casa, gordalhuda mulher de carnes batidas a suór e pêso de homem, e procuraram longe dali, aposento mobilado e adornado a capricho. Clamou do dinheirão gasto e do luxo que ofendia. Tinha instantes de irritação e instantes de abatimento, sempre sem causa aparente; pavores de morte e desalentos de viver; enervava-se à mínima alusão a Jorge e punha pressas no regresso a casa, sobressalto por que êle notasse ausências prolongadas; sorria do falar de Helena quando murmurações sôbre gente conhecida faziam anecdota de entreter, e, minutos depois, fatigava-a aquele falar, lágrimas assomando a seus olhos, melancolia carregando-lhe as feições. Muita vez repeliu Helena e outras tantas vezes lhe pediu perdão, súplice, a clamar que lhe quisesse muito, porque o amor dela era seu único amparo.

— E beija-me! Beija-me!

Preferindo tudo a vê-la achegada a Jorge, ciúmes de todas as horas, aturdiam Helena aqueles caprichos, solícita, embora algumas vezes a dissesse piegas e enigmática de fatigar. Mas como numa tarde Maria Isabel se

désse a preparos de vestir, mostrando tenção de carregar-se a trajos negros, Helena traíu disposições de começar resistindo a essa e a tantas outras manias.

— Pois não irei contigo!

— Não te acredito. Virás comigo.

— ¿O que podes contra mim?

— Tudo.

Ri convulsamente, Maria Isabel; ri, ri muito. Olha-a fixamente Helena, entre desejos de a punir e espanto por aquela atitude.

— Mas o que tens! dize-me o que tens!

Não lhe responde logo Maria Isabel. Diminue o riso, as gargalhadas são mais espaçadas, sons a tenderem agora para o chôro.

— Não mintas, Maria Isabel! não mintas! Tu amas o Jorge!

— ¿E se fôsse assim?

Para responder, erguera Maria Isabel o rosto em desafio, e nos olhos de Helena pusera seus olhos alucinados. E assim fica, pálpebras erguidas. Toma-lhe Helena os braços, e um instante vê-se que pretende cerzir raciocínios. Não sabendo por onde começar, não encontra palavras, e a própria dificuldade de expressões mais a encoleriza. Ascuas vivas da ira chamejam em seus olhos; ódio tem-na fremente, convulsa:

— Apetece-me bater-te!

— Se fôres capaz!

— ¿Queres dar-te a êle?

— Posso dispôr do meu futuro!

— Amas o Jorge, e êle sabe-o, hein! Êle sabe-o.

— Não.

— Mas pretendes conquistá-lo. Agora vejo

tudo. Os teus maus modos; o teu interêsse. ¿Mas por que o amas tu, por quê?

Odio que de intensidade diminuíra, fizera-se a obstinação e o desalento de quem não encontra caminho certo e tateia e volta ao princípio, para recomeçar insistindo, insistindo até ao momento do desespêro de quando tudo claro, tudo chega ao entendimento.

— Porque o admiro! porque é melhor do que tu!

— Então vai para êle. ¿Por que não vais para êle?

— Quem sabe...

— Vai e dize-lhe da nossa vida. E's astuciosa, tudo irá bem.

A voz subia de tom, o dizer era rápido, incisivo, de ferir; os dedos estorcegam os braços de Maria Isabel. Sacode-a violentamente, teimosa, pertinaz: — Conta, porém, comigo. Desde esta hora, não mais viverás connosco.

— Terei sempre a protecção do Jorge.

— Expulsar-te-ei!

— E êle proteger-me-há!

— ¿Contra minha vontade? Não me conheces. Ele quere-me muito, que imaginas!

A debruçar-se sôbre Maria Isabel, fala-lhe Helena muito próximo, bôcas quási a tocarem-se. Fez-se entre elas tão forte antagonismo que recordando proceder, acções próprias e alheias, exasperam-se em encontrar expressão de aniquilar. Nunca tão inimigas se tinham sentido, aspirações em luta a incitá-las.

— Tanto, que faz sempre a minha vontade.

— Para que não sintas a tua situação;

para que não sintas que estás nesta casa por esmola, por favor!

— Tenta expulsar-me.

— ¿E por que não? Queira eu dizer...

Assoma Jorge à porta do quarto, e Helena corre para êle. Transmutam-se os sentimentos de Maria Isabel. Repentinamente apossa-se dela o mêdo, um mêdo que paraliza, angustiando seus olhos. Sabe Helena capaz de vingar-se, ciümenta até à brutalidade, e admite que ela possa confessar a Jorge a verdade de suas intimidades. Uma sensação de morte toma-a, toma-a toda...

— Jorge! Jorge! não quero que a Maria Isabel viva connosco. Faltou-me ao respeito. Quero que ela saia de casa.

— ¿E mais?

— Quere roubar-te! quere roubar-te a mim. Odeio-a! Não poderei jàmais suportá-la. Quero viver só! só contigo!

Seus dentes rangiam; pretendia achegar-se a Jorge, corpo em convulsões. E remoía, ante o silêncio dêle:

— Ofendeu-me! Manda-a embora! não quero saber dela!..., — e após um silêncio que empregou a fitá-lo, sem que visse qualquer resolução nos olhos dêle, ou qualquer gesto em seu auxílio: — Então! Ouviste? Não a quero ver mais.

— A Maria Isabel ficará connosco.

— Tu não compreendeste. Odeio-a! odeio-a! Só te amo a ti, ouviste? Não quero saber dela! Quero viver só contigo! Manda-a embora! manda-a embora, Jorge!

— A Maria Isabel ficará sempre connosco!

— ¿Quererás que eu te odeie também?

— Se não vires outra solução...
— Então, serei eu quem sai.
— Farás sempre a tua vontade.
— Sou tua espôsa!
— Sim, um pouco! mas não quero ter direitos sôbre ti.
— ¿E ela? sabes quem ela é?... E'...
— Mentes! Não a acredite. Ela mente, Jorge! ela mente!
Tendo admitido que o desvairamento de Helena a levasse até qualquer confissão de imediatamente a comprometer, Maria Isabel vibrava revolta:
— ¿A Maria Isabel, é?...
Jorge continuava sereno, sorrindo aquele seu sorriso de mofa de quem conhece o ridículo de sua situação e quere destruí-lo colocando-se para àlém de si próprio. A pergunta é lançada a sorrir também.
—... a Maria Isabel quere ser tua amante. Ama-te! Quero que saia da nossa casa; quero que a expulses.
Ocorrera-lhe que indigente de todo e qualquer amparo, Maria Isabel para ela havia de voltar, dela teria de aceitar protecção e auxílios, uma vez longe das vistas de Jorge. Teimosamente afinca-se nesta resolução, e mais queixas remói, mais preocupações e cuidados de que seja roubada em afecto...
— Ama-te! Expulsa-a.
— ¿E' tudo?
— ¿Tão pouco te parece?
— Acostumado aos teus exageros...
— Todos contra mim!
— Invejável situação.
— Hão-de pagar-me! hão-de pagar-me!

Correndo sai do quarto; pelo corredor vai repetindo a ameaça. À sós, põe Maria Isabel os olhos nos olhos de Jorge, um tanto liberta de angústia. Como Helena não tivesse confiado qualquer segrêdo de irremediàvelmente as comprometer, já mesmo sorri, tentada, atraída para êle, artérias a latejarem forte.

— Obrigada, Jorge!

— ¿Combinado que estas scenas não voltarão a repetir-se?

— E se soubesse... Ela quere-me mal. Não fui culpada, Jorge! não fui culpada. Havia de dar-se. A Helena humilha-me.

— Separem-se.

— ¿E o Jorge? deixaria de o ver!

— Necessàriamente!, — e após uma pausa de dar sinceridade forte às palavras: — Escute! falemos claro. Há dias a Maria Isabel pretendeu dizer-me da sua simpatia; não lho consenti. Porquê? por um jôgo de sentimentos que apenas a mim interessa... E nesse firme propósito ainda hoje estou.

— Então quando me defende... ¿para que o faz? porquê?

— Porque a Maria Isabel precisa da minha defesa. Interessa-me, mas interessa-me muito que saiba o que quere da vida.

— Eu amo-o tanto que saberei conquistá-lo.

— E eu não saberei interpretar as suas acções.

— Tenho pensado muita vez em ser... mais que sua amiga... Para sempre; para todo o sempre...

— Há mulheres que não devemos possuir.

— ¿E são?

— Aquelas a quem a inveja pelas outras

levam a considerar o casamento, felicidade máxima

— Não me queixaria nunca.

— Não o diria com o mesmo sincero fervor se estivesse nessa situação. A não ser...

— Diga! conclua!

— Esta é a verdade, Maria Isabel: seguimos sempre sós com as nossas ambições. E' a luta que nos incita. Não se chegando nunca à felicidade absoluta, temos de rodear os nossos prazeres de milhares de precauções. Se fôsse minha amante, quando o tédio chegasse, e havia de chegar!, choraria a inutilidade de se ter dado a mim, e eu não saberia dar-lhe consôlo porque não poderia renovar as minhas condições de vida. Mais: não sofreria a sua dôr.

— E' cruel o que diz, Jorge. Sinto bem que nunca me quererá.

— Engana-se! sinto-lhe o encanto. Por isso mesmo é loucura quebrá-lo. A renúncia inteligente, é superioridade.

— Sinto que não me acredita.

— Engana-se ainda; é preciso, porém, que um de nós raciocine. E porque tomo sempre as tarefas mais pesadas, quero salvá-la de remorsos cruéis. Não é o remorso de enganar Helena, é o remorso futuro de quando vir a sua vida sem qualquer solução. Hoje admira-me porque me vê superior; àmanhã, vida em comum, o hábito havia de banalizar-me. Perscrutaria o seu vácuo íntimo, debruçar-se-ia sôbre si própria para se preguntar quem havia mudado...

— Então...

Nos olhos de Maria Isabel há a angústia

da espectativa. Perto um do outro, quási os confunde a sombra, como se quisesse fundi-los num abraço demorado, longo. Jorge dá a suas palavras um tom profético:

— Viva sempre connosco... O meu lar defende-a.

— Então faça-me muito mal; faça que eu o òdeie. Quero! preciso odiá-lo!, — e desalento e revolta, gritos e chôro, abatia-se no *maple*, convulsa e rebelde...

X

Não descansava a imaginação de Helena. Derrotada, suas qualidades varonis em rebeldia requeriam desforços de toda a natureza que vingassem seus rancores, mas todos os seus planos sofriam mutilações fundas mal estudava maneira de realizá-los. Pensou reabrir salas para festas e recepções, e não só a preferência sexual pela amante lhe faziam indiferentes todas as outras mulheres, como reconhecia êsse proceder mais de molde e maneira a deixar a Maria Isabel aquela liberdade que tanto vira agradar-lhe; deteve-se a examinar probabilidades duma viagem, chegando a manifestar a Jorge essa tenção, mas logo Maria Isabel ripostou com seus agravos, perentòriamente afirmando não sair de Lisboa para que a distracção não redundasse em martírio, uma vez sabido que ia encontrar-se a sós com ela; tentou captar a amante, dirigindo-lhe palavras amoráveis quando a sós fi-

cavam, e sempre encontrou Maria Isabel arisca de convívio, pouco propensa a consentir apròximações. Ameaçou, viu Maria Isabel indiferente; estudou defesa para sua existência se confessasse a Jorge toda a verdade de seus sentimentos, e reconheceu-se impotente para assegurá-la, qualquer processo de divórcio questão ruïdosa de a levar ao ridículo pelo entendimento «estúpido» dos homens em casos de amor anormal; novamente estudou seu definitivo regresso a Coimbra, e não só viu impossível viver junto da fidalga sua mãe, como impossível certamente lhe seria dirigir e governar seus bens. Regressar ao teatro era talvez a solução, mas feita de tantos riscos e perigos...

Assim tolhida tentou, por fim, fazer paz. Hora de nervos mais doentes, quási para Maria Isabel teve voz de súplica, mostrando desejos de que as duas novamente se encontrassem lá fora: — No nosso quarto reviveríamos...

— Não voltarei lá.

— Mas pede o que quiseres.

— Deixa-me viver a vida que quero.

Teimosamente rogou, esperando demover Maria Isabel, mas quando se viu repelida, seus esforços impotentes, voltou à ameaça.

— E' a última vez que te peço que voltes para mim. Juro-to.

— Tanto melhor.

Abafou ânsias de castigos, refinou de mau-humor. Dias de espectativa desenvolveram-lhe irritações; a muito custo suportava a vida do lar, manietada, presa à sua impotência.

Numa manhã variaram, porém e totalmen-

te, suas torturantes condições de vida. De Coimbra vieram cartas a dizer que a senhora Baronesa adoecera gravemente, médicos dos mais abalisados da cidade na sciência de bem-curar, impotentes para lutarem contra o mal que a definhara lentamente e agora ameaçava matá-la.

— Temos de partir, hoje mesmo.

Também da senhora governante, Maria Isabel recebera carta atestando doença grave da senhora Baronesa, carta escrita sem preocupações de aliviar a dôr com esperanças em favores ou milagre de Deus. Dizia-a irremediàvelmente perdida, talvez a algumas horas apenas do desenlace fatal. Recomendava, recomendava muito que não deixasse de ir com Helena, auxílio prestimoso, não fôssem dispensar-lhe os serviços, agora, depois de velha, gasta, e sem grande amparo. Fitam-se. Maria Isabel surpreende por detrás do ar de pêzames de Helena, a alegria de quem pressente o triunfo mui próximo. A morte da senhora Baronesa, dava a Helena poderes de talhar a vida a seu belprazer, certo desafôgo material a consentir independência de acções.

— Não posso deixar minha mãe desamparada.

Maria Isabel continua sem encontrar palavras. Pensa, tateia; vê-se que cada qual não quere lançar frase de abrir conflito. Temem-se, medem fôrças; inferiores, nesse primeiro instante não sabem como manejar a vida bem de harmonia com seus interêsses e sentimentos, e ambas se refrangem, pretendendo calcar, diminuir dentro de cada uma, aspirações e ansiedades...

— Tanta estima, agora!...
— Seja como fôr, teremos de partir!
— ¿Para recomeçarmos a nossa vida?
— Tanta aversão sentes por mim...
— Sinto apenas mêdo!, — e pensamento de há muito feito, logo propõe: — ¿O Jorge vai connosco?
— E' provável; é quási certo.
Não é sem esfôrço que dá às palavras tom natural. Dominando-se desde o primeiro instante, abafando suas vozes de desfôrço que a espectativa duma vida independente pela morte da senhora Baronesa lhe desenvolviam e alimentavam em desfôrço único de resgatar todas as humilhações suportadas, Helena quási consegue sorrir. A seu temperamento, melhor ia gritar de sua futura liberdade de acção e de suas tenções de caro fazer pagar pezares e dôres que lhe tinham sido impostos; mas como Maria Isabel, conhecendo-lhe planos, certamente se acolheria a Jorge, preferível, inteligente era disfarçar, mostrar-se nessa hora esquècida de agravos, guardando para mais tarde impôr sua vontade e existência talhar a seu modo. Mentir, esconder bem suas intenções...
— Partimos esta tarde.
— De-certo. Quero dar a minha mãe a ternura que sinto por ela.
— Tu mentes, Helena! pressinto que mentes.
— ¿Que culpa tenho eu dos teus sentimentos?
Separam-se; Helena não pode mais. Ter quási assegurada a sua vitória e mascarar sentimentos, ladeando a afirmação de Maria Isa-

bel, era amesquinhar seu grande orgulho. A pretexto de cuidados vários, refugia-se em seus aposentos, e pouco depois distribue ordens sôbre ordens para dispôr tudo para a partida, nervosismos em arremessos de desabafo contra quem a servia:

— Vai tu ao telégrafo; vem tu ajudar-me. E tu, Marieta, previne o senhor.

— ¿Que hei-de dizer?

— Espera! não vás!

Tendo pensado em pedir a Jorge que cêdo viesse, vê inferior aquela preocupação de lhe tornar conhecidos acontecimentos que apenas a ela fortemente interessam. Precisa, porém, agitar-se, sentir que começava vivendo vida só por ela construída, e tentada é novamente a dizer a Maria Isabel toda a verdade de seus planos de liberdade e independência futuras. Mas logo vacila, à mente acorrendo a dúvida de que Maria Isabel queira segui-la:

— Hão-de pagar-me! hão-de pagar-me!

Toda impaciências, ela mesmo arruma em malas de viagem, como para ausência larga, *bibelots* e objectos de *toilette*, preciosos de utilidade e estima. Mas o tempo sobeja...

— ¿Pelo que esperas? Dir-se-há que resolveste ficar.

Viera aos aposentos de Maria Isabel e porque a visse ensimesmada, a voz é de cólera.

— Temos ainda muitas horas.

— Toma cuidado! não me incomoda o escândalo!

— Obedeço-te! manda!

Como a voz fôsse de abdicação, fita-a Helena, surpreendida primeiro, depois descon-

fiada, suspeitosa daquela pronta aquiescência. Devassar-lhe pretende recessos de alma e intuitos ocultos, mas tudo lhe escapa:

— Olha que partiremos sós. O Jorge certamente não poderá acompanhar-nos.

— Partiremos sós.

— Disposta a fazeres a minha vontade!

— E's a mais forte...

— Preferia-te combativa.

— Já não sei como hei-de agradar-te.

Apesar de Maria Isabel ter levantado a voz, a surprêsa que causa em Helena a obediência a seus desejos, manifestada pela amante, anestesia seus nervosismos, começando a adormecer desconfianças. Não despega seus olhos dos olhos de Maria Isabel, mas sua vaidade vai reconhecendo que motivos não há para reservas, uma vez feita a sua superioridade.

— Se tivesses sido sempre assim, nunca entre nós teriam surgido discussões. Não quiseste...

— Arrependo-me.

Frase lançada no tom frio de cortar diálogo, logo se ergue Maria Isabel como a procurar no movimento cumplicidade para suas intenções, muito também para fugir ao exame atento de Helena, olhos-obsessão.

— Senta-te junto de mim. Vem cá! Esquèci tudo.

Estendendo Helena mãos de afagar, dedos impacientes, mais Maria Isabel se afasta, mêdo e repugnância. Mêdo de se atraiçoar gritando-lhe farçada aquela reconciliação, repugnância por ela, por si própria, tantos desejos vê despertar.

— Horas de tormenta, passaram. Agora é

toda uma vida nova lado a lado, sem mais ninguém...

— Então o Jorge...

— Farta, fartíssima. E' um nojo. Se soubesses...

Apròximara-se Maria Isabel. Incerta sua vida, é mais pronta e sua melhor defesa conhecer bem intuitos de Helena. Vem fartamente curiosa e sobressaltada. Esquece que vira beijos nos lábios da amante, carícias em seus dedos impacientes...

— Tencionas...

Acima de sua curiosidade, nada existe. Vogam seus sentimentos; em seu sêr faz-se ansiosa espectativa, sensação de entorpecimento total: — Tencionas?...

— Afastá-lo, que imaginas! Não o suportarei mais. Morta minha mãe, teremos com que viver.

— E os meus...

— Tua mãe ficará connosco. Continuará...

— ... continuará a servir-nos.

— Nunca pensarei em afastá-la de minha casa.

— Entendido.

Maria Isabel sorri, amargor de lábios. Nunca ela sentira em Helena tanta hediondez, porque nunca tão claramente a vira colocar sua vida sexual acima de tudo e todos. Viverem as duas lado a lado de sua mãe, não era a afronta a preconceitos o que vinha chocá-la tanto mais violentamente quanto ela fôra para Helena vazia de impressões: era o aspecto duma existência de pecado, feita estendal, afrontando sem dignidade. Compreendendo, compreendendo cada vez melhor que a moral

não é feita pela sociedade mas pela porção de sonho e beleza de que se reveste uma vida, todas as intenções de Helena a feriam, lhe pesavam, levando-a a pensar, a pensar cada vez mais em qualquer desfôrço de resgatar aqueles anos do passado. Mas êsse mesmo passado a tolhia...

— Verás! verás! devo herdar...

Conversado o caso com Jorge, e uma vez assente que telegrafariam para Lisboa, de seguida, se fôsse breve a agonia da senhora Baronesa, nessa tarde as duas mulheres partiram, já carregadas a trajos escuros, sem adornos, vestes de monjas em convento de prédicas e práticas sombrias. No solar foi notada a ausência de Jorge, mas logo Maria Isabel se apressou a justificá-lo desfiando que Helena não dissera ao espôso, da gravidade, com perigos de vida, dos males da senhora Baronesa.

— E ela morre, mais hora, menos hora, diz o sr. doutor. Já não conhece ninguém.

Abafada, a voz da senhora governante faz crer em dôr funda. Viera esperá-las à entrada do solar, mais humilde, mais apagada de figura, colando-se a Helena, a dizer-lhe de seu pezar e a remoer, a remoer pormenores: — Chamou pela menina! parecia ter tanto desejo de lhe falar... Que desgraça; que desgraça!

— Já sei! já me disseste.

— Ainda ontem...

Ferindo mal Helena a morte da senhora

Baronesa, o cuidado de simular sofrimento leva-a ao quarto da enfêrma, antes mesmo de quaisquer arranjos. Em procissão atravessam corredores e salas. Sempre a rilhar palavras e lamentos, a senhora governante não deixa de segui-la:

— Desde ontem quási não fala... E a falta que me faz. O que há-de ser de mim!...

Silêncio em toda a casa, todos os aposentos de janelas cerradas, mais do que na outra visita, elas vêem e sentem a morte pesar em tudo. Luz a traços brumosos, os móveis, as coisas, só muito próximo saem do escuro desenhando-se a negro em fundo negro também.

— Noites e noites passei a seu lado. Nem queria tratar-se, sempre apegada a Deus.

— Hei-de recompensar-te.

— Não peço nada! Apenas queria que me deixasse morrer nesta casa que tanto tempo servi.

— Escuta!

Do quarto da senhora Baronesa vem um ciciar de oração. Deteem-se, e logo Helena interroga, erguendo a cabeça.

— São visitas; velhas amigas de sua mãe. Veem aí todas as tardes. Diz o médico que não vale a pena proïbir...

— Vai adiante.

A' entrada delas, remexem-se vultos. A luz minguada, são sombras que se despegam das sombras e avançam e oscilam e curvam-se. Passa Helena sem deter-se e vai debruçar-se no leito, mostrando carinho, solicitude que não sente.

— Mãe! mãe!

Já possuída da impassibilidade de origem

mórbida que dá a inércia absoluta do ânimo que antecede a morte, a enfêrma nem bole. Insistem; a mesma impassibilidade; uns minutos ainda de espectativa, e afastam-se. Entretanto as velhas vão passando umas às outras:

— A filha e a amante.

Estão de pé, umas aguardando as apresentações, outras esperando que Helena as reconheça. Pessoas de representação da cidade, figuras de aparato vestindo luto rigoroso, guardam todas compostura mui nobre e digna. Estudam palavras; decoram gestos. São velhas gastas pela idade e tédios, todas de rostos encarquilhados, rugas em sulcos fundos, cicatrizes, feridas que as dôres abrissem e a cobardia de viver logo cerrasse em costura. Para não perturbarem a dôr de Helena, ou talvez para surpreenderem expansões, juntam-se em grupinhos, debruçam-se umas para as outras como a amparar-se. Uma nesga de luz enviuzada da janela, fá-las, porém, horríveis de ver. Amarelece-lhes o rosto, escàveira-as, carregando-lhes ainda mais os anos; pelo jôgo de sombras, põe avareza e maldade naqueles lábios ressequidos, cava-lhes os olhos, descarna-lhes o colo...

— Veem sós! ¿Então o marido da Helena?

— ¿Porque será? porque será?

Palavras ciciadas, o som tem qualquer coisa do trabalho persistente dos roedores que as casas em silêncio deixam ouvir:

— Veremos se nos reconhece...

— Há-de ter vergonha... Que ela sabe que a conhecemos bem.

Despegavam-se do leito, Helena e Maria

Isabel, e as velhas para elas estendiam os rostos. Necessárias, porém, se tornavam as apresentações. Helena mal as reconheceu, mas foi logo solicitada:

— Recorda-se? Era a Helena pequenina...

— E agora já casada. Teem-nos dito tudo. Sempre lhe tivemos muita amizade.

Quási formaram círculo, excluindo Maria Isabel. Plebeia, não lhes merecia trato afável, nem seria digno tratá-la como igual. E veem preguntas, sempre mais preguntas, alheadas do lugar, curiosas...

— ¿E tu não mais recordaste os meus conselhos?

A senhora governante interroga Maria Isabel em voz sacudida, voz afeita a mandar servos. Surpreende, depois, olhares, e como receie que as outras a escutem, leva-a:

— ¿Já pensaste na minha situação? O que vou eu fazer agora?

— Fica com a Helena.

— ¿E tu?

Esquècida de suas culpas na educação de Maria Isabel, olhar e voz são de ajustar contas antigas. Em seu cérebro de aldeã ambiciosa e vistas curtas, a filha era em muito culpada de seu desamparo e situação precária. — E tu?

— Eu? Sei lá! sei lá!

— Não vais abandonar-nos com certeza. Se tu deixasses a Helena, ela expulsava-me.

— Eram diferentes os seus conselhos.

— Se os tivesses tomado a tempo. Agora, não. Era a miséria. Bem sabes que não temos nada. Sofre! que mais sofro eu!

Nervosa como estava, dorida em seu moral, difìcilmente Maria Isabel suporta aquele

falar feito de cálculo, de obediência e de derrota. De seu tumulto íntimo, irrompe um desejo grande de destruir laços da mentirosa ascendência e respeito que a fazem submissa. A mãe a dizer de sacrifícios e transigências, de dôres suportadas a sorrir; a prègar da sujeição dos pobres, recorda-lhe todo o passado, são vozes que evocam aquelas outras de quando criança ainda e já de vida posta aos caprichos de Helena, muita vez se queixara e recebera ordens de obedecer-lhe em tudo; de quanto mêdo tivera de seus beijos da adolescência, e ainda mais mêdo tivera de confessá-lo. — São êles que nos sustentam, tem cuidado... Não faças zangar a Helenita. — E agora ainda eram as mesmas palavras; situação idêntica em resultados, voltavam a recomendar-lhe obediência:

— ¿Por que não me mandou ensinar? Hoje, saberia defendê-la.

— ¿Querem ver que até ingrata me saíste?

— Maria Isabel! Maria Isabel!

— Olha! a Helena!

Desfranzem-se os lábios da senhora governante, já mesmo sorriem; transmuta-se para obsequiosa a expressão dura de seu olhar. Sai do aposento e vai ao encontro de Helena:

— Conversava com a Maria Isabel, — e caminhando à ilharga de Helena: — Que desgraça, menina! que desgraça!

— Havemos de remediar tudo.

— Bem sei! eu bem sei! A Helenita sempre teve bom coração e não há-de desamparar-me.

— Pelo contrário! Bela vida ainda havemos de fazer. A Maria Isabel traz-me presa...

— Ela também é muito sua amiga. Ainda agora ela me dizia que lhe deve muito, muito!...

Do conselho de médicos, reünido em urgência, saíra a opinião unânime de que poucas horas de vida restavam à enfêrma. Helena tomara já decisões, talhara o futuro em bases definitivas, e avaliando bens que lhe ficavam, mui satisfeita e orgulhosa se declarara em condições de imediatamente romper com Jorge, meses e meses de tortura, não sòmente a constituírem de sobejo afrontas para sua dignidade, como suportá-lo ou acomodar-se mais uma hora a seu lado, seria esbulho e fraude a suas fôrças e ânimo. Por isso lhe telegrafou a dizer da necessidade urgente de se avistarem, entrevista última, e para melhor o resolver à viagem, passando notícia da agonia da senhora Baronesa.

Hora suprema, tudo disposto, apenas Maria Isabel vacilava ainda. A temer, cada vez a temer mais daquele encontro porque sabia Helena capaz de desvendar suas intimidades, pretendeu convencê-la de que melhor seria escrever a Jorge, a dizer-lhe, cara-a-cara, que não voltaria a seu lar. Inútil. A amante, guardando avaramente o prazer do desfôrço que seria gritar ao espôso da mentirosa ternura que lhe dera, sacrifício suportá-lo, afirmava só resgatar, assim, humilhações sofridas em maus tratos e obediências...

— Levei dias e dias a antegozar a delícia desta hora.

— Reconsidera! nada ganharás.

— Faço a minha vontade.

Impossível demovê-la, aguardava. Não sabendo o que podia esperar de Jorge, vivia minutos de inquietação e horas de desalento. Se Helena dissesse tudo a Jorge, certamente êle enojado se afastaria delas, as repudiaria a ambas, atribuindo-lhes as mesmas culpas. Se o reconhecia de natural generoso, também o sabia sempre disposto a castigar sem tibiezas ou desfalecimentos. Entristecendo, a casa a pesar-lhe mais, tudo ameaça desabar sôbre elas, soterrando aspirações. A senhora governante não cessa de repetir-lhe que obedeça:

— Não quiseste aproveitar os meus conselhos, obedece agora. Estou velha e sem amparo. Tens obrigação de olhar por mim.

— Já sei! já sei!

A oprimirem-na, a sufocarem-na, rancores sôbre rancores pesam em seu sêr, camada sôbre camada. Vai sendo amiga do silêncio porque apenas o isolamento a faz sonhar e lhe consente revoltas. Mesmo ouvi-las a aflige. Passa horas esquècidas ao lado da enfêrma, só porque ali, naquele quarto onde todos se demoram apenas o tempo minguado que tomam em obrigação, ela esquece tudo para acumular ambições. Encharca-se em sonho, abstrai-se do lugar: vê-se ao lado de Jorge, feliz e contente, por êle defendida e amparada, desafiando todos, a todos provocando inveja sua felicidade completa...

Só acordava quando a calcular possibilidades, dava balanço rigoroso a suas fôrças. Como sonhara muito, a realidade é feroz, estorcegam-na revoltas de impotente, a ânsia de

romper com o passado a dar-lhe sonhos e mais sonhos e a sentir-se esmagada, desconjuntada pelo pêso de sêres e coisas, cada vez mais presa a si própria e aos anos já vividos. Só fica de pé a necessidade de se afastar para onde não os sinta. Estuda mesmo a fuga. Solução das mais fáceis, era a mais arriscada. Acirraria Helena, levá-la-ia a persegui-la e a dizer tudo, exasperada em seus rancores. Mesmo insistindo em não se avistarem com Jorge, estratagema apenas de ganhar tempo, era de temer que Helena alcançasse o motivo daquela insistência, desconfiada como era e de natural ciümenta. Embora parecesse esquècida de todas as manifestações carinhosas que surpreendera dela para Jorge, qualquer pormenor certamente a chocaria.

— Se ela morresse...

Era o pensamento que já tivera, mas da mesma forma clarão. E' o ambiente a sugestioná-la, e sua impotência a escabujar...

Apenas o túmulo fecha bôcas; apenas a morte é a quéda definitiva dum inimigo. Ainda que possas fugir-lhe agora, a ameaça perdura. Vê bem! enquanto ela viva, senti-la-hás pesar em todos os teus prazeres, em todas as tuas dôres. A dôr será mais forte, a alegria amarga. Partilhará da tua vida; estará sempre contigo. Se ela morrer, deverás rir...

Pensamentos em luta aberta com seu carácter de bondade e ternura, artérias batem forte, fica-se a recear de si própria, olhar espavorido. O quarto é de incutir mêdo, janelas cerradas, tudo escuro, trágico, sombras a pretenderem engolir vorazmente restos da luz do entardecer. Ergue-se; cruza o aposento:

necessita agitar-se, sentir que vive, tão estranha a si própria se vê. Há um instante em que precisa dominar-se para não fugir... A enfêrma resfolega...

Súbito, um grito abafado, grito a que faltam fôrças e se faz rouco. Maria Isabel corre para o leito, alto como catafalco...

... a senhora Baronesa morrera.

XI

Jorge telegrafou a prevenir que chegaria nessa manhã. Helena recebe-o friamente, procedimento a-coberto da tragédia daquela hora. Maria Isabel nem ousando fitá-lo, tanto sentia que seus olhos haviam de ter carícias e ternura de a mostrar a toda a gente enamorada. Funeral marcado para fins da tarde, a essa hora perpassaram pelas salas do solar os vultos negros de quem trazia palavras já bolorentas de consôlo, ou pretendia aliviar dôres com a presença, gente mais curiosa que compungida, ávida de conhecer intimidades, cochichando e comentando da cumplicidade de Jorge naquele amancebamento canalha de Helena e Maria Isabel. Sociedade como em nenhuma outra cidade ciosa de seus títulos e nobreza, fechada a intrusos, era de ver como entre êles ceifavam reputações. Etiqueta pressurosa, apresentações se fizeram, mas estendiam a Jorge mãos geladas, descarnadas, os-

sos a ranger. E sem noção da hora, frase feita:

— Muito prazer!

— Esta noite, Maria Isabel, termina o nosso martírio. Livres àmanhã...

— ¿Por que não esperas? Temos tanto tempo...

— Não o suporto! não posso suportá-lo! Durante o dia de hoje, foi fácil fugir-lhe, mas esta noite...

Isoladas, todos lhes respeitam a dôr. Entretanto Helena compõe desabafos que sofreiem seu orgulho de sentir-se livre. Maria Isabel aconselha quaisquer prudências, a que ela contesta:

— Hás-de ser sempre assim cobarde. Deixa-me proceder!

— Menina! menina! que desgraça!

E' ainda e sempre a senhora governante. Tem lágrimas nos olhos, remói, continua a remoer seu lamento predilecto. Carregara-se a luto também, quási família pelos anos de serviço. Tem o parecer doente e vai dum lado a outro em passos de procissão, lentos, difíceis, derreados:

— Vai fazer-me tanta falta! Se não fôsse a Helenita, não sei o que faria!...

Olhos chorosos, é fácil espremer lágrimas; não as reprime, antes as mostra a todos:

— Que desgraça! que desgraça!

Todos a escutam mas ninguém a afaga. Seria de quebrar prestígio. Ela, porém, em tal não repara, trespassada como está de respeito pela nobreza, humildade pronta para quem lhe seja superior em nascimento, inveja, pelos anos transformada em admiração, para quem dispo-

nha de riquezas e poder. Mesureira, não cansa. Vai dum grupo a outro, a lastimar-se, a dizer das virtudes da senhora fidalga, exemplo máximo da fé e bondade cristãs. Chora desabaladamente, últimas reservas.

— Que desgraça! que desgraça!

Abala o cortejo, mas não abranda seu ardôr. Na sala tinham ficado em obediência a velhas praxes, algumas figuras de aparato, trajando sêdas, sêres carregados a anos. Vai juntar-se-lhes. Já não chora, mas lastima-se:

— Acabou-se! acabou-se!

Múmias todas, ressequidas de sentimentos, acolhem-na com indiferença; vêem-na até caricata. O espectáculo é breve também. Mal uma se despede, logo lhe seguem o exemplo, nenhuma querendo ser a última, não vá ficar depois embaraçada, tolhida. Uma mais pernóstica vai arengando:

— E' lei do mundo, minha filha. Hoje sua mãe, àmanhã a Helena.

— Longe vá o agoiro!

E a voz da senhora governante, acompanhando todas:

— Que desgraça! que desgraça!

Gasta de rosto pela noite sem dormir, rugas vincadas pelo chôro, avançara em anos, minguara de estatura. Saem todos, e ela, então, vai achegar-se novamente a Helena, ressumando humildade peganhenta, andrajosa, como de ente sem protecção e rastejando para despertar piedade. Silêncio agora em toda a casa, no ambiente voga ainda uma sensação de morte a pesar, a pesar mais, e mais difícil de conjurar porque os olhos não encontram justificação pronta para êsse sobressalto. Mo-

mento que pressente decisivo, as personalidades repelem-se confrangidas, mêdo de se sentirem vencidas, todas a procurarem refúgio e a recuarem, a pretenderem fugir e a ficarem presas... As bôcas enchem-se de frases, mas os lábios recusam-se a pronunciá-las; necessitam gritar, mas o mêdo de qualquer imprudência aconselha cautela. Alguma coisa de definitivo, sentem-no, entre elas se instalara, as separa, sensação de as fazer reservadas. Tem Helena o parecer carrancudo de quem pensa.

— ¿E seu marido, Helenita?

— Meu marido...

Para falar, acenderam-se os olhos de Helena:

— E' a minha vez! Com êle, nem mais uma hora. Mal êle chegue, tudo ficará concluído!

— Então, hoje mesmo...

Põem-se a esperar, aparentemente entregues a si próprias, desconfiadas, cada uma a oprimir a outra. Aspirações e planos, tudo foi entaipado pela espectativa ansiosa. Esperam não sabem que desastre de as soterrar, ou, pelo menos, de as inutilizar para a vida. Apenas Helena é mais animosa, embora igualmente sobressaltada.

— Ele!

A escuridão apurara-lhes o ouvido; olhos pretendem ver mui longe. Um instante apenas, porque logo se faz mais viva a angústia. De mêdo, a recear de tudo, se encolhe Maria Isabel dentro de si própria.

— Trevas! ¿Por que não mandaste abrir as janelas?

— Em dia de luto, senhor...
— Perdôem. Sinto apenas mágoa.
As palavras soam despegadas; colhe-se a suspeita de que são estorcegados todos os que ali chegam. Põe Maria Isabel os olhos em Helena, procura seguir-lhe os movimentos, mas a escuridão não consente exames de surpreender intenções. Redobra, pois, de mêdo, cada vez a sentir melhor no ambiente a certeza dum conflito irremediável de destruir vida ou vidas, e no silêncio que Jorge fizera, a suspeita de que êle surpreenda contra si alguma coisa de o ameaçar, constrangendo-o. E a treva a adensar-se, a separá-los mais...
— ¿Quando partes?
— Amanhã. ¿Resolveste ficar?
— ¿Queres partir só?
— Certamente não precisarás de mim.
Por cada frase, aumenta o mêdo de Maria Isabel. Já mesmo é sensação de causar dôr, de torturar. Não sabendo ver que Helena também vacila em travar aquela escaramuça ou batalha que a levará ao rompimento conjugal, angustia-se. Porque, embora o recebesse friamente, não se fizera Helena agressiva. Longe dêle, tudo lhe parecia fácil, até mesmo gritar-lhe seu rancôr, mas a personalidade de Jorge impunha-se-lhe, por muito que o não quisesse, e pegava de vacilar, de entreter tempo, de adiar um minuto que fôsse...
— Irás quando quiseres.
Estrangula Maria Isabel um grito alucinado de sua cobardia. Quisera implorar-lhe que a levasse também:
— Não lhe digas nada! Preciso falar-te primeiro.

A voz é de segrêdo; mesmo para lhe falar, debruçara-se Maria Isabel para Helena a seguir-lhe ansiosa as transmutações do rosto. Viu acenderem-se os olhos da amante, brilharem de interrogações, caírem depois em acalmia...

— Falaremos àmanhã!—propõe Helena.

— Parto, manhã cêdo.

— Temos tempo.

Demoram-se. Acreditando em pezar fortemente sentido pela morte da senhora Baronesa, é Jorge o primeiro a levar reservas a suas falas, não querendo, nem levemente, beliscar a mágoa que queria ver nas atitudes de Helena e de Maria Isabel. Não compreendia bem que Helena, tanto tempo fugida àquele lar, assim sofresse; mas respeitava-a, acautelando-se, até, de quaisquer pensamentos seus que ditassem sarcasmos de apontar hipocrisias.

— ¿Querem descer ao jardim?

Viera a noite, e uma solene quietude dilatava, fazia mais grave o silêncio dos maciços de árvores que se recortavam, dois passos àlém, num céu cinzento, mal alumiado, só estrêlas brilhando forte como pedras preciosas em montra de joalheiro afortunado. Veredas por entre matagal espêsso, eram fitas brancas a traçarem caminhos para longínquas e misteriosas paragens; sombras que a luz desenhava em chão liso, poços abertos em precipício de recolher tudo. Noite de incitar devaneios ou promessas amorosas feitas de mãos dadas, era tentação percorrer sem descanso todas as avenidas e ruelas do parque, talhadas por entre maciços de arvoredo, mas mistério superior às almas era a quietude da natureza, receio

temeroso, de que desvendados segredos, suspeitosos os espíritos das trevas defendessem da nossa curiosidade recantos ou áleas dum maior encantamento.

Separaram-se, mal regressaram de seu passeio, cada qual enviusando para aposentos prèviamente escolhidos. Ordem de Helena à senhora governante, nem ligeiramente Jorge a pareceu estranhar, marcando desinterêsse de se mostrar acima de desejos de sexo. Fácil pois se fez, para Helena, o encontro com Maria Isabel, quartos próximos, habitações outrora favoritas do senhor Barão, tão bem dispostas estavam para aventuras e galanterias. Ainda Maria Isabel não terminara a *toilette* de dormir e já Helena estava a seu lado, a interrogar:

— Queres dizer-me...

— Eu pensei, Helena..., pensei..., vi preferível deixar que o Jorge partisse sem conhecer as nossas intimidades..., a nossa vida. Entendes! é fácil. Fugimos-lhe, e tudo ficará arrumado.

— Prossegue.

— Poupas-te a uma scena violenta, e da mesma forma adquires a tua liberdade de acção.

— Mais tarde ou mais cêdo, teria de falar-lhe. Quero divorciar-me.

— Entregarias o caso a um advogado.

— Justifica primeiro êsse teu interêsse.

— Pudôr..., apenas pudôr.

— Tu mentes! tu tens mêdo dêle!

— Será mêdo.

Maria Isabel baixa o olhar, sentindo-se adivinhada. Horas mui bem aproveitadas em raciocínios de eleger vida, todo o tempo daquele passeio pelo parque gasto por cada um em entregar-se a si próprio, vira de boa prudência aconselhar Helena a esconder de Jorge os verdadeiros motivos daquela separação. E um dia, talvez não muito longe, quando já não possuissem Jorge escrúpulos de toda a espécie, não muito difícil seria conquistá-lo, dar-se toda a êle em resgate único de sua vida de vergonha. Uma vez sua amante, desafiaria Helena a separá-los porque de tanta dedicação, de tanta ternura, havia de rodeá-lo, que êle acabaria por compreender e perdoar seu passado de escravidão.

— E julgaste fácil convencer-me. Não! quero senti-lo dominado, como êle tanta vez me dominou. Agora, sou eu a mais forte.

— Nunca êle te fez mal.

— Odeio-o. Sinto bem que o odeio, agora que posso dizer-lhe tudo.

— Recorda que êle só teve delicadezas.

— Interêsse! era para me fazer agradecida. O que eu lhe aturei... Um nojo!

— ¿E vais dizer-lhe?...

— Tudo o que me vier á cabeça.

— Até mesmo...

— Tudo!

— Tu não farás isso! não tens necessidade de confidenciar...

— Verás! verás!

— Pensa melhor! tu vais reconsiderar.

Mania de sublevar o raciocínio mostrar sempre a Maria Isabel indomável querer, Helena

não transige, antes deriva para queixas de fundamentar supostas razões:

— Que sofra! quási nos separou. Ele perseguia-te, eu bem notava! Perseguia-te!

Recorda pormenores, mas tal parcialidade vai acordando em Maria Isabel melhores fôrças para mais o defender. Sabido que Helena notara em Jorge preferências sentimentais de elogiarem seus projectos de conquista, de mais fácil realização acreditava agora seus planos. Fez a defesa ainda mais ardorosa, mais se apegou à ideia feita de esconder dêle seu passado. Quanto mais admitia a ternura de Jorge, mais se reconhecia sem perdão.

— Enganas-te! eu entregava-me, e êle não me quis.

Era o argumento supremo. Nem lhe viu o perigo, tão empenhada estava em mostrar a Helena a sem-razão, estultícia, de seu pensar e proceder.

— Tu! tu!

— Eu.

— Mentes! não quero acreditar-te.

Vacila Maria Isabel. Ainda é tempo de desmentir-se. Helena está ante ela, fremente, olhos muito abertos, quási de louca, mãos estendidas como para prendê-la. Ainda é tempo... A'quela vacilação sucederam-se, porém, incitamentos, sentia que desmentir-se era render-se, viu-se novamente presa a Helena, babujada de carícias, eternamente infeliz e mísera, longe, sempre afastada de Jorge... Desmentir-se, era fazer que Helena reincidisse, agora ciúmenta, na entrevista com êle.

— Foi uma noite... E não me quis! ¿Vês como te enganas?!...

— Então, então sempre é verdade! Tu amá-lo!

Afrontá-la era o resgate. Alma já quási sem segredos, gritar a verdade era realizar as suas melhores e mais queridas aspirações. O cérebro repercute palavras ouvidas a Jorge: conselhos, incitamentos:

— E' muito superior a ti.

— Quando, não há muitos dias, disseste quereres-me muito, mentias, mentias! E agora vejo claro! Queres que êle ignore tudo para que um dia... Adivinhei, hein! Saberá tudo, tudo!

—Tu não farás isso!

—Hei-de dizer-lhe das tuas carícias...

—Tu não farás isso!

—... das nossas noites; da tua traição... Hoje, que não preciso dêle, que não preciso de ninguém, direi tudo.

— Deixa que eu seja feliz. Eu amo o Jorge. ¿Por que não abandonas o teu lar e partes para onde quiseres?

— Direi tudo.

— E eu direi do meu nojo por ti. Ele acreditar-me-há!, — e um sorriso espiritualizado pela angústia, todo luminoso de inocência, adejava em redor de Maria Isabel, fazendo luaceiro a seu rosto...

— Mas não destruïrás o passado. Eu conheço bem o Jorge. Não te perdoaria nunca.

Calam-se um instante; Maria Isabel vê-se a mais fraca...

— ¿E' a tua decisão?, — e a voz ganha tal rebeldia do ódio pela impotência, que faz afronta.

—Vais ter a prova!

Fez menção de sair, empertigada, altiva, abanicando a cabeça como em ameaças. Apodera-se, então, de Maria Isabel, terror forte de aniquilar. Via-se repudiada. Suplicou:

— Não, não vás! tem piedade de mim.

— Jura que ficarás comigo.

— Mas assim..., — e a angústia sobe nela, quási a estorcega. Os olhos são de louca a fitar obsessionadamente Helena, sem compreender...

— Reconquistar-te-hei... Tantos anos juntas, o nosso passado há-de juntar-nos novamente. Eu esqueço...

Toma-lhe Helena as mãos; deixa-se Maria Isabel prender. Em suas indecisões e espanto, não sente a carícia. Rodeia-lhe Helena a cintura, e ela ainda não a sente, não a vê...

— Querida!

Voz das ocasiões de sensualidade, o silêncio que Maria Isabel fizera, alenta Helena a reconquistá-la. Fez mais forte o amplexo, cinge-a mais, beijos furiosos...

— Deixa-me! deixa-me!

— Pensa bem! podemos fazer vida longe de todos... Ninguém te quere mais do que eu... Voltaremos para Paris. E' a felicidade que recomeça, verás. Como outrora e para sempre.

— Deixa-me.

Escabuja; Helena cinge-a mais e melhor, quási inutilizando a defesa. Do exterior nem um ruído, nem um eco, embora apagado, da vida em marcha. O mundo é aquele quarto duma austeridade de impôr mêdo. Sente Maria Isabel o isolamento, o ambiente de morte que se fizera em todos aqueles casarões ba-

fientos, mas como seja decisivo o momento, essa sensação obriga-a a ver melhor que tudo depende dela, que chegara o instante de vencer a vontade de Helena, ou deixar-se vencer para sempre, irremissìvelmente. Mais do que o raciocínio, a resistência que está opondo a Helena a impulsiona a prosseguir na luta, todo o seu sofrimento dos dias passados a erguer-se sem pormenores nem recordações, mas em bloco, bradando a necessidade de quebrar domínios.

— Deixa-me! deixa-me!

— Quero-te! Nunca te amei como nesta hora.

São os braços de Helena torniquete de tortura, escaldam seus beijos. Cingida por tal forma que os corpos estão colados, o fogo de sensualidade de Helena, aquenta o rosto de Maria Isabel. Bôcas próximas, quere contagiá-la, quere difundir-lhe desejos que fremem. Prossegue a luta, agora sem palavras. Há, porém, um instante de maior ardôr, quebra de fôrças ou porque dominada, Maria Isabel afrouxara sua defesa. Mas logo sente que a fitam olhos de apontar culpas; logo se rasga aquele sudário de luto e dôr, silêncio e trevas, que envolvia tudo, e chegam a seus ouvidos lamentos apagados, sem palavras, lamúria de milhões de sêres soterrados, a suplicarem... No escuro, bôcas há que repetem seus próprios incitamentos: ¿para o que vives? para o que vives? há mãos que a veem sacudir.

Num momento, num instante a vida vivida se comprime, anos desfilam em relâmpago. E' a sua fuga de Coimbra; é o casamento de Helena; é a imutabilidade de sua existência

escrava e sem finalidade; são os conselhos de Jorge. Mundos de sensações chocam-se, ilidem-se. E' o bem-estar e a felicidade dos outros que ela presenceara, pares que mui juntos ciciam palavras de escandecida ternura e de mãos unidas, uma só alma, conquistam existência saüdável de prazeres; e a perseguição a mulheres e o jôgo arteiro de simular indiferença para estimular mais, sempre mais, o interêsse havido na conquista. São carícias que tudo fazem esquècer; beijos que enlouquecem... Então duplica fôrças, um ardor novo entra em luta, pudôr de energias em tudo idênticas aquele que faz milagrosa a defesa de mulheres que vêem a virgindade estandarte de glória. Mãos em garra, pretende desfazer o abraço de volúpia de Helena, e libertar seu corpo. Mais fraca, a emprêsa é difícil.

— Odeio-te! sinto nojo por ti!

Debatendo-se mais, a afastar o rosto dos lábios da amante para fitá-la com olhos rebeldes, a apelar para fôrças decisivas, o mêdo, a revolta, inteiriçam seus braços, e um momento há em que se libertou e lhe fugiu. O leito é, porém, obstáculo difícil. Ainda pretende transpô-lo, mas logo Helena a alcança, e a luta prossegue em ódio de antagonistas ferozes. Contorcem-se os corpos, convulsionam-se como em ataques de epilepsia, carnes confundidas, o leito por altar de sacrifícios a deuses impiedosos e sangüinários. Pressas de vitória definitiva, Helena procura em fúria, a bôca de Maria Isabel, que balouça a cabeça, desengonçada; quere vergá-la toda, tolhendo-a de movimentos. Desorientadas ambas, nem admi-

tem o perigo da queda. Numa, o ciúme sexual exasperado, noutra, o ardor da defesa, obliteravam faculdades de raciocínio. Principalmente agora que as fôrças de Maria Isabel iam abandonando-a...

Súbito, a sensação do vácuo... Um grito de Maria Isabel, dois corpos que o instinto da conservação mais abraça. As mãos de Maria Isabel, que fincadas estavam nos ombros de Helena, deslocam-se e oprimem-lhe agora a garganta; Helena não esboça defesa, braços a cingirem o busto da amante. E rolam, e Helena fica imóvel. Terminara a luta. Os braços caem-lhe, os lábios já não teem beijos... Desmaiara.

Mal se viu livre, Maria Isabel ergueu-se, mas surprêsa, sem compreender. Perpassando olhos pelo quarto, não se reconhecia. Não tendo ido conscientemente até àquele desfecho, não se fazia nela a sensação de orgulho de quando em liça onde conquistou seu triunfo, o lutador forte todos desafia, acreditando-se votado para as mais difíceis e árduas tarefas, antes estranhava ver-se livre, milagre de compreensão acima de seu cérebro. Silenciosa, a casa sofre de mêdo, de impotência. E, ainda, aquele corpo estirado, imóvel...

A querer dêle desviar os olhos e os olhos para êle a volverem-se, perturbações de centros sensórios fazem-na acreditar na morte da amante, e em seus nervos, a vibrarem forte, correm sensações de origem diferente, mas que se fundem depois em incertezas e dôres: o frio do mêdo, pelo espectáculo daquele corpo sem vida, e a incerteza do acolhimento de Jorge, por via de sua libertação. Ambicio-

nara fugir a Helena, mas de modo diferente, afrontando todos para mais alto se erguer.

— Helena! Helena!

Ia tocar-lhe, ia tentar dar-lhe vida... Precisando agitar-se, viver, mas sentindo que não podia fugir à piedade, ia contagiando a emoção sexual que a mulher faz compadecida. Ia temerosa, a um tempo indecisa e anelante de conhecer bem toda a extensão do mal causado à amante.

— Helena! Helena!

Suas mãos fazem-se caridosas, como de quando receamos despertar alguém que sonha. Volta a chamá-la, e espera; ajoelhada espera. Minutos sôbre minutos passam, mas lenta, lentamente, fatigando como em gozos excessivos ou em dôres fundas. Aturdem o cérebro, o silêncio e espectativa. Investida em seu delito, sente decisivamente que não pode fugir, e espera mais, espera... Quando, porém, novamente a vai chamar, suspiro fundo dilata o peito de Helena, pálpebras entreabrem--se para depois voltarem a cerrar-se...

...e ela foge. Liberta do terror da morte de Helena, foge-lhe, espanto e felicidade, mêdo e alegria das maiores. Quere pôr o irremediável entre ela e a amante, e foge-lhe. Apaga-se em cérebro seu a suspeita de que Jorge a não queira: apagam-se em sua feminilidade, pudores e receios. Dir-lhe-há de seu amor; para êle terá beijos de paixão e crime; seu corpo terá o fogo do prazer que desafia tudo e todos. Fugia. Sombras, espectros erram pelos corredores e aposentos vazios; seus passos acordavam ecos de fazer ameaça. Animo exaltado, ardendo em seus intuitos, nada nem nin-

guém a detinha, nem um momento hesitou ante a porta do quarto de Jorge, cerrada, misteriosa...

Inunda o aposento, claridade carinhosa, claridade de aparições, luz vespertina, de acariciar, alva porque até essa hora virgem da mancebia do sol. Caminhou até ao leito, sem deter-se, sem vacilar. Ia fazer-se a ressurreição, o milagre! Palpita sua carne. Vestes transparentes, quási nua, desenham-se, recortam-se interiormente sôbre fundo alvinitente, as linhas impecáveis de seu corpo maravilhoso; olhos em acessos epiletiformes, olhos de criação, fulgurantes, alucinados de ideal, sua bôca abre-se como bôca de quem vai iniciar legiões de heróis:

— Jorge! Jorge!

Não sente sua nudez, nada existe à sua volta. Integrada em seu mundo sentimental, sua entrega é conquista, suas palavras consciência de quem criou e robusteceu fôrças poderosas de desafiar destinos. Rasgados os véus de mentiroso pudôr e disfarces de alma, dela irradiava uma energia nova, como de alguém que contempla pela primeira vez a verdade e beleza eternas do mundo, e quere em rudes golpes instituí-la e dar-lhe existência imperecível.

— Jorge! Jorge! a minha vida é sua! Venho entregar-me!

— Esperava-te.

... Liberta de mentira, consciente, chamas do génio da espécie que êle soubera atear, purificaram-na, ofertando-lhe audácia dominadora. Era a recompensa devida. Ao contacto de Jorge, em meses que vivera a seu lado, êle fizera a ressurreição de a integrar em suas missões de mulher, e ela vinha entregar-lhe a vida que êle próprio criara rasgando em incógnitas, scintilações de energias moças. Soubera erguê-la, e ela não o iludira, alargado como fôra em aspirações seus íntimos campos de visão. Da própria natureza escorriam bênçãos. Rôtas as vestes negras da noite, o céu deixara-se possuir de luz; em festins de aromas, as árvores muito altas confundiam seus corpos gigantes. O sol nascia fulgurante; fugiam sombras. Era o exemplo! o maior! Dizendo das lutas vitoriosas contra a treva, mostrava em razão suprema que renovar é o meio único de não morrer, definitivamente o motivo esplendoroso de vida perfeita e forte.

Lisboa — Out.-Novembro, 1923
Abril-Julho, 1926
Fevereiro-Julho, 1927.

ACABOU DE IMPRIMIR-SE
ÊSTE LIVRO, AOS 25 DE
ABRIL DE 1928, NA TIPO-
GRAFIA «MINERVA», DE
VILA NOVA DE FAMALICÃO